

BRUNO THEBALDI

**A ERA DOS MULTIMEDOS**

*As turbofobias e a construção dos imaginários sociais de medo  
pela mídia*

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Mídia, Cultura e Produção de Sentido.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Lúcia Silva Enne

Niterói  
2013

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

T375 Thebaldi, Bruno.

A era dos multimedios: as turbofobias e a construção dos imaginários sociais de medo pela mídia / Bruno Thebaldi. – 2013. 239 f.

Orientador: Ana Lúcia Silva Enne.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2013.

Bibliografia: f. 234-239.

1. Mídia. 2. Medo. 3. Clima. I. Enne, Ana Lúcia Silva. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD 070

BRUNO THEBALDI

A ERA DOS *MULTIMEDOS*.  
AS *TURBOFOBIAS* E A CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS SOCIAIS DE MEDO  
PELA MÍDIA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Mídia, Cultura e Produção de Sentido.

Aprovada em Maio de 2013

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Lúcia Silva Enne - Orientadora  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Janice Caiafa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paula Sibilía  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Kleber Mendonça  
Universidade Federal Fluminense

Niterói, 2013

À Neyde Thebaldi (1931-2012).

## AGRADECIMENTOS

À minha querida amiga e orientadora Ana Lúcia Enne, por todo apoio, dedicação, atenção, empenho, ensinamentos, companhia e carinho dedicados a mim nos últimos 6 anos (acrescento aos anos de mestrado o tempo da graduação). Foi a segunda vez que tive a honra e o privilégio de ter sido orientado por esta que considero uma das pessoas mais fascinantes e uma das professoras mais incríveis que já conheci (na verdade, gosto de dizer “imaculável”), de extraordinário caráter e admirável visão de mundo. Obrigado por ser tão maravilhosa e minha grande inspiração;

À professora Janice Caiafa, da ECO/UFRJ, quem tão solícitamente acolheu meu pedido para compor esta banca de defesa. Muito obrigado por seu aceite, Janice: você me deixou muito feliz;

Ao professor Kleber Mendonça, por ter sido um ótimo e fiel amigo, ajudando-me sempre que pôde. Obrigado, também, por ter aceitado participar, ademais da banca de defesa, da banca de qualificação. Fico muito feliz com sua presença;

À professora Paula Sibilia, querida amiga que, assim como a Ana Enne, igualmente me acompanha desde o meu primeiro semestre de graduação, em 2007, e que também me deu o prazer de ter aceitado participar da minha banca de graduação. Fico muito feliz com sua presença nesses momentos tão importantes à minha formação;

À professora Mariana Baltar, outra querida amiga, pelos adoráveis e divertidos momentos que passamos juntos na graduação e no mestrado e por ter aceitado participar da minha banca de qualificação, presenteando-me com ótimas dicas e sugestões de referências teóricas;

À Silvia Campos (Silvinha), por dar vida à secretaria do PPGCOM/UFF e por ter sido sempre tão gentil e prestativa comigo. Também lhe considero uma amiga;

Aos amigos que fiz ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente os da graduação (sem esquecer, evidentemente, os de fora

da academia). Não vou citar nomes porque a lista se tornaria maravilhosamente extensa. E também, pois não quero incorrer no pecado de me olvidar do nome de alguém. Estou seguro de que, ao lerem este sincero agradecimento, cada um d'eles/d'elas se sentirá representado;

Por outro lado, não tem como não citar dois nomes (em ordem alfabética): Álvaro Lutterback (com quem formei grandes parcerias acadêmicas ao longo desses anos) e Pedro Lopera (pelos mesmos motivos e por ter participado da minha banca de graduação);

Aos outros bons professores que atravessaram e marcaram minha trajetória acadêmica e que ainda não foram citados (em ordem alfabética): Cezar Migliorin, Dênis de Moraes e Marildo Nercolini. Agradeço ainda aos muitos outros bons educadores do PPGCOM/UFF com os quais infelizmente não pude cursar nenhuma disciplina (sobretudo os da linha de “Estudos de Cinema e Audiovisual”, até mesmo pelo distanciamento de objetos de pesquisa. É o caso, por exemplo, do professor Fernando Moraes. Deixo a esses docentes meu sincero agradecimento por ajudarem a construir um dos melhores programas de pós-graduação em comunicação do país;

À minha família, que é a base de tudo.

## SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I: A mídia e o medo e os medos na mídia	23
1.1 Os fluxos da mídia	29
1.2 A liquidez dos valores	33
1.3 A dependência financeira	38
1.4 A crise dos relacionamentos sociais	43
Capítulo II: O passado no presente ou a persistência dos medos	49
2.1 Os medos dos tradicionais-dirigidos	51
2.2 Os medos dos introdirigidos	59
2.3 Os medos dos alterdirigidos	70
Capítulo III: Rumo à Memória 2.0	78
3.1 Fragmentos e versões da Memória 1.0	80
3.2 A memória na Era Tecnológica	86
3.3 “Memória retocável”	94
Capítulo IV: O medo do clima	103
4.1 Ciência ou religião?	104
4.2 Efeito estufa <i>versus</i> aquecimento global	108
4.3 Sociedade do risco	112
4.4 A política da mudança climática	117
4.5 O multimedido do clima	122
Capítulo V: O medo da insegurança	132
5.1 Os “supérfluos”	135
5.2 Cidades em xeque	144
5.3 Terrorismo	152
5.4 O multimedido da insegurança	156

Capítulo VI: O medo em relação à aparência	166
6.1 A cultura somática e a relação poder-corpo	168
6.2 “Corpo líquido”	174
6.3 O multimedio da aparência	182
Capítulo VII: O medo da não-existência	196
7.1 O advento do cinema	198
7.2 O entretenimento	204
7.3 A sociedade do espetáculo e a alterdireção	210
7.4 O multimedio da não-existência	216
Conclusão	228
Bibliografia	234



## **Resumo**

Nesta dissertação, discutimos sobre medos. Na verdade, discutimos a respeito de quatro tipos de medo: (a) o medo em relação às mudanças climáticas (especialmente o que as pessoas chamam de “aquecimento global”); (b) o medo em relação à insegurança (formando os “excluídos”); (c) o medo em relação à aparência e/ou ao corpo (culto do corpo); e (d) o medo em relação à “não-existência” (ou a vontade de virar famoso). Para isso, após pesquisarmos os maiores medos dos povos ocidentais do passado, investigamos os principais fatores que acreditamos nutrirem esses quatro medos. Em nossa opinião, são eles: (a) os fluxos da mídia; (b) a instabilidade dos valores; (c) a dependência do financeiro; e (d) a crise dos relacionamentos sociais. Finalmente, procuramos em diferentes mídias (como programas de TV, jornais, filmes e inclusive livros de literatura), de diferentes países (Brasil, EUA, Inglaterra, Argentina, Itália e Portugal), situações que abordam esses tipos de medo.

Palavras-chave: Mídia; Medo; Clima; Insegurança; Aparência; Não-existência.

## **Abstract**

In this thesis, we discuss about fair feelings. In fact, we discuss about four kinds of fair feelings: (a) the fair about weather changes (especially what people called “global warming”); (b) the fair about insecurity (forming the “outsiders”); (c) the fair about the appearance and/or about the body (body’s cult); and (d) the fair about the “not-existence” (or the will to become famous). For this, after we researched about the main fairs of occidental past people, we researched the biggest factors we believe that forming these four fairs, in the present. In our opinion, they are: (a) the media’s flow; (b) the instability of values; (c) the dependence of financial; and (d) the crisis of social relationships. Finally, we sought in different medias (like TV programs, newspapers, movies and even literature’s books), from different countries (Brazil, The U.S., England, Argentina, Italy and Portugal), situations that show these kind of fairs.

**Keywords:** Media; Fair; Weather; Insecurity; Appearance; Not-existence.

*“Um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que as coisas não pareçam o que são”, Miguel de Cervantes, em Dom Quixote.*

*“Tememos tudo como mortais, mas desejamos tudo como se fôssemos imortais”, François La Rochefoucauld.*

## INTRODUÇÃO

o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte [...] Mas, se ultrapassa uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios. Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele. (DELUMEAU, 2009, pp. 23-4)

Por ser este um dos temas de maior relevo na atualidade – nosso marco temporal -, tomamos o *medo* como objeto de estudo desta dissertação. Obtivemos uma evidência simples, porém significativa, da dimensão de tamanho realce quando digitamos o termo “medo” no buscador da internet *Google*: entre textos e imagens, deparamo-nos diante de aproximadamente 85,1 milhões de registros. Em números absolutos, trata-se de um resultado superior ao encontrado em expressões como “paz” (83,2 milhões), “sorriso” (76,7 milhões), “liberdade” (63,8 milhões), “felicidade” (54,1 milhões) e “ciência” (21,5 milhões)<sup>1</sup>, consolidando-o tal qual um assunto, no mínimo, demasiado notório.

Não obstante, o que vem a ser medo? De que forma podemos brevemente defini-lo? E por que desperta tanto interesse? Por mais incrível que pareça, não é lá tarefa muito simples passar para o papel as diretrizes e sutilezas daquilo que não podemos ver ou tocar, pois as palavras se nos parecem escapar no instante em que mais necessitamos transpô-las. Ou pior: quiçá ainda faltem expressões para descrever com precisão aquilo que deriva de nossas sensações, sentimentos e/ou impressões. Entretanto, em nível de estudo, entendemos por *medo* um sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário; de ameaça; temor; apreensão; receio.

Desde os primórdios da civilização o medo é uma das percepções mais comuns dos seres humanos, um sentimento, a propósito, igualmente experimentado pelos demais animais. Contudo, “O animal não tem ciência de sua finitude. O homem, ao contrário, sabe – muito cedo – que morrerá” (DELUMEAU, 2009, p. 23). Tal conhecimento, no entanto, comprova-se dúbio, já que se por um lado demonstra-se ser uma informação um tanto quanto útil, por outro é aterrorizante. O fato de deter a noção a respeito da própria mortalidade torna o ser humano além de mais cuidadoso e precavido, mais aflito e amedrontado, em especial quando constatamos que em momento algum detivemos a faculdade de prever com exatidão quando a morte nos

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em janeiro de 2012.

tocará. Logo, esse possivelmente seja o medo mais corriqueiro dos indivíduos, uma vez que é um receio, ou no mínimo uma perturbação, carregada ao longo de toda a existência.

Nestas páginas, focalizamos o medo como uma *questão cultural* – tanto socialmente compartilhado, quanto variável consoante à conjunção de diversos fatores, dentre os quais sociais, históricos, econômicos, ideológicos e a época analisada. Rejeitamos o rótulo de que o medo seja o principal fator em atuação nas sociedades retratadas. Em vez disso, enxergamo-lo como o agente que abordamos privilegiadamente, sabendo que o medo é apenas *um* desses agentes existentes e atuantes, *não o único*.

As várias permutas históricas, de modos e estilos de vida refletiram diretamente na formação dos imaginários socioculturais de medo. Por isso mesmo, tomamo-las como um dos núcleos iniciais a serem abordados<sup>2</sup>, pois a partir dessas mudanças se desenrolaram outras (tantas) manifestações de medo, algumas das quais enumeradas a seguir: do medo das ameaças escondidas e no entorno da natureza (DELUMEAU, 2009), ao perigo emanado da bipolaridade de valores no cerne do próprio indivíduo - controle e autocontrole (ELIAS, 1990); da criação do *ethos* moderno, com o consecutivo “refinamento” do homem, ao medo do anonimato nas grandes cidades, passando pelo temor da invasão de privacidade e de se expor às ameaças do ambiente público do século XIX (SENNETT, 1995); do medo do estranho, do desconhecido e do estrangeiro (DELUMEAU, 2009), ao pavor do desemprego e do inevitável banimento do mundo consumista dos “turistas”, tomando uma passagem sem escalas ao nada desejado mundo dos “vagabundos” (BAUMAN, 1999); do medo de ser um desconhecido na “multidão solitária” (RIESMAN, 1995), ao temor de tomar para si um estigma (GOFFMAN, 1988); do medo da solidão (SIBILIA, 2008b), ao de ser até mesmo visto ou o de ser diferente do “normal” (GOFFMAN, 1988), dentre outros – o que ilustra e confirma que os quadros e/ou imaginários desencadeadores de medo não são estáticos ou imutáveis, mas passíveis de sofrerem câmbios ao longo dos séculos.

Tais passagens (ou transições) assinalam uma das grandes ambiguidades constitutivas da modernidade, uma vez que quando comparamos o presente com o

---

<sup>2</sup> Por exemplo, se no período do Império Romano o central dos temores inculcados nos sujeitos se quedava no receio de ver a própria reputação ruir por terra - pelo acovardamento, mais até do que o de se encontrar com a morte (SENNETT, 2006) -, ao avançarmos à sociedade de corte já nos depararíamos com um quadro distinto de medo. Nessa organização social, o mais temido dos pavores era o de ser banido do meio social, principalmente àqueles que gozavam de ingresso à corte real (ELIAS, 2001).

passado causa-nos a impressão de que antanho havia algo de estável nos principais temores socialmente partilhados, pelo menos até o final do século XVIII, época em que se desencadearam as revoluções liberais, culminando na queda dos regimes monárquicos. Sem embargo, em meio à crescente difusão dos (multi)meios de comunicação, como os jornais impressos, e com a ascensão do regime burguês houve um *que* de recrudescimento nos imaginários do medo, embora a racionalidade burocrática burguesa atuasse, em tese, corroborando justamente para sua redução.

Por sua vez, neste início do século XXI o medo parece ter se intricado e se multiplicado ainda mais. A formação dos imaginários sociais contemporâneos de medo, a propósito, parece estar diretamente relacionada principalmente a quatro agentes basilares, os quais operam não isoladamente, mas em conjunto: (a) a volubilidade dos valores partilhados (com a instabilidade, quedas e ascensões dos juízos em voga); (b) a dependência do capital financeiro (para sobreviver e manter o estilo de vida); (c) a crise dos relacionamentos pessoais e afetivos (com a respectiva indiferença em relação ao outro); e (d) a mídia (e seus fluxos e “irrealidades”). Aliás, os meios de comunicação desempenham papel fundamental no processo de instauração e reforço dos imaginários sociais como um todo, ou mesmo na constituição da memória (coletiva e/ou individual), incluindo os sentimentos relativos ao medo, seja pela propagação de valores, de movimentos culturais e artísticos, de hábitos etc., operando, por fim, tal qual uma espécie de “agente pedagógico” da opinião pública e porta-voz “legitimado” da “veracidade”<sup>3</sup>.

No entanto, qual vem a ser exatamente o papel prestado pela mídia na difusão dos episódios no âmbito do medo? Sustentamos a hipótese de que, presentemente, os meios de comunicação atuam de forma a sistematizarem e/ou estimularem nossos principais temores. Para isso, utilizam de estratégias que induzem os sujeitos a agirem conforme seus parâmetros e ditames por meio da coerção psicológica (o “medo por contágio”), de carona nas “ondas de notícias”, comumente formadas nos noticiários, apresentados corriqueiramente de maneira alarmista, sensacionalista e/ou apocalíptica. Apesar de impactantes, tais exposições, paradoxalmente, não abdicam do acréscimo de um “toque” de entretenimento e/ou de ficcionalização, pelo uso, por exemplo, de

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que, particularmente no que se refere ao campo jornalístico, não entraremos no mérito de questões sobre a “objetividade” e o caráter de “verdade” de seu discurso. Desde já refutamos o ideal de que essa forma de expressão se baseie na “captura da realidade”. Encaramo-lo tal qual uma construção subjetiva, assim como qualquer outra produção textual.

gráficos coloridos, figuras e/ou recursos interativos. Fora o emprego de uma linguagem “instrutiva”, reafirmando sua função “educativa” ou “instrutiva”.

Acreditamos que, atualmente, nossos receios não são apenas sintomas de experiências percebidas em nossa rotina e cotidiano (tanto públicos quanto privados), isto é, diretamente vividas, sentidas ou experimentadas. Em um contexto pesadamente midiático, temos que os temores também são sintomas (em alguns casos talvez principalmente) da esfera (e/ou intermédio) dos fluxos dos meios de comunicação, os quais pela disseminação de imagens os tornam não apenas mediados, como padronizados e uniformizados. Dito de outra maneira, é como se pudéssemos ter e/ou sentir determinado medo mais por *aquilo a que somos apresentados e/ou assistimos via mídia*, do que por *aquilo que vivenciamos*. Para descrever tal processo utilizaremos a expressão *multimedio* - formada pela aglutinação das palavras *multimeio* (como sinônimo de meios de comunicação ou mídia) e *medo* -, a qual denota um medo (qualquer que seja) percebido especificamente a partir das difusões de algum (ou alguns) dos vários multimeios de comunicação existentes (jornal, revista, cinema, televisão, rádio, internet etc.).

A ideia de *multimedio* (extensível aos demais *multissentimentos*) não se refere à criação de medos pelos meios de comunicação. E, sim, à percepção de um medo a partir da mediação e/ou difusão de quadros de medos já existentes em determinada conjuntura ou contexto, e que se apresentam como sintomas dessa conjuntura ou contexto. *Multimedio* é a propagação de episódios de medo pelos meios e/ou veículos de comunicação. Isso implica em deixar claro que aquilo que é um medo diretamente experienciado e/ou vivido por alguém (objeto, situação ou o que seja), pode ser, também, um medo experienciado e/ou vivido por outrem pela via da mídia. Isto define e diferencia o *multimedio* do medo: o fato de que o medo, para ser *multimedio*, foi despertado pelos multimeios de comunicação, isto é, por experiência mediada, e não por experiência direta.

Para dialogar com a teoria proposta pelo geógrafo chinês Yu-fu Tuan (2005), o *multimedio* seria ascendido pela propagação, via mídia, do que o autor designa de “paisagens do medo”, as quais, como conceito, aludem a imagens (concretas ou abstratas, físicas ou imaginárias) de episódios e/ou situações que representam, lembram, aludem e/ou incitam algum tipo de medo (na maioria dos casos como uma estratégia de manutenção da ordem social). Tem-se, pois, um *multimedio* quando há a percepção de um medo através da mediação, difusão e/ou padronização das “paisagens de medo”.

*Multimedo* é, portanto, um sintoma de um tempo densamente atravessado pelas lógicas midiáticas.<sup>4</sup>

Bem verdade que, via de regra, os medos só principiam a afetar aos indivíduos após a realização de um exercício individual (consciente ou não) de “projeção de si” na conjuntura em que dado temor se desencadeou. Isto é, quando subjetivizados, personalizados ou privatizados. Do contrário, o sujeito pode facilmente “deixá-los passar” de modo imune e impassível (afinal, é apenas e tão somente *o medo do outro*). Dessa forma, os medos causam apreensão sobretudo quando encarados, percebidos e/ou consumidos como uma ameaça e/ou um risco pessoal em potencial. Todavia, uma vez particularizado pelo indivíduo, o medo adquire maior probabilidade e possibilidade de se tornar exagerado, de se transformar em uma “fobia”. Por exemplo: o medo do diferente, quando excessivo, pode se desdobrar, dentre outros, em quadros de xenofobia ou homofobia. Logo, para haver uma fobia é necessário que haja um medo.

No caso dos *multimedos*, quando os mesmos são potencializados e/ou superalimentados pela mídia, ou quando privatizados e/ou sentidos em excesso pelo sujeito - em outros termos, quando sua intensidade é “turbinada”, seja pela mídia, seja pelo sujeito -, teríamos o que intitulamos aqui de *turbofobias*, um conceito que se refere exatamente aos *multimedos* que se tornam fobias, uma vez temidos em demasia. Portanto, para que haja uma *turbofobia* é necessário que haja um *multimedo*. Logo, *turbofobia* é uma fobia originada a partir de um *multimedo*, que é, pois, um medo percebido via mídia.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Na verdade, qualquer sentimento ou emoção se enquadra nesse princípio básico. Pode-se ter, por exemplo, uma *multirraiva*, da qual se pode seguir um *turboódio*. A ideia fundamental é a de que nossos sentimentos e emoções estão passíveis de serem percebidos não somente a partir das vias “diretamente vividas”, mas igualmente a partir das midiáticas, e que esses sentimentos e emoções também podem ser sentidos de modo demasiado. (Cabe ressaltar, todavia, que esses sentimentos e emoções não são simplesmente criados pela mídia, uma vez que são comuns à espécie humana e que, por isso mesmo, igualmente são experimentados sem qualquer relação com os meios de comunicação.) Nesta dissertação, privilegiamos estudar o medo. Porém, dentro dessa lógica, quaisquer sentimentos e/ou emoções servem de objeto de reflexão. Consolida-se, assim, não apenas a “Era dos Multimedos e das Turbofobias”, mas a “Era dos Multissentimentos e das Turboemoções”, isto é, dos sentimentos ou emoções que em comum apresentam como sintoma o fato de terem sido percebidos especificamente por meio das dinâmicas e produtos propagados ou difundidos (e consumidos) pelos multimeios de comunicação.

<sup>5</sup> Assim como não há fobia sem medo, não há *turbofobia* sem *multimedo*. Essas características, entretanto, variam tanto entre os sujeitos, quanto entre uma gama de vários fatores, como os socioculturais, por ilustração. Isso significa que o que um indivíduo sente tal qual um medo ou uma fobia pode não ser assim percebido por outros. A mesma prerrogativa vale para a noção de *multimedo* e *turbofobia*. Não se trata, definitivamente, de uma relação causa-efeito, e sim da descrição do que, para nós, seria um dos possíveis sintomas da cultura dos fluxos da mídia: o da mediação de sentimentos e emoções, e sua respectiva percepção.



Em suma, partimos da questão de que viveríamos em um mundo no qual observamos, fora o auge das *multicomunicações*, com o império dos *multimeios*, e do consumismo, com sua fase de *turboconsumo* (LIPOVETSKY, 2007), a era dos *multimedios* e das *turbofobias*, ainda que esta seja a época em que mais são desenvolvidos mecanismos e aparelhos com o escopo de garantir a proteção e a segurança aos sujeitos. Ademais, defendemos que os receios são constantemente acirrados pela mídia a partir do emprego de um tom descomedido e apocalíptico, compondo um artifício rotineiramente utilizado nas difusões dos quadros de apreensão, estabelecendo, muitas vezes, um clima de “pânico generalizado”: a “coerção psicológica”, inoculando um tipo de “medo por contágio”.

Não visamos, em nossa investigação, à restrição do medo à escolha de um evento datado e localizado. Em vez disso, queremos pesquisar e entender um fenômeno midiático como um todo: a atual formação dos imaginários sociais dos quadros de medo e a forma com a qual os mesmos são exibidos pela mídia, na esfera ocidental do globo, mirando-o como um meio de controle social. Importante frisar que apesar de nosso estudo se centrar nas estratégias de dominação da mídia, os indivíduos não devem ser encarados como sujeitos passivos, consumidores incontestadores dos produtos midiáticos (o que remeteria às teorias da “agulha hipodérmica” ou da “bala mágica”). Ao contrário: os sujeitos são elementos sociais ativos; logo, que respondem a tais difusões, seja na forma de protestos, boicotes, manifestações, passeatas, dentre outras possíveis formas de *feedback*.

Primeiro desafio: quais países poderiam ser escolhidos para “representar” o ocidente? Há somente um continente totalmente na parte oeste do planeta: o americano. Excetuando-se a América, restam apenas pequenas partes da Europa e da África. Nesse sentido, nossa primeira decisão foi colocar o Brasil como referencial, pois, sendo o lugar de onde estamos, é através da mídia brasileira que alcançamos um olhar ampliado sobre as questões e difusões de medo.

Em seguida, selecionamos os países que, na América e na Europa, mais se destacam internacionalmente (seja pela economia, cultura ou história): assim, incluímos os Estados Unidos e a Inglaterra. Outro critério foi escolher países satélites, ou seja, de relevância regional, ainda que nem tanto global: por esse discernimento, decidimos por Argentina e Itália. Por último, inserimos Portugal à lista, por ser um país ao mesmo tempo próximo e distante do Brasil: próximo pelo “passado-comum”; distante por sua

localização geográfica. Uma posição que, pelos países elegidos, demonstra-se estratégica: uma espécie de “meio-caminho”, “passagem” entre os outros elencados.

Na sequência, delimitamos o material midiático a ser utilizado. Nossa premissa foi a de que qualquer que fosse o país analisado, todas as fontes deveriam ser oriundas de veículos pertencentes ao que se convém chamar de *grande mídia* (isto é, vinculados a grandes grupos de comunicação, de larga circulação, alcance, visibilidade, consumo e relevância em seus respectivos países, regiões e mesmo no mundo) e considerados (mesmo que pelo senso comum) *não sensacionalistas*.

Eis, a seguir, a relação das principais fontes às quais recorreremos (em ordem alfabética): *Correio Braziliense*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Zero Hora* (em se tratando de jornais nacionais) – com ênfase em *O Globo*, por ser o principal periódico em circulação do Rio de Janeiro; *Boa Forma*, *Caras*, *Contigo*, *Época*, *Men’s Health*, *Quem*, *Veja*, *Women’s Health* e outras dos grupos *Abril* e *Globo* (em se tratando de revistas nacionais); *BBC Brasil*, *Ego*, *G1*, *R7*, *Terra* e *UOL* (em se tratando de portais de notícias nacionais); *Corriere della Sera* (Itália) e *Clarín* (Argentina) - em se tratando de jornais internacionais; *Men’s Health* (edições americana e portuguesa), *Newsweek* (EUA), *Time* (EUA) e *Vogue* (Itália) - em se tratando de revistas internacionais; *Rede Bandeirantes* (programa “Mulheres Ricas”), *Rede Globo* (programas “Big Brother Brasil”, “Fantástico” e “Jornal Nacional”) e *Rede Record* (programa “A Fazenda”) - em se tratando de emissoras de TV nacionais; *BBC* (Inglaterra), *Discovery Home & Health* (EUA) e *E!* (EUA) - em se tratando de emissoras de TV internacionais.<sup>6</sup>

Após essa etapa examinatória de jornais e revistas (impressos ou digitais) e produções cinematográficas ou televisivas (tais quais filmes, documentários, seriados e *reality shows*) dos países assinalados, iniciamos a observação sobre quais seriam os maiores temores das sociedades ocidentais e coevas, segundo as divulgações midiáticas.

---

<sup>6</sup> Evitamos a utilização de materiais provenientes de outras fontes que não as descritas. Apenas os utilizamos em raríssimas ocasiões ao longo desta dissertação, e, mesmo assim, após termos ponderado serem de grande necessidade, importância e/ou valia à pesquisa, seja pelo apontamento de dados, de pesquisas e/ou de entrevistas. Nesses casos “excepcionais” não empreendemos nenhum tipo de aprofundamento no material, utilizando somente algum recorte bastante específico ou delimitado. Acreditamos que essa variedade (de fontes, matérias e países) nos proporcione um vasto alcance a respeito das difusões dos episódios de medo no contemporâneo das sociedades ocidentais, exatamente pela riqueza das origens (de meios e/ou geográficas). Por outro lado, toda essa gama de materiais nos trouxe o desafio de manter *o todo* coeso e coerente. Por isso mesmo, durante a análise, consideramos que cada meio possui tanto uma linguagem, quanto um alcance diferenciados, bem como é voltado para um público distinto. Por fim, esclarecemos que nossa maior concentração recaiu nas fontes nacionais.

Conferidos os materiais de interesse, originários das referidas fontes, desmembramos o medo em dois grupos ideais, sabendo que ambos ameaçam potencialmente *a todos nós*. Embora tenhamos sopesado acerca das maneiras de expressão e/ou de experimentação, da conformidade com eventuais alcances e implicações e da presença na mídia, nosso critério capital de diferenciação dos medos foi dividi-los em função dos *tipos de solução que inspiram*. Assim, podemos dizer que encontramos dois tipos ideais de medos<sup>7</sup>: os *medos que inspiram solução coletiva* (receios que sugerem e/ou preconizam ações e/ou medidas *coletivas* – “do todo social”) e os *medos que inspiram solução individual*, temores que sugerem e/ou preconizam ações e/ou medidas *individuais* – o famoso “cada um por si”). Por uma questão de menção, a partir deste ponto referir-nos-emos a esses tipos como *medos coletivos* e *medos individuais*. Mas por que desses termos?

Em relação aos coletivos, os indivíduos encontram-se ameaçados enquanto *coletividades*. São medos que criam uma espécie de “paranoia coletivizada”, o que estimula a busca por soluções mais grupais. A esses medos procuramos alternativas “juntos”, objetivando contorná-los ou ao menos amenizá-los. Contudo, nada impede o sujeito de individualmente buscar recursos que lhe ajude a suscitar a sensação de segurança contra tais temores. Atitude, aliás, não só verificada, como valorada tal qual um importante mecanismo de distinção, conforme veremos adiante. Dentre os *medos coletivos* citamos, em nível de ilustração: as preocupações com as ações, práticas ou atentados de grupos terroristas; as implicações decorrentes das alterações climáticas; a incidência de eventos naturais catastróficos, dentre os quais terremotos, maremotos e *tsunamis*; as quebras na produção de alimentos; a escassez de água potável; acidentes em usinas nucleares etc. Tais medos ameaçam a *integridade corporal* (ou física) dos sujeitos.

Já no plano mais privado ou pessoal, apesar da consciência de que os medos que sentimos atingem também *aos outros*, os mesmos se expressam de modo mais *subjetivizado*. Em outras palavras, golpeiam diretamente à *personalidade* dos sujeitos, sem que seu problema específico, tido a nível pessoal, sensibilize aos demais, os quais, por atravessarem tipo similar de aflição, preocupam-se mais em solucionar seu próprio tormento do que o alheio. A esses medos visamos a alternativas “isoladas”: cada

---

<sup>7</sup> Por serem tipos ideias, seguem os mesmos moldes dos concebidos por Weber (2004) e Riesman (1995). Nesse sentido, com fins de estudo, objetivam possibilitar um recorte e uma simplificação da realidade (muito mais complexa, evidentemente). Não serão, portanto, encontrados em “estado puro”, muito menos considerados “verdade absoluta”.

qual mira sanar seu martírio pessoal. Talvez, alguns até torçam para que os outros não consigam obter êxito na solução de seus dilemas e, desse jeito, acharem que “não ficaram para trás” ou mesmo que “estão à frente” dos outros - quem sabe para saborearem mais o “gostinho” do êxito. Exemplificamos os *medos individuais* com: o temor de não lograr ou perder um emprego; o medo de depender de ajuda financeira para sobreviver; o medo que não conseguir se sustentar; o medo da solidão; o medo de não ser reparado; o medo de não ser admirado; o medo de ser esquecido; o medo de não se enquadrar nos padrões da beleza, dentre outros tantos possíveis que atinjam diretamente à personalidade, à identidade ou à *persona* de *cada um de nós* - o que, de certa forma, confere a (falsa) sensação de que poderiam ser evitados e/ou resolvidos pelos próprios sujeitos.

Logo, enquanto alguns dos medos presentes tendem a atingir aos indivíduos enquanto *coletividades*, gerando um tipo de “medo do inexorável”, uma vez que, dentro de tal nexos, não haveria meios para um provável escape individual - são eventos que – *se* ou *quando* ocorrerem – ameaçam a integridade de *todos*, importando-se ou não com eles -, outros tendem a afetá-los enquanto *individualidades*, pondo em risco a *personalidade* de cada um de nós, criando a (pseudo)impressão de que é possível saná-los sozinho (o que, convenhamos, dentro da lógica em que vivemos, praticamente só seria possível em sujeitos aculturados).

Todavia, dividimos os dois grupos propostos acima em quatro vertentes, compondo aqueles que acreditamos serem os maiores temores das populações ocidentais de hoje em dia, sendo duas no âmbito das soluções coletivas e outras duas no das individuais. Obviamente não descartamos a existência de outros medos, nem alegamos que todos os indivíduos os vivenciem com a mesma intensidade, ou que – individualmente - estes lhes sejam os mais penosos dos receios. Tais miudezas, claro, variam entre os próprios sujeitos. Outros medos poderiam ter sido estudados. Entretanto, nosso discernimento fora buscar aqueles quadros de temor que presentemente suscitam os maiores debates sociais, que despertam as maiores preocupações nos sujeitos como um todo e, notadamente, que dispõem de mais espaço nas coberturas midiáticas<sup>8</sup>. Sendo assim, já que nos interessamos pela observação e exame de um fenômeno específico - o da cobertura e/ou abordagem dos episódios desencadeadores de medos pelos veículos de comunicação atuais e ocidentais,

---

<sup>8</sup> Por esses motivos, não exploramos, por exemplo, os medos em relação ao funcionamento das usinas nucleares, os medos de ataques piratas, os medos provenientes dos perigos que rondam as estradas etc.

entendendo-os tal qual uma estratégia de controle social -, temos que os quatro temores mais recorrentes nas difusões midiáticas, e mais percebidos pelos indivíduos contemporâneos, são: (a) o medo em relação ao clima; (b) o medo em relação à insegurança; (c) o medo em relação à aparência (ou ao corpo); e (d) o medo em relação à “não-existência”.

Cada um desses temores (os dois primeiros representantes dos *coletivos*, ao passo que os dois últimos dos *individuais*) é apresentado em capítulos separados (respectivamente o IV, o V, o VI e o VII, exatamente na ordem em que foram descritos acima). Em cada um, preocupamo-nos em evidenciar o modo com o qual foram social, histórica e midiaticamente construídos, demonstrando, por fim, como, no discurso dos meios de comunicação, tornaram-se objetos de *multimedios*. Outra de nossas preocupações foi relacioná-los uns aos outros, o que, de certa forma, quebra a impressão de que esses medos atuem isoladamente, que não dialogam ou possuem analogias, quando, ao contrário, operam em conjunto.

O leitor mais cuidadoso pode argumentar que os quatro medos apontados se manifestam tanto coletiva quanto individualmente. E ele teria razão. Porém, conforme sinalizado anteriormente, o que neste estudo os distingue é o tipo de *solução* principal que inspiram (coletiva ou individual). Em comum a todos os supracitados temores, está o fato de serem largamente expostos, anunciados, divulgados, propagados e difundidos pelos veículos de comunicação e informação coevos.

No Capítulo I, apresentamos um panorama sobre os fatores que mais estariam contribuindo na formação dos imaginários de medo, no contemporâneo. No II, realizamos uma viagem na História, voltando até o século XIV, a fim de apresentarmos um painel dos principais temores percebidos e/ou sentidos pelos sujeitos, desde os tempos pré-modernos, até o presente. Por fim, no III, discutimos a respeito da relevância do campo da memória na constituição dos quadros de medo, em um recorte temporal que igualmente compreende desde a pré-modernidade até a atualidade.

Uma vez que estamos em uma busca pela observação de um fenômeno midiático de maneira mais universal, não privilegiamos nenhuma ramificação específica dos meios de comunicação. Ressaltamos, assim, que esta pesquisa não é estritamente sobre o campo jornalístico ou o publicitário, mas sobre *mídia*, com o escopo de compreendê-la não de modo estratificado, mas *globalizante*. Consequentemente, em vez de nos alicerçarmos em um *corpus* muito particular e delimitado, voltado mais para características e recortes de eventos demasiado datados e/ou geograficamente

exclusivos e localizados, partimos para uma tentativa de mapeamento mais abrangente, através de um olhar convergente sobre a teia tecida entre os meios de comunicação social e o medo. Por tal razão, “jogamos o peso” desta dissertação mais sobre nossa questão e hipóteses do que sobre um rígido *corpus*, o que, a nosso ver – em virtude das propriedades metodológicas deste ensaio -, limitaria (e muito) nossa proposta de investigação.

Outro ponto que salientamos é que embora tenhamos centralizado nossa pesquisa nas abordagens e estratégias empregadas pelos meios de comunicação, temos consciência de que os sujeitos não são seres passivos que recebem de pronto as mensagens da mídia sem reagirem. Rechaçamos, ainda, qualquer interpretação que atribua à mídia o status de “superestrutura”. Até porque, a mídia, assim como as demais instituições, é feita por indivíduos, que, juntos, “brigam” em um mesmo “campo social”. São, portanto, mutuamente agentes estruturantes e estruturados, para empregar os termos propostos pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2004).

Por fim, não trabalhamos com a ideia de que a mídia, a partir de suas difusões e produtos, simplesmente influencie os sujeitos. Em vez disso, acreditamos, conforme Foucault (1988), que a mídia compõe, juntamente com outras instituições, uma espécie de “estratégia global do poder”, a qual se situa inerente ao meio social, e não à parte d’ele. Dessa forma, em vez de olharmos as propagações da mídia e seu respectivo consumo pela audiência (logo, pelos indivíduos) sob a ótica da relação causa-efeito, como, por exemplo, preconiza por McCombs (2009), preferimos lê-la a partir da analogia sugerida por Foucault de “efeito-instrumento” (1988), tal qual explicitaremos adiante.

O “mergulho” dos eventuais leitores no conteúdo das próximas páginas, e suas respectivas apreciações críticas, dir-nos-á se fomos felizes (ou não) nessa ambiciosa empreitada.

## Capítulo I: A mídia e o medo e os medos na mídia

Durante a maior parte da história humana, as pessoas têm aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver. [...]

O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. (SENNETT, 2010, p. 33)

Nesta pesquisa, não exploramos os meus, os seus ou os medos sobressalentes em uma localidade específica. Em vez disso, queremos perceber quais seriam os temores prevalentes nas populações ocidentais, de acordo com a exposição e o destaque outorgados pela mídia, buscando explicações e embasamentos do por que desses receios. Montamos, para tanto, uma espécie de painel dos medos contemporâneos e sua respectiva abordagem nos meios de comunicação. Todavia, encontramos-nos aquém de abranger todos os medos em vigor, raciocínio que sempre refutamos.

Nossa inquietação inicial surgiu na ocasião em que examinamos a forma com a qual a mídia, em parceria com outros fatores de cunho sociocultural e político, esteve envolvida tanto no surgimento do conceito de *intimidade*, quanto na transição de sua acepção: de uma particularidade individual e interior, resguardada e ocultada dos demais, converteu-se, em seguida, em um mecanismo de exposição pessoal, uma maneira de *ser visto*, e, com isso, de *existir*, em uma confirmação obtida através do “olhar do outro”<sup>9</sup>. Contudo, ao final da análise concluímos que uma das razões por que os sujeitos aceitariam se submeter a tamanho grau de exibição e criação de personagens para si, de mudanças e intromissões em seus corpos, de busca por status e fama, seria pelo sentimento de medo - de ser diferente, estigmatizado, não lograr se manter com os próprios recursos, dentre outros -, revelando-se esta uma vida mais de tiranias que de liberdades.

Não obstante, o medo não é exclusividade do homem contemporâneo, pois desde sempre a espécie teve de lidar com suas duas faces, ora funcionando como um mecanismo de defesa, ora como um malefício capaz de provocar respostas diversas e adversas. Entretanto, podemos encará-lo tal qual uma reação sensorial do instinto de

---

<sup>9</sup> Ensaio realizado na ocasião da conclusão da graduação do curso de Estudos de Mídia, em 2010, na Universidade Federal Fluminense, sob o título *O Homo spettacularis. Como a intimidade se converteu em entretenimento*, com orientação da professora Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Enne.

sobrevivência e, portanto, um reflexo natural e necessário à preservação da vida. O mesmo pode ser dito em relação à angústia. No entanto,

O primeiro refere-se ao conhecido; a segunda, ao desconhecido. O medo tem um objeto determinado ao qual se pode fazer frente. A angústia não o tem e é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temível quanto menos claramente identificado: é um sentimento global de insegurança. Desse modo, ela é mais difícil de suportar que o medo. (DELUMEAU, 2009, p. 33)

Em síntese, o medo deriva de origens reconhecidas, ao passo que a angústia é uma apreensão proveniente de fontes desconhecidas, virtuais ou aéreas, desenvolvida, sobretudo, no plano psicológico. Uma diferenciação aparentemente sutil. A rigor, porém, a angústia representaria o medo “subjetivo”, em contraposição ao “objetivo” (DELUMEAU, 2009), pois enquanto aquele é imaginário e abstrato, este assume um contorno. Logo, o medo de *subjetivo* passa a *objetivo* ao lograrmos nomear e/ou denominar seus agentes causadores. Já quando o medo, temor ou aversão se torna exagerado, ganhando ares doentio, mórbido ou mesmo patológico, ele vira uma *fobia*. Por sua vez, *pavor* é um medo enfatizado, ao passo que *pânico* é um medo repentino. Por fim, cabe ressaltar que absolutamente qualquer coisa – indivíduo, ser, animal, acontecimento, criação, elemento etc. – pode se converter em um objeto de medo.

A partir do advento da modernidade<sup>10</sup>, assistimos a proliferação e a propagação de temores em um ritmo e amplitude jamais vistos, apesar de a racionalidade burocrática burguesa se esforçar justamente em sua redução. Desde a Revolução Científica do século XVII, com seu lema de “Penso, logo existo”, e do movimento intelectual do século XVIII conhecido como Iluminismo, a ciência se propunha a liberar o homem das “trevas da ignorância” através do planejamento racional, sendo o conhecimento considerado o antídoto contra os medos, os quais seriam explicados e desmistificados pela via científica. Hoje, contudo, longe de ter sido vencido por meio da lógica, o medo se torna uma questão de conquistas em “doses homeopáticas”, pois uma vez que não conseguimos extinguir nossos temores, tentamos pelo menos torná-los “aceitáveis”, a fim de obtermos um convívio de relativa e aparente tranquilidade.

Em análise acerca da relação entre dois episódios desencadeadores de medo na cidade do Rio de Janeiro no início da década passada (a saber, o assalto à estação do metrô São Francisco Xavier, na Tijuca, culminando na morte da estudante Gabriela

---

<sup>10</sup> Por uma questão de referência temporal, entendemos por “modernidade” o período histórico iniciado após a Revolução Francesa de 1789. Épocas anteriores a essa data serão tratadas, a partir deste ponto, como “pré-modernas”.



Ribeiro, e o atentado a um *campus* no Rio Comprido, ferindo a universitária Luciana de Novaes), Leticia Matheus (2006) alcançou três conclusões que gostaríamos de compartilhar: (a) quanto à cobertura da imprensa, há uma espécie de “continuidade dos medos”, os quais seriam cíclicos, apareceriam em determinado momento, decairiam noutra e retornariam à frente; (b) no discurso jornalístico, há um tipo de “mapa do medo”, observando-se um temor distinto a cada região; e (c) a cobertura midiática sobre os casos desencadeadores de medo acaba por estimular o incremento das políticas de repressão do Estado.

Se bem que, por uma questão metodológica, não tenhamos privilegiado nem um acontecimento, nem um veículo específico, bem como expomos na Introdução, não discordamos da pesquisadora. Na verdade, os pontos por ela levantados e defendidos nos ajudam a embasar nossa própria investigação. Por exemplo: a noção de “mapa de medos” nos respalda a seguirmos afirmando que é possível identificar temores comuns a uma determinada região – no caso, o ocidente; que ao “sumirem” e “ressurgirem”, determinados quadros de medo se adaptariam e seriam instigados pelos meios de comunicação; e que as coberturas da mídia estimulam as ações de coação, notadamente nos casos envolvendo as “classes marginalizadas”.

Aliás, ademais de concordarmos, gostaríamos de incluir alguns pontos à lista proposta: (d) em vez de constatar os medos somente a partir de experiências próprias – objetivas ou subjetivas -, é comum que os temores nos sejam transmitidos e/ou apresentados pelos *multimeios de comunicação*. Em outras palavras, que os medos - na forma das “paisagens” reais ou imaginárias, consoante proposto por Tuan (2005) – nos cheguem mediados (ou espetacularizados) pelos veículos midiáticos (em imagens, relatos, noticiários, audiovisuais, reportagens de periódicos diários ou revistas semanais, ouvidos nas estações de rádios etc.). Designamos (especificamente) esses medos percebidos a partir do consumo das difusões dos meios de comunicação de *multimedios*, termo formado a partir da aglutinação das palavras *multimeios* e *medos*, e que alude precisamente (e apenas e tão somente) aos medos “experenciados”, ao menos em um primeiro momento, via mídia<sup>11</sup>; (e) assim como os medos podem se tornar fobias, igualmente os *multimedios*, quando consumidos e/ou sentidos mais intensamente, quando receados em demasia, e/ou quando sua intensidade é “turbinada”, também

---

<sup>11</sup> Não queremos dizer, com isso, que a mídia crie os medos, mas sim que, em certas ocasiões, dentro de uma “estratégia global”, nos termos foucaultianos, apresenta-nos e/ou incita-nos a temer determinados episódios ou situações que, quiçá, não teríamos temido se não nos tivessem sido midiaticamente apresentados.

podem se converter em fobias. Chamamos os *multimedios* exageradamente temidos de *turbofobias*<sup>12</sup>; (f) a cobertura sobre o medo, ao contrário do que possa parecer, não dispensa o emprego de particularidades triviais ao entretenimento. Assim, as matérias são apresentadas juntamente com um *que* de ficção, seguindo a lógica da divisão, da exposição capitular e dos fluxos das sensações; e (g) a mídia pode semear e/ou intensificar os temores no imaginário coletivo, notadamente pela via psicológica. É como se suas exposições alastrassem o “vírus do medo”, liberando-o para que inoculasse o temor por “contágio”.

Mas o que podemos entender por dita afirmação? Recorrendo à mitologia grega, deparar-nos-emos com uma curiosa figura que nos ampara nessa compreensão. Trata-se das *Erínias*, conhecidas pelos romanos como *Fúrias*. De acordo com a lenda, tal divindade infernal, embora semeasse o tormento, não provocava diretamente danos físicos aos mortais, apenas psicológicos - mais ou menos o que os meios de comunicação vêm fazendo atualmente, já que através das veiculações de notícias, com direito à difusão de imagens impactantes e do uso de um discurso apocalíptico, a mídia, por insistência, incita a angústia e o medo, seja através de imaginários coletivos de pavor, seja por tormentos psicológicos. Tudo através do nexo da ficcionalização e da espetacularização, como se as reportagens nos fossem apresentadas tais quais capítulos de uma telenovela, comerciais de TV, ou mesmo “joguinhos”.

Esse “medo por contágio psicológico” é, portanto, uma construção midiática, a uniformização imagética e mediada das vivências consideradas traumáticas (de modo apocalíptico, excessivo, exagerado e em demasia), e, por conseguinte, temidas. É a maneira através da qual os meios de comunicação incitam os quadros de medo e angústia, instigando os sujeitos a atuarem em consonância com os seus parâmetros, pois, do contrário, pode-se estabelecer a tão temida e propagada sina. É claro que os receios partilhados existem e sempre existiram (e, provavelmente, sempre existirão). No entanto, o que recentemente diferencia a experiência corpórea da psicológica é principalmente (mas não só) a intermediação e a estandardização oferecidas pelos

---

<sup>12</sup> Evidentemente a intensidade varia consoante os sujeitos. Esclarecemos, todavia, que: (a) tal qual ocorre na relação entre medo e fobia, a percepção de uma *turbofobia* está condicionada à prévia percepção do *multimedio* que a originou. Em outras palavras, não existe *turbofobia* sem a percepção de um *multimedio*; (b) nem todo *multimedio* se torna uma *turbofobia* (assim como nem todo medo vira uma fobia), já que as percepções variam entre os indivíduos, de forma que o que um determinado sujeito teme como um medo (ou *multimedio*) pode não significar nenhum tipo de temor para outro; (c) esta pesquisa não tem por interesse analisar particularidades entre indivíduos, isoladamente. Em vez disso, seu foco está centrado no apontamento de um sintoma mais amplo: o da percepção de sentimentos e/ou emoções especificamente sentidos através das exposições, difusões e/ou termos afins oriundos dos meios de comunicação.

veículos de comunicação, convertendo nossos medos em *multimedios*. Dessa forma, no presente, a mídia, mais do que qualquer outra instância, assume a figura de nossas Erínias ou Fúrias.

Quanto aos perigos que nos amedrontam, o cientista social Zygmunt Bauman, em seu ensaio titulado *Medo líquido* (2008a), esboçou uma tipologia na qual os agrupa conforme a ameaça que representam: (a) ao corpo e às propriedades; (b) à durabilidade e à estabilidade da ordem social; e (c) à posição e ao lugar do indivíduo no mundo. De tal modo, o medo (ou o *multimedio*) do clima abrangeria as três ameaças, atentando contra o corpo e a vida, destruindo propriedades, desequilibrando a sociedade e arruinando hierarquias, bem como a ausência ou mesmo a sensação de falta de segurança. Já o (*multi*)medo de “não-existir” dialoga diretamente com as ameaças ao “lugar de mundo” conquistado pelo sujeito, assim como o (*multi*)medo em relação à aparência, o qual também ameaça o corpo.

Todavia, apesar de a mídia divulgar os quadros e episódios de medo no contemporâneo com enorme facilidade (e, quem sabe, regozijo), os medos, via de regra, são percebidos ou fazem sentido aos indivíduos notadamente a partir do instante em que os mesmos se veem ou se sentem francamente ameaçados, em que se projetam na situação ou quando pressentem que “algo de ruim” pode lhes abater. Em outros termos, quando o objeto do quadro de medo é privatizado, particularizado, personalizado. Do contrário, as difusões midiáticas possivelmente em nada lhes afetariam, já que, muito provavelmente, por serem os problemas “do outro” esbarrariam nas conhecidas indiferença e apatia sociais. Logo, os temores são verdadeiramente constatados e temidos principalmente no momento em que o sujeito os tem como um perigo, real ou imaginário. É ao ser consumido na própria esfera particular e encarado tal qual uma ameaça pessoal que, se exagerado e/ou turbinado, o medo difundido (ou *multimedio*) ganha potencial para, por fim, tornar-se uma *turbofobia*. Não obstante, isso é algo que varia entre os indivíduos.

Sob essa conjuntura, e a partir de nossas pesquisas, análises e observações, encontramos-nos muito inclinados a apontar quatro fatores como sendo os maiores motivadores de medo, nas populações ocidentais e coevas. São eles: (a) os fluxos da mídia e a representação de uma vida que parece ser irreal, mas que acaba sendo tomada como “a que deveria ser”; (b) a desestabilização dos valores sociais compartilhados - minando as certezas dos indivíduos, especialmente no que se refere à construção de projetos e planejamentos futuros, trazendo consigo, de quebra, a fluidez dos medos; (c)

a dependência do financeiro - com a respectiva exclusão ou banimento do sujeito do consumo, acesso aos bens, serviços e mercadorias; e (d) a crise dos relacionamentos sociais - dissolvendo os laços de afetividade entre os indivíduos.

Como veremos a seguir, ditos fatores não agem separadamente, mas em concomitância. Portanto, uma vez que atuam entrelaçadamente, é difícil conjecturar a possibilidade de serem encontrados em estado puro e/ou isolados – inclusive nas páginas que se seguem.

Antes, porém, necessitamos fazer alguns esclarecimentos a respeito de nosso método. Via Foucault (1988), vemos a mídia não como uma superestrutura, e sim tal qual uma instituição estrategicamente integrada a outras, as quais, juntas, compõem uma espécie de “estratégia global” do poder. Esse poder é intrínseco, indissociável do campo social. Em outros termos, não é externo à sociedade e, por isso mesmo, não exerce, simplesmente, influências ou determinações. Esse poder tampouco é estático: ao sofrer resistências e contraposições, busca sempre um ponto de equilíbrio. Assim, está em permanente modificação ou deslocamento, é móvel consoante a correlação de forças da conjuntura em que está inserido.

Em suma, estas premissas resumem aquilo que Foucault chama de “as quatro regras do poder”: a imanência, as variações contínuas, o duplo condicionamento e a polivalência tática dos discursos. Ditas características, por sua vez, abalizam a lógica do “efeito-instrumento”, uma relação que é ao mesmo tempo expressão e instrumento dos embates entre poder e contrapoder.

Essa lógica se opõe, de modo direto, à analogia “causa-efeito”, defendida, por exemplo, por McCombs (2009) na formulação da “teoria da agenda”, cuja argumentação é a de que os meios de comunicação, como principal fonte de informação do público, estabelecem a agenda para a discussão e reflexão pública. Em outras palavras, a mídia, através da seleção dos acontecimentos e atributos ressaltados nas “questões do dia”, diria ao público não só o “o que pensar”, mas o “como pensar”. Logo, por “causa-efeito”, para McCombs, a agenda da mídia determinaria a agenda do público.

É exatamente contra esse tipo de visão metodológica determinista e hipodérmica que nos posicionamos. Desse modo, elucidamos que abraçamos a lógica “efeito-instrumento” justamente por a mesma chamar atenção à riqueza, à variedade e à multiplicidade de analogias que ocorrem por trás das relações e embates sociais.

## 1.1 Os fluxos da mídia

Segundo Christoph Türcke (2011), vivemos em uma “sociedade excitada”, incitada, sobretudo, pela mídia e seus “fluxos sensacionais”. Para Türcke, o fluxo das sensações é a principal característica dos meios de comunicação contemporâneos, já que, argumenta, através da proporção de inúmeros e variados choques e estímulos audiovisuais, as sensações atravessam tanto a linguagem do jornalismo, quanto a da publicidade. Retomando (ou atualizando) a teoria de Guy Debord (2008) aos nossos dias, o filósofo é enfático ao afirmar que *sensação* pode ser entendida como aquilo que atrai percepção, que é chamativo ou espetacular. O discurso midiático é, pois, o discurso do espetáculo e das sensações.

De acordo com Türcke, as notícias são acontecimentos ou fatos que têm valor somente enquanto novidades ou atualidades. Em primeiro lugar, no jornalismo de hoje, *notícia* é o que “vale a pena ser comunicado” (2011, p. 14). Porém, a decisão sobre o que “vale a pena ser comunicado” é atravessada não necessariamente por questões com vistas no interesse social, e sim por uma série de disputas pela captura da atenção da audiência. Dessa forma, nem todos os acontecimentos são “dignos” de serem comunicados, apenas aqueles que contenham potencial para despertarem o valor do público e, por conseguinte, serem percebidos.

De permeio a esse jogo de interesses, Türcke aponta a ocorrência de uma nada singela contraversão de valores: a notícia ou a informação cruza a fronteira entre o “A ser comunicado, porque importante” ao “Importante, porque comunicado” (2011, p. 17). Conforme o autor, essa premissa estabelece o presente movimento do fluxo das sensações midiáticas, no qual o que é propagado só o é por sua aparente notoriedade ou capacidade de despertar clamor perante o público (seja o espectador, o leitor ou o ouvinte) e, conseqüentemente, por seu potencial de “atração”.

Exatamente a mesma lógica segue a propaganda, a qual igualmente pretende ser divertida, prazerosa e despertar sensações nos indivíduos. A publicidade, na concepção de Türcke, desempenha um papel tão destacado na mídia e no imaginário social que até mesmo é possível afirmar que seu ritmo dita tanto o compasso da comunicação quanto o da informação. Ou melhor, o da *infotainment* (2011), a informação como entretenimento. Assim,

Faz uma diferença decisiva se a propaganda é apenas um acessório no ramo das comunicações, ou se constitui sua condição de existência; se seus comerciais são apenas um tapa-buraco entre os programas, ou se representam sua força unificadora básica. E quando uma tal força passa a funcionar com certeza de si, então todas as leis de restrição à propaganda ficam anuladas,

então a propaganda assume o papel de estabelecadora de um *trend* para a ação comunicativa e para a expressão estética. (TÜRCKE, 2011, p. 25. Grifo do autor.)

Em síntese, na teoria de TÜRCKE, jornalismo e publicidade se orientam com base no sensacionalismo e no consumo. Contudo, nessa ciranda, os meios de comunicação se encontram em um de seus mais notórios paradoxos. Isso porque se em grande parte a mídia nos estimula a levarmos uma vida única, extravagante e extrovertida, a desenvolvermos uma personalidade excepcional e singular, a aproveitarmos o dia de hoje tal qual fosse o último de nossas vidas, a largarmos nossas obrigações e deveres em prol de prazeres e mundanos momentos de divertimento e distração - juízos típicos do estilo de vida pós-moderno -, e se a melhor maneira de fazer tudo isso é, evidentemente, comprando, como podemos ser “únicos” se consumimos mercadorias produzidas em escala industrial, logo, massificadas?

Não demorou, e a mídia prontamente encontrou uma solução a essa indagação: somos singulares porque fazemos combinações únicas, já que ao juntar “um pouco disto” com “um pouco daquilo” conseguiríamos nos realçar da massa, montando nossa mutante e movediça personalidade, a qual, obviamente, deve ser percebida (leia-se, confirmada) pelo outro. E se por um lado os mais conservadores (ou cínicos) defendem a publicidade com o argumento de que suas campanhas não obrigam ninguém a comprar nada, por outro nos faculta contra-argumentar que em um mundo movido por “alegrias impulsionadas” e pela febre do consumo exorbitante, *impelir* é o mesmo que apertar o gatilho ou dar a largada a essa descomedida e conspícua corrida por aquisições. Ainda mais porque não precisamos mais aguardar o “momento certo” para consumir. O cartão de crédito, “graças a Deus”, “libertou-nos” do imperativo do tempo-espera do consumo: ao trazer a *posteridade* para o *agora*, o “dinheiro de plástico” não só sucumbiu com a prática do planejamento, como nos permitiu desfrutar os prazeres do amanhã no dia de hoje.

Aliado a outras tecnologias utilizadas pelos bancos, o cartão ainda contribui em um câmbio na relação dos sujeitos com o próprio dinheiro: não só proporciona uma nova materialidade do capital e do crédito, uma versão “plástica”, com disponibilidade e limite “portáteis”, fáceis e discretos para carregar, como propicia uma espécie de perda da dimensão ou do controle sobre os gastos. Especialmente àqueles que não têm o hábito de calcular ou planificar suas despesas. Alienados quanto à condição financeira, o cartão vira uma tentadora arma na mão dos consumidores (e “salvação” para os

comerciantes): tendo-o em posse, porque não adquirir aquele bem tão desejado? Ou mesmo aquele que acabou de ver e deu vontade de levar?

O problema é que o “amanhã” curtido “hoje” dentro de muito breve cobrará sua fatura, e a fatura poderá sair demasiado cara. Pois, se nos deixarmos levar pelos chamados consumistas e acometimentos publicitários, corremos o risco de nos vermos endividados *pelo resto de nossas vidas*. Basta algum atraso no pagamento do boleto, e de pronto o mesmo se converteria em uma interminável “bola de neve”, alimentada pelos nada simpáticos juros rotativos, fartamente incluídos nas cobranças das administradoras de cartões e bancos. A propósito, é precisamente com tal exploração que as instituições bancárias e financeiras obtêm boa parte de seus lucros e dividendos: *sem trabalho algum*. Talvez, seu único “trabalho” seja ofertar crédito, pois estimular fetiche e criar desejos já fica a cargo dos escritórios de marketing e propaganda.

Levantamento divulgado pela *Visa*, uma das maiores administradoras de cartões do mundo, mostrou que, em 2011, 81% dos brasileiros usavam o “dinheiro de plástico” como forma de pagamento, 14 pontos percentuais a mais do que no ano anterior. Outros 81% possuíam cartão com dupla-função (crédito e débito), ao passo que em 2010 esse número era de 76%.<sup>13</sup> Tais dados vão ao encontro do slogan da própria operadora, que, em seus comerciais, faz questão de promulgar que pagar com *Visa* é “mais prático, moderno e seguro”, valores basilares do contemporâneo. Afinal, quem hoje em dia não quer “praticidade, modernidade e segurança”? Assim, pagar suas compras no comércio com dinheiro é “coisa do passado”. Ainda mais ao julgarmos os “tipos” que aparecem cometendo esse “anacronismo” nas propagandas da *Visa*. No século XXI, pague com *Visa*. Ou com *Master*, ou com *Diners*, ou com *Amex*, ou com o “plástico” que você tiver. Pois, na verdade, o importante é apenas *ter* (e, de preferência, usar!). Seu dinheiro, guarde-o para quitar a fatura. E se não zerá-la, tudo bem: use o crédito rotativo. As administradoras agradecem.

Com efeito, o crescimento na emissão de cartões, na oferta de crédito, nos apelos publicitários e nos pesados incentivos governamentais, os quais no caso brasileiro impulsionam muito mais o consumo do que os investimentos, não poderia dar noutra: aumento da dívida. Em fevereiro de 2013, o percentual das famílias brasileiras que se

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.visa.com.br/conteudo.asp?pg=1564>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

declararam endividadas alcançou os 61,5%. E mais: 22,1% estavam com débitos em atraso e 7% alegaram não ter condições de quitarem suas dívidas.<sup>14</sup>

Números ratificados por uma pesquisa do SPC Brasil, cuja investigação apurou que 85% dos brasileiros compram por impulso, sendo que a “ansiedade e insatisfação com a própria aparência são os principais motivos que levam os brasileiros a fazerem compras sem planejamento”, já que 43% dos entrevistados reconheceram “fazer compras por impulso em momentos de ansiedade, tristeza ou angústia”.<sup>15</sup> Por fim, 42% dos sabatinados “gastam tudo o que ganham e não conseguem poupar”. Comentando a respeito dos resultados dessa investigação, uma economista do SPC elucidou que tamanho “descontrole” teria como motivo principal a “busca pelo prazer imediato ou para exibir um estilo de vida que não condiz com a própria renda”. Por essa razão, “o comprador se alivia momentaneamente, sem se importar com o futuro do próprio bolso”. Nas entrelinhas, a vontade de *parecer ser* (ou o medo de não *parecer ser* aquilo que se quer ser).

Assim, o crédito, de “maravilhosa solução” que calorosamente se aproxima de “braços abertos” e de “sorriso estampado”, via mala direta, e-mail e publicidade, imediatamente no mês seguinte pode se converter em monstruosos, frios e intermináveis débitos, abrigados em exorbitantes taxas de juros, os quais nos compromete, às vezes, eternamente.

Os consumistas fluxos midiáticos, para Muniz Sodré (2001), integram, também, a estrutura sistêmica do poder contemporâneo. Para tanto, o pesquisador brasileiro alega que os meios de comunicação inauguraram uma nova forma de vida (um “bios”), a qual se junta às propostas por Aristóteles (nomeadas de contemplativa, política e prazerosa). Segundo Sodré, esse “bios midiático”, além da “ordem do consumo”, difunde um tipo de vigilância por meio da utilização de sistemas e mecanismos de espionagem ou fiscalização virtual, digital e/ou eletrônica, utilizados notadamente pelo Estado e as grandes corporações (tais quais as multi ou transnacionais), pelo uso da informação. Nesse contexto, com o objetivo de identificar e/ou mobilizar os indivíduos conforme as demandas do mercado, a informação passa a ser tida como “fonte de dados”, ou seja, uma mercadoria passível de intercâmbio. Assim, a mídia, alicerçada por outras tecnologias, não só desperta sensações e fomenta paradoxos, como se torna um

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/noticias/aumenta-o-numero-de-familias-endividadas-e-inadimplentes-mostra-peic>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/110-85dosbrasileirosfazcomprasporimpulsorevelapesquisadospc>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.



instrumento de vigilância dos sujeitos por meio de instrumentos de controle informacionais.

Sem embargo, os meios de comunicação se especializaram em exibir um tipo de vida encarado como “dos sonhos” à maioria dos mortais. Um “mundo encantado”, no qual assistimos a pessoas felizes em alegres viagens e deleitosos festejos, alheias a problemas ou grandes aporrinhações. Ou, quando as dificuldades surgem, depressa são resolvidas em um simples estalar de dedos, de forma que nenhum “abracadabra” lograria ser mais forte e poderoso do que os sorridentes convites que cingem por nossas telas durante as 24 horas do dia. É desse modo que enquanto nossa vida “irreal” é lamentável por ser tão cheia de reveses, frustrações e dificuldades - sem contar com as “armadilhas” do crédito, graças à mídia a vida “real”, ou melhor, “ideal”, aguarda-nos logo ali, no alcance da tela de vidro, mas, ao mesmo tempo, com o estorvo de ser do outro lado dessa mesma tela. Por conseguinte, “é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela” (BAUMAN, 2001, p. 99).

Do casamento entre os princípios do espetáculo e das sensações com a “ordem do consumo”, tem-se ainda a crescente percepção de que somente aquilo que se vê existe. As coisas, as pessoas, os lugares: o que quer que seja (ou queira ser) considerado, ou mesmo que haja (ou queira existir), na “Era da mediação”, tem que, dentro da lógica da mídia, *ser visto*, confirmado pelo “olhar do outro” – e se for capaz de entreter ou distrair, melhor ainda.

## **1.2 A liquidez dos valores**

Consoante Bauman (2001), nossa época é palco de constantes variações, apreciadora da flexibilidade, da instantaneidade e da fluidez, bem como testemunha o aprofundamento da queda dos valores tradicionais e a ascensão e louvor dos termos econômicos. Com efeito, não seria mais possível calcular ou administrar com precisão os caminhos, rotinas, planos e metas da vida, por mais que o pretendamos, sinalizando o que o pensador apoda de modernidade “líquida” ou “leve” (BAUMAN, 2001). Por conseguinte, nesse tipo de organização as palavras de ordem são a adaptação, a maleabilidade e a instabilidade, trazendo consigo, em maior ou menor grau, a desestabilização de (quase) tudo o que permeia a existência. Ainda de acordo com o sociólogo, a origem de tamanho grau de inconstância estaria nos próprios preceitos que definem a “ordem” atual.

Para Bauman (1998), “ordem” é uma tentativa de tornar o mundo “previsível” e “calculável” a partir do estabelecimento de conceitos que confirmam certo grau de segurança diária. Segundo o autor, todas as sociedades e suas instituições têm as suas regras de normatização, sua ordem, estabelecendo uma relação direta de perdas e ganhos entre liberdade e segurança. Quando a sociedade funciona em harmonia, quando as coisas estão em seu “devido lugar”, a ordem alcança seu ideal de “pureza”. No entanto, quando algo está “fora do lugar” tem-se a “sujeira”, uma ameaça à ordem que, por isso mesmo, tem que ser eliminada (por “higiene”).

A fim de embasar seu raciocínio, Bauman recorre a Walter Benjamin, para quem a modernidade nasceu sob o “signo do suicídio”, derivado da perpétua vontade de mudança *versus* a tentação para instalar uma ordem tida como segura, dialogando, também, com Freud. Dessa forma, Bauman parte do princípio de que o declínio da ordem tradicional (voltada à rotina) trouxe tanto a sensação de começo permanente, quanto a constante alteração dos juízos da ordem e seus modelos de pureza, aumentando as dúvidas e incertezas.

Ao cotejar a ordem atual (pós-moderna) com a moderna, Bauman traça um diálogo direto sobretudo com os estudos de Foucault (1979), para quem, durante o período moderno, era o Estado quem detinha o poder de determinar e manter a ordem. Nesse contexto, a “poluição” ficava a cargo principalmente dos loucos e delinquentes – por terem um discurso tido respectivamente como “não compreendido” (nulo) e subversivo à ordem -, os quais deveriam ser “separados” e/ou “eliminados” da sociedade por meio do confinamento em instituições de cunho coercitivo/punitivo, onde estariam submetidos a um regime de vigilância contínua (do tipo panóptico) por meio da disciplina pedagógica dos valores sociais compartilhados – valores estes que, a propósito, compunham o discurso de retórica do poder, de caráter claramente arbitrário, mas que constituíam a maneira de pensar partilhada; em outros termos, a “verdade”. Daí a importância que Foucault atribui ao controle da “ordem do discurso”.

Em meados do século XX, todavia, teria havido o colapso dos juízos da disciplina e o respectivo rearranjo de uma série de valores (dentre os quais a identidade, sexualidade, cultura e religião). Nessa conjuntura, não mais o Estado era o “encarregado” da ordem, e sim as “forças do mercado”, tal qual apontado por Bauman, Richard Sennett (2008) e, de certa forma, Muniz Sodré (2001), quem as focou através das chamadas “neotecnologias da comunicação”, como a *web*, e suas estratégias de controle e vigilância mercadológicas. Nesse ínterim, esses pensadores apontam ainda a

ocorrência da redução das políticas do “bem-estar social” em prol do neoliberalismo e os movimentos de privatização e desregulamentação, em compasso com a elevação dos gastos estatais com o sistema prisional, incrementando a sensação de insegurança.

Essa nova “(des)ordem mundial”, para Bauman, visa não mais à produção de corpos “dóceis” e “úteis” (isto é, submissos e produtivos) para, por exemplo, moverem as engrenagens das fábricas do capitalismo industrial, conforme descrito por Foucault, e sim à transformação de “indivíduos” em “consumidores”. Nesse quadro, a sujeira é representada pelos que não consomem, tais quais os pobres e desempregados, o que leva Bauman a montar a metáfora dos “turistas e vagabundos” ou “heróis e vítimas do capitalismo”, abalizado na observação daquilo que, para o sociólogo, seriam os dois maiores mecanismos de distinção do nosso tempo: a autonomia sobre si e a liberdade de movimentação e circulação no trânsito global (o que, em sua opinião, possibilitaria aos indivíduos pós-modernos tornarem-se genuínos “coleccionadores de experiências e sensações”, via consumo).

Raciocínio semelhante é proposto por Richard Sennett, em *A cultura do novo capitalismo* (2008), quem analisa como as novas práticas econômicas estão moldando os valores do presente. Para Sennett, esse “novo capitalismo” demanda por um tipo de sujeito (ideal) orientado pelo “curto prazo”, focado mais nas habilidades potenciais (ou “portáteis”) do que nas de perícia e que despreze as experiências passadas, até mesmo como forma de evitar o apego e a profundidade, incitando um modo de vida cada vez mais acelerado, superficial e de repúdio ao esforço. De acordo com Sennett, são estimulados valores tais quais a mobilidade e a transitoriedade, o que fundamenta uma visão corporativa transnacional (cujos interesses estão acima dos Estados), e consolida um modelo de gestão apelidado pelo pensador de “MP3” (isto é, operado a partir de uma unidade central, objetivando a redução dos custos, a circularidade e a rápida adaptação), em substituição ao modelo nacional da “jaula de ferro” e da pirâmide, orientado nos valores da disciplina – concentrado, unificado e centralizado -, com funções fixas e promessas de recompensa futura.

Conforme Sennett, o trabalho hoje não é mais uma posse, e sim uma posição em uma rede em constante mudança, acendendo nos sujeitos o “fantasma do desemprego” e o “medo da inutilidade”. Por conseguinte, a consequência de tamanho grau de flexibilização e adaptação (ademais da elevação da concentração da riqueza, da desigualdade e dos “déficits” de lealdade institucional, de redução da confiança informal no ambiente de trabalho e do enfraquecimento do conhecimento institucional),

seria a interrupção e/ou a impossibilidade dos indivíduos construírem uma narrativa de vida contínua - escrevendo, quiçá, mais um capítulo à “pobreza de experiências” e à “morte do narrador” vaticinadas por Benjamin (1996) na primeira metade do século passado, derivadas do processo de secularização e de fragmentação que o filósofo designa de “perda da aura” -, já que, dentre outros, esse processo mina os relacionamentos interpessoais.

Com vistas nesse movimento, Bauman não tem dúvida: o “excesso” de liberdade, nessas condições, não é igualitário, mas um dos mais poderosos mecanismos de distinção e de desigualdade do nosso tempo, o que, quando conjugado com a “escassez” de segurança, apresenta como sintoma o “mal-estar da pós-modernidade”. Logo, uma vida (des)estruturada pela ausência de referenciais confiáveis e estáveis se desdobra em uma vida atormentada por uma série de medos e angústias. Ou, como sintetizado por Giddens, “nenhum conhecimento sob as condições da modernidade é conhecimento no sentido ‘antigo’, em que ‘conhecer’ é estar certo” (1991, p. 40).

Nesse sentido, o “No que você está pensando agora?” do *Facebook* resume bem esse processo. Primeiramente é uma enorme tentação a expormos aquilo “que estamos pensando agora”. Em segundo lugar, não deixa de ser um grande apelo a nos fazermos visíveis aos demais usuários da rede. Fora que nos instiga a “estarmos pensando” algo sempre. Contudo, as entrelinhas dizem que é melhor deixar registrado “o que você está pensando agora”, pois pode ser que você o esqueça imediatamente depois de conjecturá-lo, uma vez que sua mente fatalmente será ocupada por outra ideia, quiçá absolutamente antagônica. Em contrapartida, caso se veja arrependido do compartilhamento, não haverá problema algum, bastando “deletar” seu raciocínio anterior e pronto: bombardeados por “n” informações, dificilmente alguém o recordará, demonstrando que na era do “tudo é temporário” os valores simplesmente caem em desuso, tornam-se obsoletos, em mais uma amostragem da constante perda de referências atravessada atualmente.

Uma vez que a “modernidade líquida” tem como principal característica o fato de que qualquer coisa pode mudar a qualquer momento, não podemos depositar nossas esperanças por muito tempo em um mesmo escopo, em uma mesma finalidade e muito menos em uma mesma direção, pois não dispomos mais de estruturas que nos garantam proteção contra nada, resultando na constante queda dos conceitos e das normatizações. Continuamente ao declínio das regras e à ascensão da anomalia se encontra a

proliferação das dúvidas e dos medos, rondando e escondendo um perigo muito maior: a “ameaça da descivilização” (BAUMAN, 2008a).

Consoante Bauman, a civilização se instituiu em cima de uma espécie de “casca de ovo”, havendo apenas uma fina e frágil camada nos separando do total caos. Uma vez retirados os alicerces da vida dita “civilizada”, tal casca se romperia, gerando um quadro de pânico *a la* “salve-se quem puder”. Não é à toa que, para o pesquisador, nossos medos assumiram a forma “líquida”, pois na versão em que nos são apresentados parecem uma sucessão de episódios, esboçados no que designa de “síndrome do Titanic” (2008a), onde a sociedade representa o desgraçado navio, ao passo que os perigos e ameaças à espreita assumem a forma dos invisíveis, imprevisíveis, silenciosos e fatídicos *icebergs*. Com base no sociólogo, “os temores emanados da ‘síndrome do Titanic’ são os de um colapso ou catástrofe capaz de atingir *todos nós*, ferindo cega e indiscriminadamente, de modo aleatório e inexplicável, e encontrando *todos* despreparados e indefesos” (2008a, p. 28. Grifos do autor).

Já que pela atual conjuntura somos ininterruptamente estimulados a transformações, mais do que *precisar, devemos* nos manter atualizados nas notícias e nos câmbios do “último segundo”, nas novas técnicas, especializações ou métodos científicos, e neles embarcamos. Pois, só assim estaremos aptos a sermos classificados como “aproveitáveis” e, conseqüentemente, “consumíveis” (e, mesmo assim, isso não fornece nenhuma garantia de que você será “aproveitável” – ou *eu*, ou *todos nós*). Assim, nada pode nos escapar do conhecimento. A partir do momento em que *tudo* é encarado como de suma importância um deslize sequer, um mísero instante em “off” pode ser letal. Com isso, atribuímos mais estima aos meios de comunicação e seus veículos, “legitimando-os” e “encarregando-os” de nos informarem a respeito dos fatos mais “relevantes” da nossa localidade e do mundo.

Ocorre que para garantir, ou melhor, estender nossa permanência no *Big Brother* das empresas, ademais de devermos saber “tudo o que acontece”, necessitamos ter em mente que todos podem saber “tudo o que fazemos”, uma vez que a todo instante há quem nos dê “aquela espiadinha”: somos vigiados pelas câmeras, ponto eletrônico, telefone, internet, ou através das vistas dos demais funcionários da firma. Entretanto, diferentemente do *reality show*, aqui não é exatamente a voz do povo quem nos elimina<sup>16</sup>: nesse caso, tanto os que votam quanto os que representam a “voz de Deus” a

---

<sup>16</sup> Passa à margem de nossa discussão entrar no debate sobre possíveis manipulações por parte dos resultados nas votações dos *realities*.

nos avaliar e julgar são apenas e tão somente os ocupantes dos postos de “liderança”. E, tal qual “zapeamos” pelos vários canais de TV à procura da programação mais apropriada ao nosso gosto, nossos chefes “passeiam” pelos inúmeros currículos dispostos em suas mãos, igualmente em busca da próxima “atração” considerada mais adequada a nos substituir nos quadros da corporação. (De preferência, com um salário inferior.)

Pensando bem, quiçá até mesmo a expressão “companheiros” não sirva mais para se referir às relações desenvolvidas nos escritórios de hoje, pois nos atuais trabalhos em equipe verifica-se o aumento das relações de interesse fundamentadas menos no “apoio mútuo” do que na “dependência mútua”. É a decadência do cooperativismo em prol do predatismo e do parasitismo, ou, na colocação de Sennett (2010), eis a própria “corrosão do caráter”, motivada por fatores como a destruição das rotinas tradicionais pelo dinamismo, o trabalho repetitivo e a administração do tempo-movimento, enfraquecendo, pouco a pouco, os comprometimentos e laços de solidariedade entre os indivíduos, os quais, muitas vezes, sequer desfrutam de tempo hábil para conhecerem e se relacionarem com os companheiros de trabalho.

É a era não mais do “pleno emprego”, mas a da “plena rotatividade”, uma vez que trocamos de emprego diversas vezes ao longo da vida profissional. Um processo que, no entanto, seria absurdo responsabilizar aos trabalhadores, já que ocorre pela própria volatilidade do capital e dos postos de trabalho, os quais surgem e ressurgem de um lugar a outro - às vezes nem reaparecem, simplesmente somem -, em um ritmo, no mínimo, assombroso, graças às privatizações, contratos temporários, *free lancers* e demais informalidades, redução do quadro de funcionários, reestruturações etc., tal qual demonstrado, por exemplo, por Viviane Forrester (1997), em *O horror econômico*, ou por Naomi Klein (2002), em *Sem logo*.

### **1.3 A dependência financeira**

Como na sociedade capitalista em que vivemos o capital financeiro se tornou a base de (quase) tudo, a identidade se estabelece especialmente pelo consumo e o *eu* em muito se constrói a partir das compras, mercadorias, bens e signos adquiridos ou exibidos pelo sujeito, o temor da dependência financeira encontra-se, conseqüentemente, diretamente ramificado no medo de ser abolido do mundo “mágico” do consumo, composto pelas alegrias publicitárias e pelos encantos do marketing.

Nesse sentido, indagamos: e àqueles que não têm acesso à posse da mercadoria? E àqueles que são “procura”, mas não “demanda”? E àqueles que somente podem assistir aos comerciais em que “chegou a sua vez de comprar um carro zero” ou “a hora de se mudar para o apartamento dos seus sonhos”, e, por que não, “a viagem da sua vida está ao alcance de suas mãos”? E àqueles que dependem da caridade, das políticas sociais implementadas pelo Estado? E àqueles que são *excluídos*, em outras palavras, os “vagabundos” (BAUMAN, 1998)? O que fazer com eles?

Nesse contexto de eliminações e egoísmos exacerbados, eles simplesmente deixam de ter importância. E mais: para Forrester (1997) não só passam a ser encarados como “supérfluos”, como são socialmente culpabilizados por aquilo de que na verdade são vítimas. Aos “vagabundos” – os quais assistem a revoada em bando de seus benefícios trabalhistas e a “entrega a Deus” de suas (cada vez mais escassas) vagas de emprego formais, reduzidas ao extremo pelas políticas neoliberais adotadas notadamente no pós-comunismo -, restar-lhes-iam, quase que exclusivamente, a permanência na torcida para arranjar um casamento com um “turista”, receber algum prêmio na loteria ou ser “encontrado” por algum olheiro, despontando então no mundo do espetáculo (seja na moda, nos esportes, nas artes etc.). Do contrário, é rezar para ser sorteado no “dia de princesa” do programa do Netinho<sup>17</sup>. No entanto, o glamour tem a duração limitada a apenas e tão somente um único dia: volta de limusine, compras de roupas, sapatos e acessórios, tratamentos de beleza e estética... Tal qual em um sonho, no acordar do dia seguinte, tudo terá voltado à realidade de plebeia.

Por conseguinte, a dura e cruel resposta às interrogações do penúltimo parágrafo é a de que os “vagabundos” não representam muito mais que nada, ou quase nada – o que vem a dar a quase no mesmo. Eles são a “sujeira” da ordem, que em nada contribui para o bom funcionamento da sociedade. Pior: são sorvedouros do dinheiro público. Embora estejamos em uma democracia, muito mal lhes concebemos condições para que sobrevivam, enquanto os expulsamos de todos os cantos, conforme expresso na declaração de uma moradora do Flamengo, zona sul do Rio, no documentário *Faixa de Areia*. Quando questionada se a presença de moradores oriundos do subúrbio na praia a

---

<sup>17</sup> Famosa atração da televisão aberta brasileira, apresentada por Netinho de Paula, que foi semanalmente ao ar durante os anos 2000. No quadro, uma mulher era sorteada para atravessar uma pequena “transformação” na aparência, ao longo de um dia, realizando tratamentos de beleza, saúde, compras e passeios. Atualmente, após reformulação, passou a ser chamado de “Banco dos Sonhos”. Nessa nova versão, exibida nas tardes de sábado pela emissora *RedeTv!*, “não só as mulheres de todo o Brasil, mas todo mundo vai poder realizar seu sonho”, pois “todos podem participar!”. Fonte: <<http://www.progdagente.com.br/>>.

incomodavam, replicou com um “Não tem o piscinão de Ramos? Vai pro piscinão”. A existência dos “vagabundos” acaba por praticamente servir somente para justificar a submissão dos “turistas” ao trabalho, por puro medo: o de se tornar um dentre “eles”.

Em outra das várias entrevistas de dito documentário, uma catadora de latinhas, residente de uma comunidade carente do subúrbio carioca, em contraste com todo o luxo e ostentação manifestos na praia da Barra da Tijuca, foi demasiada clara ao proferir algo como “sonhar para que, se dá tudo errado?”. É a deprimente confissão da total perda de esperanças e perspectivas em relação ao porvir, ou, em outras palavras, em relação à própria vida.

Tal painel constata outro dos maiores temores da atualidade: o de sentir-se padecendo em meio à prosperidade, o de ser o único abatido por uma malesa ou desgraça de permeio a um oásis de boas aventuras, o de sofrer sozinho de um mal específico à margem da bonança alheia – ainda que, apesar da impressão de “exclusividade”, outros tantos igualmente sejam acometidos por similar problema. Aliás, cada vez mais gente se junta a esse “time”. É o que fora narrado, por exemplo, na prosa *Os crocodilos*, de Assis Brasil. No livro, um executivo, uma prostituta, um comerciante e um gari veem suas vidas completamente reviradas por conta de um inesperado e brusco incidente: um a um, os personagens caem em um profundo poço, quedando-se presos nele por dias, enquanto lá fora se dava o pleno seguimento da normalidade. Indivíduos de personalidades, classes e biografias absolutamente distintas, que, entretanto, partilham temporariamente os mesmos dilemas, tais quais: o revés do imprevisto e do repentino; a constatação de que “não fazem falta” ao mundo, cuja ausência em nada afeta a rotina e a continuidade da vida; que o segundo seguinte é um incalculável mistério; e que, realmente, qualquer um, a qualquer momento, pode ser o próximo a ser “pinçado” de sua rotina.

*Os crocodilos* retrata muito mais do que uma mera metáfora literária, já que ninguém está a salvo de também ser surpreendido por um contratempo: um bueiro pode explodir sobre os nossos pés, um aparelho de ar condicionado despencar sobre nossas cabeças, uma bala perdida nos golpear, um maníaco nos esfaquear, um carro desgovernado nos atropelar, nosso avião cair, nosso trem se chocar, nosso prédio vir abaixo, nosso elevador desabar, um raio nos acertar, uma onda nos arrastar, uma enchente nos carregar, uma avalanche nos soterrar, um fio partido nos eletrocutar, uma marquise nos esmagar, um vírus nos acometer com uma doença letal etc.



Não é à toa que, prontamente, a vida exibida pela mídia passa a ser encarada como “a vida que deveria ser”, recheada de charme, festas, contentamentos, beleza e inerte a problemas, onde tal tema só aparece nos espaços dos noticiários, *e olhe lá*. Pois, quando surge na dramaturgia, já sabemos que o final será feliz. Ou, em outros casos, mais exatamente como assistimos no “Mulheres Ricas”<sup>18</sup> - *reality show* no qual fora exibida a vida de cinco mulheres brasileiras multimilionárias e sua rotina de tardes de compras de dezenas de milhares de reais, champanhe, viagens, passeios de helicóptero e mesmo a aquisição de um avião adornado com acessórios de ouro -, os dilemas poderiam se resumir a situações do tipo “com quem aparecer em público”, “o que vestir”, “o que servir na festa” e “qual modelo adquirir”.

Já no primeiro episódio, Lydia Leão Sayeg, proprietária de uma famosa joalheria, apresentou-se dizendo ser “joalheira desde que nasci”, completando na sequência com “eu nasci num berço de ouro, literalmente!”. Sociologicamente falando, isso significa que você pode vir a ser o que o seu “campo de possibilidades” (VELHO, 2004) lhe oferece em seu leque, consoante suas condições socioeconômicas, salvo raras exceções. Sayeg ainda arrematou seu discurso proliferando que “ser rico é maravilhoso, gente. Ser rico é uma delícia, é uma bênção. Eu acho que todo mundo tem que almejar ser rico”. Que é senso comum nossas suspeitas de que ser rico é “maravilhoso” e que, senão todos, a maioria deve almejá-lo, ninguém desconfia; azar mesmo é que nem todos tenham sido agraciados com esta “bênção”.

Ou que tal Valdirene Marchiori se descrevendo como “apresentadora, mãe, empresária... e linda, né? Loira, alta e magra”. Isto é, detalhando não apenas seus “papéis sociais”, tal qual diria Weber (2009), mas, ademais de sua posição socioeconômica, marca sua distinção também em virtude da aparência. Val fora, sem dúvidas, a “personagem” mais polêmica do programa. Certa ocasião, sem titubear, disparou que “defeito de homem é ser pobre”. Em outra, com a maior das naturalidades, falou que “preciso comprar um avião novo, sabia? Um avião que não faça escala. Odeio parar. De preferência pra Paris sem escalas pra gente poder fazer muitas compras”, explicando ainda que, para ela, tal negócio seria como “comprar uma blusa”.

---

<sup>18</sup> O programa foi exibido pela *Rede Bandeirantes* de Televisão, em dez episódios, sempre às segundas-feiras, a partir de Janeiro de 2012. Participaram: Brunete Fraccaroli (arquiteta e decoradora), Débora Rodrigues (ex-sem terra, atualmente piloto da Fórmula Truck), Lydia Leão Sayeg (proprietária de uma casa de joias), Narciza Tamborindeguy (*socialite* carioca) e Val Marchiori (*socialite* de São Paulo). Em janeiro de 2013, a emissora levou ao ar a segunda temporada da atração. Das participantes anteriores, apenas Narciza Tamborindeguy voltou ao elenco fixo da atração, apesar de Val ter aparecido constantemente.

As “mulheres ricas” representam mais do que a classe dos *turboconsumidores* (LIPOVETSKY, 2007). Ou seja, dos consumidores que se tornaram “hiperconsumidores”, os quais não aceitam mais compartilhar aquilo que utilizam, demandando seu próprio exemplar das mercadorias e dos bens, destinados ao uso pessoal e intransferível. Além de encararem o consumo tal qual uma experiência sensitiva e emocional, sendo movidos tanto por moda, inovação e efemeridades, quanto por conforto. No caso das “mulheres ricas”, ao exporem sua vida de benesses, impiedosamente e de modo gritante “esfregada” em nossas caras, juntamente com suas compras, mordomias e luxos, elas não só o explicitam (uma vez que, na verdade, o fenômeno do turbo consumo é verificado, a rigor, a partir das classes medianas), como ilustram alguns dos mais altos graus dos “turistas” por excelência.

O medo da expulsão do mundo consumista, por prejuízo ou decadência financeira, é, aliás, uma das principais razões pelas quais, em larga intensidade, buscamos nos precaver dos riscos, bem como evitá-los. Porém, a tarefa de se defender dos contratempores tem ficado cada vez mais árdua. E não apenas dos perigos que rondam as fortunas, mas também daqueles que ameaçam a própria vida.

Na teoria do sociólogo Ulrich Beck, por exemplo, vivemos em uma genuína e complexa “sociedade de risco”, em escala global, caracterizada pelo alastramento dos perigos e situações de ameaça à existência, com potencial o suficiente para atingir *a todos nós* (2010). Segundo o pensador, o perigo seria produto dos avanços técnicos, sobretudo da indústria, e, independentemente de classes ou estamentos, torna *a todos* indefesos. Isto porque, ainda que os mais favorecidos, em termos financeiros, até intentem se “blindar”, definitivamente não estão imunes aos riscos, ocasionados, dentre outros, pela contaminação, poluição, agrotóxicos e desenvolvimento de programas nuclear. É o que Beck designa de “efeito bumerangue”, isto é, nem os produtores de riqueza estão a salvo e/ou protegidos, uma vez que a produção da própria riqueza é acompanhada pela fabricação de riscos.

De modo concomitante, Beck alega que, na “modernidade tardia”, os riscos se manifestam, outrossim, no que concerne ao processo individualizatório. Nesse caso, a “liberação” do “peso” das instituições sociais disciplinares (como a família ou a religião e suas rígidas regras) veio acompanhada pela procura por uma identidade própria, ao mesmo tempo em que se busca atender ao padrão de comportamento social e à estrutura corporal predominantes. Em síntese, Beck delinea o processo de privatização dos riscos, a partir do qual o indivíduo passa a ser responsável por si, assumindo a forma de

sua própria agência reguladora na corrida por se “adequar” à norma social (ou à ordem) vigente.

Contudo, o risco tem caráter dúbio: representa tanto uma ameaça, quanto um desafio. Por isso, se de um lado contratamos seguros de viagem, saúde, carro, vida, casa, desemprego etc., oferecidos por inúmeras corretoras (e tal qual o slogan de uma delas, “é melhor ter”), do outro nos forçam a encará-los em operações, apostas e/ou investimentos como meio de crescermos e sagrar-nos bem-sucedidos. Assim, somos instigados a arriscar e a enfrentar os desafios, pois dita atitude denota coragem, autodeterminação e disposição para melhorar a própria condição de vida.

Entretanto, os riscos são apenas os perigos calculados, identificados e/ou catalogados, ponderados, basicamente, a partir de cálculos probabilísticos, considerando um histórico de frequência e/ou de ocorrência de determinado evento. Mas quem disse que todos os perigos são calculáveis? Nem o melhor e mais abrangente dos projetos passa imune a um risco, podendo ceder tal qual um castelo de cartas golpeado por um sopro, levando, por efeito dominó, tudo aquilo que o sujeito havia conquistado. É nesse instante que “bamboleamos” entre encarar ou retroceder aos riscos: é o medo do fracasso.

Desse modo, em um mundo cada vez mais assimilado à linguagem dos meios de comunicação e das bolsas de valores – veloz, intenso e fragmentado -, tornamo-nos verdadeiras metáforas da mídia e do mercado financeiro, uma vez que nossa “audiência” ou “cotação” oscila diariamente, às vezes por questão de um segundo de distração ou de êxito, bem como ocorre com os programas da televisão ou as operações das “Bovespas” e “Down Johnes”, sendo que qualquer passo em falso pode significar nossa “retirada” de cena ou pregão. Portanto, nossa única certeza parece ser a incerteza. Ou mesmo a certeza de que o que *é* neste momento pode, em instantes, não ser ou significar absolutamente mais nada.

#### **1.4 A crise dos relacionamentos sociais**

Em meio aos instaurados e já abordados fluxos midiáticos (mais a vida “real” *versus* a “irreal”), de permeio ao colapso dos valores, à desestabilização da existência, à deterioração das relações de trabalho, das condições econômicas e financeiras dos indivíduos, e, conseqüentemente, à proliferação e liquidez dos medos, assistimos a crise das relações e interações sociais e afetivas. Todavia, o que estaria provocando o afrouxamento justamente daquilo que une *a todos nós* como humanos?

Em *Respeito* (2004), Richard Sennett nos dá uma pista ao descrever o que nomeia de “escassez do respeito”, apontando-o como a provável justificativa da “dificuldade” de tratamento mútuo entre os indivíduos - por conta da desigualdade. De acordo com Sennett, a sociedade moderna teria se erguido a partir do princípio de que o respeito seria obtido não só por meio, mas principalmente pelo exercício de uma função ou trabalho, o qual concederia “valor” aos sujeitos. Por conseguinte, a “dependência” geraria um motivo de vergonha. Para o pensador, além da “necessidade” de se ter um emprego para ser “considerado”, com o passar do tempo e a sucessão de acontecimentos traumáticos, o ser humano teria desenvolvido certa tendência a “se acomodar” diante de fatos ou acontecimentos traumáticos, quedando-se mais impassível e indiferente em relação à dor e ao sofrimento alheio, uma vez alcançado seu ponto de “esgotamento sentimental”. É o que o Sennett titula de “fadiga da compaixão”, que, em suas palavras,

representa a exaustão de nossa solidariedade em face de realidades persistentemente dolorosas - as vítimas de torturas, um grande número de pessoas aniquiladas por epidemias, a mera escala do Holocausto, tudo isto exigiu tanto de nossas emoções que por fim paramos de senti-las. Como um fogo, a compaixão também se apaga. (2004, p. 171)

Por si só, a “escassez do respeito” – que em muito deriva das mudanças ocorridas no âmbito do emprego em virtude da “cultura do novo capitalismo”, a qual instiga a ininterrupta necessidade de revisão dos valores e da qualificação como estratégia de sobrevivência nas lógicas do mercado, intensificando a sensação de estresse - já se constituiria tal qual uma razão grande o bastante para esclarecer o colapso dos relacionamentos pessoais e afetivos. No entanto, outros dois fatores podem ser registrados: o arrefecimento da afetividade e a virtualização da existência.<sup>19</sup>

A rigor, é bem verdade que temos a necessidade “do outro” para nos completar e nos sentirmos bem. Contudo, essa “necessidade” pode significar tanto a expressão de um temor, quanto o disfarce de uma dependência. Tal qual suscitado por Bauman (2004), como nunca entenderemos a “cabeça do outro”, não poderemos estar totalmente

---

<sup>19</sup> Uma das possíveis ilustrações do processo de virtualização dos relacionamentos sociais no cinema seria o filme *Mensagem pra Você*, que aborda ainda questões como o embate entre o tradicional e o moderno, a cultura e o entretenimento e os modos performáticos associados ao âmbito do letramento *versus* os da *web*, tendo como pano de fundo a disputa entre uma pequena livraria de bairro e uma grande cadeia de *bookstore*. Na película, de 1998, os personagens interpretados pelos atores Tom Hanks e Meg Ryan, ademais de protagonizarem a mencionada rivalidade comercial, relacionam-se, outrossim, por meio de um *chat* virtual. Pela internet, porém, um desconhecia a identidade do outro, já que em momento algum trocaram fotografias. Assim, com o tempo e o “contato virtual”, os dois acabam se vendo afetivamente envolvidos. Ou seja, os personagens, embora a princípio não muito amistosos um com o outro, após partilharem e conhecerem seus emblemas e dramas pessoais pela rede mundial de computadores, mesmo que anonimamente, apaixonaram-se.

seguros ao lado de alguém (seguros de que nos amam, de que não nos abandonarão, de que não nos trairão, de que não mentirão etc.). Talvez seja exatamente por isso que vêm crescendo o número de indivíduos que adotam a negação da interação com “os outros” e o isolamento, através, por ilustração, do recolhimento social, da fuga da vida adulta e do mundo externo. (Estratégias de defesa?)

Os relacionamentos íntimos e a presença e companhia humanas são “trocados” em prol de, por exemplo, bonecas “hiperrealistas”, moldadas por silicone, cuja estatura e feições se assemelham às de mulheres “de carne e osso”. Segundo o portal *Minilua*, as “love dolls” vêm agradando aos homens porque “não engravidam, não entram em TPM, não traem e nem sofrem de constantes oscilações de humor”<sup>20</sup>. (E bem poderia ter completado dizendo que “tampouco transmitem doenças ou entram em discordância”.) Em outra página da internet, um japonês, colecionador de mais de cem exemplares, chegou a conclamar que “As mulheres de verdade podem me enganar, me trair. Essas são 100% minhas”<sup>21</sup>. Outro bramiu que “ela [a boneca] é minha âncora e sei que estaremos sempre presentes um para o outro”<sup>22</sup>, elucidando tanto o medo de ser iludido e ludibriado, quanto a necessidade de “posse”, se não de alguém, ao menos de algo que represente, simbolize ou substitua esse alguém.

A paixão por “bonecas” fora, inclusive, tema de um documentário produzido pela rede de TV inglesa BBC: *Guys and Dolls (Rapazes e bonecas*, em português). O vídeo, de cerca de 50 minutos, aborda desde o impressionante detalhismo com que as *dolls* são desenvolvidas, dentro de um complexo processo de concepção, passando pelo funcionamento de tal mercado – como seu preço é bastante alto (cerca de 6 mil dólares), elas podem ser alugadas, em vez de compradas -, e o modo com o qual os homens levam adiante seu “relacionamento” com as ditas bonecas: eles a vestem, fazem-lhe massagem, penteiam seus cabelos, maquiam sua face, fotografam-nas consigo, acariciam “sua pele” e mantêm, até mesmo, relações sexuais com elas. No *site* de um dos fabricantes, a *Real Doll*<sup>23</sup>, cujas vendas alcançam cerca de 400 peças por ano, ademais de ser possível escolher cada detalhe de sua boneca - tipo físico, tom da pele, estilo de cabelo e penteado, feição e cor dos olhos, maquiagem, unhas, batom,

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://minilua.com/bonecas-hiper-realistas/>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/love-dolls-bonecas-no-lugar-de-mulheres-3-1-31-209.html>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.realdoll.com/cgi-bin/snrv.rd>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

quantidade e tipo de pêlos pubianos etc. -, eram exibidas fotos e dicas de como o cliente melhor poderia “desfrutá-las”.

Fora os aficionados por “bonecas”, ultimamente a prática de criação de “avatares” só para si e a de se vestir de acordo com os personagens animados prediletos (os chamados “cosplay”, que significa “representação de personagem a caráter”) também aparecem como um meio de escape deste “atroz”, “impassível” e “variável” mundo externo. Trata-se da recusa, renúncia ou abandono da vida adulta e seus dilemas e questões sentimentais e financeiras, por meio não apenas do desejo de vivência, mas da incessante busca pela permanência nos imaginários infantis. É o caso da tribo conhecida como *otaku*,

jovens que renunciam a um ingresso definitivo na sociedade adulta japonesa e preferem isolar-se em um mundo virtual, onde imperam os *comics* e *mangás* (ambos dentro da promissora indústria de história em quadrinhos), as bonecas *barbies* e os desenhos animados, os *games*, a internet e o mundo *pop* (ENNE, 2006, p.12. Grifos do autor.),

e aos quais, de modo semelhante as *love dolls*, são atribuídos o mesmo escasseado espaço na mídia e similar olhar de “coisa de estranhos”.

Em contrapartida ao desânimo da existência *off line*, a virtualização da vida - seja através da criação de perfis em páginas de relacionamentos, da participação em comunidades virtuais e blogs ou pela “proteção” proporcionada pelo anonimato e pseudônimos - tem despontado tal qual uma eventual, possível e “esperançosa” saída. É a visível eclosão do fenômeno de “ficcionalização da existência”, ou da “espetacularização de si”, semeando o processo de formação de milhares de “filme-vida” (GABLER, 1999) e de construção de outros tantos “show do eu” (SIBILIA, 2008b), sendo os indivíduos consecutivamente instigados pelo estilo de vida encenado e exibido nas telas do cinema e da televisão. Dito movimento encontrou seu maior alicerce notadamente no advento das ferramentas tecnológicas disponibilizadas sobretudo na *web*, as quais oferecem uma preciosa abertura, com uma valiosa audiência em potencial, àqueles que ansiavam se verem e serem vistos “do outro lado do vidro”.

Muitos são motivados pelo medo de que ao não se mostrarem, não serão vistos e, logo, em uma sociedade movida essencialmente à base de imagens, “não existirão”. Dessa forma, a presença material é relegada, perde importância em detrimento da virtual, dentro da lógica caracterizada por políticas voltadas para o “ser acessado”. Em outras palavras, a *second life* converte-se na *first life*. Observa-se, no entanto, que

enquanto a vida parece cada vez mais se virtualizar, mais se desencadeiam as “fobias sociais”, dentre as quais a síndrome do pânico, a agorafobia e a depressão.

O fenômeno de “virtualização”, para alguns psiquiatras e psicólogos, quando em demasia, adquire, inclusive, ares de vício e, na pior das hipóteses, de “distúrbio mental”. Um grupo de especialistas dos EUA, por exemplo, estima que de 6 e 10% dos usuários de internet do país sofram da “compulsão por internet”, cujos principais sintomas são a irritabilidade, a apatia, a vontade de manter-se conectado, o descomprometimento com a vida pessoal e profissional e a fugacidade.<sup>24</sup>

Diante desse quadro de tantas flutuações, para Bauman (1998) os indivíduos buscam alternativas de segurança que lhes possibilitem escapar da “crise dos relacionamentos”, bem como dos problemas das grandes cidades, da “vida líquida” e dos riscos das escolhas individuais (justamente pelo “excesso” de liberdade), restaurando os atualmente frágeis laços de humanidade e de solidariedade mútua, por meio do “refúgio” no tribalismo, no fundamentalismo, ou mesmo pelo estabelecimento de uma organização social montada em torno dos preceitos do comunitarismo. Diz o autor que

o comunitarismo é uma reação esperável à acelerada “liquefação” da vida moderna, uma reação antes e acima de tudo ao aspecto da vida sentido como a mais aborrecida e incômoda entre suas numerosas conseqüências penosas – o crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais. (2001, p. 195)

Contudo, o próprio Bauman assinala um obstáculo crucial à execução do projeto comunitário: sua adoção significaria a perda de parte da autonomia individual da qual os sujeitos tanto gozam (ou acreditam que), ou seja, sua liberdade pessoal, em troca, porém, de uma vida (aparentemente) mais segura (quanto ao sustento, aos vínculos de solidariedade, aos riscos, às aflições, às angústias, aos medos etc.). A perda dessa “liberdade” representa, todavia, um impedimento e tanto: depois de tantos séculos de cerceamento e repressão da individualidade, pelas sociedades tradicionais ou pré-modernas, uma vez experimentada a autonomia pessoal, ainda que em parte seja utópica – pois esbarra continuamente nas possibilidades dos indivíduos (e como cobrar escolhas dos que não tem opção?) -, dificilmente os sujeitos ocidentais contemporâneos, tão interessados em si próprios, aceitariam dita solução como válida. A sociedade atual estaria perdendo, pois, em segurança, mas acredita ganhar em liberdade.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI813981-EI12884,00-Vicio+em+internet+e+considerado+problema+psiquiatrico.html>>. Acessado em: 7 de junho de 2013.

Evidente e inegável que a grei apresenta e atravessa muitas dificuldades. Porém, essa parte da teoria de Bauman causa incômodos justamente pelo fato de o autor depositar a fé e fichas dos indivíduos na consolidação da relação comunal como solução aos problemas da “vida líquida”. Em parte, muitos dos dilemas até poderiam se resolver, no entanto: quais outros não nasceriam a partir da restrição à autonomia pessoal? Não se estabeleceriam novas relações de dominação entre os homens? A segurança prometida é de fato possível? Apesar de não termos como afirmar nada, pois se trata de uma idealização, o sociólogo não tem dúvidas: “[o] comunitarismo é a promessa de um porto seguro, o destino dos sonhos dos marinheiros perdidos no mar turbulento da mudança constante, confusa e imprevisível” (2001, p. 196).

Já Richard Sennett (2008) apresenta uma alternativa que parece bem mais palpável. O sociólogo alega que em meio a tantas incertezas os sujeitos partem em busca de soluções que lhes permitam construir a desejada narrativa de vida contínua, ou ao menos uma que seja mais imune aos sobressaltos e peripécias deste mundo tão desregulado e incerto, por exemplo, pela filiação aos chamados “novos sindicatos”, que oferecem uma série de benefícios, como seguro saúde e social. De qualquer forma, tanto em Bauman quanto em Sennett são as dinâmicas do capitalismo atual as grandes responsáveis pelo declínio dos relacionamentos interpessoais. Consecutivamente, para os autores, somente a obtenção de mais segurança na vida diária, cotidiana e de trabalho, daria condições e suporte para o solucionamento dessa aprofundada crise.

Logo, os principais temores do presente seriam sintomas, em grande parte, dos fluxos midiáticos, da constante volubilidade dos valores – aliás, uma das características mais marcantes do período designado de pós-modernidade, objeto de estudo de pensadores como Bauman (1998) e Sennett (2008) –, da necessidade financeira e das crises sociais. Sem embargo, historicamente, com o advento da imprensa, já conseguimos localizar a relação entre comunicação e difusão de medos. Alguns livros, na antiguidade, serviam como verdadeiros mananciais de temores, difundindo imaginários de terror, por exemplo, em relação ao Diabo. E mesmo os textos do Apocalipse espalharam-se mais fortemente após o advento da imprensa. Por isso, no capítulo seguinte resgatamos um pouco dos medos das sociedades do passado. Volvemos ao século XIV, até alcançarmos o XXI, para mostrarmos quais seriam os receios dos povos ocidentais dessas épocas, intencionando relacioná-los com os nossos atuais temores e com as dinâmicas e difusões da mídia.



## Capítulo II: O passado no presente ou a persistência dos medos

A única ameaça, o único perigo que ainda podia instilar medo era o de ser vencido em batalha por um adversário mais forte. [...] Explosões de crueldade não excluía ninguém da vida social. Seus autores não eram banidos. O prazer de matar e torturar era grande e socialmente permitido. Até certo ponto, a própria estrutura social impelia seus membros nessa direção, fazendo com que parecesse necessário e praticamente vantajoso comportar-se dessa maneira. (ELIAS, 1994, p. 192)

Na década de 1950, o estadunidense David Riesman apresentou um estudo no qual delinea uma tipificação ideal entre três diferentes exemplares de organizações sociais, notadamente ocidentais, embasando-se nas características fornecidas pela demografia, ciência encarregada de analisar variações e dados de cunho populacional. Na verdade, sua investigação, intitulada *A multidão solitária* (1995), é sobre um câmbio de ordem sociocultural ocorrido nos EUA, em meados do século XX, em que esboça divisões temporais desde a pré-modernidade até sua época.

Conforme Riesman, a primeira dessas etapas representa as “sociedades de alto potencial de crescimento”, com destaque ao “setor primário” da economia, ou seja, às atividades ligadas à agricultura, pesca, caça e extrativismo, com o predomínio da população em idade jovem, decorrente das altas taxas de natalidade e de mortalidade; a segunda, a partir do século XVIII, é a “sociedade de crescimento populacional de transição”, fundamentada no setor “secundário”, sobretudo as indústrias, e na queda do índice de mortalidade, graças aos avanços e cuidados na área da saúde médica e da higiene pessoal; a terceira, e última, é a “sociedade de declínio incipiente da população”, focalizada no setor “terciário”, com o comércio e a prestação de serviços. Nota-se a redução da taxa de natalidade em concomitância com uma baixa taxa de mortalidade, aumentando a fatia de idosos no total de habitantes, o que expressa um fenômeno em vigor desde meados do século XX especialmente nos EUA e nos países do oeste europeu: o envelhecimento populacional.

Ainda de acordo com Riesman, cada ciclo desse processo assinala um modelo de sociedade distinto. Logo, a cada uma dessas fases o pensador associa a preponderância de um tipo de organização do grupo cômpar, denominado de “caráter social”, composto pelas normas, regras, parâmetros ou ditames partilhados entre os indivíduos e transmitidos através das rotinas e dos sistemas educacionais, exigindo de seus membros tanto coesão, quanto aceitação e conformidade, de modo que a estrutura da sociedade

funcione com relativa harmonia. Riesman os chama, respectivamente, de traditivo-dirigido, introdirigido e alterdirigido. Entretanto, o próprio sociólogo ressalva que, apesar de dominante, o caráter social não é hegemônico, pois os sujeitos desenvolvem juízos de ordem pessoal, algumas vezes conflitantes com os de cunho coletivo. É o que o cientista nomeia de “caráter individual”, isto é, os valores particulares, subjetivos e singulares a cada indivíduo.

Advertimos, porém, que a tipologia sugerida por Riesman não deve ser tomada como realidade absoluta - rechaçamento que compartilhamos com o próprio autor. Em vez disso, trata-se de uma tentativa de recortar e simplificar a complexidade da realidade com o intuito de tecer analogias e distinções entre as categorias propostas. Por outro lado, tampouco defendemos que o aparecimento de um tipo tenha significado a “destruição” das peculiaridades do antecedente, as quais simplesmente não se “desmancharam no ar”. Ao contrário: permaneceram recorrentes, ainda que com menor fôlego. Assim, os modelos estão em constante contato e conflito, sendo possível localizar, no entanto, em determinado momento, a predominância de um sobre os demais. O mesmo se observa no plano individual, já que nenhum indivíduo é traditivo, introdirigido ou alterdirigido em estado puro, mas uma combinação de suas características.

Não obstante, tal qual ponderado por Riesman, para que o caráter sociológico se mantenha ativo, seus princípios (de ordem ou cultura) devem ser transmitidos entre as gerações, o que ocorre principalmente durante o período de “aculturação” ou educação dos mais novos. Nesse processo, todavia, consoante apontado pelo geógrafo Yu-fu Tuan (2005), os adultos utilizavam – na prática continuam a empregá-los - mecanismos de controle infantil por meio da incitação do medo. A origem de dita prática remete à Idade Média, quando os “adultos mirins” eram encarados como seres “destruidores” e “desestabilizadores” das normas - e que, conseqüentemente, precisavam ser contidos. Nessa mesma época, por exemplo, para os religiosos, as crianças tinham “propensão ao pecado e suscetibilidade à possessão demoníaca” (TUAN, 2005, p. 46). Por isso, era comum “exorcizar o demônio como parte do rito batismal” (TUAN, 2005, p. 47). Não é à toa o desenvolvimento de uma gama de histórias, lendas e mitos assustadores, além de aparelhos de correção de postura e conduta, colocados no corpo da criança em caso de “mau-comportamento” ou indisciplina.

Contudo, segundo Tuan, os agentes responsáveis por constantemente colocarem a ordem e o equilíbrio em risco não eram compostos simplesmente por meras crianças, e sim por “forças de desordem e de caos”, provenientes tanto dos fenômenos da natureza quanto das ações humanas. Em contrapartida a ditas “forças”, os indivíduos desenvolveram uma série de mecanismos com o objetivo de controlá-las e intentarem conservar a estabilidade da organização social. Dessa forma, para o cientista, tanto as manifestações das “forças do caos”, quanto os intentos de ordenamento produzidos pelo homem – tais quais as construções da engenharia e as possibilidades de punições ou castigos em caso de inobediência aos regulamentos sociais consolidados - formam o que o autor designa de “paisagens do medo”, que podem ser mentais (psicológicas) ou materiais (fisicamente concretas). A expressão “paisagens do medo” sugere, portanto, a “visibilidade do medo”, ou do agente desencadeador do medo.

De acordo com Tuan, as “paisagens de medo” estão em todos os lugares, de maneira que já teriam sido, inclusive, incorporadas aos hábitos e ao cotidiano dos indivíduos, variando conforme fatores que vão desde a ocasião temporal à faixa etária, passando pela cultura dos sujeitos ponderados. Assim, um céu muito escuro prenunciando uma tempestade, uma masmorra ou prisão rememorando a existência de penalidades em caso de faltas ou desvios às regras, um mar revolto, uma força anunciando sentenças, uma densa e “incivilizada” floresta, a escuridão e a respectiva perda de parte das noções dos sentidos, uma sediciosa população em vias de rebelião, todos eles, dentre outros, ilustram algumas das muitas e imaginárias “paisagens do medo”.

A partir dessas distinções e demais apontamentos, delineamos, a seguir, alguns dos principais medos (ou paisagens do) observados nas populações ocidentais, em cada uma das fases propostas por Riesman, buscando encontrar, no presente, eventuais resquícios dos temores das respectivas épocas.

## **2.1 Os medos dos tradicionais-dirigidos**

Segundo Riesman, o ciclo inaugural fora maiormente presenciado durante a pré-modernidade, mais exatamente na Idade Média. Trata-se de um período em que os conceitos em voga se mantinham praticamente imutáveis, sofrendo leves modificações após largos intervalos de tempo. Por conseguinte, as inovações se constituíam como agentes desestabilizadores do padrão vigente. Ou seja, nessa fase “a mudança, embora jamais esteja completamente ausente dos negócios humanos, é retardada, como o é o

movimento das moléculas a baixa temperatura” (RIESMAN, 1995, pp. 76-7). Semelhante conclusão foi alcançada pelo historiador Jean Delumeau em suas pesquisas sobre as sociedades medievais. Em *História do medo no ocidente* (2009), o acadêmico defende a existência de uma espécie de “recusa do novo” entremeada na consciência dos mediévidos, assegurando ainda que “A mudança constituía para os homens de outrora uma perturbação da ordem; o inabitual era vivido como um perigo” (p. 82).

Em síntese, as novidades eram encaradas como inovações, que, por sua vez, acendiam um alerta, pois poderiam sacar os indivíduos do “caminho certo”. “Felizmente”, “a cultura, em acréscimo às suas tarefas econômicas, ou como parte delas, fornece ritual, rotina e religião para ocupar e orientar a todos” (RIESMAN, 1995, p. 75), impedindo um “desvirtuamento” em massa. Tamanho grau de dedicação à manutenção do *status quo*, aliado à mentalidade de que os indivíduos não eram isolados e/ou excluídos uns dos outros ou de seu meio, mas “faziam parte (de)”, de que tinham uma função específica a desempenhar de acordo com suas origens, induziu Riesman a alcunhar esse caráter social de “tradicivo-dirigido”, indicando as organizações compostas por indivíduos norteados por juízos considerados habituais e por preceitos com quais estavam acostumados e/ou já usuais.

Vivendo dentro de hierarquias milenarmente consolidadas, estratificadas basicamente entre nobres e servos ou plebeus, os traditivos nasciam com sua vida traçada conforme a procedência, ditada por seu lugar, papel e função social, confiando no ideal de *destino*. Ir na contramão de tal divisão, lutar em sentido oposto aos códigos respeitados e seguidos pela maioria, não corresponder aos padrões de conduta esperados outorgava uma enorme mancha em sua figura, maculando-a a partir de um dos maiores temores daqueles que viveram nesse tipo de sociedade: a vergonha (RIESMAN, 1995).

Fora o embaraço, pensadores como Delumeau e Tuan chamam atenção para uma série de outros temores dos povos pré-modernos. Para os cientistas, nesse período os receios emanavam principalmente daquilo de que não se tinha conhecimento, do desconhecido. Nesse sentido, um dos mais notórios mananciais de temores provinha da própria natureza, tal qual o mar, o local de onde, para os povos da época, vinham os males, desde as pestes até os invasores, dentre os quais os bárbaros nórdicos (DELUMEAU, 2009). Uma vez que fazia a ponte com o estrangeiro, o oceano unia a esquisitos e ignotos povos, comumente avaliados como exóticos, já que por ser “Aberto para o distante, o mar desembocava outrora em países insólitos onde tudo era possível e onde o estranho era a regra – um estranho muitas vezes assustador” (DELUMEAU,

2009, p. 70). O mar era qualificado, inclusive, tal qual um abismo disposto a devorar quem quer que nele se aventurasse. Sem embargo, o elemento água também gerava incômodo, estando associado à loucura, ao caos, à noite e mesmo à morte, o que era acentuado pelo fato dos humanos serem de culturas essencialmente terrestres.

Vê-se, por esses fatores, que desbravar o oceano era tarefa para os mais corajosos dos homens, bem como foram tidos os navegantes da expansão marítima e comercial, pois eram muitos os perigos que quiçá viessem a enfrentar em sua travessia rumo a uma terra ignorada, onde ainda poderiam se deparar com gente igualmente excêntrica e outros tantos perigos. Havia, outrossim, o temor em relação às tempestades repentinamente formadas, cuja origem se atribuía à obra de feitiçaria ou a ciladas de demônios, mais o pensamento de que o mar era o habitat de seres ameaçadores e de monstros, levando muitos a recorrerem a sacrifícios de animais para acalmá-lo e abrandar as águas. Sem contar o receio de se topar com algum “navio fantasma” em plena navegação. Em todos os casos, apelar aos santos era fundamental.<sup>25</sup>

Para Tuan, os medievos temiam largamente a natureza e suas variações (tais quais temporadas prolongadas de chuva e seca, ou de frio e calor), já que se tratava de fenômenos imprevisíveis, e, conseqüentemente, de fontes de insegurança. As forças da natureza, através de seres inanimados como demônios e espíritos, representavam ainda a malignidade humana, as quais poderiam agir com o mero intuito de causar espanto e medo. Ademais, não havia uma definição segura a respeito do que era uma vida. Desse modo, toda criação era dotada de essência, de forma que um indivíduo e um elemento natural qualquer estariam no mesmo patamar de existência.

Fora os oceanos, as populações medievais tampouco tinham as montanhas e as florestas como benquistas (DELUMEAU, 2009; TUAN, 2005), uma vez que na selva, por estar fora dos domínios humanos, muitos perigos poderiam estar à espreita, desde marginais escondidos, passando por bichos peçonhentos camuflados, dentre outros.<sup>26</sup> A

---

<sup>25</sup> Presentemente, o mar ainda se mostra ser uma “terra” cercada de contratempos, ilustrados, por exemplo: (a) pelas constantes investidas de piratas na região conhecida como “Chifre da África”, motivadas pela extrema pobreza da região; (b) por seu potencial destruidor, o lugar de onde vêm as ondas gigantes, os *tsunamis*; e (c) pelo pavor diante de uma possível elevação de seu nível em escala global, cujas conseqüências potenciais, segundo os acéticos das teorias do aquecimento global, seriam catastróficas - desde inundações de baixadas litorâneas inteiras à destruição de costas, o que comprovaria que as eventuais implicações das alterações climáticas ignorariam tanto a localização quanto o poder econômico das regiões.

<sup>26</sup> Nas produções midiáticas recentes, as florestas parecem ter herdado ou mantido esse imaginário de “lugar de perigo” e moradia de entes horrendos, caso, por exemplo, das películas “Bruxa de Blair” e “Troll”. Não obstante, a ficção mais notória nesse âmbito quiçá seja o romance “Frankenstein”, do século XIX, já que a floresta servia de moradia à horrenda criatura do ambicioso Dr. Frankenstein.

mata convinha, até mesmo, de moradia e esconderijo ao mais temido dos mamíferos: o lobo (DELUMEAU, 2009). Indício de penúria e companheiro da fome e da guerra, a ponto de os moradores dos vilarejos se organizarem constantemente em sua matança, dito animal, do qual derivaria o lobisomem - uma criatura maléfica, metade homem, metade lobo -, era artiloso, capaz de esperar o momento exato para atacar. Apenas seu uivo já assustava. Não é em vão que a cultura popular desenvolveu vários contos no qual a figura do vilão era atribuída ao lobo, dentre eles “Chapeuzinho Vermelho” e “Os três porquinhos”, traduzindo e apregoando o pavor dos sujeitos da época em relação a tal mamífero.

Mais do que abrigo para lobos, a floresta medieval também convinha como espaço de acolhida a fantasmas, espíritos, espectros, almas e vampiros (DELUMEAU, 2009). Os mortos, aliás, eram outra mina de medos. De acordo com o juízo da época, os defuntos poderiam permanecer frequentando os locais que costumavam ir em vida. Assim, as tumbas eram tampadas e protegidas ao máximo na esperança de que o espírito do falecido se quedasse definitivamente “descansando em paz”, especialmente durante a noite, que, a propósito, era igualmente temida. O medo da noite, porém, provinha do receio de que com o poente o sol talvez jamais retornasse (DELUMEAU, 2009; TUAN, 2005). Noite, portanto, era sinônimo de escuridão e trevas, que, por sua vez, em virtude da perda de referências, significavam perigo, ameaça e fragilidade. Durante o crepúsculo, era possível ocorrer um leque de males, tal qual a aparição de assombrações, a formação de tempestades, a caça das alcateias de lobos por alimentos, a busca dos vampiros por sangue. (Vide *Drácula*, famoso romance de autoria de Bram Stoker, guiado pelos mitos acerca dos vampiros.)

Há séculos, por acreditarem conduzir e/ou influenciar o destino dos homens e a vida na Terra, as próprias estrelas causavam temor. A passagem de cometas e corpos celestes, por exemplo, servia de indicativo para maus-agouros e indícios de desgraça, bem como os eclipses sinalizavam adversidades (DELUMEAU, 2009; TUAN, 2005). Longe de inspirar paixões, até o satélite natural da Terra despertava desconfiança. Uma vez que não se conhecia muito sobre a lua, e por conta da instabilidade de suas fases e formas, a mesma exprimia desordem, era uma “enganadora”, vinculada à loucura e à desgraça, e, por isso, tinha relações com o inferno (DELUMEAU, 2009). Diferentemente do sol, que ao menos se mantinha estável em seu ciclo, apesar de também ser temido, já que se por um lado dava condições à vida, quando em excesso ou ausente poderia sacá-la (TUAN, 2005). Evidencia-se, dessa maneira, a grande questão

dos medos dos povos pré-modernos: o desconhecimento acerca dos fenômenos e processos naturais (DELUMEAU, 2009; TUAN, 2005).

A lua estava relacionada até com o surgimento de um dos maiores ensejos de pânico coletivo da Idade Média: as incidências de peste (DELUMEAU, 2009), cuja ocorrência se constituía como uma verdadeira desgraça, gerando tanto problemas sociais e econômicos, quanto psicológicos. (Os surtos e suas terríveis consequências inspiraram, inclusive, o romance *A peste*, de Albert Camus.) Causada por pulgas de rato, a recorrente praga tinha começo repentino e depressa se espalhava por entre os indivíduos, sobretudo nas cidades e demais aglomerações onde as populações mais se concentravam. Embora não poupasse ninguém, a epidemia abatia especialmente aos mais pobres, às mulheres e às crianças, isto é, aos que viviam nas mais baixas condições da sociedade.

A enfermidade com potencial suficiente para dizimar populações inteiras era vista ora tal qual uma maldição provinda do exterior, ora tal qual uma punição divina. Seu impacto era tão amplo que sitiavam a cidade afetada. Colocada em quarentena, interrompiam seu fluxo comercial, promoviam matanças de animais, bem como se dava o afastamento quase instantâneo entre os não contaminados e os achacados; mesmo médicos e cirurgiões atendiam mantendo certa distância. E se de um lado aparecia uma grande variedade de medicinas milagrosas, amuletos, talismãs e toda gama de filtros ofertados por charlatães, do outro a sociabilidade era esquecida, a rotina abandonada, os ritos olvidados, a perspectiva em relação ao futuro perdida e a sensação de desesperança se apoderava dos cidadãos.

Em meio ao flagelo, abriam-se valas-comuns, já que permeados no caos e na emergência as populações precisavam se livrar o quanto antes dos corpos das vítimas, os quais se decompunham em plena rua juntamente com restos de animais. À medida que a situação se agravava e o pânico se instalava, numa típica situação em que se realçava a figura dos covardes e dos heróis, muitos viam na libertinagem a única saída, atirando-se ao desalento, bebedeiras ou promiscuidades, auxiliando a suavizar o martírio – ou ao menos a suscitar dita sensação –, pois a impressão de impotência e angústia, associada à desestruturação dos relacionamentos pessoais, provocava quadros de

loucura e cólera grupal, confluindo em episódios de imoralidade e saques. Na pior das hipóteses, o suicídio.<sup>27</sup>

Ao cessamento da epidemia da peste negra, iniciava-se uma verdadeira saga em busca dos culpados. Para Delumeau (2009), as populações medievais geralmente atribuíam ao surto bubônico três prováveis justificativas: (a) corrupção do ar, uma explicação natural, ocasionada por agentes celestes; (b) contágio voluntário, ou seja, um agente espalhara propositalmente a doença, implantando a tragédia; e (c) vingança de Deus, castigando a localidade por conta de seus erros e pecados. Nesse caso, o jeito era retomar a rotina de sacrifícios, jejuns, procissões, votos, preces e missas. Já para (b), somente a nomeação do “bode expiatório” poderia abrandar uma população sedenta por justiça, expressando, de tal modo, a necessidade grupal em alcunhar os culpados pelas malesas ocorridas. Uma vez que o causador da desventura deveria ser devidamente denunciado e punido, encontrá-lo era inevitável, até mesmo para o restabelecimento do alívio coletivo, demonstrando, por fim, que a prática de lesar aos outros não seria admitida na região.

Os principais suspeitos eram (como sempre) os “não integrados”, isto é, os marginais, os leprosos, os estrangeiros, os viajantes, os feiticeiros, os judeus etc. Interessante intuir que, no século XXI, nossos “bodes” continuam praticamente os mesmos dos de antigamente. Claro que variam conforme a cultura da localidade. Porém, grosso modo, os “culpados” coevos são, dentre outros, especialmente: os moradores de rua (“errantes” e “vagabundos”); os sem-teto (“alheios ao trabalho” e “vadios”); os favelados (“arruaceiros” e “maculadores da cidade onde vivem”); os negros (“intelectualmente inferiores” e “incivilizados”); os muçulmanos (“fanáticos” e “propensos a cometerem ações terroristas”); os judeus (“avarentos” e “mesquinhos”); os pobres (“gentalha” e “ralé”); e os imigrantes (“delinquentes”, “foragidos” e “ladrões de empregos”).

Outro dos medos listados por Delumeau (2009) advinha das sedições, notadamente a partir da propagação de um rumor, o qual surge “sobre um fundo prévio de inquietações acumuladas e resulta de uma preparação mental criada pela

---

<sup>27</sup> No século XXI, os surtos de doenças ainda são capazes de semear verdadeira atmosfera de pavor, sobretudo quando a mídia assume o papel das Erínias contemporâneas. Em 2003, por ilustração, os meios de comunicação propagavam com grande alarde o aparecimento da Gripe Aviária, detectada no sudeste asiático, gerando enorme reboiço. Sem embargo, como nas novelas, a reprise no “vale a pena ver de novo” se deu um par de anos depois, ao presenciarmos os periódicos e noticiários divulgarem, outra vez com bastante estardalhaço, o “iminente perigo” de outra epidemia gripal, oriunda do México e batizada Suína, reacendendo o pânico global.



convergência de várias ameaças ou de diversos infortúnios que somam seus efeitos” (DELUMEAU, 2009, p. 269). Eram vários os pretextos para os boatos, como especulações sobre o aparecimento dos “bota-fogos”, errantes, vagabundos e ladrões de crianças. Contudo, temia-se principalmente a incidência de um tributo sobre a vida. O fisco, aliás, era um motivo e tanto a se recear, pois qualquer elevação na cobrança dos impostos poderia desencadear uma verdadeira epidemia de fome nas populações mais carentes.

O “diz-que-diz-que” medieval, no entanto - desencadeado, em grande parte, pelas mulheres, quem primeiro “percebia” as ameaças e logo as alastrava -, funcionava tal qual um tipo de exorcismo das angústias e confissão das paranoias, já que identificar o “risco” clareava as ideias e conferia alívio coletivo. Conscientemente ou não, tratava-se de um escape da monotonia cotidiana, o qual gerava comoção grupal, reunia a comunidade, e, de quebra, suscitava o sentimento de confiança entre os indivíduos. Contudo, uma sedição não estaria completa se não realizassem a caça aos “responsáveis”, seguida de sua devida penalidade. Novamente, os “bodes expiatórios” da vez variavam conforme o delito sobre o qual se desconfiava. Quando o ocorrido escapava às explicações “naturais”, por exemplo, só poderia ter sido obra da interferência de divindades maléficas, uma vez que “o que não parecia natural logicamente não se podia explicar-se senão por intervenção supra-humana” (DELUMEAU, 2009, p. 558). Logo, àquilo que não se lograva atribuir uma justificativa coerente é porque deveria ser uma artimanha de Satã e seus perniciosos representantes em Terra.

Sem dúvidas, o Diabo fora um dos maiores mananciais de medo dos povos medievos. Lúcifer, ademais de seus feitos diretos, agia ainda por meio de seus intermediários. De tal modo, os “marginalizados” eram comumente designados de “agentes de Satã”, como o idólatra, o feiticeiro e a mulher - esta última, de acordo com a visão da época, era nada muito além do que um “Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, [...] acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte” (DELUMEAU, 2009, p. 468). Na verdade, Satanás representava muito mais do que apenas algo a se temer, instituindo uma bem-sucedida legitimação às ações contra aqueles classificados como “inimigos”, evidentemente combatidos em nome de Deus.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Hoje, aos mais céticos, um mísero *click* no controle remoto seria o suficiente para constatar que o “Príncipe das Trevas” ainda é demasiado temido. Pois o que não falta nas redes de TV são programas de

Mas não é só a Satã que se receava. Deus igualmente despertava medo. Ao temê-lo, entretanto, o melhor a se fazer era agradá-lo (DELUMEAU, 2009). Uma vez que de uma divindade caridosa, bondosa, piedosa e misericordiosa, quando contrariado fatalmente demonstraria seu lado esmagador, árduo, duro e insensível, assistindo à destruição da Terra e ao sofrimento da humanidade ímpia, sem dó nem compaixão. Deus teria então duas faces: poderia ser tanto amável e clemente, como vingativo e tirânico, se encolerizado. Um “pai”, que tanto protegia e amparava aos seus filhos, quanto lhes descarregava o peso de sua onipotente mão. Tal imaginário fora divulgado, sobretudo, no último dos cânones da Bíblia, o Apocalipse, o qual, resumidamente, seria uma revelação de Deus a Jesus Cristo, cuja escrita é atribuída a São João, para mostrar ao mundo aquilo que deveria acontecer “brevemente”. Desse modo, o livro da Revelação expõe tanto uma nova face de Deus como o tipo de punição que os povos deveriam esperar se vivessem em iniquidade.

Basicamente, o apelo da Bíblia consiste na aceitação de quatro “passos”, em um tipo de “caminho de redenção” rumo à eterna vida no paraíso: (a) voltar-se para Deus; (b) arrepender-se dos pecados; (c) aceitar Jesus como Messias; e (d) batizar-se nas águas. Consoante as profecias apocalípticas, no “início do fim”, haveria uma separação entre os “pecadores”, marcados por Satã e levados consigo diretamente para o “Reino do Subterrâneo”, ou inferno, e os “escolhidos” por Deus, aqueles que teriam acatado os quatro passos. As parábolas prosseguem com a pormenorizada descrição de uma sucessão de tragédias e desgraças de toda ordem, desencadeadas a partir do toque individual e gradual das “sete trombetas”.

O fato é que com o correr dos séculos, o medo do fim do mundo – obviamente não originado por esses escritos, já que as populações pensam e calculam eventuais datas para o “armagedon” com uma assiduidade espantosa -, soma-se ao pavor de descontentar ao “Criador”, o qual se converteria em um “Destruidor”, pois “A ideia de que a divindade pune os homens culpados é sem dúvida tão velha quanto a civilização”

---

“pastores-celebridades” proclamando os malefícios causados pelo demônio no nosso dia-a-dia, prometendo, na continuidade, a “libertação” dos sofrimentos e a “salvação” de “males” como a homossexualidade, a paraplegia, dores e enfermidades diversas, dentre as quais prisão de ventre (de acordo com o relato de uma senhora curada graças ao “travesseiro de Jesus”) e mesmo dívidas bancárias (já que ao descobrir que não estava mais em débito, outro fiel arrogou a quitação a Jesus). Aos não agraciados e desejosos por serem “tocados” pela proteção e graça divinas, segundo um desses pastores, bastaria adquirir o “carnê das grandes conquistas”, através do qual você e sua família seriam contemplados com milagres - desde que paguem em dia uma quantia mensal -, numa lógica que parece beirar os indultos aos pecados vendidos pela Igreja nos anos prévios à Reforma.

(DEMUMEAU, 2009, p. 335). É a máxima expressão do “Deus, quem não mata, castiga”.

Os medos dos povos pré-modernos provinham, portanto, sobretudo do desconhecido, ou seja, daquilo de que não se tinha conhecimento e, por isso mesmo, não se podia explicar pela via racional e/ou científica, especialmente no que concerne aos fenômenos naturais. Diferentemente dos medos da fase seguinte, da introdução, quando os temores emanaram não só a partir de fontes externas aos indivíduos, mas também internas; em outros termos, psicológicas.

## 2.2 Os medos dos introdirigidos

Nos últimos anos pré-modernos, o sociólogo Norbert Elias (1994) constatou que estava havendo uma transição de *ethos*, diretamente relacionada com o desencadeamento do movimento Iluminista e a formação dos Estados Modernos, os quais teriam sacramentado o estilo de vida dos tempos medievais, ao mesmo tempo em que “abriram as portas” a uma nova maneira de lidar com a realidade, já que o “Esclarecimento” teria sacado o homem das “trevas da ignorância” através da racionalização dos fenômenos da existência, desmistificando-a, e este centralizado tanto os tributos quanto a força física, monopolizando-os. De acordo com o autor, a detenção sobre o controle da violência pelo Estado teve grande reflexo e repercussão sobre os indivíduos da época, pois

graças à formação de monopólios de força, a ameaça que um homem representa para outro fica sujeita a controle mais vigoroso e tornou-se mais calculável. A vida diária torna-se mais livre de reviravoltas súbitas da sorte. A violência física é confinada aos quartéis de onde irrompe apenas em casos extremos, em tempos de guerra ou sublevação, penetrando na vida do indivíduo. (ELIAS, 1990, p. 200)

Para Elias, a passagem do *ethos* medieval ao moderno assinala o que designa de “processo civilizador” (1994). A rigor, isso significa que a partir desse momento o emprego da violência geraria consequências coercitivas, punitivas e/ou estigmatizantes aos indivíduos. Ao contrário do que sucedia na Idade Média, quando “a pilhagem, a guerra, a caça de homens e animais – todas estas eram necessidades vitais que, devido à estrutura da sociedade, ficavam à vista de todos. E assim, para os fortes e os poderosos, formavam parte dos prazeres da vida” (ELIAS, 1994, p. 191). A emersão dessa visão de mundo estimulou a substituição da espada e da força física pela palavra e a intriga,

induzindo a moderação dos comportamentos, das reações e das emoções espontâneas, “refinando” os modos e as atitudes dos sujeitos.

Desde então, ser forte e destemido não outorgava mais tanto prestígio, conferido principalmente em virtude da riqueza acumulada. Todavia, alguns dos receios dessa época permaneceram os mesmos dos medievais, como o temor da vergonha e o da desonra, ambos levando à degradação social. Entretanto, o fundamental dos câmbios fora o fato de que os medos deixaram de ser motivados basicamente por fatores de origem externa, acendendo também a partir de fontes internas, ou seja, derivadas do cerne do próprio indivíduo. Tal quadro se fortaleceu após a eclosão da Revolução Industrial Inglesa e das Revoluções Liberais do século XVIII, cuja maior consequência foi a derrubada dos regimes monárquicos e a abertura da Era Moderna.

Foi de permeio a dito contexto de intensas e profundas mutações nas estruturas societárias que para Riesman deu-se a transição ao segundo modelo de caráter social com que trabalha, caracterizado pelo declínio dos valores pregados pelos traditivo-dirigidos (dentre os quais a coletividade, o destino e a rotina) em compasso com a ascensão do resguardo dos sentimentos e das emoções, concentrados no cerne dos indivíduos, que se voltariam ao próprio âmago, o lugar onde se localizava o “magma” constituinte do caráter e da essência pessoal de cada um. Iniciava-se a fase da introdução (RIESMAN, 1995), cujo ápice se localiza no século XIX, assinalada pelo afloramento da peculiar capacidade de estabilidade emocional desenvolvida pelos sujeitos, os quais encontravam, com relativa habilidade, um ponto de equilíbrio entre as demandas externas e os preceitos internos, levando o autor a simbolizá-los tais quais “caleidoscópios psicológicos”.

Se por um lado seria equivocado acreditar que com esse rearranjo teria havido o simples abandono dos valores precedentes, por outro, ao afrouxar os homens das amarras da tradição, essa fase marcou a maior e mais abrangente injeção de autonomia individual da História ocidental, colocando em cena o ideal de “autoconstrução de si” - evidentemente ainda sem as inúmeras e variadas possibilidades disponíveis no presente. Sem embargo, para sujeitos acostumados a uma maçante e praticamente imutável rotina, tal feito fora um inegável e formidável câmbio. Consecutivamente, várias das visões de mundo remanescentes, algumas das quais milenares, principiaram a serem consideradas arcaicas, sendo substituídas e/ou remodeladas por princípios mais adequados à nova realidade.

Simmel (1998) identifica que, nesse ínterim, houve, outrossim, uma mutação na maneira com a qual os indivíduos se enxergavam. A velha ordem em que todos eram comuns uns aos outros, estruturada por um tipo de organização na qual os sujeitos se sentiam membros de uma coletividade com fins compartilhados, geralmente determinados pelo senhor feudal, aposentava-se em prol de uma visão em que cada um seria seu próprio senhor, implicando, conforme o sociólogo, na emersão dos indivíduos “qualitativos”, diferenciados e particularizados em *pessoas*, os quais se miravam como singulares, individuais, idiossincráticos, distinguidos dos demais pela montagem de seu próprio plano e projeto de vida, embasados em decisões autônomas, construindo seu futuro com ampliada independência e liberdade de escolha quando comparado aos sujeitos do período antecedente.

Contudo, se as sociedades pré-modernas ou tradicionais engessavam as possibilidades de seus membros, predeterminando seu destino, ofereciam, por outro lado, a comodidade de acolhê-los, já que dentro de sua lógica ninguém era considerado “desnecessário” ou sem função a desempenhar, havendo um “lugar” no grupo cômpar para todos. No máximo, rechaçavam-se os indivíduos em virtude do descumprimento dos códigos sociais vigentes. Ao contrário do mundo da introdução, quando o sujeito tinha de calcar e conquistar um espaço por si só, desfrutando, porém, de “livre-arbítrio”. Em dita situação, o medo da vergonha, consoante notado nos tradicionais-dirigidos, deslizou em direção ao temor da culpa (RIESMAN, 1995). Pois, se outrora o título de nobreza se fundava em um precioso mecanismo denotador de privilégios e status, juntamente a uma ostentada postura de requinte, a partir desse instante a distinção ficou a cargo da escolha de uma carreira, valorizada tal qual uma qualidade, e, principalmente, pelo sucesso financeiro. Consequentemente, temia-se fracassar perante as decisões – não mais impostas por terceiros, mas adotadas pelo próprio sujeito -, portanto não obter êxito na vida, uma vez que a conta pela “falha” recairia única e exclusivamente em suas costas.

A própria ideia de constituição familiar se modificou, idealizando-se na formação composta por pai, mãe e filhos, fazendo com que as residências se adaptassem a esse novo planejamento nuclear. Logo, propriedades super-habitadas, mesmo que enormes, prontamente sucumbiram em prol das moradas reservadas ao uso exclusivo dos clãs, trazendo consigo adjetivos como lar, conforto e domesticidade (SIBILIA, 2008b). Aliás, os indivíduos da época foram se tornando ávidos por privacidade, sendo cada vez mais latente a pulsão pelo recolhimento no interior de si e a demanda por um

recanto dedicado à quietude e à solidão. Em outras palavras, um recinto que possibilitasse o isolamento em relação aos demais. Virginia Woolf, no romance *Um teto todo seu*, chegou a sinalizar dita necessidade afirmando que um dos motivos pelos quais as mulheres ainda não haviam escrito romances de grande apreciação literária fora por que não dispunham de um cômodo só para si. Mais precisamente um quarto próprio onde pudessem nutrir sua subjetividade, notadamente através de escritas íntimas, tais quais diários e cartas, verdadeiros desabafos pessoais que deveriam permanecer secretos, uma vez que apenas o desconfiar do conhecimento acerca do conteúdo dessas sacralizadas páginas por outrem era suficiente para despertar pavor em seu autor. Não é à toa que comumente encontravam-se protegidos por cadeados.

A inflação dos âmbitos privados veio escoltada pela indiferença em relação aos locais públicos, expressando a manifesta divisão entre ambos os espaços. Em concomitância à tomada dos ambientes privados como refúgios pessoais, os públicos eram considerados locais de perigo, onde tanto o homem quanto a mulher corriam o risco de enfrentarem uma série de adversidades, sendo aquela possível vítima de “desgraças” contra sua virtude e este “corrompido” por tendências imorais e depravadas (SENNETT, 1995). Em público, havia ainda o perigo da exposição involuntária de detalhes privados por meio de ato falho. Dessa maneira, a vida particular deveria ser ocultada ao máximo, e os melhores escudos encontrados pelos sujeitos da época foram o silêncio - constituindo o que Richard Sennett (1995) indica de “paradoxo da visibilidade e do isolamento” (ou “paradoxo do isolamento e da visibilidade”), já que quanto mais o indivíduo era visto, mais se calava, quanto mais circulava publicamente, mais se mantinha apático em relação aos demais -, bem como o uso de “máscaras sociais”, espécie de camuflagem e blindagem da vida privada, ocultando-a.

Quando em público, os indivíduos expunham sua *personalidade*, a qual diferentemente do *caráter* localizava-se visível e estampada nas camadas de superfície da pele, através do figurino, maquiagem, penteado etc., pois “a aparência é um disfarce do âmago individual, real e escondido” (SENNETT, 1995, p. 106), assim devendo permanecer. A personalidade, por sua vez, distinguia-se do caráter porque enquanto este era mantido com certa estabilidade, aquela estaria sujeita a câmbios e ajustes, em consonância com as situações e circunstâncias, dispondo, por conseguinte, de alta capacidade de maleabilidade e adaptação. De tal forma, “O medo dos outros como desconhecidos inspirava observações como a de Chesterfield, de que ‘nunca se pode

manter os assuntos privados de cada um suficientemente em segredo” (SENNETT, 1995, p. 87).

Foi nesse momento histórico e com esse contexto privatizante que nasceu o conceito de intimidade (SENNETT, 1995; SIBILIA, 2008b), desenvolvido e cultivado tal qual um tipo de mecanismo de defesa psicológica com que os sujeitos tanto se protegiam (quando em público), quanto se cultivavam (quando em privado), nutrindo a subjetividade que, ademais de introdirigida, também é apodada de *Homo psychologicus* (BEZERRA JR., 2002) ou *Homo privatus* (SIBILIA, 2008b), norteadas pela interiorização e pela valorização de juízos como a poupança (em vez do desperdício), o planejamento (em vez do acaso), a contenção (em vez do exagero) e o acúmulo (em vez do descarte). Assim, à medida que o medo transitava do âmbito da natureza para o cultural, Sennett assevera que se constituíam as “tirantias da intimidade” (1995), justamente pelo excesso de cuidado e apego em relação aos assuntos da vida íntima em contrapartida com a postura de apatia dos sujeitos com os assuntos públicos. Segundo Sennett, na verdade, ainda viveríamos os efeitos desta sociedade de cunho intimista, uma vez que “O século XIX ainda não terminou” (1995, p. 44), indo de encontro ao pensamento de Riesman (1995), para quem em meados do século XX teria havido a emergência de um terceiro tipo de caráter social (o qual veremos a seguir).

Importante ressaltar que o medo acerca dos recriminados espaços públicos, no século XIX, pautou-se, principalmente, no exponencial crescimento das cidades e suas populações, ao longo da fase industrial do capitalismo. Como resultado, formaram-se as primeiras metrópoles globais, onde os sujeitos aprenderam a conviver com a dimensão do anonimato, divergindo da rotina dos feudos em que todos, de certa forma, conheciam-se mutuamente. Conseqüentemente, a cidade logo foi associada à morada ideal dos delinquentes, os quais não encontrariam muita dificuldade nem para cometerem delitos nem para se ocultarem, logrando-o às vezes somente ao se misturarem à multidão. Imaginário absolutamente distinto do momento em que as cidades foram idealizadas, na Antiguidade, quando concebidas tal qual uma tentativa da engenharia humana de dominar o caos da natureza e sua imprevisibilidade. Desse modo, dos ideais de lugar com ordem perfeita, harmônica e segura, as urbes passaram a ocupar os imaginários de um ambiente perigoso, desordenado e perturbador, seja pelos transtornos causados pelos estridentes ruídos, seja pelos contratempos do trânsito ou pelos riscos de incêndios (TUAN, 2005).

Em um espaço tão hostil e arriscado, ninguém se sentiria totalmente à vontade, pois qualquer indivíduo poderia ser um marginal à espreita e/ou representar uma ameaça em potencial, sobretudo após o episódio do “Jack, o estripador”, famoso matador de prostitutas dos sórdidos e escuros becos londrinos que supostamente teria adotado a rede de esgoto como esconderijo e rota de fuga. Apesar de terem sido cinco as estimadas mortes cometidas pelo homicida, o que mais desperta atenção no caso é que, até hoje, o acontecimento permanece sem solução e o autor dos crimes um enigma. Esse acontecimento, a propósito, serviu de inspiração para Robert Louis Stevenson tecer o conto *Markheim*, cuja trama procura recriar o clima de desconfiança e aleatoriedade pairantes e predominantes no cotidiano dos habitantes das grandes e modernas metrópoles, simbolizado na figura de um comerciante, vítima de um criminoso em plena noite de Natal.

Ao âmbito privado, portanto, culturalmente se conferia valor moral superior, o local destinado ao cultivo de si e à individualidade, constituindo-o tal qual uma espécie de abrigo contra os estorvos e empecilhos dos sítios públicos, graças às suas densas, grossas e opacas paredes. A vida pública, em compensação, era tida como uma mera obrigação formal. Enquanto o espaço privado se firmava tal qual o lugar do caráter e da introspecção, o público se ligava à experiência da personalidade e da interação, fomentando o desenvolvimento de uma sociedade intimista na qual “todos os fenômenos sociais, por mais que fossem impessoais em sua estrutura, eram convertidos em questões de personalidade, com a finalidade de adquirirem um sentido” (SENNETT, 1995, p. 271). Do contrário, as ocorrências dos âmbitos públicos facilmente passariam inertes e indiferentes aos indivíduos.

Em paralelo, a circularidade e as experiências urbanas dos sujeitos sofreram amplos impactos com o advento dos magazines, pois, conforme demonstrado por pesquisadores como Sennett (1995) e Singer (2004), mais do que fazer compras, ir a esses estabelecimentos se fundamentava em uma verdadeira opção de lazer, derivada exatamente do estigma infligido aos ambientes públicos. Tais lojas vendiam muito mais do que mercadorias - dispostas harmoniosamente em gôndolas, normalmente separadas por seções, vitrines altamente elaboradas e fachadas esplêndidas -, mas, sobretudo, a sensação de proteção, particularmente às senhoras. Ao menos fora assim que construíram sua imagem (ou marketing), uma vez que se apresentavam como um refúgio, praticamente uma extensão da residência das mulheres da época quando nas ruas, um ambiente onde, por ilustração, poderiam se encontrar com as amigas para uma



aprazível tarde de chá, desfrutando das benesses de um recinto bem iluminado e frequentado.

Os magazines suprimiram, inclusive, a (entediante) relação entre vendedor e comprador, impulsionando a venda pela modalidade do autosserviço, além da prática de negociação dos preços, já que o valor dos produtos os acompanhava visível e estampado em etiquetas (LIPOVETSKY, 2007). Dessa forma, os consumidores trocavam a argumentação e a descrição dos vendedores pela afinidade, confiança e/ou identificação com as marcas, as quais, até os dias hoje, ao serem impregnadas de simbolismos, são estimadas tal qual um dos mais poderosos mecanismos de prestígio, status e distinção social.

Ainda em se tratando dessa época, mais precisamente do início do século XX - momento que começou a fincar os mais primordiais e elementares movimentos, preceitos e fatores que algumas décadas depois se amalgamaram na transição entre o tipo introdirigido e o ulterior modelo de caráter social a se tornar predominante, especialmente em decorrência da *Belle époque*, como veremos no próximo item -, deparamo-nos com um peculiar periódico da cidade de Manaus, autointitulado de “órgão litterario-critico-humoristico” que “Tudo vê; Tudo sabe; Tudo informa”, o *Pathé Journal*<sup>29</sup>, cujo lançamento gozou de bastante êxito na capital do Amazonas, ao menos se considerarmos uma nota publicada por seus redatores.

A nossa circular de agradecimento

Não podemos deixar na penumbra e muito menos negar a satisfação que nos vae n'alma, num frêmito de expansiva alegria, pela acceitação que teve do benévolo publico amazonense o *Pathé Journal*, periódico dedicado a divertir ao povo e a mocidade estudiosa, illustrada e do *bom tom*, que bem sabem comprehender o espírito da critica leve e alegre, jocosa, humorística, pilherica, bem dita e sem offensa a quem quer que seja, para desopilar certos momentos de enevardas aguras da vida. [...]

Fonte: *PJ*, Manaus, 5 jul. 1913, p. 1. Grifos do autor.

Porém, à medida que o “publico amazonense” foi se deparando, edição após edição, com colunas tais quais “Diz-se”, “Comenta-se”, “Quem é?”, “Vamos descobrir...” e “Encabulamos”, nas quais os jornalistas comentavam, expunham, apontavam e/ou denunciavam episódios ou práticas tidas como moralmente

<sup>29</sup> Consultamos todas as edições do *Pathé Journal* disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Destacamos que há espaços temporais relativamente longos em que não houve a publicação do periódico. As edições encontram-se nos seguintes intervalos: de Julho a Outubro de 1913; de Janeiro a Abril de 1914; Maio de 1915; e Setembro de 1922. Obs: As referências ao *Pathé Journal* serão feitas no seguinte formato: *PJ*.

“inadequadas” ou “inapropriadas”, com direito à exposição de particularidades e/ou acontecimentos a respeito da vida particular dos habitantes de Manaus, mais do que comicidade, o jornal acabou suscitando medo. O próprio *Pathé* não só o sabia, como o difundia em suas páginas. A coluna “Diz-se”, por exemplo, chegou a publicar “que as meninas da rua dos Remédios estão com medo de conversar com os namorados por causa do PATHÉ”<sup>30</sup>. Em outra edição, o jornal noticiou que “uma senhorita da Joaquim Nabuco faz promessas todos os dias a S. Christóvam, para não sahir no *Pathé*”<sup>31</sup>. No número posterior, o periódico aconselhou “Haroldo”, quem “está com um adeantado namoro com uma alumna da Normal, residente á rua 10 de Julho”, a ter “*cuidado com o Pathé*”<sup>32</sup>.

Através de suas publicações, dentre muitas outras, podem ser lidas situações tais quais: “É difícil... O Arlindo tomar banho”<sup>33</sup>; “Encabulamos... Com o namoro escandaloso de uma certa mocinha da casa de um clinico na 24 de Maio”<sup>34</sup>; e “Comenta-se que o E.C., deixou a namorada, outra vez. Arre!...”<sup>35</sup>. Vê-se, portanto, que o *Pathé* se portava tal qual um verdadeiro “guardião” da moral e dos bons costumes dos manauaras. Por esse motivo, eis um jornal o qual faz questão de esclarecer que “não atende a pedido de coiós, nem tão pouco encobre certas coisinhas que se passam pela cidade”. De modo que, “quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle”<sup>36</sup>.

Entretanto, mais do que aos “maus hábitos” dos amazonenses, o *Pathé* igualmente se voltava àqueles que classificava e/ou considerava “feios” (poder-se-ia identificar, aqui, algum vestígio ou esboço do fenômeno do “culto ao corpo”, tão instigado pela mídia, atualmente?). Na edição do dia 5 de julho de 1913, por ilustração, em uma seção especial nomeada de “Preparados pharmaceuticos” (p. 2), o periódico propagou ofertas de “milagrosas soluções” (do “pharmaceutico do PATHÉ JORNAL”), dentre as quais constavam a “Pomada Bonita, para curar a feiura e velhice, em 3 dias, sem resguardo” e a “Locção para espichar cabelo de preto”. Todavia, embora no conteúdo difundido pelo *Pathé* a aparência já desponte tal qual um objeto digno de preocupação (e estigmatização), determinados “cuidados com a imagem” ainda não eram bem recebidos ou admitidos, por, de certa forma, desrespeitarem os valores

<sup>30</sup> *PJ*, Manaus, 5 jul. 1913, Diz-se..., p. 2.

<sup>31</sup> *PJ*, Manaus, 9 ago. 1913, Bigodinho Vae Dizer, p. 4. Grifo do autor. Obs: As referências ao *Bigodinho vae dizer* passam a ser feitas no seguinte formato: BVD.

<sup>32</sup> *PJ*, Manaus, 16 set. 1913, BVD, p. 2. Grifos nossos.

<sup>33</sup> *PJ*, Manaus, 30 jun. 1913, É difícil, p. 2.

<sup>34</sup> *PJ*, Manaus, 30 jun. 1913, Encabulamos, p. 4.

<sup>35</sup> *PJ*, Manaus, 12 jul. 1913, Comenta-se, p. 2.

<sup>36</sup> *PJ*, Manaus, 11 out. 1914, BVD, p. 3.

socioculturais partilhados no período. Um homem se maquiar, por exemplo, não era nada benquisto: “o Joel está virando cobra, pois não sahe de casa sem passar pó de arroz nas bolachas. Ora tenha vergonha que isso é feio”<sup>37</sup>.

Dentre as seções, a que mais parecia despertar pavor na população de Manaus era a “Bigodinho Vae Dizer”. Presente nas páginas do jornal até 1915, o teor das notícias veiculadas por “Bigodinho” tinha potencial o suficiente para criar um verdadeiro clima de pânico na localidade. Nada parecia escarpar ao alcance das vistas ou ouvidos de seus onipotentes repórteres: *namoros* (“um certo barbeiro, dos Educandos, tem um namoro, que já está se tornando cacete, pois em lugar de ir trabalhar, vive gargarejando na janella da casa das meninas. Ora seu raspa queixos vá amollar as suas navalhas que é muito mais útil”<sup>38</sup>); *paixões* (“o M.M.G. deu para se apaixonar por uma alumna da normal. Olhe seu coió, que menina não lhe liga. É bom tomar o xarope Pathê contra estas paixões extemporaneas”<sup>39</sup>); *rotinas* ou *costumes* (“na Luiz Antony existe um pessoal que segundo parece não tem que fazer em casa, pois vive constantemente na janella. Uma vassoura ou costura, não é mau”<sup>40</sup>); *segredos* (“o drr. Mario R. quer namorar com uma jovem da J. Nabuco. Cuidado senhorita que o menino é noivo”<sup>41</sup>); *traições* (“uma senhora da rua Municipal namora um rapaz e faz finca pé para outro que aparece na ausencia do primeiro. Coisas da epocha adiantada que vae correndo”<sup>42</sup>); *escândalos* (“nos Tócos os namoros são acompanhados de beijos e abraços, sendo até cousa muito commum aos olhos de quem passa. O nosso repórter tem até medo de andar por ali, pois podem enganar-se, em... pregar-lhe um beijo, no que elle ficaria bastante contrariado, pois é muito modesto e contenta-se só com uma boa prosa”<sup>43</sup>); *descuidos com a aparência* (“o Adenato da Cachoeirinha usa uma cabelleira immunda. É só ir ao barbeiro”<sup>44</sup>); *fofocas* (“uma menina da C. Clementino está doente e amarella de tanto namorar e de ficar noiva. Case-se logo, porque assim não vae das pernas”<sup>45</sup>); *promiscuidades* (“o Didi depois de muito lagrimar por causa da menina deu para se declarar a todas as moças com quem dança. E depois queixa-se do PATHÉ”<sup>46</sup>);

---

<sup>37</sup> *PJ*, Manaus, 12 out. 1913, BVD, p. 2.

<sup>38</sup> *PJ*, Manaus, 16 set. 1913, BVD, p. 2.

<sup>39</sup> *PJ*, Manaus, 27 set. 1913, BVD, p. 3.

<sup>40</sup> *PJ*, Manaus, 11 out. 1914, BVD, p. 3.

<sup>41</sup> *PJ*, Manaus, 2 ago. 1913, BVD, p. 3.

<sup>42</sup> *PJ*, Manaus, 11 out. 1914, BVD, p. 3.

<sup>43</sup> *PJ*, Manaus, 1º mar. 1914, BVD, p. 2.

<sup>44</sup> *PJ*, Manaus, out. 1913 (n. 15), BVD, p. 2.

<sup>45</sup> *PJ*, Manaus, 27 set. 1913, BVD, p. 3.

<sup>46</sup> *PJ*, Manaus, 27 set. 1913, BVD, p. 3.

*bastidores das festas* (“Raul Lalor, não tendo o que fazer, virou furão de bailes! Terá entrado para o grupo dos srs. Furões?”<sup>47</sup>), dentre vários outros eventos em que os acontecimentos da vida alheia eram (à revelia) expostos.

“Bigodinho” fazia suas “denúncias” ora de modo anônimo, sem dar muitas indicações sobre os envolvidos, tornando difícil identificá-los (“*um certo maluco* costuma assobiar para moças quando as encontra na rua. Não vá o assobio lhe mandar a desgraça nas costas”<sup>48</sup>), ora os expondo abertamente, revelando seus nomes (“o João Franco tem um namoro bem adeantado na rua da Matriz. Seu Franco, isso não está direito”<sup>49</sup>), ora deixando “pequenas pistas”, seja através de metáforas (“o M. M. da Silva distribuidor do foro *anda vendo se faz seu ninho juntamente com uma pombinha* lá p’ras bandas do Boulevard. Olhe o pae da menina seu moço e a...”<sup>50</sup>), seja por meio da revelação do local onde o “delito” aconteceu (“*na Joaquim Nabuco* tem um gajo que todas as tardes vae namorar. Olhe, seu moço va trabalhar você não tem um espelho em casa?”<sup>51</sup>), ou ainda por apresentar certas características físicas e íntimas dos indivíduos (“*uma velha* juntamente com *umas moças*, espreitam a casa de *uma certa senhora* á *J. Nabuco*, por causa do ex-dandy de sua primogênita. Credo que cousa feia!”<sup>52</sup>).

Todavia, nem só de críticas vivia “Bigodinho”, quem igualmente publicava elogios, apesar de infrequentes (“o M.G. é um rapaz muito elegante. Folgamos immensamente com isso”<sup>53</sup>; “o Walter trabalhou muito mas venceu. Parabens”<sup>54</sup>). “Bigodinho” ainda “achava ruim”, e mesmo “brigava”, quando descobria alguém “cuidando” da vida alheia (“na rua Izabel entre a Q. Bocayuva e Paranaguá teem umas vovós e titias que por não se terem casado, incommodam-se com a vida das incautas mocinhas. Damos um conselho, tomar massagens na barbearia da M. Martins”<sup>55</sup>). E não só cobrava a “boa postura”, como a exigia utilizando-se de advertências ou intimidações

---

<sup>47</sup> *PJ*, Manaus, 16 set. 1913, BVD, p. 2.

<sup>48</sup> *PJ*, Manaus, 16 set. 1913, BVD, p. 2. Grifos nossos.

<sup>49</sup> *PJ*, Manaus, 21 jan. 1914, BVD, p. 2.

<sup>50</sup> *PJ*, Manaus, 26 jul. 1913, BVD, p. 2. Grifos nossos.

<sup>51</sup> *PJ*, Manaus, 25 ago. 1913, BVD, p. 3. Grifos nossos.

<sup>52</sup> *PJ*, Manaus, 30 ago. 1913, BVD, p. 4. Grifos nossos - destacamos as pistas dadas com referência ao local onde o “causo” ocorreu e também à idade das personagens (“velha”, “moças” e “senhora”, expressões que dão a entender que se trata de, respectivamente, uma mulher em idade avançada, outras jovens e a última de meia-idade).

<sup>53</sup> *PJ*, Manaus, out. 1913 (n. 15), BVD, p. 2. Obs: o dia do lançamento da edição não foi divulgado.

<sup>54</sup> *PJ*, Manaus, 25 jan. 1914, BVD, p. 2.

<sup>55</sup> *PJ*, Manaus, 2 ago. 1913, BVD, p. 3.

públicas (“tem um certo poeta que costuma sahir da casa da namorada a meia noite. Isso é grave e só a polícia dá jeito. O PATHÉ no número 7 dirá o nome”<sup>56</sup>).

Em uma demonstração da notoriedade que o jornal (em geral) e o “Bigodinho” (em particular) desfrutavam sobre os sujeitos de Manaus, especialmente quando o assunto era a intimidade da vida alheia, havia ainda quem contatava o *Pathé* desejoso por confirmar um boato: “a esta redacção mandaram perguntar se o Rayoi namora no Plano Inclinado. Ficarà aos cuidados de Bigodinho”<sup>57</sup>. Outros faziam inclusive pedidos: “na avenida General Glycerio existem duas cuia mucús e que pedem-nos para lhes arranjar um noivo. Vamos ver se tem algum desocupado”<sup>58</sup>. Às ameaças recebidas, “Bigodinho” replicava com outras ameaças: “um sugeito já maduro jurou que ha de pegar um dos redactores do PATHÉ, despeitado porque descobrimos-lhe o namoro. Olhe, seu valentão, não mexa com casa de caba, senão vamos contar os seus peccadilhos velhos e novos... Depois... depois...”<sup>59</sup>. Em alguns casos, “Bigodinho” comentava a reação dos indivíduos ao verem seus nomes expostos no *Pathé*: “Luizinho ficou damnado por que sahio no PATHÉ. Sabe duma coisa seu L.B., ande direito que ninguém lhe diz coisa alguma”<sup>60</sup>.

Mas de que forma o *Pathé* conseguia descortinar tantos casos “cabulosos”? Algumas pistas encontram-se no próprio jornal, mais precisamente na coluna do “Bigodinho”: “nos Tócos, a nossa patrulha, vio, um senhor da nossa melhor sociedade, beijar uma pessoa na porta de casa. Vade retro, senhor doutor, não faça isso, porque *paredes tem olhos e matto tem ouvidos*”<sup>61</sup>. “Bigodinho” ainda fazia questão de propagar que não gosta de “cousas escondidas”<sup>62</sup>, pois “na época em que atravessamos, é ocasião de se dar muitos escandalos. Como não gostamos disso, *vamos pôr em campo a nossa reportagem*”<sup>63</sup>.

Ao resgatarmos e lermos a coluna do “Bigodinho” hoje, na aurora do século XXI, vemos claramente a relação que existia entre o espaço público e a corrupção e depravação dos indivíduos, bem como sinalizado por Sennett, fora a associação direta entre as “modernidades da vida” e o desenvolvimento de comportamentos tidos como devassos. E mais: uma vez que o conteúdo do *Pathé* era visivelmente voltado a

<sup>56</sup> *PJ*, Manaus, 2 ago. 1913, BVD, p. 3.

<sup>57</sup> *PJ*, Manaus, 27 set. 1913, BVD, p. 3.

<sup>58</sup> *PJ*, Manaus, out. 1913 (n. 15), BVD, p. 2.

<sup>59</sup> *PJ*, Manaus, 26 jul. 1913, BVD, p. 3.

<sup>60</sup> *PJ*, Manaus, out. 1913 (n. 15), BVD, p. 2.

<sup>61</sup> *PJ*, Manaus, 8 fev. 1914, BVD, p. 3. Grifos nossos.

<sup>62</sup> *PJ*, Manaus, 1º mar. 1914, BVD, p. 2. Grifos nossos.

<sup>63</sup> *PJ*, Manaus, 15 fev. 1914, BVD, p. 2. Grifos nossos.

comentar e escancarar os acontecimentos da vida alheia de aparentemente qualquer um, o jornal – e, quem sabe, outros periódicos que, em meio à vastidão dos acervos das bibliotecas e arquivos existentes, encontram-se à espera de serem resgatados – mostram que há pelos menos um século a exposição da vida íntima dos sujeitos, pelos veículos de comunicação, já era uma realidade que tanto despertava curiosidade e interesse, quanto sentimentos de amor e ódio, seja pelos que somente liam ditas informações, seja pelos que protagonizavam algumas de suas notícias. Evidentemente notamos diferenças entre o momento no qual *Pathé* o fazia e o presente, sobretudo pelas diferenciações de juízos culturais. A rigor, a partir da observação e análise dos rastros encontrados, os indivíduos cujos nomes eram publicados nas colunas do *Pathé* não se quedavam nada feliz com tal ocorrência.<sup>64</sup> Já hoje, por outro lado, longe de causar medo, lograr estampar seu nome em algum espaço da mídia – mesmo que por um escândalo - à maioria seria uma boa oportunidade para se tornar famoso.

*Pathé* comprova, salvaguardadas as distinções, algumas das quais sinalizadas, que as peripécias da vida íntima, privada e/ou particular “do outro” já se revelavam um excelente mote jornalístico à imprensa: um genuíno *fato jornalístico*.

### 2.3 Os medos dos alterdirigidos

Com a transição entre os séculos XIX e XX, o processo de modernização iniciado com as Revoluções Liberais se aprofundou ainda mais, graças especialmente aos inventos do período conhecido como *Belle époque* – dentre eles a lâmpada elétrica, o gramofone, o cinematógrafo, o telégrafo sem fio, o telefone, o automóvel e o avião -, os quais atuaram de modo a “encurtar” a relação tempo-espaço, acelerando, fragmentando e intensificando as experiências da vida, de forma que por meio da percepção de inúmeros e variados choques, seguidos de intensos bombardeios e estímulos sensoriais de toda a ordem, alterava-se, outrossim, a maneira com que os sujeitos cultivavam a própria subjetividade.

Nesse ínterim, as cidades atravessaram constantes e profundas mutações, o que as tornou um ambiente visualmente poluído, barulhento, lotado e caótico. Ou, conforme sintetizado por Ben Singer, “A cidade moderna parece ter transformado a experiência subjetiva não apenas quanto ao seu impacto visual e auditivo, mas também quanto as

---

<sup>64</sup> Mesmo assim, havia quem gostaria de ver sua vida impressa nas “temidas” páginas do *Pathé*: “na Q.B. tem umas mocinhas que se acham despeitadas com o nosso jornal, devido a não publicarmos os seus nomes. Oh! tanta vontade, de ver segurar nas nossas columnas as suas graças. Dá até para desconfiar”. Fonte: *PJ*, Manaus, 5 abr. 1914, BVD, p. 3.

suas tensões viscerais e suas cargas de ansiedade” (2004, p. 106). Cerceados por hiperestímulos, em não raras ocasiões os sujeitos se quedavam temporariamente sem a devida faculdade de contraporem os impulsos recebidos, em virtude do esgotamento ou saturação da capacidade neurológica de resposta a tais incitamentos, não lhes cabendo alternativa que não a de desenvolver mecanismos de defesa contra ditos acometimentos. Quando não, desenvolviam até mesmo patologias de estresse mental, denotando, por ilustração, o que Simmel designa de “atitude blasé” (1987).

Tamanho impacto sensorial teria contribuído, inclusive, com a crise dos preceitos iluministas, com reflexos, por tabela, na maneira com a qual se fazia jornalismo, já que especialmente das padronizadas de matérias “secas” e absolutamente impessoais a imprensa principiou a se dedicar notadamente à composição de textos que proporcionassem algum tipo de carga emocional e sensacionalista que fosse, sobretudo a partir da década de 1920 e na cobertura dos episódios envolvendo mortes e violência urbana, recheando-os de ilustrações e linguagem bombástica (BARBOSA, 2007).

Esse conturbado contexto de avanços técnicos e transformações nas formas de sociabilidade das primeiras décadas do século XX ajudou a compor a conjuntura sociocultural que, para Riesman, “abriu passagem” à vinda à tona do caráter social alterdirigido (1995), já em meados do mesmo século, o qual ainda estaria em vigor e seria constituído por indivíduos voltados não mais a si próprios e à vida interior, e sim aos “outros”, à aparência e à personalidade, de preferência interessantes o bastante para capturarem a atenção alheia para si. Consoante a teoria de Riesman, os tipos alterdirigidos caracterizam-se pela notória dependência de orientação de “outrem”, em áreas tão distintas e abrangentes como, por exemplo, em relação às questões social, política, econômica, de conveniência e aparência. Isso porque, ao contrário dos independentes introdirigidos, os alterdirigidos demonstram-se ser bem mais sensíveis à opinião do meio, seja no comportamento, na maneira de agir e mesmo na de pensar.

Segundo Riesman, uma das mais fundamentais propriedades dos alterdirigidos é a de que

sua necessidade de obter aprovação e orientação de outrem [...] vai além das razões que levam a maioria das pessoas, em qualquer época, a se preocuparem muito com o que os outros pensam delas. Embora toda a gente queira e necessite ser apreciada por algumas pessoas em alguns momentos, apenas os tipos modernos alterdirigidos fazem disto a fonte principal da orientação e a área primordial da sensibilidade. (1995, p. 86)

Ainda de acordo com o sociólogo, o sentimento basilar desses sujeitos não seria mais a vergonha (típica dos traditivos-dirigidos) ou a culpa (marcante aos introdirigidos), mas a ansiedade, derivada da contínua derrubada de certezas e valores com os quais os indivíduos tentam se habituar. Pois, recentemente, não é raro que ao acabarem de se acostumar com algo, descubram, logo depois, que esse algo já se encontra ultrapassado e obsoleto. Tal ansiedade se expressa especialmente naqueles que não querem “perder o bonde da História”, almejando se manterem constantemente informados e atualizados com o que há de mais recente. Porém, para seu desespero, jamais o conseguem, uma vez que na era das “certezas temporárias” não há quem logre acompanhar o ritmo de tão intensas, drásticas e variadas transformações.

Atento às transformações de seu tempo, já nos anos 1950 Riesman percebia, verificava e expunha o crescente destaque que os meios de comunicação vinham gozando no campo sociocultural. Comentando a respeito da extensão que mídia havia alcançado no cotidiano social de seus contemporâneos estadunidenses, o autor é explícito ao presumir que “Cada vez mais, as relações com o mundo exterior e consigo mesmo são mediadas pelo fluxo das comunicações de massa” (1995, p. 85). Se, à maioria da gente da época, dito apontamento podia soar tal qual uma mera previsão ou projeção, bem como tantas outras, atualmente parece não restar dúvida de que o pensador conjecturava com clareza o que o porvir reservava: um mundo cuja cultura seria densamente atravessada (ou dominada?) por relações midiaticizadas.

Fora o fato de ser marcada pela facilidade de adaptação e pelo alto grau cosmopolitismo, Riesman bosquejou, todavia, outra peculiaridade da alterdireção. Permeados em uma insistente e incansável desordem de informações de toda espécie ou natureza, as quais brotam de todos os lados, os indivíduos desse tipo de subjetividade teriam, pouco a pouco, “jubilado” o *caleidoscópio psicológico* dos introdirigidos – mecanismo-metáfora que lhes seria característico, e que a essa altura estaria tendo que girar ininterruptamente em busca de um ponto de equilíbrio – por outro instrumento que se evidenciava mais eficiente e eficaz na “arte” de captar influências externas, de quaisquer direções ou sentidos. Logo, o “equipamento de controle” emblemático dos modos de *ser e estar* no mundo alterdirigido passou a ser o *radar*, com o qual o sujeito lograva detectar as flutuantes e variáveis tendências do meio, pois “O indivíduo alterdirigido deve estar apto a receber sinais de perto e de longe; as fontes são várias, as mudanças são rápidas” (RIESMAN, 1995, p. 89).



Tamanha volubilidade, no entanto, teve seu impacto, já que um dos problemas dos que vivem notadamente nas sociedades da modernidade recente ou contemporâneas decorre precisamente dessa inconstância e impermanência de valores, desestabilizando até os mais estáveis dos mortais, uma vez que como não há em que se embasar com a convicção de que se está fazendo “o melhor” ou “a coisa certa”, pode ser que ao mesmo tempo *tudo e nada* esteja correto ou equivocado. Portanto,

se não se pode errar, também não se pode saber se se está certo. Se não há movimentos errados, não há nada que permita distinguir um movimento como melhor, e assim nada que permita reconhecer o movimento certo entre as várias alternativas – nem antes nem depois de fazer o movimento. (BAUMAN, 2001, p. 75)

Nesse mundo de inconstâncias e volubilidades – “líquido”, nas palavras de Bauman -, muitos de nossos medos parecem que nos chegam ou nos são apresentados menos por experiências diretas e vivências cotidianas - provenientes dos âmbitos público e privado do sujeito -, do que por intermediação midiática, através do consumo dos produtos difundidos pelos meios de comunicação. Esse processo, entretanto, apenas pôde se estabelecer no instante em que a mídia se legitimou, em nível de senso comum, como, de um lado, “intermediadora” e “porta-voz” das demandas sociais, e, do outro, dos debates públicos, particularmente no que se refere à esfera do jornalismo.

Nesse sentido, a Guerra Fria reúne um conjunto de elementos tal, que nos faculta considerá-la como o suprassumo de dita ilustração. Primeiramente, o confronto sugere ter sido desenvolvido mais como uma encenação de impacto visual do que uma estratégia genuinamente bélica, corroborando nossa hipótese de que vivemos em uma era de grandes medos sistematizados, pensados ou arquitetados senão via mídia, ao menos para serem propagados por seus espaços. Ou ainda de medos sentidos e/ou percebidos pelos multimeios: *multimedios*.

Na “Era da Paz Armada”, os países se dividiram em torno de duas superpotências rivais – os EUA, pelo capitalismo, e a URSS, pelo comunismo -, as quais construía ogivas nucleares não para serem utilizadas – o que fatalmente teria extinguido a humanidade -, e sim para serem exibidas em espetaculares desfiles militares, milimetricamente orquestrados, ensaiados e planejados para serem devidamente difundidos pela mídia, a qual adicionava sua inclinação à instalação de uma “cultura do medo”, instaurando o conhecido período do “equilíbrio do terror”. Isso porque a todo o momento os meios de comunicação nos advertiam a respeito dos perigos oriundos da existência das armas de destruição em massa, as quais se achavam

apontadas para todos os cantos e direções do globo, e que, portanto, em caso de uso, poderiam ter atingido *a todos nós*. Assim, em vez de embates diretos assistíamos a batalhas indiretas, com os duelos físicos ou belicosos tendo como palco principal não o território dos países protagonistas da disputa, mas terceiros – tais quais as Coreias, o Afeganistão e o Vietnã -, e as psicológicas e/ou ideológicas, claro, a mídia.

O confronto, que por si só dispõe de uma natureza peculiar, gerou uma situação, no mínimo, curiosa: se por um lado, ao menos nas sociedades ocidentais, praticamente ninguém – para não dizer nenhuma pessoa – foi física e diretamente afetado pelo conflito, tendo que alterar bruscamente sua rotina ou vida, por exemplo, por outro o temor da Guerra Fria se acentuou na mesma medida e proporção com que era midiática ou espetacularmente mediado, entre ambos os blocos, objetivando assustar, impressionar e/ou atemorizar o adversário, especialmente pelo emprego do amedrontamento psicológico. Em suma, a Guerra Fria pode ser colocada tal qual um dos maiores episódios – quiçá, ao menos por enquanto, o maior - de *multimedio* da História, já que tanto envolveu quanto separou o mundo não só ideologicamente e por fronteiras geográficas, como também pelos espaços da mídia.

Para ficar ainda mais claro, e volvermos a dialogar com o conceito proposto por Tuan, reafirmamos que a ideia de *multimedio* se assenta a partir da difusão midiática de “paisagens do medo”. E, em se tratando da Guerra Fria, nada mais alarmante do que um míssil nuclear em plena passeata militar, à vista de todos, recordando-nos de que enfrentávamos uma ameaça com capacidade de dizimar *a todos nós*, não importando a proximidade com os duelos travados ou não, indiferenciando o país, a classe, a cor, a religião ou o que quer que fosse - *todos nós* corríamos o risco de sermos dizimados.<sup>65</sup>

Presentemente, conforme evidenciado pelo já citado estudo de Letícia Matheus (2006), enquanto o cotidiano das ruas segue condenado pelo imaginário de

---

<sup>65</sup> Ainda no rastro da Guerra Fria, constatamos que o confronto engloba aqueles que consideramos serem, hoje, os maiores episódios com potencial para suscitar a reação de medo nas populações ocidentais: (a) a questão do meio ambiente – porém, se antanho temiam-se os sérios danos ambientais provocados pelo uso de uma bomba nuclear (contaminação do solo, da água, do ar, dos vegetais, bem como perda da biodiversidade), presentemente esse medo se situa mais nas discussões sobre as alterações climáticas oriundas do “aquecimento global” do que sobre o uso das bombas atômicas; (b) a questão da segurança - todavia, esse debate não está mais polarizado entre as duas superpotências daquela época, e sim alastrado sobretudo pelos impactos de uma globalização descontrolada e atroz; (c) a questão do corpo – mas o temor de agora não é tanto o de se ver deformado pela radiação nuclear, e sim o de ver-se em desacordo com o “padrão de beleza” das passarelas e vitrines da moda e da mídia, o que se constitui tanto em um motivo de vergonha, quanto em um fator de estigmatização; e (d) a “não-existência” - contudo, não se teme mais tanto um extermínio (ou desintegração) em massa, ocasionado pelo sumiço total do indivíduo, seus familiares, amigos, conhecidos etc., e sim não conseguir “vencer” as barreiras do anonimato ou, pelo menos, manter-se visível no universo da espetacularização de si para “ser visto”, garantindo a própria existência.

contratempos e ameaças, vida pública só parece ser estimada quando mediada, isto é, quando atravessada pelos crivos da mídia. Assim, parece persistir o declínio dos espaços públicos, observado desde o século XIX por Sennett (1995), os quais se encontram cada vez mais relegados ao movimento, ao deslocamento, à passagem e ao trânsito, quase nunca à permanência, encarada em alguns casos até mesmo como indesejável e constrangedora. Especialmente quando constatamos a proliferação de ambientes privados simuladores dos meios públicos, tais quais os *shopping centers*, para muitos substitutos ideais do caos dos centros comerciais de rua ao eliminar problemas como a presença de pedintes, sem-teto, sujeira, variações climáticas etc., com enorme agilidade, presteza e, imagina-se, segurança, oferecendo, de quebra, uma atmosfera extremamente agradável e propícia às compras, em uma analogia semelhante ao que ocorrera no século XIX com o advento dos *mazagines*.

Nessa conjuntura, ao contrário dos introdirigidos, que temiam se exporem, os sujeitos receiam “não-existir”. Ou melhor, temem que ao não se mostrarem não serão vistos e, conseqüentemente, poderão se fadar ao nada ou à invisibilidade. Afinal, dentro de uma cultura apreciadora de imagens e políticas voltadas ao “se fazer ver” e ao enlaçamento do “olhar do outro”, bramidos ou denunciados desde a sociedade espetacular de Debord (2008), dito comportamento inevitavelmente levaria o indivíduo ao esquecimento. Por efeito, deriva-se de tal fato o grande sucesso das mídias e o êxito das redes sociais, as quais abroham pelas páginas da internet, enviesadas, principalmente, pela chegada da *Web 2.0* e seu estímulo a que os usuários “se criem” a partir da alimentação da rede com conteúdo digital, através da montagem de perfis em blogs, fotologs, portais de armazenamento e compartilhamento de vídeos, dentre outras possibilidades.

Com isso, diferentemente da subjetividade introdirigida, a recente lida e enfrenta a “tirania da visibilidade” (SIBILIA, 2008b), que, de modo ininterrupto, incita os sujeitos a buscarem a fama, a notoriedade e o status de celebridade, especialmente pelos espaços dos meios de comunicação, em uma brusca alteração em relação ao padrão de sociabilidade cultivado a menos de duzentos anos. Dessa forma, se no século XIX célebres personagens literários, dentre os quais Dom Casmurro, Werther, Madame Bovary, Lady Chatterley e outros tantos de plausível citação, padeceram em sigilo diante das tormentas pessoais e psicológicas enfrentadas, agora seus enredos poderiam ter sido recheados por peripécias como a participação em algum programa de televisão, uma entrevista a um portal sobre celebridades e escândalos, o compartilhamento das

amarguras em um blog ou mesmo pelo desabafo das tristezas em um livro autobiográfico, e aí sim, muito provavelmente, teriam conquistado a popularidade.

Nesse quesito, aliás, alguns dos mais famigerados personagens da literatura mundial oitocentista e novecentista vêm se destacando ao ressurgirem em produções midiáticas, tais quais filmes e seriados, “contemporaneizados” em roupagens mais condizentes com os tempos atuais. É o caso de Alice, a garotinha um tanto quanto contestadora e rebelde da obra de Lewis Carrol, que renasceu no cinema em uma versão “quase mulher” no melhor estilo capitalista-visionária-reacionária. Outra notória reinvenção (ou apropriação) midiática vem ocorrendo com Sherlock Holmes. O afamado detetive das páginas de Sir Conan Doyle, símbolo de um projeto de homem racional-cientificista, de valorização do pensamento lógico em prol da força física, tomou um banho de modernismos ao reaparecer na telona dispensando uma coleção de socos, chutes e pontapés contra seus inimigos, além de exibir um corpo em dia com os ditames da “moral da boa forma”, com direito à barriga “tanquinho” e membros modelados por músculos.

Na sequência, foi a vez da televisão recriar o célebre personagem, tornando-o mais pós-moderno do que nunca. Para isso, o investigador que outrora não utilizava nada muito além de uma lupa como instrumento de trabalho se entregou às “bençãos” do *high tech*, abraçando e incorporando de vez, às suas investigações, “imprescindíveis” dispositivos da atualidade, como GPSs, celulares e internet. As transformações incluem a substituição de seu famoso (e antiquado) cachimbo por coevos e “politicamente corretos” adesivos antitabagismo, fazendo de Holmes um legítimo simpatizante e representante dos imperativos da saúde e do bem-estar. As mudanças tampouco pouparam seu fiel escudeiro, Watson, quem, no século XXI, virou um jovem médico e ex-combatente da Guerra do Afeganistão. E mais: “antenado” com os novos tempos, Watson relegou seu velho e ultrapassado diário de papel em prol de um virtual, o “John Watson’s blog”, com que, na ficção, tornou-se relativamente conhecido. Em tempo: o “diário virtual” foi realmente criado pelos produtores da série, estando disponível ao acesso de quaisquer internautas, juntamente com outros portais comumente aludidos no programa, dentre os quais o *The science of deduction*.

Isso tudo porque a lógica atual encontra-se mais voltada à exteriorização do que ao recolhimento à vida interior. Assim, como meio de se obter a fama, ao sofrer e/ou atravessar um período não muito fácil, às vezes nem tão peculiar, por que não servir de exemplo “aos demais” e encarar o desafio de ao menos tentar passar para “o outro lado

do vidro”, rompendo a barreira do anonimato? Sabendo aproveitar as oportunidades, a recompensa é alta: nada menos do que a possibilidade de notoriedade. Trata-se, porém, de um processo de mão-dupla. Pois, se de um lado há aqueles que se exibem “aos outros”, é por que, do outro, há aqueles que se aprazem em consumir esta “intimidade escancarada”, ou “éxtima”<sup>66</sup> (SIBILIA, 2008b).

Desse modo, na era das incertezas, da volubilidade e da liquidez, em que a aparência e a vida particular, privada ou interior se transformam em um meio de *se fazer ver* ou de *se fazer notado*, na qual a personalidade é tida tal qual um instrumento de captura da atenção de outrem e os meios de comunicação se consolidam como espaços de exposição de si, as peculiaridades pessoais, outrora consideradas íntimas – e, por isso mesmo, resguardadas -, hoje, pouco a pouco, abrem-se à insaciável curiosidade e aos esfomeados olhares dos “outros”, sagrando tanto a fase da intimidade como entretenimento e do corpo como “espelho de si”, quanto a de um tipo de percepção mediada do medo, ou seja, *multimedio*.

Até aqui discutimos sobre a atual relação entre mídia e medo, suas raízes e variações históricas. No Capítulo I, exploramos o modo com o qual os meios de comunicação abordam as situações desencadeadoras de medo, ademais de apontarmos alguns dos fatores que suscitam temores nos indivíduos de hoje; no II, tracejamos um painel histórico dos mais elementares receios das sociedades ocidentais, partindo do século XIV, abrangendo as sociabilidades tradicional-dirigida, introdirigida e alterdirigida, tal qual a tipologia proposta pelo sociólogo David Riesman (1995), ponderando sobre possíveis resquícios desses medos no contemporâneo.

No próximo capítulo, abordaremos a tríade entre mídia, medo e memória, entendendo este último termo como uma das chaves para a compreensão do porque da formação de alguns dos nossos principais temores.

---

<sup>66</sup> Trocadilho utilizado pela escritora Paula Sibilia, no livro *Show do eu. A intimidade como espetáculo* (2008), para designar o fenômeno incessante da exposição da intimidade: se aquilo que outrora se guardava era tido como íntimo, na atualidade o íntimo que “se abre” nos e/ou pelos espaços midiáticos se configura como algo “éxtimo”.

### Cap. 3: Rumo à Memória 2.0

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as posições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9)

Presentemente, a memória é um campo que vem despertando bastante atenção nas pesquisas científicas e acadêmicas. Bem verdade, no entanto, que, historicamente, é um tema abordado desde muitos séculos, aparecendo, inclusive, como objeto de reflexão nos famosos *Diálogos de Platão* (1991), quem refletiu principalmente sobre a relação entre o *esquecimento* - que seria o “abandono do conhecimento” -, e o *recordar-se* - o qual, por sua vez, seria a ação de “reaver um conhecimento que nos pertencia”.

Em culturas nas quais não havia a grafia, esquecer significava o fenecimento de determinado saber. Sem registros textuais disponíveis à consulta, os conhecimentos mantinham-se vivos apenas enquanto oralmente repassados e guardados na memória dos sujeitos. Já com a consolidação da cultura impressa, os saberes puderam ser salvos e transmitidos na forma de escritos, o que permitiu às gerações seguintes maior acesso e manejo das informações anteriormente acumuladas, desde que arquivadas. Em outras palavras, possibilitou sua transmissão (e permanência), via registro material, “liberando” espaço na memória para outras demandas.

A nível sociocultural, em uma espécie de “integração estratégica”, os “grandes grupos” e as instituições consolidadas, como, dentre outras, o Estado e a mídia, têm sido os maiores “responsáveis” pela constituição de uma memória uniformizada, coletiva, hegemônica ou oficial, ainda que confronte com a resistência da pluralidade de outras memórias, tais quais as individuais ou as subterrâneas. Dialogando com Foucault (1988), pode-se dizer que enquanto aquela seria a memória que os mecanismos detentores do “poder”, em um tipo de cadeia de suportes de uma “estratégia global”, esforçavam-se em ofertar, estas seriam sua oposição e obstáculo.

Atualmente, todavia, a ciência vem “roubando a cena” quando o assunto é memória, voltando-se para “explorar” esse até então pouco conhecido campo.

Advertimos, contudo, que não se trata de um fenômeno específico e restrito à memória. Mundo afora, crescem os estudos técnico-científicos que se propõem a “mexer”, a “mudar” ou ainda a “aprimorar” o corpo humano. Vivemos, na verdade, uma espécie de corrida em busca da superação dos limites da anatomia, da natureza do corpo e das funções orgânicas do ser humano - incluindo a memória -, mesmo daquilo considerado “normal” ou dentro dos padrões estabelecidos como saudáveis (assunto que debateremos no Capítulo VI).

Hoje, vários séculos após Platão ter tecido suas considerações, presenciamos, ao que tudo indica, à ultrapassagem de uma era que perdurou ao longo de toda a história da humanidade: de uma *memória 1.0*, em que a mente era aludida a um instrumento avesso ao controle técnico-científico, no máximo hipnose, a uma na qual a tecnociência deteria sua autonomia. Uma *memória 2.0*, em que as informações incutidas no nosso cérebro seriam manipuladas como *bytes* ou *pixels* do nosso *HD*, aos quais bastaria apenas “localizar”, “selecionar”, “deletar” e pronto: após a realização dessa “operação” (ou desse “comando”), manteríamos somente as lembranças que quisermos ou desejaríamos recordar. Os avanços tecnológicos - e seu arsenal de *microchips* e substâncias químicas - despontam, assim, tal qual um poderoso e influente agente na constituição da memória.

Em compasso com esse “desejo” de formatar maus recordos, a memória, uma vez aludida a um *HD*, parece adquirir ainda mais importância: pois, se esse é o local de armazenamento de tudo aquilo que juntamos de informação ao longo de nossa existência, nossa subjetividade está condicionada, por tabela, ao que temos guardado em nosso cérebro. Em outros termos, somos as informações que armazenamos. Com isso, o temor da perda de memória atravessa, também, o medo de deixar de *ser si mesmo*, de perder aquilo que se *é*: a própria identidade.

De tal modo, desmembramos a problemática da memória em duas vertentes: (a) de um lado tememos perder nosso conhecimento adquirido, as informações contidas no nosso *Hard Disk*, uma vez que isso poderia nos levar à perda de nosso próprio “eu”, isto é, daquilo que somos; (b) do outro, e concomitantemente, incrementa-se a vontade de poder “deletar” parte das próprias lembranças, especialmente as mais dolorosas e traumáticas, e mesmo alguns medos.

Há, entretanto, alguns perigos envolvidos nesse tipo de interferência, os quais vão desde os danosos “efeitos colaterais”, presentes em quaisquer procedimentos, até um “retrocesso cultural”: o eventual “apagamento” de todo o passado de medos

herdados dos nossos ancestrais traditivo-dirigidos, introdirigidos e mesmo alterdirigidos representaria uma ameaça à própria condição da vida, já que, quando em doses “saudáveis”, os medos são sinais de alerta por excelência, avisos diante de situações de perigo ou de ameaças já mapeadas pelo homem, e que, por isso, demandam cuidado. Desse modo, abrir mão desse mecanismo de defesa seria lançar-se à própria sorte perante os inúmeros riscos que permeiam a existência.

Em suma, dedicamos este capítulo à discussão das questões que envolvem a relação entre mídia, memória e medo, pois acreditamos que esta tríade é essencial para a compreensão da formação de alguns dos “como” e “por quês” dos nossos principais quadros de medo. Para isso, partimos das teorias sobre as transformações ocorridas no âmbito da memória propostas por Walter Benjamin, na transição entre os mundos pré-moderno e o moderno, passando pela constituição das instituições modernas, até alcançarmos o presente, quando a ciência e seus inventos tecnocientíficos, mais que em outros momentos históricos, parece se voltar à ambição de dominar os meandros da mente humana.

### **3.1 Fragmentos e versões da *Memória 1.0***

Para Walter Benjamin (1996), a memória teria atravessado uma densa transformação já no início da modernidade: da lembrança de fatos breves e difusos, preservados pela cultura oral, a uma memória perpetuadora, registrada pela cultura letrada, com possibilidades de consulta e rememoração. Uma memória confirmada não tanto a partir das vivências pessoais e coletivas, que não precisa necessariamente ter sido “sentida”, mas consumida nas páginas dos livros. Uma memória conhecida pela leitura, refletida e legitimada não tanto pela lembrança e a afetividade, e sim pela universalidade e a ciência: uma memória fundamentada pela História. Essencialmente, Benjamin descreve a transição entre a “experiência” e o “vivido”, em que aquela se relaciona com a coletividade, a tradição, o passado comum, e este com a individualidade, a modernidade, o capitalismo e o futuro, os quais, na teoria do filósofo, abrolharam na “deterioração da experiência” e na “extinção da sabedoria”, levando ao declínio da narrativa oral.

Benjamin, em vários trechos de *Obras escolhidas*, chama atenção para a ocorrência de um processo que denuncia como “degradação” das experiências tradicionais. Essa deterioração se estende em um “empobrecimento” ou decadência da memória coletiva, com o conseqüente enfraquecimento da existência de uma



experiência comum à organização grupal. Conforme o pensador, a ascensão burguesa e a consolidação das relações capitalistas teriam modificado profundamente a estrutura social. Nesse sentido, o avançar das tecnologias do capitalismo, o movimento de aceleração e fragmentação da vida e do tempo, as contínuas rupturas, os choques e o ritmo frenético da modernidade seriam os grandes responsáveis pela “decadência” das experiências espontâneas. Tal “barbárie” começou a se edificar, na opinião do filósofo, no momento em que o valor de culto da obra perdeu importância, quando o “peso” de relevância do objeto artístico deslizou de sua “existência em si” à sua visibilidade ou exposição, furtando a obra de arte de sua “função ritual”. Ao mesmo tempo, tanto o “caráter mágico” proveniente da existência única, quanto o “invólucro” que atribuía à obra sua “aura”, isto é, sua originalidade e autoridade, opondo-a à falsificação, foram eliminados.

Logo, um dos problemas descritos por Benjamin, na primeira metade do século passado, encontra seu núcleo exatamente na alteração (ou destruição) do juízo de legitimidade dos objetos de arte, graças ao desenvolvimento das tecnologias modernas. Sua argumentação basilar é, pois, a de que quando as obras passaram a ser criadas não para serem “únicas” e sim reproduzidas, abandonando a lógica de existência singular em prol de uma serial, em virtude do desenvolvimento dos aparatos que permitiram sua reprodutibilidade técnica, deixou de ser possível aplicar à produção artística o critério de autenticidade. É a isso que Benjamin designa de “atrofiamento” ou “perda da aura”.

Bem verdade que a obra de arte sempre foi passível de imitação. No entanto, o que diferencia a época tradicional da moderna seriam os mecanismos empregados para feitura da reprodução. Se outrora a cópia era realizada a partir de um trabalho artesanal, com o advento da tecnologia moderna, tal qual a fotografia, as mãos se viram “liberadas” desse afazer. Não obstante, consoante o filósofo, a máxima ilustração da destruição da aura viria do cinema, onde, por excelência, as obras são feitas mirando diretamente sua cópia e distribuição.

Na teoria benjaminiana, entretanto, a “perda da aura” fora acompanhada da degradação de outro tipo de experiência: a de contar e/ou narrar. A morte do narrador – para o autor um sábio conselheiro, contador de histórias nato, conservador da memória grupal e também gesticulador - representa o desaparecimento das experiências tradicionais (ou espontâneas), suprimidas pelas modernas (ou sintéticas). Benjamin alude a um narrador de cultura oral, que pacientemente intercambia suas experiências, contando-as e recontando-as, conservando-as e renovando-as, enquanto imprime sua

marca ao relato, “moldando-o” à sua maneira, o que confere a esta narrativa o status de forma artesanal de comunicação.

De acordo com Benjamin, são dois os fatores que levaram à bancarrota do narrador. O primeiro fora o surgimento do romance, tipo de narrativa não mais oral, e sim letrada, consolidada na modernidade, e que necessita da solidão e do isolamento tanto de seu autor, quanto de seu leitor - os quais deixam de falar sobre suas aflições e experiências, bem como de dar conselhos. Por conseguinte, o romance estaria ligado não mais à experiência grupal, mas à interior, íntima ou psicologizante, possuindo, por isso mesmo, tono individualizante e privado - ao contrário da narrativa oral, coletivamente relatada. O segundo é a informação, que inspira objetividade, verificação imediata, plausibilidade e confirmação. Diferentemente da cultura oral, a informação tem valor apenas enquanto novidade, necessita de explicações, é breve, veloz, rápida, “pronta” e dada. Por conseguinte, não exige esforços de compreensão.

Se, conforme os ensaios de Benjamin, no que se refere à obra de arte, a aura se perdeu, pode ser que hoje ela esteja alojada em outro campo. Mais precisamente na memória. Primeiramente, a memória é um instrumento subjetivo, variável de indivíduo a indivíduo. Isso significa dizer que para cada sujeito há uma memória, ou melhor, uma versão distinta a respeito de um acontecimento ou de um conjunto de episódios que compõem a vida. Dificilmente dois indivíduos guardariam exatamente as mesmas lembranças acerca de um mesmo evento, ainda que vivenciado ou experienciado por ambos. Se mais de um sujeito tiver lido um livro qualquer, ou viajado a um destino qualquer, por exemplo, ao final cada um pode apresentar uma lembrança distinta sobre o livro ou a viagem.

Essa memória, por aproximação, seria aquela que Maurice Halbwachs (1990) nomeia de “memória individual”, e que, como o termo sugere, é um tipo de memória inerente a cada indivíduo. No entanto, os sujeitos estão imersos em uma memória de caráter englobante, coletivo, a qual de certa forma nos une a um ou mais grupos, ao mesmo tempo em que nos separa de outros. É a “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990), melhor simbolizada pela nacional. Essa memória, porém, oculta a variedade de outras memórias que se posicionam de encontro à sua versão. Luta, portanto, para manter-se hegemônica e aceita entre os indivíduos: é coercitiva.

Na teoria proposta por Maurice Halbwachs, grosso modo, a memória fundamenta e reforça o espírito coletivo, atribuindo, por meio do estabelecimento de fronteiras, tanto uma definição de lugares, quanto um sentimento de pertencimento (ou

não). Sua tese fundamental é a de que a memória coletiva, ao estruturar a individual, a partir da identificação de “pontos de referência” - tais quais datas comemorativas, feriados, festejos, monumentos etc. - tece uma espécie de “comunidade afetiva” entre os sujeitos, desempenhando, de tal modo, uma função positiva. Em sua concepção, por fim, os indivíduos aderem à memória coletiva mais por afeto do que por coerção.

É justamente contra esse o argumento que pensadores como Pierre Nora (1993) e Pollak (1989) se posicionam. Consoante Nora, atravessamos, presentemente, uma época de “aceleração da história”, explicitada em uma sensação de desaparecimento e/ou de perda do passado: “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio” (1993, p. 7). Em meio a essa perda, para o pensador, cresce a busca por lugares de cristalização e de refúgio da memória. Bastiões e âncoras que concentram “vestígios”, “restos”, “rastros” e/ou “arquivos” de algo que não existiria mais. São os “lugares de memória” (NORA, 1993), que de acordo com o autor possuem efeito material, simbólico e funcional, suscitando nos sujeitos – a partir de uma via afetiva, vivida e subjetiva -, uma relação de identificação e assimilação. Do contrário, em vez de marcos de memória, seriam de história. Essa analogia, para Nora, atribui aos lugares de memória um tipo de “aura simbólica”, já que a história, diferentemente da memória, é uma ciência, de caráter universal, que reconstrói algo inexistente. A história representa e dessacraliza o passado sem precisar ser afetiva, uma vez que sua legitimidade se dá no plano e no discurso da objetividade.

Posicionamento parecido é apresentado por Pollak, para quem a memória é um intrincado campo de disputas em uma batalha pela significação e (re)interpretação do passado; logo, por poder. Segundo o pensador, a “memória oficial” não é mais afetiva do que imposta, sobretudo pelo Estado. Para o autor, além da memória “dominante” (hegemônica ou englobante), melhor representada pela ideia de nação, haveria a “subterrânea” (proibida, excluída ou tabu), a qual acentua o caráter “destruidor”, “uniformizador” e “opressor” da coletiva. Esta memória subterrânea, igualmente chamada por Pollak de “clandestina”, “indizível” e “vergonhosa”, uma vez que não aparece ou é silenciada pela sociedade englobante, encontrar-se-ia guardada, preservada e viva em estruturas informais de comunicação, até o momento em que irrompe nos debates públicos, passando a ser ouvida. Por isso a importância de, durante a preservação, ser conservada com o mínimo possível de distorção. Assim, a batalha principal na disputa pela memória se dá nas fronteiras entre o “dizível” e o “indizível”,

cujos limites se encontram em constante deslocamento, pois os contextos em que estão inseridas igualmente não são estáveis.

Entretanto, as versões a respeito da história não podem ser de todo aleatórias, já que dependem de embasamento e/ou confirmação da própria história (seja por vestígios, restos ou rastros). Por esse motivo, ainda que pareça óbvio, não é possível alterar, indiscriminadamente, as estruturas de uma memória sem a apresentação de justificativa ou comprovação de fontes concretas, pois a memória tem um caráter contextual, ou seja, enquadrado (POLLAK, 1989). Ditaduras já até o intentaram – mesmo na história recente -, sem que, todavia, obtivessem o sucesso almejado.

Em se tratando, especificamente, das relações por trás dos jogos de construção da memória e dos artifícios empregados pelos meios de comunicação, dos pensadores com os quais dialogamos até aqui quem mais abertamente aborda tal questão é Guy Debord. Em 1988, ao rever sua famosa tese, o filósofo desenvolveu uma série de comentários sobre a “sociedade do espetáculo”, os quais, diga-se de passagem, corroboram sua hipótese de que o espetáculo, de fato, logrou atingir seu pico e ápice nos anos da pós-modernidade. Nas palavras do autor:

O primeiro intuito da dominação espetacular era fazer sumir o conhecimento histórico geral; e, em primeiro lugar, quase todas as informações e todos os comentários razoáveis sobre o passado recente. Uma evidência tão flagrante não precisa ser explicada. O espetáculo organiza com habilidade a ignorância do que acontece e, logo a seguir, o esquecimento do que, apesar de tudo, conseguiu ser conhecido. O mais importante é o oculto. (DEBORD, 2008, pp. 176-7)

De acordo com Debord, o segredo “domina o mundo”, sendo uma das estratégias do espetáculo com vistas no ocultamento da realidade, já distorcida pela difusão das “imagens dominantes”. O filósofo não tem dúvida:

O governo do espetáculo, que no presente momento detém todos os meios para falsificar o conjunto da produção tanto quanto da percepção, é senhor absoluto das lembranças, assim como é senhor incontrolado dos projetos que modelam o mais longínquo futuro. Ele reina sozinho por toda parte e *executa seus juízos sumários*. (DEBORD, 2008, p. 174. Grifos do autor)

Debord tem seu fundo de razão em sua ferrenha crítica, apesar do tom apocalíptico derrapar, em alguns trechos, em uma linha demasiada hipodérmica. Discordamos, por exemplo, da afirmação de que a mídia, como maior expoente do espetáculo, “reine sozinha” na produção das lembranças e memórias. No entanto, acreditamos que, no presente, os meios de comunicação são uma poderosa força na formulação dos imaginários coletivos e individuais – interessando-nos, em particular, os

que concernem aos episódios de medo. Preferimos, porém, pensar esse processo com base em uma matriz bem menos estruturante, reconhecendo igualmente o peso construtivista na formulação da realidade social.

Em suma, temos que a mídia busca montar uma memória coletiva e uniformizante, praticamente ignorando as memórias das minorias. Não obstante, os meios de comunicação não se encontram sozinhos nessa empreitada, mas integrados a outros interesses - empresariais, políticos ou o que seja -, os quais, juntos, tecem um tipo de “estratégia global”, em constante busca por equilíbrio, já que, por acompanhar e/ou estar imersa nas modificações e transformações sociais, tampouco é estática. Por isso, dita associação não compõe uma rede de influência externa, e sim um campo de disputas imanente do próprio âmbito social. Ademais, se de um lado o poder se estabelece em meio a relações desiguais, do outro não se pode dizer que não há resistência. Daí o argumento de Foucault de que não se trata de pensar em relações de “causa-efeito”, mas em “efeito-instrumento” (1988), isto é, no contexto em que determinada correlação de forças se instala, rivaliza e rebate.

Se as versões contestadoras, como as “subterrâneas”, praticamente não alcançam espaço na grande mídia, a eclosão das ferramentas e dos dispositivos da *Web 2.0*, tais quais as redes sociais, deram-nas uma preciosa abertura. E mais: não só facilitou o encontro das pluralidades, como lhes proporcionou mais eco e audiência. A *web* ajuda a *acrescentar*, a *trazer à tona* as vozes sufocadas pela estratégia global, as quais partem em busca de ocuparem vacúolos de comunicação outrora abafados. E embora tal tecnologia ainda esteja acessível a uma parcela relativamente restrita das populações, mesmo assim já consegue fazer bastante barulho. Vide, por ilustração, as manifestações de rua que se proliferaram pelo Brasil, em 2013, articuladas pela internet.

Evidenciamos, com isso, que apesar deste ensaio focar as estratégias da aliança de poder existentes no entorno da mídia, não só os sujeitos não são seres passivos diante desse poder, como, em virtude dessa resistência, esse poder está em constante deslocamento à procura de um ponto de equilíbrio, tal qual ocorre no campo social em geral. Vê-se, até aqui, que a memória não é fixa, mas um campo em constante disputa, por exemplo, no que concerne à formação de identidades. Feita (novamente) essa ressalva, volveremos, a seguir, às estratégias de dominação ou controle social da mídia, no que concerne à relação entre memória e medo, avançando, porém, em direção ao advento das tecnologias da informática.

### 3.2 A memória na Era Tecnológica

O uso da tecnologia vem alterando a relação que cultivamos com nossa própria memória. Com o advento dos inventos tecnológicos, cada vez mais nosso cérebro se vê “livre” da obrigação de “guardar tudo” ou “qualquer coisa”: a agenda do celular dispensa o esforço de memorizarmos os contatos telefônicos e de *e-mail* ou de portarmos sempre um caderno de contatos conosco; os aparelhos GPS nos alforriam de memorizarmos os trajetos ou de carregarmos mapas; os débitos automáticos nos salvam de eventuais atrasos no pagamento de contas em virtude de esquecimentos provocados pela “correria” do dia a dia; etc.

No entanto, o modo de uso que atribuímos à internet pode nos gerar tanto uma sensação de maior controle sobre os compromissos e informações que continuamente *precisamos ter* ao nosso alcance (já que nunca sabemos quando necessitaremos consultá-las), quanto um sufocamento. Excesso de informação, bombardeio de notícias, explosão de fatos simultâneos também podem nos esgotar e nos estressar. Ansiamos nos lembrar de tudo, e, como não conseguimos “organicamente”, a tecnologia nos ajuda. Ao mesmo tempo em que nos deixa com a impressão de desnorteamento. Afinal, em meio à enxurrada de tamanhas ofertas de opções, o que fazer?

Em 2011, *O Globo* publicou uma matéria com o seguinte título: “Google prejudica a memória das pessoas mas melhora sua capacidade de encontrar informações, diz estudo”<sup>67</sup>. Um dos principais argumentos “desse estudo” é o de que “quando sabem que a informação pode ser facilmente acessada, as pessoas a esquecem com mais facilidade”. Em suma, a pesquisa afirma que: (a) embora a internet, mais precisamente o *Google*, proporcione facilidade para encontrar informações, é, outrossim, responsável por nosso esquecimento; e (b) a internet, leia-se (novamente) o *Google*, ao mesmo tempo em que atrapalha a memorização, auxilia nossas pesquisas, uma vez que as torna mais exatas.

A rigor, nossa memória estaria, então, cada vez mais dependente do mundo digital. Ou melhor, das informações que d’ele podemos extrair *a qualquer momento* e que, por isso mesmo, emancipa-nos do imperativo de guardá-las na memória (ocupando preciosos espaços de nosso HD com algo *fácil* de localizar). Liberta-nos, todavia, da necessidade de espalhar “lembretes” pelos cômodos. Concomitantemente, estaríamos

---

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/google-prejudica-memoria-das-pessoas-mas-melhora-sua-capacidade-de-encontrar-informacoes-diz-estudo-2871899>>. Acessado em 29 de junho de 2013.

tanto mais esquecidos, quanto mais concisos em nossas buscas. Eis o que a notícia, ou, “o estudo”, nomeia de “Efeito Google”.

Como expressão, “Google” está se convertendo em uma verdadeira ação. Um verbo quase indispensável ao vernáculo deste princípio de milênio. Pois, o ato de fazer pesquisas ou buscar por algo na internet já vem sendo chamado de modo relativamente fluente, especialmente na língua inglesa, de *Google it*, o equivalente português a “googlar”, “gugar” ou ainda “guglar”.

À atual geração jovem, habituada a digitar apenas algumas letras e clicar na tecla *Enter*, a vida sem o *Google* soa tal qual um inconcebível pesadelo. Porém, não custa recordar que esta “imprescindível” ferramenta é uma criação absolutamente recente: sua fundação data de 1998. E o mais impressionante: hoje, esse verdadeiro conglomerado digital<sup>68</sup> se tornou tão influente e poderoso (dentre seus alvissareiros números, acumula valor de mercado na casa dos 250 bilhões de dólares e emprega mais de 316 mil pessoas) que não seria exagero afirmar que intermedia a quase totalidade das ações executadas na internet: da procura por uma notícia à compra de bens, mercadorias ou serviços; do planejamento de uma viagem a informações sobre investimentos financeiros; de dicas sobre culinária à candidatura a empregos: praticamente nada escapa de sua varredura.

E quando não tínhamos o *Google it*? Em um mundo “pré-Google”, os sujeitos igualmente tinham que pesquisar, encontrar informações, dados ou o que seja. Mas como “se viravam”? Um dos vestígios desta nem tão longínqua e nem tão próxima realidade (afinal, cerca de apenas 15 anos separam estes dois mundos) está no final da referida matéria de *O Globo*, no mesmo trecho que há a explicação do porquê de se realizar uma pesquisa sobre esquecimento.

A ideia para a pesquisa surgiu de uma experiência da professora Sparrow. Quando assistia à *Ingrid Bergman em “À meia luz”, de 1944*, e quis saber o nome de uma das atrizes do elenco, recorreu imediatamente ao Google. Depois pensou: e antes da internet, como faziam para saber o nome de uma coadjuvante de um filme antigo? Raciocinou que sabiam quais eram as pessoas certas a quem perguntar (um amigo cinéfilo, por exemplo). Hoje, as pessoas também sabem a quem e de que forma perguntar: só que na internet. (Grifos nossos.)

---

<sup>68</sup> Oferece além da ferramenta de busca, vários outros serviços, notadamente no ramo do marketing e da propaganda digitais, ademais de *e-mail*, tradução instantânea, entre outros.

Indagar a um “amigo cinéfilo” poderia ser uma saída. Contudo, há de se concordar que nem todos tinham a “sorte” de conhecer um “amigo cinéfilo”. Ou ainda, não há como garantir, no caso de se conhecer um “amigo cinéfilo”, que ele saberia contestar a informação requerida. Talvez, o “amigo cinéfilo” também se esqueceria do nome da atriz que se desejava saber. Nesse caso, ir a uma locadora mais próxima e observar a relação dos nomes dos atores na capa ou contracapa, ou observar os créditos que se seguem ao filme seriam outras possibilidades. Haveria ainda a alternativa de visitar locais que funcionam como “guardiões da memória”. A Cinemateca, em São Paulo, e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, são ilustrações desses “bancos de dados do passado”. Espaços esses que, a propósito, no mundo dominado pela lógica do *Google it* parecem ter perdido parte do prestígio de que antanho gozavam: se podemos alcançar a tudo (ou a quase tudo) com um mero *clic*, e *sozinhos*, por qual motivo nos deslocaríamos, enfrentando as adversidades das condições climáticas, do trânsito e da “boa vontade” dos funcionários desses locais em nos atender?

Hoje, dito comportamento, o qual demanda ainda o silêncio, a calma, a máxima atenção, bem como a introspecção e o mergulho pelo alto mundo do letramento e performances corporais em concordância com as regras de conveniência praticadas nos recintos de consulta, é praticamente análoga à relação que os amantes de vinis ou videotapes têm em plena era do CD, DVD ou *Blue-Ray*: excetuando-se os amantes (para quem seria uma paixão), é quase uma “aventura”, uma “experiência exótica” que nos possibilita conhecer a respeito de um mundo que para muitos já se perdeu, não tem sentido ou valor (e que cheira a mofo). É ir de encontro aos chamamentos da vida coeva, a qual nos instiga à rapidez, à velocidade, à praticidade e à valorização do que se tem de mais novo em termos tecnológicos. Desse modo, Cinematecas, Bibliotecas e demais “cápsulas do tempo” que preservam o “passado congelado” são relegadas praticamente ao universo dos intelectuais e pesquisadores. Ainda mais em uma época de valorização do presente: o *carpe diem* nosso de cada dia.

De alguma forma, o mesmo anacronismo que recai sobre esses “guardiões do passado” também suscita desafios às escolas contemporâneas, as quais, segundo Sibilia (2012), encontrar-se-iam em contraposição aos atuais “modos de ser e estar no mundo”, notadamente a partir do declínio dos preceitos da sociedade disciplinar foucaultiana (em certo sentido, as bibliotecas igualmente se encaixam nesse argumento). Para a pesquisadora, uma vez que a escola não está conseguindo acompanhar as rápidas mudanças e transformações (cada vez mais intensas) ocorridas no mundo, estaria



havendo uma espécie de “desajuste histórico”, uma “perda de compatibilidade” de juízos entre esses dois “universos”. Como raiz dessa “incompatibilidade”, Sibilia aponta a ascensão dos parâmetros da “sociedade de controle”, descrita por Deleuze (1992), no início dos anos 1990, a qual, ao contrário da disciplinar, estaria embasada nos fluxos da comunicação e da informação, ademais de parâmetros mercadológicos que estimulam o “empreendedorismo do eu”.

Nesta “nova cultura”, a escola e seu “classicismo” são vistos por seus “alunos-clientes” tal qual uma instituição “atrasada”, “retrógrada”, ou mesmo “antiquada”, a qual permanece buscando a uniformidade, a homogeneidade e a normalização, tanto dos alunos quanto do conhecimento, seja através de hábitos fixos ou por meio da cobrança pelo esforço e dedicação concentrada, ao passo que *tudo o mais*, sobretudo por incitação das dinâmicas da mídia, parece instigar os indivíduos a tentarem construir uma personalidade diferente, única, singular e, ao mesmo tempo, dispersa, esboçando um patente conflito de interesses entre *aquilo que a escola* (e instituições afins) *quer* e *aquilo que o mundo pede*. Consequentemente, nos dizeres de Sibilia, a sala de aula torna-se “chata”, bem como sua rotina um “calvário”.

Para a autora, as elevadas taxas de evasão escolar, o desinteresse, a insatisfação, a dispersão e a desvalorização da profissão de educador ou professor são sintomas mais que evidentes desse dilema, pois “enquanto os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos” (SIBILIA, 2012, p. 181). Dito descompasso é sintomático, consoante Sibilia, ao fato de as crianças de hoje em dia estarem com seus hábitos radicados nas lógicas da mídia e do consumo, que a escola (ainda) reluta ou evita absorver em suas atividades.

Mais há outro ponto, a nosso ver diretamente conexo à relação entre a memória e a crise da escola, que gostaríamos de acrescentar: nessa instituição, as crianças são obrigadas, *sobre todas as coisas*, a “armazenem” o conteúdo transmitido pelos professores na memória. Pois, em provas e exames não lhes é permitido consultar livros, cadernos, *Google* e muito menos “colar”. A rotina dos colégios *exige* que os alunos guardem as informações, nem que para isso tenham que atravessar maçantes horas apenas decorando-as. E isso tudo lhes é determinado em meio a um universo de “tentações” eletrônicas e digitais que não só os cercam, como lhes proporcionam entretenimento e distração, além de não lhes obrigar a guardar informação alguma. Talvez por isso, justamente pela diversão e isenção de decorar, seja mais fácil e

prazeroso memorizar os passos das danças dos jogos do *X-Box* do que as fórmulas da física, da química ou da matemática, por exemplo. Em síntese, o fato é que, em plena era do “tudo ao alcance”, a escola insiste em “trabalhar” com a memória de uma forma com a qual a maioria dos jovens, em especial, não estão acostumados, querem ou mesmo sabem lidar: a obrigação da decoração.

As inquietas subjetividades pós-modernas convivem, pois, com um antagônico conflito: o imperativo da concentração *versus* a pulsão do “zapping” (isto é, a breve deposição de atenção sobre uma determinada coisa, acontecimento ou assunto, em alusão ao ato de consecutivamente “passear”, de modo desatento e apressado, pelos diversos canais da televisão sem se ater, por muito tempo, a nenhum d’eles).

Consequentemente, em um mundo pautado pelo fluxo midiático e consumista, em vez de gozar de prestígio, a escola padece com o estigma de ser uma mercadoria “pouco atraente”, um lugar (ainda) pautado pelo viés do letramento, da palavra e da interioridade - valores que, conforme vimos no Capítulo II, são típicos da subjetividade assinalada pelo sociólogo David Riesman como *introdiretada* -, ao passo que, atualmente, longe de estimular o reatamento nas profundezas do âmago, os valores mais em alta se orientariam pelo culto à performance, à imagem e ao “outro”, consolidando o tipo de subjetividade que Riesman batizou de *alterdiretada*. Resulta daí uma das chaves para compreendermos a crise não só das escolas, segundo aponta Sibilia, mas a dos “lugares de memória” que abordamos: mais do que somente culpabilizar o *Google it*, trata-se de enxergar que o desprestígio dessas instituições ocorre em paralelo ao acender de um conjunto de novas práticas culturais, as quais alteram, outrossim, nosso entendimento a respeito da relação que nutrimos entre a memória e o olvido, ou entre o que “salvar” e o que “deletar” da mente.

A internet, em geral, e as redes sociais, em específico, estão moldando, inclusive, nossa relação com nosso próprio passado. Ao possibilitar que relocizemos indivíduos que fizeram parte de nossas vidas às vezes há décadas atrás, as redes sociais nos leva diretamente a um encontro com nossa história pessoal. Em alguns casos, tal viagem pode ser bastante prazerosa, sobretudo aos mais saudosistas. Em outros, todavia, um incômodo. Em 2013, o jornal argentino *Clarín*, através de uma postagem de Adriana Arias, psicóloga, psicodramatista e sexóloga, explorou esse assunto sob o olhar fictício

de Cecilia<sup>69</sup>, personagem que relatou em um conto as revira-voltas de seus sentimentos e emoções ao reencontrar (ou melhor, ser reencontrada por) seus amigos de infância em uma rede social. Bem verdade, porém, que primeiramente a ideia de recobrar o passado vivido junto aos seus ex-colegas da juventude colegial lhe pareceu “uma viagem misteriosa e inquietante”, um tanto quanto “torturante”. Vinte anos depois, deparar-se com “essa gente” que “não cabia em sua realidade de hoje” não lhe animava nem um pouco.

Na verdade, de princípio, Cecilia se mostrou não só apática, mas incomodada por rever essa parte de seu passado. E tudo por ter se incluído no “mundo da cibernética”. Pois, tão logo criou uma conta em uma das várias redes sociais existentes, depressa apareceram mensagens de seus ex-companheiros de colégio, custando-lhe muito “reconhecer seus nomes e rostos”, ademais de se irritar com a “familiaridade com que acreditavam ter direito de imiscuírem-se em sua vida”. Também a impacientava parecer ser a única desanimada com a “ideia do reencontro”, o qual julgava uma “palhaçada infantil e primária”.

Algo, entretanto, começa a mudar em meados do conto. Cecilia principia a se animar diante da possibilidade de se reencontrar com seus ex-colegas no instante em que “imagens desordenadas acudiram a sua memória”, incluindo “cenas e sensações guardadas em caixas de suas recordações”. Fato intensificado após reencontrar, igualmente nas redes, um amor de adolescência, destampando-lhe, definitivamente, a caixa de reminiscências afetivas de sua juventude. Na verdade, foi a partir do momento em que se tornou realidade a hipótese de rever *Juanchi*, seu *ex-affair*, que Cecilia se decidiu por ir à “reunião programada”.

Logo, muito provavelmente, suas lembranças só reapareceram graças à “efervescência *retrô*” que vivia por meio das redes sociais, já que, ao que tudo indica, não fosse pelo contato e intermediação digitais, mirar o passado com afabilidade lhe continuaria sendo algo não só impensável, como indesejável. Assim, o outrora lastimável encontro passou a revelar-se “esperado”. Depressa, as lembranças que vinham sendo suscitadas e nutridas por meio das redes sociais estavam se concretizando *tête-à-tête*, a ponto de “o clima ter se tornado acolhedor e relaxado, quase íntimo, como uma família que recorda sua história, delata seus segredos, desoculta”.

---

<sup>69</sup> Disponível em: <[http://www.entremujeres.com/tech-y-web/redes-sociales-facebook-twitter-chat-reencuentro-viejo-primer-amor-pasado-colegio-companeros\\_0\\_872312811.html](http://www.entremujeres.com/tech-y-web/redes-sociales-facebook-twitter-chat-reencuentro-viejo-primer-amor-pasado-colegio-companeros_0_872312811.html)>. Acessado em 29 de junho de 2013.

Até que Cecilia descobriu aquilo que sempre sonhou: *Juanchi a amou*. Ou melhor: a ama. Conforme seu relato, volveram-lhe, de imediato, sentimentos do passado, pois “em um instante o tempo se esfumou, sucumbiu ante as palavras de Juanchi”, de modo que “as mariposas em seu estômago decolaram como se tivessem estado descansando por vinte anos”.

Apesar de ser uma ficção, o conto expõe uma história que é realidade para milhões de usuários das redes sociais: o reencontro com o passado e com as pessoas que nele cruzaram. Desse modo, nos comentários da postagem, apareceram depoimentos de pessoas que, tal qual a fictícia Cecilia, graças às redes sociais, reencontraram amores passados. Reproduzimos, a seguir, algumas dessas narrativas, que, de boa fé, cremos serem verídicas.<sup>70</sup>

“Conocí a mi marido en un viaje a Ushuaia, en 2007. Yo, brasileña, sólo charlamos y cambiamos e-mail. La vida pasó. En 2010 Facebook importa correos de otras redes sociales. Y mi futuro marido ahí está - aun que años no charlaba conmigo. Empezamos a relacionarnos y estamos casados hace un año.”

“Que bueno no sentirme sola en esto, me reencontré con un novio de la adolescencia. Estamos dudando en encontrarnos o no. Chateamos todo el tiempo hasta cualquier hora, debo confesar que se complicó la cabeza.”

“A mí me pasó algo muy similar, hace un poco más de un mes, mi primer amor de la primaria me encontró por la red social Facebook, después de 14 años. Ahora vivimos una historia de amor muy bonita. Es loco, pero... a veces la vida tiene muchas vueltas.

“Estando en mi trabajo se me ocurrió buscar en Face a mi primera novia si se puede decir así. Estábamos en la primaria. Busqué en un buen rato con sus dos nombres: nada. Insistí, ahora con un sólo nombre. Aparecieron varias opciones. Iba pasando distintas personas hasta que la encontré. Dudé mil veces mandar la invitación. Se me llenó la cabeza de preguntas. ¿Cómo estará? ¿Se acordara de mi? etc. etc. Envié. Que sorpresa al entrar unos días después y leer ‘Dario que alegría que me hayas encontrado’. Pasaron unos días sin poder coordinar los encuentros en el Face hasta que en fin, después de 35 años, pudimos charlar. Nos dimos nuestros números de móvil [...]. Hasta que, por fin, nos encontramos en un parque. Nos abrazamos, y vibramos, y ahí estamos siendo amantes desde hace 5 meses, concretando lo que no pasó. Decimos los dos: ‘esto es inexplicable, una locura’ pues tenemos compromisos, pero acá estamos felices por habernos encontrado nuevamente. Todo gracias al Face.”

<sup>70</sup> Como havia alguns erros de digitação e/ou concordância, e uma vez que se trata de relatos escritos em outra língua que não a portuguesa, decidimos, a fim de facilitar a compreensão, corrigir os desvios gramaticais das postagens. Ressalta-se que apenas procedemos a pequenas alterações, como acentuar vogais digitadas sem acento, sendo que, de modo algum, alteramos seu conteúdo. Aliás, a título de verificação, as mesmas podem ser consultadas no mesmo *link* do texto, o qual volvemos a passar: [http://www.entremujeres.com/tech-y-web/redes-sociales-facebook-twitter-chat-reencuentro-viejo-primero-amor-pasado-colegio-companeros\\_0\\_872312811.html](http://www.entremujeres.com/tech-y-web/redes-sociales-facebook-twitter-chat-reencuentro-viejo-primero-amor-pasado-colegio-companeros_0_872312811.html).

Há o diferencial de que, ao contrário de Cecília, os sujeitos desses relatos veem seu passado com “bons olhos”. No primeiro caso, uma mulher se mostra feliz por ter encontrado um *affair* do passado, e “seu futuro marido”, no *Facebook*, através da busca via correio eletrônico; no segundo, o reencontro de uma mulher com um namorado de adolescência (ainda que seu relacionamento se mantenha somente pela internet); no terceiro, depois de 14 anos, um casal se reencontra, também graças ao *Facebook*; por último, corridos 35 anos, um homem localizou sua amada igualmente pelo *Facebook*.

Em três das quatro histórias foram os próprios autores dos depoimentos os que “correram atrás” de recuperar o sentimentalizado passado. Isto é, os agentes que tomaram a iniciativa de recuperarem seu saudoso antanho, perdido em algum momento de suas vidas e afetuosamente caracterizado por “amores” que lhes deixaram marcas. Apenas em um dos casos reproduzidos é que o indivíduo autor do comentário enviado ao jornal não foi o agente ativo da procura, ou seja, em vez de buscar localizar foi o sujeito localizado. Mesmo assim, ao contrário da Cecília do início de sua narrativa, mostrou-se feliz. Todos eles, portanto, sentem-se bem e/ou empolgados pela “volta” de um passado romantizado (ou pelo menos a este específico, restrito e referido recorte temporal de suas vidas).

Vê-se que, por meio da internet, os sujeitos logram materializar e/ou vislumbrar novas formas de *experienciar* seu passado. Ou, quiçá, de redescobri-lo ou revê-lo. Por meio das plataformas digitais, notadamente as ferramentas disponibilizadas pela *Web 2.0*, os indivíduos não só descobriram como fazem uso de uma maneira que lhes proporciona vivenciar novas materialidades no modo de reviver seus tempos idos. Essa reminiscência, impossível às gerações anteriores exatamente pela ausência de tal tecnologia, reacende, por tabela, velhos sentimentos, emoções ou lembranças, que tanto podem ser positivos quanto negativos, dependendo das experiências e expectativas de cada um. Por isso mesmo, o reencontro com o passado nem sempre resulta fácil. Tal qual observado com a protagonista da história de Arias, pode haver certa relutância ou mesmo medo.

Nesse mundo conectado e virtualizado, uma das possíveis alternativas para fugir ao embate com o passado seria o uso de pseudônimos ou ainda evitar adentrar no universo das redes sociais, bem como fez Cecília no início do conto. No entanto, na contemporaneidade, essa última atitude pode implicar em sérias consequências, tal qual veremos no Capítulo VII.

### 3.3 “Memória retocável”

O que aconteceria se um dia a tecnologia permitisse “deletar” reminiscências indesejadas? Na “Era da Inconstância”, poderia a memória ser recomposta, refeita ou escolhida, como uma coisa? Dito de outro modo, estaria também a memória, esse campo até então pouco explorado pela medicina, parafraseando Bauman, tornando-se “líquida”?

A questão veio à tona (ou ao menos se tornou muito mais difundida no imaginário social) notadamente depois do lançamento do filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*, de 2004, cujo enredo se desenvolve a partir do rompimento (um tanto quanto doloroso) do relacionamento amoroso entre Joel e Clementine. Na sequência, Joel descobre que sua *ex* realizou um procedimento que literalmente o “apagou” de sua memória. Sem deixar por menos, o rapaz resolve, então, fazer o mesmo. Para isso, submete-se a uma técnica na qual suas lembranças são “escaneadas” por um equipamento eletrônico e “manipuladas” em um computador, que inicia a “formatação” dos records “malquistos” diretamente em seu cérebro. Tudo ia muito bem, quando, no meio do processo, Joel se arrepende, iniciando uma verdadeira saga para que nem todas as recordações de Clementine sejam completamente “deletadas” de sua mente.

Ficções à parte, na vida fora das telas e das páginas literárias cientistas vêm anunciando, sucessivamente, que de fato seria possível, sim, manipular a memória (se bem que, pelo menos por enquanto, nenhuma experiência do tipo foi concretizada em seres humanos). Segundo uma edição da revista *Galileu* (de 2010), “nos últimos 10 anos, mais de 500 estudos aventaram a possibilidade de se manipular memórias ruins por meio de drogas que mudam o funcionamento cerebral”<sup>71</sup>.

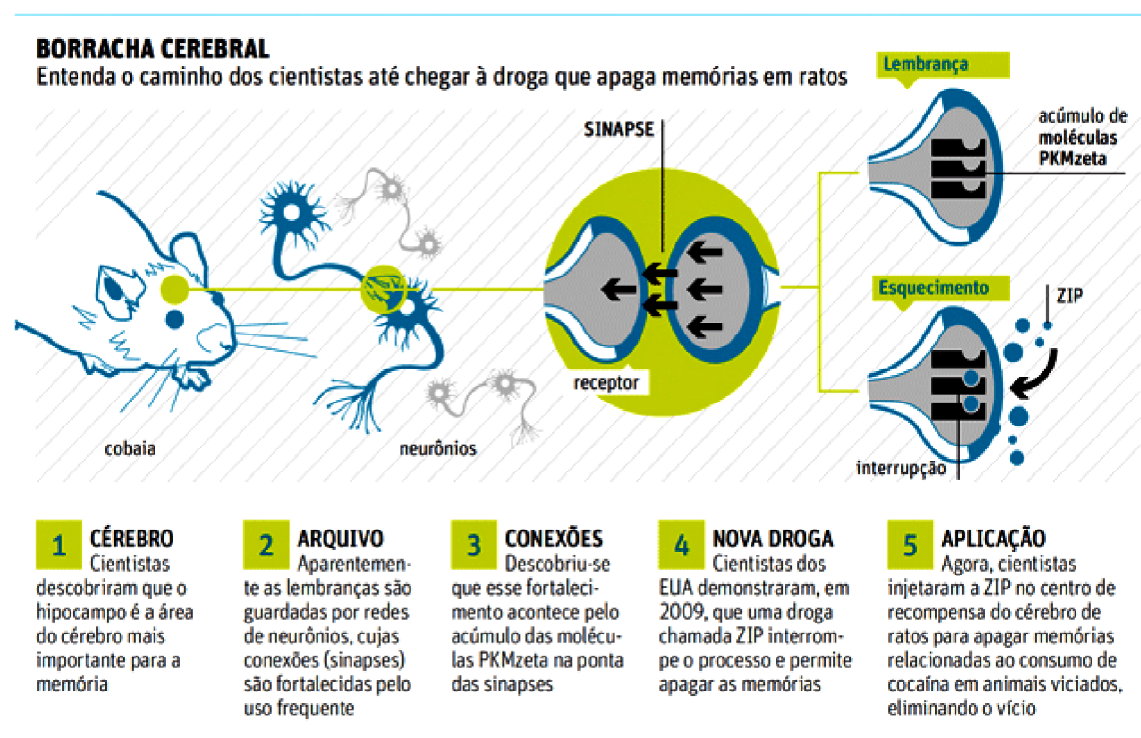
Uma dessas investigações foi divulgada em 2007, por um pesquisador de Israel, quem declarou ter encontrado, a partir de testes com ratos, a proteína associada à memória: a PKN-zeta. Após a descoberta, o grupo de pesquisadores por ele liderado injetou no organismo de suas cobaias uma droga cuja ação bloqueia seu funcionamento. E embora o porta-voz do Departamento de Neurobiologia do Instituto de Ciências Weizman, onde o estudo é realizado, tenha dito que “o principal objetivo da pesquisa é contribuir para o fortalecimento da memória em pessoas idosas ou que sofreram

---

<sup>71</sup> *Galileu*. Ed. 228 (Julho de 2010).

problemas devido a acidentes”, afirmou também que a técnica “poderia ser aplicada para remover lembranças traumáticas”<sup>72</sup>.

Cerca de dois anos depois, o *site G1* publicou uma notícia sobre investigações de estudiosos dos EUA com a proteína PKMzeta (apesar da variação de grafia, ao que tudo indica seria a mesma aludida pelos israelenses). E mesmo que a pesquisa tenha sido feita igualmente com ratos, “os cientistas apostam que o resultado em seres humanos seria muito parecido”<sup>73</sup>. Tal qual os especialistas, a memória é formada a partir da conexão entre neurônios, com a presença da PKMzeta. Para “apagar” lembranças, seria necessário “apenas” desfazer tais conexões e, para tanto, bastaria injetar uma substância no organismo, nomeada de ZIP, consoante a ilustração reproduzida a seguir, extraída da edição *on line* do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>74</sup>.



Reportagem de *Galileu*, a mesma anteriormente mencionada, apresenta outras técnicas que miram no mesmo fim. Em uma delas, de Harvard, a proteína utilizada é a chondroitinase ABC; em outra, da Universidade de Amsterdã, os pesquisadores

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI1842276-EI8147,00.html>>. Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1082536-5603,00-CIENTISTA+DIZ+QUE+TECNICA+PARA+APAGAR+MEMORIAS+FUNCIONARIA+EM+HUMANOS.html>>.

Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/963304-nature-discute-droga-que-apaga-memoria.shtml>>. Acessado em 29 de junho de 2013.

trabalham com o propanol, uma droga que apresenta como principal diferencial o fato de que, em testes, “não extinguiu a memória ruim, mas evitou a consolidação do trauma” (p. 39).

A fim de saber a opinião de seus leitores sobre o assunto, a revista realizou uma enquete perguntando: “Você apagaria uma memória ruim para sempre?”. Dos 458 que a contestaram, 68% disseram que sim. A publicação indagou, então, o que seus leitores gostariam de esquecer. Dentre as respostas publicadas, situações como “desilusões”, “traições”, “amores que não deram certo”, “relacionamentos malsucedidos” e até mesmo “tretas na escola”. Somente um dos leitores não se mostrou animado com a ideia. Para ele: “Por mais que muitas lembranças sejam realmente dolorosas, elas nos moldaram e nos trouxeram experiências” (*Ibidem*).

Elencadas, essas matérias corroboram a alegação de Sibilía (2008a), para quem a emergência de pesquisas tecnocientíficas que se propõem a “deletar” lembranças, principalmente as “indesejadas”, estaria diretamente relacionada com a crescente demanda pela “aspiração à felicidade”. Assim, pode ser que queiramos apagar recordos ruins porque acreditamos que isso, de algum modo, facilitará ou nos permitirá viver melhor.

Há, no entanto, outro importante aspecto suscitado por *Galileu*: o valor do esquecimento. A respeito do tema, a revista consultou o pesquisador austríaco Viktor Mayer-Schönberger, apontado como “professor de esquecimento”, quem, em entrevista à publicação, afirmou que “deixar de lado algumas informações ajuda o homem a perdoar, evoluir e virar páginas de sua história” (p. 40). Em outra declaração ao periódico, Schönberger assegurou: “Esquecer é algo central para a natureza humana. É um filtro natural que nos permite generalizar, abstrair e crescer” (*Ibidem*). Investigando a relação entre lembrança e olvido no contexto das tecnologias digitais, Schönberger esclareceu à *Galileu* que seu “objetivo é dizer às pessoas que informação é algo contextual, com data de validade, e que o ato de recordar é bem mais difícil que esquecer” (*Ibidem*). (A exceção mais notória a essa regra talvez tenha sido Funes, famoso personagem de um conto de autoria do literato argentino Borges, que a nada esquecia.)

Em uma extensa obra intitulada *La memoria, la historia y el olvido* (em português, *A memória, a história e o esquecimento*), Paul Ricouer (2004) aborda vastamente os intrincados elos constituídos entre memória e esquecimento, especialmente no último dos capítulos. Em síntese, o pensador analisa a concepção da “problemática



da memória”, alicerçada, em grande parte, pela analogia entre presença, ausência e distância, a partir das *huellas*, isto é, das “pegadas” históricas encontradas no presente.<sup>75</sup> Com base no tecimento de uma espécie de afinidade estruturada no que se poderia designar de “presença da ausência”, essas *huellas* nos deixam vestígios ou rastros, os quais nos possibilitam ajuizar sobre o passado.

Em sua teoria, são dois os tipos de esquecimento: o profundo ou definitivo (por destruição das *huellas*); e o de reserva (também aludido como reversível ou inesquecível), descrito tal qual um “tesoro de olvido adonde recorro cuando me viene el placer de acordarme de lo que una vez oí, sentí, aprendí, conseguí” (2004, p. 535). Diz o autor que “desechamos el espectro de una memoria que no olvide nada, incluso la consideramos monstruosa”, pois “el olvido es percibido primero y masivamente como un atentado contra la fiabilidad de la memoria. Un golpe, una debilidad, una laguna. La memoria, a este respecto, se define, al menos en primera instancia, como lucha contra el olvido” (2004, p. 532). De modo direto, Ricoeur conclui certificando que “el olvido es el reto por excelencia opuesto a la ambiciosa fiabilidad de la memoria” (2004, p. 533).<sup>76</sup>

Ao se cotejar a teoria de Ricoeur com as pesquisas e procedimentos tecnológicos levados a cabo atualmente, faculta-nos conjecturar que a tecnociência se volta precisamente rumo à destruição das *huellas* subjetivas de quem se dispuser. Em outros termos, ao apagamento de parte do arquivo íntimo acumulado ao longo da trajetória particular do sujeito, afetando, inclusive o “tesouro” de sua “memória de reserva pessoal”, já que não lhe seria mais permitido o “prazer de se lembrar do que ouviu, sentiu, aprendeu ou conseguiu” – ou ao menos a uma parcela desse acervo. Por outro lado, como nos recorda Sibilia (2008a), a tecnologia desponta como uma “promessa de salvação” contra a perda da memória, uma vez que se propõe a “digitalizar os conteúdos mentais”.

---

<sup>75</sup> Ricoeur assinala três tipos de “huellas”: a escrita (documental - exterior); a psíquica (impressões ou marcas de experiências e/ou imagens do passado; recordações pessoais, subjetivas, particulares - íntimas); e a cerebral (cortical, objeto das neurociências). Uma vez que sua tese é demasiada extensa e complexa, abordamos apenas os aspectos julgados mais relevantes à condução da discussão proposta. Para mais, ver: Ricoeur, 2004.

<sup>76</sup> Ricoeur, por outro lado, situa o esquecimento como algo normal, uma condição da memória - “el olvido ordinario sigue la suerte de la memoria feliz” (2004, p. 546) -, diferenciando-o, por exemplo, da amnésia, tida, aí sim, tal qual uma patologia. Uma das conclusões a que Ricoeur chegou foi a de que o esquecimento possibilita o perdão. Entendimento de certa forma também alvitado por Pollak (1989), para quem “abrir mão” de determinadas lembranças traumáticas, eventualmente, pode ajudar no “ir em frente” exigido pela vida. Entretanto, para Pollak não se trata necessariamente de um “esquecimento”, e sim de um “trabalho de gestão da memória”. Por fim, há de se ressaltar, a fim de evitarmos mal entendidos, que o tipo de esquecimento abordado por esses autores (Schönberger, Ricoeur e Pollak) decorre do processo “natural” do ato de esquecer-se, e não sobre o proporcionado pelos avanços tecnológicos.

Estaria, assim, nossa memória a um passo de ser vista tal qual um poderoso *HD* humano, um complexo dispositivo de armazenamento de informações, que, no porvindouro, poderemos “formatar”, “reorganizar”, “restaurar” ou mesmo “deletar” dados, bem como fazemos com o respectivo dispositivo informático? Talvez, de forma a nos precavermos dos casos de amnésia - provocados, dentre outros, por doenças como o Alzheimer e o Mal de Parkinson -, ser-nos-ia admissível fazer um “backup” de nossas recordações e “reinstalá-las” em nosso cérebro à medida que começássemos a perdê-las (ou, porque não, em vez da “transferência de dados” possamos consultá-los, sempre que quisermos, em arquivos salvos em computadores). Dessa forma, se por um lado aumenta o desejo da possibilidade da “formatação” de lembranças ruins, por outro cresce o temor do esquecimento em relação às demais memórias. Pois a perda da memória pode significar uma lesão à própria subjetividade. Em outras palavras, em caso de avarias à memória, a própria identidade, isto é, aquilo que se *é*, estaria sujeita a danos. Com isso, na contemporaneidade, o cérebro, e não tanto a alma, seria o grande hospedeiro do *self* de cada um: a caixa-preta onde, ao longo de nossa jornada pela vida, acumulamos as informações, os saberes e/ou os conhecimentos que compõem e/ou registra aquilo que somos (SIBILIA, 2008a).

Hoje, a memória parece ser uma das poucas partes ou áreas do corpo que a ciência (ainda?) não dispõe de soberania, uma vez que, tal qual veremos no Capítulo VI, no que diz respeito à aparência e a vários dos órgãos e estruturas corpóreas, já é plausível realizar intervenções e/ou modificações cirúrgicas (e inclusive substituí-los por membros artificiais), seja com objetivos estéticos, com fins de cura, restabelecimento da saúde ou mesmo com o fito de “melhorar o normal” e “ultrapassar limites”. Se for possível, para o bem ou para o mal, a manipulação da memória seria uma alternativa e tanto aos que desejam “apagar” alguns de seus maiores medos ou traumas sem ter de enfrentar a “perda de tempo” (e de dinheiro) em consultórios de psiquiatras, psicólogos ou terapeutas, ou ainda sem o uso de medicamentos que visam “somente” a controlá-los – e, mesmo assim, sem nenhuma garantia do total esquecimento.

Nossa memória não seria mais, portanto, um conjunto de peças do quebra-cabeça de nossa biografia, e sim um “amontoado” de *pixels* ou *bytes* de um dispositivo que atende por *mente*. Dito quadro configuraria a era da *Memória 2.0*. Ou seja, uma memória passível de manipulação tecnológica. Bela metáfora se torna, então, a tela “A persistência da memória”, de Salvador Dalí, quem além de pintor se revela um

visionário, pois estar presente na memória alheia pode estar prestes a se configurar um privilégio. Dessa forma, ser lembrado ou manter-se na memória do outro pode vir a se tornar um “luxo”? Se for assim, mais do que o “direito de viver”, os indivíduos teriam que batalhar, outrossim, pelo “direito de permanecer” nas lembranças de outrem – fomentando (ainda mais) o (*multi*)medo da “não-existência”, conforme veremos no Capítulo VII.

Recorrendo novamente à literatura, encontramos uma pista sobre o que o ato de “não ser lembrado” é capaz de desencadear. Trata-se do livro *O bigode*, de Emmanuel Carrère, no qual o nome do protagonista sequer é apresentado ao leitor: o tempo inteiro, tanto o narrador quanto os demais personagens se referem ao mesmo utilizando expressões como “você” ou “ele”. O conto discorre a estória desse sujeito, casado há dois anos com uma mulher chamada Agnes, empregado de um escritório de arquitetura há dois anos, e que usava bigode há longas primaveras. Certo dia, para fazer uma surpresa à esposa, decide raspá-lo. Mal sabia que seria a ruína de sua estabilizada e confortável vida. Isso porque ninguém lhe fez um único comentário a respeito da ausência do bigode. E pior: ao contestar a esposa o porquê de todos terem ignorado seu novo visual, obteve como réplica, para seu espanto, um “você nunca teve bigode”.

A partir de então, o personagem, pouco a pouco, fora perdendo todas as suas referências temporais e espaciais, atingindo o ponto em que sua vida, por conta desse pequeno gesto banal e cotidiano – raspar o bigode -, converteu-se em um imenso vazio de imprecisões e incertezas. Mais perturbador ainda fora o término da novela, quando definhando no caos do assombro de ter perdido a própria consciência, ademais do “zoneamento” de todos os parâmetros de sua vida, aterrorizado com a hipótese de ter atravessado anos sem ter sido notado pelos que o rodeavam, horrorizado com o fato de que nem as pessoas mais próximas serem capazes de se recordar daquela que confiava ser a característica mais marcante de sua feição (o bigode), e por vezes se questionando se tinha ou não dito bigode, o personagem, à beira da esquizofrenia, preferiu abolir-se da existência humana, suicidando-se.

Cabe, todavia, outra advertência: se a memória realmente estiver passível de manipulação pela tecnociência, e se for possível fazê-lo com relativa facilidade, o que aconteceria se, um dia, *alguém* (um regime totalitário ou uma grande empresa global, por exemplo) resolvesse controlá-la? Se levarmos em conta que, no passado, os avanços tecnológicos já foram empregados, em larga escala, com o pretexto da dominação, essa não deveria ser uma ponderação a se passar em branco. Dita situação hipotética foi o

tema explorado pelo longa *Invasor de mentes*, de 2009, o qual prestou uma ferrenha crítica ao crescente poder das grandes corporações e ao uso que as mesmas empreendem sobre a tecnologia à disposição com o objetivo de conquistar o lucro a qualquer custo. “O cérebro humano é o computador mais sofisticado que o mundo já conheceu”, diz uma propaganda da empresa *Hope*, responsável pelo projeto de “dominar” a mente humana, que concluía: “Mas como todo computador, ele pode ser aperfeiçoado”.

O procedimento da *Hope* incluía o implante de um microchip, na altura da nuca, o qual provocava não só perda de memória, como deixava a mente do implantado sob o controle da organização. E mais: o chip fazia com que o indivíduo passasse a ver uma série de comerciais das mais variadas mercadorias (dentre as quais uísque, relógio e até balas de mascar), cessadas só quando os produtos ofertados fossem adquiridos. Todavia, mesmo após a compra, os anúncios não paravam de todo, pois outras ofertas de diferentes produtos começavam a ser vistas - que, para terem sua exibição interrompida, igualmente deveriam ser obtidos (para depressa serem substituídos por outras vinhetas publicitárias). A própria vida dos sujeitos encontrava-se “nas mãos” da empresa, a qual poderia “explodi-los” com um mísero comando, se seu comportamento não correspondesse ao esperado.

Recentemente, em fevereiro de 2013, cientistas dos EUA e do Brasil, em parceria, anunciaram o que seria um passo adiante no projeto de controle da mente humana. Os pesquisadores afirmaram ter conseguido o feito inédito de “conectar” eletronicamente os cérebros de dois ratos de laboratório, distantes cerca de 7500 quilômetros um do outro (um na cidade de Durham/EUA, o outro em Natal/BRA). A “ligação” foi possível por meio de um implante cerebral que “unia”, ou melhor, permitia transmitir mensagens diretamente entre os cérebros dos animais, através da internet, o que abre (um longo) caminho rumo à chamada “brainet”, isto é, “uma internet orgânica, feita de cérebros de animais, capaz de resolver problemas os quais computadores convencionais, movidos a fórmulas matemáticas, não conseguem fazer”<sup>77</sup>. Eis um projeto que, se concretizado, vai além do controle da memória humana, uma vez que seriam as próprias ações dos sujeitos que estariam passíveis de serem controladas por *alguém*.

Bem verdade que *ainda não atingimos tal ponto*. Em compensação, a ciência já teria desenvolvido meios que possibilitam identificar os desejos inconscientes dos

---

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/cientista-brasileiro-liga-cerebros-de-dois-ratos-pela-internet-7702236#ixzz2MOKIUR8k>>. Acessado em 29 de junho de 2013.

sujeitos, através da leitura de imagens cerebrais captadas por um tipo de ressonância magnética. Trata-se do neuromarketing, promissora área das pesquisas de mercado dedicada ao estudo do comportamento neurológico do consumidor, o qual desponta estreitando (ainda mais) as já intensas parcerias existentes entre as “ciências da vida” e a tecnociência, em especial a neurociência e a informática, imersas, claro, sob as lógicas consumistas, evidenciando (mais uma vez) que as informações do nosso *HD* estão cada vez mais acessíveis e codificadas (ademais de valiosas e perseguidas). E tudo com o apoio do mercado. Não é de se espantar o fato de que dita metodologia já tenha sido adotada por gigantes como Coca Cola, McDonald’s, Proctor & Gable, Unilever, Google, Microsoft, HP, Intel e Facebook.

Da autoridade exercida sobretudo pelas instituições tradicionais, sociais e/ou culturais, à “invasão” e respectivo controle tecnológicos (informacional ou comercial): seria esse o futuro da memória e do comportamento humanos? Esta aí um cenário que se há apenas uma ou duas décadas soava simplesmente tal qual o enredo de alguma película de ficção, atualmente caminha-se em direção a um plausível porvir, o que consolidaria, quiçá, uma segunda “perda da aura”: depois das obras de arte, a da memória.

Nos próximos quatro capítulos, dedicamo-nos à abordagem daqueles que acreditamos serem os quatros maiores medos dos indivíduos das sociedades ocidentais coevas, sendo cada um analisado - a partir de um viés midiático - separadamente em um capítulo. Nesse exame, queremos desconstruir a “naturalidade” com a qual tememos os medos sinalizados, buscando, para isso, demonstrar como esses receios foram historicamente formados. Na seguinte sequência, são eles: o (multi)medo em relação ao clima, incluindo as discussões relacionadas com as “mudanças climáticas” e o “aquecimento global”; o (multi)medo em relação à insegurança, que abrange a escalada dos processos de exclusão social e do terrorismo global; o (multi)medo em relação à aparência ou ao corpo, com a excessiva preocupação em atender a determinados padrões de beleza e de forma física; e o (multi)medo em relação à “não-existência”, o qual atravessa questões a respeito da forma com a qual os sujeitos contemporâneos lidam com a formatação de sua subjetividade e assuntos considerados pessoais ou íntimos.

Em comum, esses capítulos seguem a mesma estrutura: nas primeiras partes, apresentamos a maneira com que os aludimos temores foram sendo histórica e

culturalmente desenvolvidos, os fatores que no passado contribuíram e que no presente corroboram para sua intensificação, a maneira com que são atualmente vistos e encarados pelos indivíduos, bem como o andamento das discussões científico-acadêmicas em torno da problemática, “lincando-a”, sempre que possível, com os meios de comunicação. Na última parte de cada capítulo, por fim, sempre iniciada com o subtítulo de “multimedio”, adensamos a análise do material midiático referente a cada tema.

## Capítulo IV: O medo do clima

A primeira década do século XXI será lembrada como a época em que o mundo abriu os olhos às mudanças climáticas. O furacão Katrina devorou Nova Orleans. Queimadas devastaram a Floresta Amazônica. Ursos polares se afogaram nas águas resultantes do degelo do Ártico. Ondas de calor varreram a Europa. A seca chegou ao Meio Oeste dos Estados Unidos. Geleiras derreteram como nunca antes. Em 2007, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), uma coalizão de cientistas sob a bandeira das Nações Unidas, declarou que 11 dos 12 anos anteriores haviam sido os mais quentes já registrados na história e que muito provavelmente tal elevação nas temperaturas fora causada por emissões provenientes de nossos automóveis, fábricas, usinas de produção de energia, e pela derrubada das florestas. (FARIS, 2009, p. 1)

“[O aquecimento global] É história para boi dormir. Primeiramente, pela hipótese que se utiliza: essa história toda de efeito estufa, que aí incrimina o gás CO<sub>2</sub>, aquele que alimenta toda a nossa vida, e está entre os que absorvem a radiação infravermelha, deixando a Terra ainda mais quente. [...] A taxa de CO<sub>2</sub> é extremamente pequena, em torno de 0,033% a 0,035%. É tão ridículo! E estamos falando de todo o CO<sub>2</sub> do planeta. Para você ter uma noção, a atividade humana é menor que a dos insetos”, Ricardo Augusto Felício, meteorologista e professor da USP.<sup>78</sup>

Devido a tantas controvérsias e ao frenesi midiático (especialmente no que se refere à criação e difusão de “paisagens de medo” relacionadas ao clima, tal qual pela divulgação de imagens de fenômenos meteorológicos extremos - degelos, secas, enchentes etc.), a mudança climática, neste início do século XXI, destaca-se como um dos assuntos mais em voga. A existência do “aquecimento global”, no entanto, é o principal ponto de discórdia entre o discurso dos “não-céticos” e o do “céticos”. Para aqueles, “a escalada das temperaturas” representa (de modo patente) a maior evidência do *aquecimento global*, provocado, sobretudo, pelas atividades humanas, notadamente as industriais; já para estes, as tão alardeadas mudanças climáticas não passam de um processo cíclico, uma *variação climática natural*, pois a Terra é um planeta (por natureza) em constante transformação.

Presentemente, ceticismo e cenários de calamidades convivem lado a lado, com visível tendência midiática a privilegiar a segunda corrente. Enquanto, por exemplo, aos não-céticos o (cada vez mais próximo) futuro virá acompanhado da elevação do nível

---

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://invertia.terra.com.br/sustentabilidade/rio20/noticias/0,,OI5768714-EI20323.00-Rio+e+mamata+e+aquecimento+historia+pra+boi+dormir+diz+professor.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

dos oceanos, da inundação de baixadas litorâneas, da perda de área agricultável, da salinização das águas, da intensificação de fenômenos climáticos potencialmente destrutivos (como secas e enchentes, ondas de frio e calor), de furacões e tornados mais severos, da quebra de safras - gerando pressão inflacionária e (ainda mais) fome -, dentre outros, o que provocaria, quiçá, o maior movimento migratório de todos os tempos – podendo incitar (ainda mais) os episódios de xenofobia, bem como o acirramento das disputas em torno dos recursos naturais disponíveis, especialmente os hídricos -, aos cétricos, tudo não passa de exagero, terrorismo e falácia, em nome da manutenção das dependências e disparidades globais, encobrendo uma série de interesses políticos, econômicos e financeiros dos países ricos, acusados de almejam impedir o desenvolvimento industrial ou econômico das nações mais pobres, mantendo-as, assim, sobre seu domínio, ao mesmo tempo em que pretendem frear o consumo dos recursos naturais não renováveis pelos não desenvolvidos.

#### 4.1 Ciência ou religião?

Graças, em grande parte, às difusões midiáticas, o aquecimento global vem ganhando, dia a dia, genuínos ares bíblicos. Na mesma medida, elevam-se as polaridades em torno do tema: de um lado os “defensores do clima”, os não-céticos, os “amigos do planeta”, tais quais as organizações não governamentais e os membros que compõem o IPCC; do outro, os “inimigos do clima”, os céticos, os “amigos dos poluidores”. Emerge, de tal modo, a nova cruzada contemporânea: a luta ideológica entre os “fiéis” *versus* os “hereges” do clima.

Consoante o jornalista (acético) Steven Faris, que percorreu o mundo em busca da observação das possíveis implicações do aquecimento global,

A Cruz Vermelha afirma que os desastres ambientais já desalojam um número maior do que as guerras. A Christian Aid, instituição de caridade londrina fundada em 1945 para lidar com os deslocamentos em massa provocados pela Segunda Guerra Mundial, calcula que o número de pessoas deslocadas no mundo se aproxime dos 163 milhões. Entre hoje e 2050, a organização prevê que mais 250 milhões de pessoas fugirão de enchentes, secas, fome e furacões provocados pela mudança climática. Outros 50 milhões fugirão de abusos extremos contra os direitos humanos e conflitos. (2009, p. 60)

Tal é o cenário que ONGs – dentre as quais o *Greenpeace* e a *World Wildlife Fund* (WWF, em português Fundo Mundial da Natureza) - querem “impedir de ocorrer”, e, para isso, tomam *para si* a “responsabilidade” de “delatar” (às vezes em espetaculares ações) as agressões ao meio ambiente. Grosso modo, o discurso da



corrente não-cética é o da urgente necessidade de redução das emissões de CO<sub>2</sub>, segundo eles o grande responsável pelo aquecimento global. Essa seria a melhor forma de evitarmos a incidência de efeitos catastróficos, como enchentes e/ou secas severas, o drástico aumento da temperatura, a intensificação de desastres naturais, dentre outros. Nessa batalha pela “verdade” (e pela memória), o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), da ONU, desponta tal qual o maior “aliado” dos não-céticos – pois, de acordo com a edição de seu relatório divulgada em 2012, “há sinais que mostram que a mudança climática provocou modificações em certos episódios extremos que ocorrem há 50 anos e os modelos numéricos preveem uma intensificação nas próximas décadas”<sup>79</sup>.

Por conseguinte, o IPCC é, também, o maior “inimigo” dos céticos. Para estes, há muitas controvérsias quanto à legitimidade dos documentos apresentados por dito painel. Em declaração à *Veja*, por exemplo, Paul Reiter, infectologista do Instituto Pasteur, afirmou que “ouvimos falar que os relatórios do IPCC são fruto do trabalho de 2.500 dos maiores cientistas do mundo. Não é bem assim. Nem todos os autores dos estudos são selecionados por suas contribuições à ciência. Em muitos casos prevalecem os critérios políticos”<sup>80</sup>. Versão alimentada com a descoberta de uma fraude no relatório de 2007, que projetou o derretimento total das geleiras do Himalaia até o ano de 2035, algo logo desmentido por outros cientistas, os quais denunciaram que algumas das pesquisas empregadas nos relatórios emitidos pelo IPCC eram ou meras especulações ou haviam sido manipuladas.

Em suma, os acéticos argumentam que a humanidade precisa adotar medidas concretas *desde já*, visando ao drástico arrefecimento dos níveis de “gases poluentes” atualmente emitidos (como o CO<sub>2</sub> e o metano), para que as temperaturas do planeta não subam de modo muito acelerado (trabalha-se com uma margem segundo a qual o “ideal” seria não alcançar os 2°C de elevação<sup>81</sup>). Necessitaria-se, portanto, de uma verdadeira mudança de atitude e conscientização, envolvendo governos, entidades civis

---

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2012/03/novo-relatorio-do-ipcc-preve-eventos-extremos-do-clima-nos-proximos-anos.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>80</sup> Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/241007/p\\_086.shtml](http://veja.abril.com.br/241007/p_086.shtml)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>81</sup> De acordo com uma reportagem de *O Globo* digital, com fonte atribuída ao relatório “World Energy Outlook 2009”, da Agência Internacional de Energia, far-se-ia necessário, para tanto, um aporte “trilhonário” no setor energético. Conforme a matéria: “Há um consenso cada vez maior entre os países de que é necessário limitar o aumento das temperaturas globais em até 2°C, acima do qual as mudanças climáticas podem se tornar imprevisíveis e irreversíveis. Mas ainda há grandes divergências sobre qual a maneira de se conseguir esse objetivo”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/limitar-emissoes-no-setor-de-energia-exigira-us-105-trilhoes-diz-agencia-3160920#ixzz28j1U7cuZ>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

(no coletivo e no individual) e, principalmente, as atividades econômicas. Do contrário, as implicações seriam “calamitosas”, ameaçando as próprias condições para a existência de vida no planeta.

Já o discurso cético, por outro lado, defende basicamente a “inocência” do CO<sub>2</sub> no que concerne à escalada da temperatura planetária, pois, para eles, o clima não é governado por dito gás, mas pelos oceanos – e a incidência de fenômenos naturais como o *El Niño* e o *La Niña*, respectivamente o aquecimento e o resfriamento das águas do Pacífico -, e, especialmente, pelas atividades solares. As ações humanas, argumentam os céticos, quando comparadas com a liberação de CO<sub>2</sub> feita pelos mares, pela decomposição de material orgânico, e mesmo pelos demais seres vivos do planeta, emitem uma quantidade ínfima desse gás. De modo direto, asseveram que *não existem evidências concretas* o bastante que ratifiquem a ocorrência de um “aquecimento global antropogênico”, isto é, a elevação da temperatura em escala global em função da humanidade. Em vez disso, os céticos declaram que tais câmbios climáticos são frutos dos próprios ciclos naturais do planeta, o qual se encontra em permanente modificação.

Seguindo com o pensamento dos céticos, a elevação dos oceanos não seria efeito do degelo (seja do Ártico, da Antártida, da Groelândia ou do cume das montanhas), e sim da dilatação da própria água do mar, ou mesmo pela ocorrência de fatores pontuais/locais; desmentem, todavia, a alegação de que com a existência de áreas mais quentes a incidência de doenças tropicais pode se tornar mais frequente em regiões outrora mais frias. Eles asseguram que os mosquitos sobrevivem em baixas temperaturas, recordando a epidemia de malária sucedida no território soviético durante os anos 20 do século passado; rememoram ainda que durante o período medieval a temperatura do planeta já esteve mais alta do que agora, sem que grandes catástrofes tenham se desencadeado; defendem, todavia, que a elevação das temperaturas se dá mais na superfície da Terra do que na atmosfera, o que enfraquece a tese dos “gases poluentes” retendo mais calor no ar. Por fim, desacreditam nas atuais medições térmicas efetuadas pela ONU e empregadas pelo IPCC, apontando o caráter tendencioso na escolha dos lugares de instalação destes termômetros – como na proximidade de locais naturalmente quentes, dentre os quais a saída de ar de aparelhos de ar-refrigerado e churrasqueiras, ademais de denunciarem o fechamento de estações nas áreas mais frias do globo, como na Sibéria. Fora que desconsideram a viabilidade de se falar em uma “temperatura média global” em um planeta no qual, por sua geografia, verificam-se variações térmicas tão extremas.

Segundo os céticos, a instalação de um “clima de pânico” compõe um jogo de interesses econômicos, financeiros e políticos que mira a arrecadação de fundos, o impedimento do desenvolvimento e a manutenção da dependência tecnológica dos mais pobres pelos mais ricos.<sup>82</sup> Isso porque, conforme o meteorologista e professor da Universidade de São Paulo Ricardo Augusto Felício, ferrenho crítico do aquecimento<sup>83</sup>, vivemos uma era de transição à quarta fase do capitalismo: não mais a mercantil, a industrial ou a financeira, mas a “verde”, a “ecológica” ou a “sustentável”, na qual proliferam os lançamentos de bens e produtos que prometem ser mais eficientes em matéria energética e ambiental e agredirem menos à natureza<sup>84</sup>. Ao contestar a “atitude ecológica” da indústria, o pesquisador cita o exemplo do gás CFC, substituído pelo (bem mais caro) HCFC, com a desculpa de que este seria mais hábil e não destruiria a camada de ozônio. Para Felício, não só o CFC não “quebrava” o ozônio – cujo “buraco” seria natural na região da Antártida -, como o seu suplente (o HCFC) já está em vias de troca por outro gás “mais eficiente” (e caro): de acordo com o pesquisador, enquanto o quilo do CFC era comercializado por cerca de um dólar, o do HCFC pulou para 38 dólares, ao mesmo tempo em que a vida útil caiu de 50 para 25 anos.

É preciso, porém, ser cauteloso com ambos os discursos. Em primeiro lugar, há de se recordar que os dois rivalizam não só pela formação do imaginário social e da memória coletiva, como disputam o projeto de arranjo global a ser seguido nos anos vindouros. Nesse sentido, no que se refere às ideias dos acéticos, a instalação de um clima de “pânico” pode suscitar um verdadeiro quadro de “histeria coletiva” e, nesses casos, conforme já demonstrado pela História, nem sempre as melhores e mais adequadas medidas ao conjunto social acabam sendo as realmente adotadas, e sim as interessadas por determinados grupos de poder e influência. Notadamente nos episódios que exigem medidas rápidas, o que poderia ameaçar, até mesmo, os princípios da democracia (já nem tão respeitados). Em relação aos céticos, por sua vez, podem servir

---

<sup>82</sup> Fonte: Aquecimento Global “A FARSA” - Palestra Prof. USP. Vídeo com uma palestra do professor Ricardo Augusto Felício, dada na USP. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oJTNJBZxX6E&feature=related>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>83</sup> Logo na abertura de sua palestra, Felício esbraveja que não recebe nenhum tipo de fomento financeiro para conduzir suas pesquisas. Aliás, o professor apontou que cientistas céticos reclamam de que vêm sendo assediados exatamente por contraporem-se à existência do aquecimento global antropogênico, bem como não conseguem ser contemplados com verbas para suas investigações, pois, consoante a alegação de Felício, as agências não aprovam projetos nos quais o aquecimento global antropogênico é questionado, o que, nitidamente, vai de encontro ao princípio da livre ciência.

<sup>84</sup> Como ilustração à afirmação, podemos apontar: o estímulo à troca das lâmpadas incandescentes (primeiro pelas “frias”, agora pelas de LED) e a “evolução” dos televisores (dos convencionais, passando pelos de plasma e LCD, até alcançar os modelos de LED, que, a propósito, dentro em breve podem vir a serem trocados pelos que empregam a tecnologia OLED, de telas ultrafinas).

de pretexto para a não tomada de medidas contra os impactos ambientais produzidos pelas atividades humanas, tal qual a poluição do ar e da água, e seus possíveis efeitos ao planeta (independentemente das discussões sobre aquecimento global, sejam eles atuais ou futuros). Podem ainda, por exemplo, servirem de escusa para a não procura por fontes de energias renováveis e/ou alternativas para os combustíveis fósseis - que, para lembrar, não são eternos. Dito de outra forma, um é o “agente de Satã” do outro.

Nas próximas páginas, propomos uma leitura crítica acerca da forma com a qual o assunto “aquecimento global” vem sendo retratado no âmbito científico, social e através das difusões nos meios de comunicação, as quais, por meio de suas transmissões (de caráter alarmista/sensacionalista), de maneira relativamente fácil tomam a ocorrência de praticamente qualquer fenômeno natural um pouco mais incomum ou intenso como “prova incisiva” da existência do aquecimento do planeta. Assim, objetivamos entender o modo com que as recentes discussões mundiais sobre as alterações climáticas prosseguem, as respectivas previsões tecidas a respeito dos eventuais cenários futuros, os possíveis riscos que os câmbios no clima acendem, as propostas políticas suscitadas e debatidas em nome do aquecimento da Terra e, especialmente, a forma com a qual as coberturas midiáticas abordam o tema, auxiliando, em muito, a consolidá-lo como um dos maiores medos das sociedades contemporâneas: um *multimedo*.

#### **4.2 Efeito estufa *versus* aquecimento global**

Antes de respondermos o que vem a ser o aquecimento do planeta, faz-se necessário realizarmos uma breve distinção entre “efeito estufa” e “aquecimento global”. Aquele é um fenômeno natural e essencial para a manutenção da vida na Terra. Age, literalmente, tal qual uma espécie de cobertor, impedindo a perda, para o espaço, de parte do calor liberado pelo planeta, que é “aprisionado” por alguns dos elementos constituintes da própria atmosfera, como os vapores d’água, o metano e o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>). Evita, por conseguinte, o esfriamento excessivo da superfície terrestre. Contudo, para os não-céticos, o perigo está justamente na elevação da concentração desses gases no ar, já que, alegam, quanto maior for sua presença, menor será a quantidade de calor “perdida”. Logo, maior será sua retenção nas camadas de superfície do planeta. É exatamente ao processo – derivado das atividades humanas - de acréscimo

da concentração dos gases que pressionam em ritmo ascendente as temperaturas médias da Terra, que esses cientistas chamam de “aquecimento global”.<sup>85</sup>

Para os acéticos, é consenso que os gases do efeito estufa vêm se acumulando (velozmente) na atmosfera. Com isso, esses pesquisadores acreditam que ao longo do século XX a temperatura média global tenha subido 0,5°C (FARIS, 2009, p. 1). Já Anthony Giddens apresenta um dado ainda mais alarmante: a elevação, até o presente, teria sido, na verdade, da ordem de 0,74°C (2010, p. 38). E, de acordo com os modelos de previsões, a tendência futura é a de que tais discrepâncias só piorem: das mais otimistas às mais pessimistas, calcula-se que, até o final deste século, a temperatura deva subir entre 1,8 e 4°C (FARIS, 2009, p. 1).

A explicação do por que desse incremento é o que mais difere os céticos dos não-céticos. Para os primeiros, o homem contribuiu com apenas uma pequena parte dessas liberações, juntamente com a decomposição da matéria orgânica e os oceanos. Todavia, para os segundos isso é fruto direto das atividades humanas, principalmente as desenvolvidas após o advento da indústria, a qual, pela excessiva queima de combustíveis fósseis, mais o desmatamento, acelerou a emissão desses gases. Essa linha científica espera que, com o aquecimento global, presenciemos tanto um convívio cada vez mais corriqueiro entre a alternância de severas discrepâncias climáticas (muito frio em uma região *versus* muito calor em outra; seca prolongada *versus* chuva em excesso etc.), quanto à brusca variação entre períodos absolutamente antagônicos no mesmo local, intensificando a sensação de “desregulagem do tempo”.

Consoante os não-céticos, as possíveis consequências das mudanças climáticas já se fazem sentir em vários cantos do globo. Uma das fundamentais arguições desse grupo é a de que as implicações (ambientais e sociais) das alterações climáticas já puderam ser constatadas em um episódio ocorrido na região de Darfur, no Sudão. Em 2003, na localidade, iniciou-se o que para muitos (acéticos) é, até hoje, o maior confronto armado provocado diretamente por conta de um câmbio climático, mais precisamente por uma severa estiagem, apontada tal qual o maior ensejo, na época, para

---

<sup>85</sup> Em 2008, por exemplo, a mídia anunciou – com grande alarde – que o índice que mede o acúmulo de CO<sub>2</sub> havia alcançado 387 PPM - sigla de “partes por milhão” -, com perspectivas de incremento na casa de 2 PPM por ano (GIDDENS, 2010, p. 38). Em 2012, não obstante, segundo reportagem publicada na edição *on line* de *O Globo*, o índice havia atingido o recorde de 400 PPM, no Ártico. De carona com os acéticos, a mesma matéria destaca ainda que “a marca reforça o impacto das emissões provocadas pelo homem e é vista como um alerta para os danos que as mudanças climáticas deverão causar”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/niveis-de-co2-na-atmosfera-batem-recorde-no-artico-5144698>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

a escalada das hostilidades entre as populações locais – claro que outros fatores se casaram, dentre os quais a corrupção e o descaso do governo sudanês, a omissão internacional e as tensões em torno de uma limpeza étnica na região, o que, durante os enfrentamentos, acabaram vindo à tona. Sem embargo, é lugar-comum – pelo menos aos não-céticos - atribuir como estopim do combate, que resultou na morte de milhares de civis, a carência de água. Portanto, um efeito do câmbio climático.<sup>86</sup>

Enquanto a seca se faz sentir mais impiedosa na África e em porções da Ásia, nas Américas Central e do Norte, além do Caribe, é a incidência cada vez mais amiudada de devastadoras tempestades tropicais que vêm assustando as populações. Conforme um estudo do MIT (Massachusetts Institute of Technology), desde os anos 1970 o potencial de destruição dos furacões da região aumentou em 50%. Já o Georgia Institute of Technology, após cotejar os anos 1970 e a primeira década do século XXI, concluiu que enquanto naquela época “somente” 20% dos furacões atingiam as categorias 4 e 5, agora este índice chega a 35%. Por fim, o Noaa (National Oceanic and Atmospheric Administration) prevê que no porvir os furacões se tornarão ainda mais intensos e numerosos.<sup>87</sup>

Segundo Faris, “Mesmo que começássemos imediatamente a parar de lançar carbono, a temperatura da Terra continuará aumentando durante décadas, à medida que o clima vai buscando um novo equilíbrio” (2009, p. 182). Consequentemente, ao se considerar dita afirmação, tem-se que a política envolvendo as mutações climáticas passa necessariamente pela revisão das atuais práticas econômicas e seu alto grau de dependência em torno de recursos poluentes e não renováveis, especialmente o carvão, o petróleo e o gás natural. Um planeta mais quente, alegam os não-céticos, poderia resultar em sequelas como a aceleração do degelo das calotas polares e a elevação do grau de acidificação dos oceanos, o que, aliás, alimentaria um círculo vicioso, pois quanto mais aquecidas estiverem as águas do mar, maior será a sua acidez e a liberação de gás carbônico, contribuindo com o aquecimento global. Em tempo: no século XX, a temperatura dos mares subiu, em média, 0,5°C (FARRIS, 2009, p. 31). Não obstante, de acordo com a perspectiva dos céticos, ditas alterações (conforme já visto) compõem os ciclos naturais do planeta.

---

<sup>86</sup> Para mais, ver: FARRIS, 2009.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/418/artigo56166-1.htm>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

Em 2007, no rastro da divulgação do relatório do IPCC do mesmo ano, o programa *Roda Viva*, da TV Cultura, realizou um debate sobre o aquecimento global. Porém, desde o começo, a atração se mostrou inclinada à corrente acética. Já na abertura, um comentarista pronunciou o seguinte discurso:

São Paulo da garoa é coisa do passado, e a neblina de Londres não é mais a mesma. O pico do Monte Fuji, a montanha sagrada e simbólica do Japão, perdeu parte da neve. E o Kilimanjaro, na África, já deixou de ser o vulcão das neves eternas. Bem mais longe, o derretimento põe abaixo o gelo, mudando a paisagem na calota polar. No Brasil, o verde amazônico abriu espaço para o vermelho da terra desmatada e para a fumaça das queimadas. Cenários românticos e reservas biológicas há tempos sinalizam que algo pode estar mudando. Mais recentemente os sinais se tornaram violentos: a Ásia, campeã de mortes por desastres naturais, teve ilhas varridas pelo tsunami das ondas gigantes, que matou mais de 230 mil pessoas. O sul dos Estados Unidos, acostumado a furacões, foi atingido pelo pior deles, o Katrina, que destruiu Nova Orleans com ventos de 240 km/h, matando mil pessoas e desabrigando um milhão. No sul do Brasil, o Catarina foi o primeiro fenômeno desse tipo ocorrido no país, mostrando para brasileiros o estrago que ventos de 140 km/h podem fazer. Na Europa, as altas temperaturas no último verão causaram dezenas de mortes, principalmente entre idosos. O gélido inverno russo foi o mais quente desde 1879. Faltou neve e faltou frio para os ursos, que começaram a hibernação com dois meses de atraso. Caprichos da natureza? O relatório da ONU disse que não. Divulgado no começo do mês, em Paris, pelo IPCC - Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - *o documento afirma com segurança de mais de 90%, que o clima não mudaria, como tem mudado, não fosse a humanidade; e usa o termo "inequívoco" para o grau de certeza do aquecimento global. O problema está no crescente acúmulo na atmosfera, de gases de efeito estufa: o dióxido de carbono, o metano e o óxido nítrico. Eles são produzidos pela queima de petróleo e derivados, carvão, pela agricultura e pela destruição de florestas. O acúmulo de gases forma uma barreira, impedindo que o calor do Sol, irradiado pela Terra, volte para o espaço.* Daí o aquecimento da superfície terrestre e a sensação de que estamos em uma estufa. Nas medições que deram base ao relatório, o aumento da temperatura da Terra, que foi de 0,6 °C, de 1900 a 2000, será bem maior no século XXI. As projeções apontam para uma elevação entre 1,8 e 4 °C, até o ano 2100. Os cientistas acham muito provável uma elevação média de 3°C. As geleiras vão derreter mais, elevando o nível dos oceanos. No século XX o mar subiu 17 cm. Agora pode subir entre 18 e 59 cm, até 2100 - uma ameaça para as populações de milhares de cidades litorâneas. Mais quente, o ar dos oceanos também fortalece furacões e tempestades, da mesma forma que nos continentes, o calor pode aumentar a estiagem nas regiões secas, como na África e no Nordeste brasileiro. O ex-vice-presidente americano e agora ambientalista Al Gore lançou recentemente um livro e um documentário sobre mudanças climáticas. Ele faz um alerta ainda mais dramático sobre o aquecimento do planeta e seus prejuízos à saúde, à economia e ao ser humano. Em sua cruzada ambientalista, Al Gore conclama as pessoas a mudarem a maneira de produzir e consumir recursos e energia. E avisa governos e grandes poluidores que é imoral tomar decisões que condenem as futuras gerações a diminuir suas vidas. Os fortes interesses em jogo e a dificuldade política de discutir responsabilidades mostram que não será fácil pagar esta fatura ambiental. Países ricos e países pobres vão se debater, o que deixa no ar a indagação sobre qual será a força capaz de mudar esse quadro, qual o papel a ser assumido por governos, sociedades e cidadãos.

Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/297>>. Acessado em: 9 de junho de 2013. Grifos nossos.

O aquecimento global foi praticamente naturalizado pelo programa, que além de montar uma verdadeira miscelânea de “um pouco de tudo” - como incluir os tsunamis à lista de impactos das alterações climáticas -, não cumpriu com a proposta de realizar um debate propriamente dito, já que todos os convidados partilhavam praticamente da



mesma opinião, a qual, a propósito, era a do IPCC. O caráter tendencioso da atração, uma das mais consagradas da televisão brasileira, de calamidade, irreversibilidade e necessidade de adaptação ao aquecimento, pode ser sintetizado pela seguinte fala de Eduardo Giannetti, economista, sociólogo, professor do Ibmec de São Paulo e um dos convidados:

Eu acho que esse documento [o relatório do IPCC de 2007] estabelece um cenário para que a gente possa começar a trabalhar em duas direções. Uma delas é a seguinte: algumas dessas tendências são muito poderosas e dificilmente serão revertidas. A humanidade vai ter que se adaptar de alguma forma a isso. Ele serve como um alerta também. É um cenário que mostra que medidas preventivas podem atenuar, a longo prazo, efeitos que se materializarão nas gerações futuras, se nada for feito. Mas de qualquer maneira, a humanidade vai ter que se resignar à adaptação e a alguma prevenção se nós levarmos a sério um alerta dessa magnitude.

De modo geral, ao longo deste capítulo veremos que a fala dos acéticos são muito semelhantes a essas que acabamos de expor. Por isso, nas páginas que se seguem, será inevitável, em determinados momentos, a reaparição de alguns dos pontos que surgiram nos trechos destacados acima.<sup>88</sup>

### 4.3 Sociedade do risco

Impressionado com a escalada nuclear e com os impactos oriundos da industrialização, Ulrick Beck, nos anos 1980, descreveu o que apontou tal qual a iminência de uma “sociedade de risco”, caracterizada tanto pela produção quanto pela distribuição de riscos, justamente a partir do desenvolvimento das atividades industriais e econômicas. Em linhas gerais, Beck resume “risco” como aquilo que tem possibilidade de destruir a vida no planeta e, conseqüentemente, *a todos nós*. Assim, para o pensador, a sociedade industrial produziu mais do que riquezas (ainda que concentrada a poucos), mas riscos (esses sim, disseminados para todos). Para Beck,

Os riscos e ameaças atuais diferenciam-se, portanto, de seus equivalentes medievais, com frequência semelhantes por fora, fundamentalmente por conta da *globalidade* de seu alcance (ser humano, fauna, flora) e de suas causas *modernas*. São riscos da modernização. São um *produto de série* do

---

<sup>88</sup> Em relação ao Al Gore, mencionado no primeiro dos fragmentos tirados de *Roda Viva*, cabe uma curiosidade: após receber o prêmio Nobel da Paz de 2007, em grande parte graças ao seu filme *Uma verdade inconveniente*, de 2006, Gore, ainda que, em sua película, anuncie a elevação do nível do oceano em “seis metros”, adquiriu uma mansão, no estado da Califórnia (EUA), de frente para o mar, avaliada em cerca de 9 milhões de dólares. E mais: reportagem de *O Globo*, de 2007, mostrou que o consumo médio mensal, em 2006, de sua mansão no estado do Tennessee (EUA) foi de 1200 dólares. Ou seja, Al Gore “consome mais eletricidade em um mês do que a média das casas dos EUA consome em um ano inteiro”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/consumo-domestico-de-al-gore-questionado-4213439#ixzz2JB88LHuz>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.



Consoante Beck, a identificação de um risco é uma tentativa de mapear potenciais ameaças futuras, que, por isso mesmo, demandariam certa preocupação. A assimilação do perigo, no entanto, é seguida pela elaboração de tentativas de “convívio pacífico”, através da aceitação de “margens aceitáveis”, isto é, de “níveis de tolerância”. Esse nível de aceitação, por sua vez, é um intento de tranquilizar os sujeitos sobre um risco, já que as ameaças fazem parte do cotidiano de todos nós, evitando, dessa maneira, um quadro de pânico coletivo. Ainda assim, apesar do “admissível”, sabemos que o risco existe, que “está lá”, mesmo que prefiramos ignorá-lo – sobretudo se enquadrado dentro do “cabível”. Porém, tal qual um vulcão adormecido, a qualquer momento pode causar estragos a qualquer um.

Exemplos de “margens aguentáveis” seriam a presença de determinado agrotóxico nos alimentos (mas só até certo grau), de coliformes fecais na água (mas só até certo grau), de partículas de poluição do ar (mas só até certo grau), dentre outros. Claro que o ideal seria a obtenção do grau *zero*. Contudo, uma vez que não conseguimos nos livrar e/ou eliminá-los, o melhor (ou o que nos resta) a fazer é torná-los “adestrados”, lidar com eles de forma natural. Até mesmo os níveis de aquecimento do planeta estão dentro de uma margem oportuna (mas só até certo grau, ou melhor, 2°C – conforme citado anteriormente).

Como vimos, para os não-céticos as temperaturas globais estão subindo graças às atividades humanas, sobretudo as industriais, ao passo que os céticos questionam o cálculo utilizado para o alcance desse resultado. As grandes discussões dos acéticos giram em torno do por que desse incremento e o que pode ser feito para contorná-lo, já que não se pode liquidá-lo. Com base nessa visão, o aquecimento global enquadrar-se-ia tal qual mais uma das ameaças produzidas por essa “sociedade de disseminação de riscos”.

De acordo com Beck, independentemente da classe social, os riscos produzidos pela sociedade industrial atingiriam *a todos nós*, pois os mesmos se dissipam e se disseminam incontrolavelmente pelo planeta. Dessa forma, a poluição lançada por uma chaminé ao sul espalha-se pelo ar de todo o globo; o agrotóxico que se proíbe no norte, mas que continua sendo produzido e exportado para o sul, volve na forma de importação agrícola, assinalando um processo que o autor batiza de “efeito bumerangue”. Em outras palavras, por mais que se busque fugir ou escapar, os riscos

acabam retornando. Vemos, com isso, de um lado os países ricos acumulando riqueza e tentando se livrarem das consequências fabricadas por eles mesmos - por exemplo, transferindo para os países pobres as indústrias e atividades que mais causam impactos e poluição, constituindo a “nova desigualdade internacional” (BECK, 2010, p. 49) -, de outro a aceleração das diferenças socioeconômicas e a importação dos mesmos problemas rechaçados, os quais acabam regressando às nações “ecológicas”, senão pelo comércio, correntes de ar ou marinhas, pelo fluxo de pessoas no trânsito mundial.

Quando escreveu sua tese, nos anos finais da Guerra Fria, Beck chamava atenção principalmente para o perigo emanado das armas de destruição em massa. Bem verdade que os armamentos nucleares seguem despertando alarde, embora não pareçam ser o maior dos riscos contemporâneos – ou o mais temido d’eles. Dentre todas as situações de risco presentes, considerando o ponto de vista dos não-céticos, aquela que globalmente mais se faz sentir, indiferenciando a cultura, posição geográfica, idade, gênero, grau de instrução ou o que seja, tendo mais potencial para prejudicar indistintamente a *todos nós*, quiçá em um só golpe, portanto que mais ameaça a existência de *todos nós*, parece ser o “aquecimento global”.

Sopesando que Beck refletia especialmente sob o ameaçador viés de um possível confronto nuclear, e não tanto a partir de um olhar a respeito das alterações climáticas – apesar de não o ter desconsiderado de todo -, acreditamos que, especificamente no que concerne aos câmbios climáticos, no mundo atual, os mais ricos ainda conseguem se precaver muito mais contra os “riscos do clima” do que os mais pobres. Basta mirarmos os casos de Holanda e Itália contrapondo-os ao de Bangladesh: enquanto os europeus aplicam bilionárias cifras em monumentais projetos de engenharia na tentativa de protegerem suas cidades costeiras de alagamentos (como Amsterdã e Veneza), o país asiático apenas assiste e clama a *Alah* por piedade a cada nova enchente, sem que praticamente nenhum investimento seja feito.

Isso porque a transferência das indústrias mais poluentes para as periferias da Terra - expulsando ao menos do quintal a visualidade da poluição -, foi quase que instantaneamente acompanhada pela instalação das “indústrias das soluções”, as quais vêm conseguindo, de modo relativamente eficaz, solucionar boa parte dos problemas ambientais mais imediatos das cidades da parte desenvolvida do planeta – pelo menos por enquanto. Nesse sentido, os riscos podem até ser para todos, porém, definitivamente, as medidas de contorno, paliativas ou definitivas, não. Logo, concordamos com Beck quando o autor ressalta que a percepção dos riscos é

diferenciada entre os estratos, fato explicado pelos distintos níveis de acesso à informação e ao conhecimento. Contudo, na concepção acética da relação entre riscos e aquecimento global, a “lógica distributiva” defendida pelo pensador não parece se sobrepor aos “grandes grupos”, ainda mais em um mundo cada vez mais desigual.

Fora as controvérsias quanto à distribuição dos riscos no que se refere ao aquecimento global, Beck parece ter acertado em cheio quando descreveu outro ponto primordial da sociedade de risco: o movimento de privatização. Em outros termos, a percepção cada vez mais subjetivizada dos riscos: sua individualização. Isso significa que os riscos passaram a ser não só percebidos e/ou sentidos tais quais questões de personalidade, isto é, inerentes a cada um, um potencial perigo individual e único - mesmo que ameacem *a todos* -, como, maiormente, os temores são receados somente quando sentidos tais quais ameaças pessoais. Do contrário, os riscos, perigos ou ameaças passariam praticamente imunes aos indivíduos, já que seriam apenas os riscos, perigos e ameaças dos “outros”.

A ideia de privatização dos riscos nos auxiliou a desenvolver a noção de que igualmente os medos, uma vez particularizados e/ou privatizados, adquirem maior possibilidade de serem sentidos e/ou experienciados de modo exagerado, de serem turbinados, de alcançarem, por fim, o status de *fobia* (embora essa regra varie conforme os sujeitos e os objetos desencadeadores de medo). Em síntese, consumidos midiática, individual e extrapoladamente adquirem potencial para virarem uma *turbofobia*. Assim, as *turbofobias*, em tempos imagéticos, de mediação de medos, são a percepção e o consumo, particularizados e em altas dosagens, dos *multimedos* propagados pelos meios de comunicação. São o máximo nível de apavoramento individual que o sujeito pode vir a sofrer, em função dos episódios de temores expostos na mídia<sup>89</sup>.

Hoje, aos não-céticos, o maior de todos os produtos desta sociedade de disseminação de riscos, ao menos no momento, parece ser a elevação das temperaturas do planeta: o aquecimento global. Na verdade, ainda que de maneira marginal, Beck já havia tocado nesse assunto em sua teoria. Diz o autor que

A natureza *foi* subjugada e explorada no final do século XX, e, assim, transformada de fenômeno externo em *interno*, de fenômeno predeterminado em *fabricado*. Ao longo de sua transformação tecnológico-industrial e de sua comercialização global, a natureza foi absolvida pelo sistema industrial. Dessa forma, ela se converteu, ao mesmo tempo, em pré-requisito indispensável do

---

<sup>89</sup> Não estamos, com isso, comprando a teoria hipodérmica. Tão somente alegamos que os indivíduos, em virtude do contato com os fluxos sensoriais da mídia e suas reportagens, podem apresentar como sintoma, pela corrente do frenesi midiático e pela instauração de um clima de pânico, a percepção, em doses exageradas, dos episódios de medo como iminentes ameaças a si.

modo de vida *no* sistema industrial. Dependência do consumo e do mercado agora também significam um novo tipo de dependência da “natureza”, e essa dependência *imane*nte da “natureza” em relação ao sistema mercantil se converte, no e com o sistema mercantil, em lei do modo de vida na civilização industrial. (2010, p. 9. Grifos do autor.)

Beck arremata afirmando que “Contra as ameaças da natureza externa, aprendemos a construir cabanas e a acumular conhecimentos. Diante das ameaças da segunda natureza, absorvida no sistema industrial, vemo-nos praticamente indefesos” (2010, p. 9).

Pelo menos no que prega os acéticos, se escrevesse sua teoria hoje, cerca de três décadas depois, o pensador teria que rever tal colocação. Pois não seria qualquer cabana que nos protegeria dos futuros e catastróficos eventos climáticos por eles previstos, e para os quais nosso conhecimento encontra-se aquém de suas possíveis intensidades e consequências.

Até hoje, na tentativa de se precaverem de eventuais prejuízos causados por imprevistos - sejam roubos, furtos, incêndios, acidentes ou intemperanças climáticas -, os seres humanos têm apelado à contratação de apólices de seguro<sup>90</sup>. O princípio para o cálculo dos valores dos contratos tem sido o mesmo desde a fundação das seguradoras: a teoria das probabilidades, desenvolvida no século XVII pelos matemáticos franceses Pascal e Fermat, com base na observação da frequência com que certos eventos ocorrem em um determinado intervalo de tempo, isto é, contextualizados em uma análise de perspectiva histórica. Dessa combinação, resultam os valores de uma apólice.

No ano de 2009, por exemplo, as seguradoras pagaram ressarcimentos totais na ordem de 4,1 trilhões de dólares, sendo 1,1 trilhão apenas nos EUA. Quando olhamos os dados históricos, das 5 maiores indenizações totais já pagas, 3 foram por causa de fenômenos climáticos extremos, todos nos EUA e ocorridos a partir dos anos 1990. Trata-se do Furacão Ike, em setembro de 2008 (5º lugar), cujas compensações alcançaram a cifra dos 20,4 bilhões de dólares; do Andrew, em agosto de 1992 (2º), com 24 bilhões; e do Katrina, em agosto de 2005 (1º), com 72 bilhões de dólares. Em nível

---

<sup>90</sup> Segundo matéria especial de *Veja* (30 nov. 2011, p. 136) - de 30 páginas e requintes de “endeusamento” às agências de seguro, as quais “presentearam” a revista com quatro anúncios publicitários, alguns em página-dupla -, a primeira seguradora do mundo, a *Insurance Office*, nasceu após o trágico incêndio que destruiu a cidade de Londres, em 1666. Na ocasião, 13 mil casas foram destruídas, assim como 87 igrejas e 44 prédios públicos, resultando em 100 mil desabrigados e 6 mortes - esse último dado, embora seja o oficial, não é muito preciso. Extraoficialmente, o total de vítimas fatais pode ter superado a casa do milhar.

de comparação, o atentado de 11/09 ocupa a 3ª posição, com pagamentos de 23 bilhões de dólares. Ou seja, menos de um terço do Katrina.<sup>91</sup>

Com a ocorrência cada vez mais frequente de intensos fenômenos climáticos, e, conseqüentemente, de indenizações cada vez mais dispendiosas, as seguradoras estão enfrentando um dilema: afinal, de que maneira calcular o preço das apólices? Em outros termos, não estão conseguindo “mensurar”, “colocar um preço” nos riscos. Em um momento de incerteza climática, os dados históricos de pouco têm ajudado. Temendo prejuízos em série, algumas agências de seguro, em estados americanos como a Flórida e o Texas, estão deixando de renovar seus contratos. Em outros casos, as apólices ficaram tão encarecidas que simplesmente estão fora de alcance à maioria dos indivíduos que habitam as regiões onde os furacões costumam provocar mais estragos nos EUA.

O fruto da imprecisão no cálculo dos riscos e das probabilidades é uma impiedosa especulação, a qual empurra para as áreas mais marginais aqueles que não conseguem acompanhar a elevação dos índices das apólices, principalmente os inquilinos, uma vez que os aluguéis, a rigor, são acompanhados por seguros anuais obrigatórios. Conforme bem arrazoado por Beck, “É precisamente com o avanço da sociedade de risco que se desenvolvem como decorrência as oposições entre aqueles que são *afetados* pelos riscos e aqueles que *lucram* com eles” (2010, p. 56. Grifos do autor.). Portanto, ademais dos prejuízos em infraestrutura, dos danos econômicos, dos impactos sociais, culturais e mesmo afetivos, as populações atingidas – ou seja, as que naturalmente já mais sofrem - ficam ainda à mercê da especulação dos seguros - “detalhe” esse que a aludida reportagem de *Veja* sequer mencionou.

#### **4.4 A política da mudança climática**

Anthony Giddens, em *A política da mudança climática* (2010), destaca que embora a elevação das temperaturas na Terra ameace *a todos nós*, ainda assim não é capaz de mobilizar, em altos níveis, a sociedade como um todo. O problema estaria no fato de que o aquecimento é um perigo invisível, não palpável, oculto de nossas vistas, de forma que não conseguimos enxergá-lo de imediato – de tal modo, a mídia encontra o espaço segundo o qual crê (notadamente) lhe caber alertar-nos dos “perigos” em sua programação. Se bem que assustadores, o que se verifica, corriqueiramente, é mais o

---

<sup>91</sup> *Veja*, 30 nov. 2011, p. 138.

retardamento das medidas a serem adotadas (para amanhã ou depois), do que o efetivo cumprimento de ações imediatas. Mais diretamente, para Giddens, o “ônus” do dilema é transferido às gerações ascendentes - o chamado “desconto do futuro”. Dessa forma, convivemos em um contínuo embate entre “adiamento” e “urgência”, “espera” e “mobilização”, caracterizando o que o sociólogo assinala de “paradoxo de Giddens”.

No que concerne ao aquecimento global, o argumento basilar de Giddens é o de que

os países industrializados devem assumir a liderança na abordagem das mudanças climáticas e que as probabilidades de êxito dependerão muito do *governo* e do *Estado*. O que quer que possa ser feito pelo Estado dependerá, por sua vez, da geração de apoio político generalizado por parte dos cidadãos, dentro do contexto dos direitos e liberdades democráticos. (2010, p. 120. Grifos do autor.)

Para tanto, Giddens apresenta conceitos que, em sua opinião, poderiam ajudar a amenizar os efeitos do aquecimento. São eles: (a) *Estado assegurador*, ao qual caberá a promoção e o desenvolvimento de medidas destinadas ao combate do aquecimento global, facilitando-as. O Estado consolidar-se-ia em um poderoso mediador entre a sociedade civil e os interesses privados; (b) *convergência política*, pois o problema da elevação das temperaturas do planeta não deve ser pensado tal qual uma questão de visão de determinados setores ou ramos políticos, como esquerda ou direita, mas sobreposto a tais polarizações. Nesse caso, demanda-se por uma aliança política, em termos globais, envolvendo cidades, estados ou províncias e mesmo países, o que, quiçá, poderia (re)acender o espírito de comunidade internacional; (c) *convergência econômica*, obtida a partir do casamento entre desenvolvimento e uso de tecnologias que tragam vantagens competitivas; (d) *evidenciação*, que é a manutenção do assunto em alta na agenda política; (e) *positividades da mudança climática*, como a possibilidade de as políticas serem desenvolvidas com maior entrosamento e perspectivas de longo prazo; (f) *transcendência política*, para garantir que com a sucessão dos governos as políticas da mudança climática sejam mantidas; (g) *princípio da percentagem*, que reconhece o envolvimento de riscos derivados da tomada (ou não) de ações; (h) *imperativo do desenvolvimento*, com o qual Giddens defende o direito dos países mais pobres de se desenvolverem, ainda que signifique uma tolerância maior em suas emissões, por um tempo; (i) *superdesenvolvimento*, um problema que diz respeito à relação muitas vezes desigual entre os elevados graus de desenvolvimento dos países ricos e seu incipiente retorno em termos de qualidade de vida às suas populações. Com

isso, Giddens afirma que “a própria riqueza produz um leque de problemas sociais bastante profundos” (2010, p. 98); e (j) *adaptação proativa*, uma vez que como “a mudança climática acontecerá, independentemente do que façamos de agora em diante, será preciso elaborarmos uma política de adaptação, paralelamente à da mitigação das alterações climáticas” (2010, p. 99). Esses ajustamentos deveriam ser, preferencialmente, de caráter preventivo, planejados, portanto, com antecipação.

(Vê-se que o pensador – conquanto intente manter-se imparcial - é claramente mais sensível às ideais dos acéticos, isto é, daqueles que atribuem às atividades humanas a responsabilidade pelo aquecimento do planeta, do que às dos cétricos.)

Outra medida discutida por Giddens é o princípio do “poluidor-pagador”, que “significa que os causadores da poluição – ficando no alto da lista os responsáveis pelas emissões de carbono – devem receber uma cobrança proporcional aos danos que provocam” (2010, pp. 93-4). O próprio cientista social, porém, elenca uma série de dificuldades em sua implementação, dentre as quais a fórmula a ser usada para calcular a quantidade de carbono emitida pelos sujeitos, a tecnologia necessária para fazê-lo, a fragilidade em relação a fraudes e o preço a ser cobrado pelo carbono emitido. Ademais, como garantir que a verba arrecadada seja aplicada, de fato, em projetos que se propõem a reverter os impactos ao clima? Fora que pagar seria uma maneira de *despenalizar*, de *desresponsabilizar*, ou quem sabe de *desculpabilizar* o poluidor. Assim, com essa medida os que mais dispõem de recursos financeiros não precisariam fazer muito mais do que abrir a carteira ou o talão de cheques.

No histórico do campo político internacional, ao longo dos últimos quarenta anos, pelo menos três grandes encontros e fóruns globais, todos com a bandeira das Nações Unidas, foram realizados sem que, não obstante, muito tenha se avançado na prática. O primeiro d’eles foi em Estocolmo, em 1972. Sem embargo, o legado da *Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente*, foi, no mínimo, frustrante, já que graças à postura extremista tanto dos países desenvolvidos – os quais propuseram o “desenvolvimento zero” – quanto à dos em desenvolvimento e/ou não desenvolvidos – de “desenvolvimento a qualquer custo” -, as negociações se viram mais do que emperradas. Pelo menos o encontro serviu para “abrir os olhos” do mundo ao fato de que os recursos naturais não são uma fonte inesgotável, como muitos ainda defendiam, e que, por isso, necessitam ser explorados e utilizados com cautela.

Vinte anos depois, foi a vez da *Rio-92* (ou *ECO-92*), na cidade do Rio de Janeiro. Dessa vez, os chefes de estado compareceram em peso ao evento, evidenciando

a escalada do tema “clima” na consciência social. Ao menos na consciência, uma vez que, de novo, pouco se avançou em termos práticos. Bem verdade que se conseguiu muito mais quando comparado à *Estocolmo-72*. No Rio, por exemplo, as discrepâncias entre os países desenvolvidos e não desenvolvidos se mostraram bem mais atenuadas, possibilitando a concordância de que a maior parte dos danos e impactos ao meio ambiente foram causados pelas nações ricas, e que, portanto, elas têm que arcar com a maior parcela da responsabilidade ambiental. Além disso, destacou-se a necessidade de fomento aos países pobres no que concerne ao desenvolvimento e/ou à transferência de tecnologias mais limpas e eficientes – apesar de sabermos que tal transferência é acompanhada de mais dependência e exploração dos ricos -, bem como a ideia de “responsabilidades comuns”, princípio segundo o qual todos os países deveriam se unir com vistas na preservação ambiental, atentando-se, contudo, às diferenças entre os graus de desenvolvimento dos mesmos.

Todavia, as principais contendas da *Rio-92* giraram em torno, na época, do recém-criado conceito de *desenvolvimento sustentável*<sup>92</sup>, enfatizado no mais importante e famoso documento que o encontro produziu: a *Agenda 21*. Desenvolvimento sustentável, tal qual consta no *Relatório Brundtland*, é

o desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.<sup>93</sup>

O “desenvolvimento sustentável” seria obtido, desse modo, através da junção (equilibrada) das noções de sustentabilidade social, econômica e ambiental. Para Giddens, entretanto, a expressão “mais constitui um lema do que um conceito analítico” (2010, p. 88). Em seu estudo, o autor até evitou empregá-la, sob a justificativa de que “Os dois termos fundamentais, ‘sustentabilidade’ e ‘desenvolvimento’, como muitos observaram, têm significados meio contraditórios”. Na sequência, o pensador afirma que

“Sustentabilidade” implica continuidade e equilíbrio, enquanto “desenvolvimento” implica dinamismo e mudança. Assim, os ambientalistas

---

<sup>92</sup> O termo fora utilizado pela primeira vez no *Relatório Brundtland* – igualmente conhecido por *Nosso Futuro Comum* -, documento produzido no seio da Organização das Nações Unidas, em 1987, que serviu de base à realização de uma conferência global sobre meio ambiente, inspirada nos parâmetros da *Estocolmo-72*: a *Rio-92*.

<sup>93</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento\\_sustent%C3%A1vel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_sustent%C3%A1vel)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.



são atraídos pelo ângulo da “sustentabilidade”, enquanto governos e empresas (pelo menos na prática) põem o foco no “desenvolvimento”, em geral querendo com isso referir-se ao aumento do PIB (produto interno bruto). (GIDDENS, 2010, p. 88)

Em *Capitalismo parasitário*, Bauman (2010) discute a ininterrupta necessidade que o capitalismo tem de sempre procurar, encontrar e explorar “novas terras”, em diferentes meios e negócios, como forma de manter seu vigor. Em grande parte, o sociólogo arrazoa que o crescimento do sistema depende e é promovido pela exploração destas “áreas virgens”, gerando lucros, ganhos e riquezas (concentradas). Portanto, sob esse ponto de vista, desenvolvimento sustentável nada mais é do que uma incongruência, pois a noção de sustentabilidade vai de encontro com as lógicas da “cultura do desperdício” e do “descarte” levadas presentemente ao extremo, as quais exigem cada vez mais a exagerada exploração dos recursos naturais do planeta, constituindo-as em um dos pilares do capitalismo contemporâneo.

Em 2012, por fim, realizou-se aquele que é considerado o maior evento já organizado pela ONU: a *Rio+20*, em referência direta à *Rio-92*. Na multimidiática e pomposa conferência – abalizada pela ausência de alguns dos principais chefes de Estado do mundo, dentre eles o dos EUA, a da Alemanha e o da Grã-Bretanha -, os países discutiram a elaboração de políticas que possibilitassem a substituição da atual “economia marrom” por uma mais verde, situando dentre as maiores ameaças ao planeta impactos como a desertificação, o esgotamento dos recursos pesqueiros, a contaminação, o desmatamento, a extinção de espécies e o aquecimento. Discutiu-se, ainda, uma eventual substituição do Produto Interno Bruto (PIB) tal qual o índice de referência de riqueza dos países, por outro baseado em uma cesta de itens estruturado no tripé econômico-social-ambiental: o “Índice de Felicidade”.

Dessa vez, os debates se centraram especialmente em torno de duas expressões: *governança e economia verde*. Aquela é uma forma de administração governamental baseada em oito princípios capitais: participação; Estado de direito; transparência; responsabilidade; orientação por consenso; igualdade e eficiência; e prestação de contas – tudo o que, aliás, boa parte dos governos mundiais não fazem ou omitem, mesmo os que se dizem democráticos. Já a ideia de “economia verde” resultou bem mais polêmica. *A priori*, o termo prevê a elaboração de uma economia mais limpa e menos dependente dos combustíveis fósseis. Porém, os não desenvolvidos temem que seja um pretexto dos países ricos para criarem barreiras às suas exportações, em caso de não

cumprimento das eventuais medidas acertadas. A economia verde também tem despertando críticas por ser considerada uma maneira de “etiquetar o ambiente” – isto é, de pôr-lhe preço -, como no caso da cessão de subsídios com vistas na prevenção e na proteção ambiental.

No rascunho do texto final da Rio+20, batizado de *O Futuro que Queremos*, ratificado pelas delegações – que após o fracasso da ONU em chegar a um consenso internacional passou a ser tarefa do Brasil - podia-se ler que “renovamos nossos compromissos com o desenvolvimento sustentável, para garantir a promoção de um futuro economicamente, socialmente e ambientalmente sustentável para nosso planeta e para gerações futuras e presentes”<sup>94</sup>. O documento, do qual foram retirados os trechos considerados mais controversos, gerou uma série de descontentamentos, sobretudo aos acéticos, por sua “falta de ambição”. Prontamente, o relatório foi apelidado de “O Futuro que Não Queremos” e o encontro de “Rio-20”.

#### 4.5 O multimedo do clima



Acima, duas capas de diferentes edições da popular revista americana *Time* (à esquerda e ao centro) e uma de *Veja* (à direita) alardeando “os perigos do aquecimento global” a partir do uso de imagens impactantes e bem significativas e/ou representativas à instauração de uma atmosfera de “pânico climático”, motivo de medo e pavor às populações dos mais diversos países do globo. Nas pontas, fotos semelhantes (em situações parecidas) do animal que se tornou um legítimo símbolo (ou mascote?) das alterações climáticas, o urso polar, por conta da deterioração de seu habitat natural; ao centro, o planeta “fritando” em virtude da elevação das temperaturas globais. As imagens estão acompanhadas por títulos igualmente apocalípticos: “Preocupe-se. Preocupe-se muito”; “Aquecimento global”; e “Os sinais do apocalipse”.

<sup>94</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/rio-20-termina-sob-criticas-e-com-longa-lista-de-promessas>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

“Aquecimento global”, mas pode chamar de “Apocalipse”. As expressões empregadas pelos veículos de comunicação e informação, na cobertura e divulgação da elevação das temperaturas no planeta, envolvem ainda termos como “sobrevivência”, “caos” e “flagelo”. A reportagem da referida capa de *Veja*, por exemplo, em uma genuína alusão às catastróficas previsões bíblicas do armagedom, menciona o que designa de “As seis pragas do aquecimento”<sup>95</sup>, em alusão a outro evento bíblico calamitoso: as 7 pragas do Apocalipse. Para a revista, em vez de mares, rios e fontes virando sangue, do sol “devorando” os homens e do fatalista megaterremoto “como nunca antes se viu”, tem-se evidências tais quais: (a) o gelo do Ártico está derretendo<sup>96</sup>; (b) os furacões estão mais fortes<sup>97</sup>; (c) o Brasil na rota dos ciclones<sup>98</sup>; (d) o nível do mar subiu<sup>99</sup>; (e) os desertos avançam<sup>100</sup>; e (f) já se contam os mortos<sup>101</sup>. Ainda de acordo com *Veja*, “é assustador observar que eventos assim, de dimensões ciclônicas, sejam o resultado do aumento de apenas 1 grau na temperatura média da Terra, uma fração do calor previsto para as próximas décadas”, que deve ser entre “2 e 4,5 graus até 2050”, graças aos “gases resultantes da atividade humana”, fazendo com que muitos cientistas comecem “a acreditar que as mudanças climáticas chegaram a um ponto de não-retorno”. (Sendo assim, “Valei-nos e rogai por nós, *poluidores*, Nossa Senhora do Apocalipse!”.)

Já em uma matéria do portal *GI*, em 2012, deparamo-nos com passagens tais quais “O mundo está perto de atingir um estado crítico”, “o mundo está perto de atingir

---

<sup>95</sup> Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/210606/p\\_068.html](http://veja.abril.com.br/210606/p_068.html)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>96</sup> “A cobertura de gelo da região no verão diminui ao ritmo constante de 8% ao ano há três décadas. No ano passado, a camada de gelo foi 20% menor em relação à de 1979, uma redução de 1,3 milhão de quilômetros quadrados, o equivalente à soma dos territórios da França, da Alemanha e do Reino Unido”. (*Ibidem*)

<sup>97</sup> “Devido ao aquecimento das águas, a ocorrência de furacões das categorias 4 e 5 – os mais intensos da escala – dobrou nos últimos 35 anos. O furacão Katrina, que destruiu Nova Orleans, é uma amostra dessa nova realidade”. (*Ibidem*)

<sup>98</sup> “Até então a salvo desse tipo de tormenta, o litoral sul do Brasil foi varrido por um forte ciclone em 2004. De lá para cá, a chegada à costa de outras tempestades similares, ainda que de menor intensidade, mostra que o problema veio para ficar”. (*Ibidem*)

<sup>99</sup> “A elevação desde o início do século passado está entre 8 e 20 centímetros. Em certas áreas litorâneas, como algumas ilhas do Pacífico, isso significou um avanço de 100 metros na maré alta. Um estudo da ONU estima que o nível das águas subirá 1 metro até o fim deste século. Cidades à beira-mar, como o Recife, precisarão ser protegidas por diques”. (*Ibidem*)

<sup>100</sup> “O total de áreas atingidas por secas dobrou em trinta anos. Um quarto da superfície do planeta é agora de desertos. Só na China, as áreas desérticas avançam 10.000 quilômetros quadrados por ano, o equivalente ao território do Líbano”. (*Ibidem*)

<sup>101</sup> “A Organização das Nações Unidas estima que 150.000 pessoas morrem anualmente por causa de secas, inundações e outros fatores relacionados diretamente ao aquecimento global. Em 2030, o número dobrará”. (*Ibidem*)

limites que vão tornar os efeitos do aquecimento global irreversíveis” e “Momento limite”<sup>102</sup>. Sem contar o próprio título: “Aquecimento global está perto de se tornar irreversível, dizem cientistas”. Em suma, o fim (ou o Apocalipse) *pode estar* perto (mais do que você pensa). Isso porque, novamente de acordo com a reportagem do *GI*, “caso a emissão de gases do efeito estufa aumente sem controle” as temperaturas *podem ficar* 6°C mais altas até o final do século XXI. As consequências todos já sabem: degelo, perda de florestas, acidificação dos oceanos etc.

Evidenciamos, assim, a existência da construção de um *multimedo do clima*. Logo, o “aquecimento global” é a ameaça, o planeta, a natureza – “mascotizada” pelos ursos polares – e *todos nós*, suas vítimas, e o CO<sub>2</sub>, o vilão.

Observando a cobertura midiática sobre as mudanças climáticas, constatamos que o aquecimento global é retratado, em grande parte, em quatro vertentes principais: (a) no que concerne à *ocorrência de fenômenos naturais*, os quais segundo as reportagens são intensificados pelo aquecimento, tornando-os mais destrutivos e frequentes; (b) no que concerne aos *deveres, medidas e obrigações* dos indivíduos, dos governos e das empresas, basicamente o corte nas emissões de CO<sub>2</sub> pela adoção de mudanças no estilo de vida – com o qual a mídia se reafirma como um “instrumento de educação social”; (c) no que concerne aos *cenários futuros*, a maioria dos quais “apocalípticos” (tais quais secas, enchentes, ondas de calor, incêndios, escassez de água etc.); e (d) no que concerne aos *investimentos “necessários”* para a realização de obras de prevenção, criação de fundos ambientais e afins, modernização rumo a uma tecnologia mais limpa, dentre outros.

A partir daqui, centralizar-nos-emos nesses quatro pontos. Ressaltamos, todavia, que a ordem em que foram expostos é absolutamente aleatória, uma vez que convivem lado a lado no discurso dos meios de comunicação, não expressando, portanto, nenhum tipo de hierarquia. Por conseguinte, poderiam ter sido descritos em quaisquer sequências ou combinações possíveis.

Um dos maiores consensos aos não-céticos (e à grande mídia) é o de que o aquecimento global intensificará a incidência e a potência de fenômenos climáticos. Tanto que já é corriqueira a divulgação de *rankings* – uma boa forma de assustar por meio da exposição de dados - com as “maiores tragédias”, os “maiores desastres” ou as “maiores desgraças” ocasionadas pelo “aquecimento global”, as quais são devidamente

---

<sup>102</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2012/03/aquecimento-global-esta-perto-de-se-tornar-irreversivel-dizem-cientistas.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

comboiadas das listas dos “anos mais quentes da História”. “Veja as tempestades que causaram mais estragos nos últimos 10 anos”<sup>103</sup>; “Veja a lista das piores enchentes globais dos últimos dez anos”<sup>104</sup>; “As 5 maiores enchentes e deslizamentos de terra do mundo ocorridos nos últimos 12 meses”<sup>105</sup>; dentre outros títulos, repetidamente noticiados pelos veículos de comunicação, que só faltam bramir: “Veja, acontece um sempre perto de você”.

“Ocorrência de tornados no país quintuplicou nos últimos 20 anos”, dizia o *Correio Braziliense*<sup>106</sup>; “Desastres climáticos chamam a atenção para o aquecimento global”, denunciava *O Globo*<sup>107</sup>. Nas duas reportagens, uma estratégia salta aos olhos: em ambas, observa-se que primeiro os jornalistas utilizam da tática do “impacto”, do apavoramento, para, logo depois, recuarem – vale lembrar que estamos tratando de dois periódicos que, conforme o senso comum, não são considerados sensacionalistas.

Vejamos inicialmente o caso do jornal de Brasília. Primeiro o “baque”:

A crença de que o Brasil está imune a ameaças de catástrofes naturais começa a perder força, especialmente em relação à formação de tornados. Um levantamento feito pelo Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, mostra que os registros desse tipo de fenômeno no país saltaram mais de cinco vezes desde o início da década de 1990.

Depois, os “panos-quentes”: “Para especialistas, no entanto, o dado pode ser apenas um indício de que ele sempre existiu por aqui. O que não havia era tecnologia para monitorá-lo”.

Agora em *O Globo*.

---

<sup>103</sup> Disponível em: <<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/furacoes/furacoes-01.htm>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>104</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/veja+a+lista+das+piores+enchentes+globais+dos+ultimos+dez+anos/n1237945871274.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/as-5-maiores-enchentes-e-deslizamentos-de-terra-do-mundo-ocorridos-nos-ultimos-12-meses/>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>106</sup> Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2009/09/14/interna\\_brasil,141898/index.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2009/09/14/interna_brasil,141898/index.shtml)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/desastres-climaticos-chamam-atencao-para-aquecimento-global-3533251>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

As estatísticas climáticas sugerem que os tornados se tornaram mais numerosos com o aquecimento global. Porém, tornados são pequenos e difíceis de contar. Além disso, cientistas têm pouca confiança em relação à precisão de dados antigos. Ou seja, *não dá para ter certeza se realmente houve este aparente crescimento*. E, ainda, os programas de computador usados para analisar os dados meteorológicos não fazem um bom trabalho na representação de eventos como pequenos tornados.  
(Grifos nossos.)

Ou seja, *tensão e distensão* presentes no mesmíssimo parágrafo.

Outro aspecto muito trabalhado pelos meios de comunicação diz respeito à apresentação de medidas que *todos nós* devemos adotar para “vencermos” o aquecimento global. Indivíduos, governos, empresas, *todos*, no que preza o discurso da mídia, devem se unir em prol “da causa”. Por exemplo: “Dilma anuncia redução de emissões de gases em 40%”<sup>108</sup>, noticiava, em novembro de 2009, o título de uma reportagem de *O Globo*. No mês seguinte, outra matéria publicava o anúncio feito por outros países com vistas na redução dos gases<sup>109</sup>.

O ministro do Meio Ambiente da Índia, Jairam Ramesh, confirmou nesta quinta-feira [03/12/2009] que o país vai cortar sua intensidade de carbono em entre 20% e 25% até 2020, em comparação aos níveis de 2005.

A meta será levada à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, na próxima semana, em Copenhague, na Dinamarca.

“Nós vamos cortar, por conta própria, nossa intensidade de carbono entre 20% e 25% se obtivermos apoio da comunidade internacional”, disse o ministro indiano em discurso ao Parlamento.

A intensidade de carbono é a quantidade de CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono) emitida por cada unidade do PIB (Produto Interno Bruto).

#### **Pressão**

A Índia é considerada um dos maiores poluidores do mundo. Apesar de a meta apresentada ser voluntária, e não compulsória, já que a Convenção da ONU só prevê metas obrigatórias para os países desenvolvidos, o anúncio marca uma mudança na postura do país, que vinha se recusando a determinar uma meta de redução de gases de efeito estufa.

A Índia vinha sofrendo pressão para apresentar suas metas, especialmente depois que os dois maiores poluidores do mundo, Estados Unidos e China, anunciaram cortes.

Na semana passada, os Estados Unidos anunciaram que levarão à Copenhague a meta de cortar em 17% suas emissões de carbono até 2020, em comparação aos níveis de 2005.

#### **Brasil**

O Brasil, que assim como Índia e China faz parte do grupo dos Bric, já havia anunciado a meta voluntária de reduzir as emissões de gases causadores do efeito estufa entre 36,1% e 38,9% até 2020.

O Brasil também se comprometeu a reduzir em 80% o desmatamento na Amazônia até 2020.

Segundo especialistas, a redução na intensidade de carbono, anunciada pela Índia e pela China, significa que as emissões desses países vão continuar a subir no longo prazo, mas em um ritmo menor, o que provocou críticas.

A reunião de Copenhague será realizada de 7 a 18 de dezembro e tem como objetivo chegar a um novo acordo sobre o clima para substituir o Protocolo de Kyoto, que expira em 2012.

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/dilma-anuncia-reducao-de-emissoes-de-gases-em-40-3161974>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/india-anuncia-meta-de-corte-de-emissoes-de-co2-3187026#ixzz28j0JnHa>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

Já os cuidados individuais, para o portal de notícias *R7*, envolvem treze passos principais: economizar gasolina; utilizar mais o transporte público ou andar a pé, “sempre que puder”<sup>110</sup>; evitar o desperdício de energia elétrica; plantar árvores; reciclar; comprar produtos reciclados; adquirir “produtos inteligentes”, isto é, com eficiência energética atestada pelo Procel (Programa de Conservação de Energia Elétrica); utilizar a energia solar (a propósito, bem mais cara e menos eficiente do que a hidroelétrica); cuidar da geladeira; lavar e passar a roupa evitando os horários de pico de consumo de energia (que se dá à noite, quando as pessoas mais podem realizar as tarefas de casa após chegarem do trabalho); trocar as lâmpadas com alto consumo de energia; cuidar do aparelho de ar refrigerado e dos eletroeletrônicos.<sup>111</sup>

Da reportagem acima, retiramos o trecho abaixo, que diz respeito aos cuidados com os eletrodomésticos, para ilustrarmos a dimensão do tom “educativo” e “informativo” adotado não apenas por esta, mas por boa parte das matérias publicadas pela imprensa.

Evite usar eletrodomésticos, como máquinas de lavar e secar roupas, ferro e chuveiro no horário de pico, quando o consumo de energia elétrica é maior. Nesse horário, a iluminação pública é acionada e as luzes das residências, acesas.  
O chuveiro elétrico é um dos equipamentos que mais consome energia em uma casa. Se cada pessoa reduzir a ducha diária de 12 para 6 minutos, economizará energia suficiente para manter uma lâmpada acesa por 7 horas.  
Para gastar menos energia, deixe o chuveiro na posição “inverno” somente quando estiver frio. Evite tomar banho no horário de pico e feche a torneira ao se ensaboar ou usar xampu. Assim, além de energia elétrica, você também economiza água.

A reportagem termina com uma indispensável, colorida e didática animação computadorizada, intitulada “Aquecimento Global: um fenômeno causado pelo

---

<sup>110</sup> Voltando ao “debate” do *Roda Viva*, uma das participantes, Ilana Wainer, coordenadora do Laboratório de Oceanografia, Física e Clima do Instituto Oceanográfico da USP, chegou a sugerir o “andar de bicicleta” como uma das medidas para “salvar o planeta”. Na ocasião, Paulo Markum, anfitrião, rebateu: “Desculpe. Eu vou ter que ser, de novo, o chato de plantão. Fico pensando o seguinte ‘tá bom, andar de bicicleta’. Mas quem é que se habilita efetivamente a andar de bicicleta em uma cidade como São Paulo, salvo uma minoria absolutamente insignificante? Em segundo lugar: grande parte da locomoção dos paulistanos não se dá pelo transporte coletivo. Muito menos por automóvel. As pessoas andam a pé. Grande parte da população paulistana não tem dinheiro para andar de ônibus. Então eu fico pensando assim: se a gente quando começa com esse discurso de ‘freirinha’, para usar uma expressão quase grosseira, de: ‘ok, vamos fazer o nosso pedaço’ - que foi o que o Marcelo [Furtado, diretor de campanhas do Greenpeace] disse – ‘temos que fazer, sim’. Beleza. Agora, o fato é que um sujeito que anda a pé para ir para o trabalho e ganha um salário mínimo e mora em condições extremamente precárias, na periferia de uma cidade como São Paulo, não tem muito espaço para fazer alguma coisa. E também não tem muita condição de, infelizmente, ser cidadão e de ser eleitor capaz de cobrar e demandar isso [...]”. Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/297>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>111</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/veja-como-combater-o-aquecimento-global-no-dia-a-dia-20091115.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.



homem”, na qual o R7 “ensina” aos leitores – de modo “divertido” – o que é o “aquecimento global”: “Emissões de CO2 fazem com que temperatura na Terra fique maior”. Nas quatro abas existentes, o R7 falou sobre a incidência dos raios solares no planeta, que os “gases poluentes” impedem a dissipação de parte do calor no espaço (“fazendo com que a temperatura no planeta suba”), sob as ações humanas que liberam os gases (a queima de combustíveis fósseis, principalmente) e sobre os efeitos ao mar (cuja elevação “poderá inundar uma parte do litoral de todo o planeta, fazendo com que a população tenha que ‘fugir’ das águas”), à saúde (doenças tropicais e respiratórias) e ao ambiente (impactando, especialmente, a atividade agrícola).

Quanto aos cenários futuros, esses parecem ser os mais abundantes e variados possíveis, nos meios de comunicação. O jornal italiano *Corriere della Sera*, por ilustração, avançou duzentos anos no tempo para prever que teremos “New York sott’acqua entro il 2300” (“Nova Iorque submersa em 2300”), se o nível dos oceanos aumentar 4 metros<sup>112</sup>. Bem mais tarde do que o quadro pintado por produções cinematográficas como *O dia depois de amanhã* e *2012* - sem falar no documentário produzido por Al Gore, *Uma verdade inconveniente* -, os quais tratam sobre as possíveis calamidades e flagelos que podem ocorrer “brevemente” graças às “mudanças climáticas” – causadas, segundo as películas, pelo homem.

Com o intuito de averiguarmos a variedade de previsões, em uma pesquisa no arquivo do portal de *O Globo* – com a expressão “aquecimento global cenários” – sem restrição de período temporal, encontramos, dentre outros, os seguintes títulos<sup>113</sup>: “Aquecimento global vai provocar queda na produção agrícola brasileira, diz estudo”<sup>114</sup>; “Mudanças climáticas podem levar agricultura a perder R\$ 7,4 bi já em 2020, diz estudo”<sup>115</sup>; “Metade do planeta pode ficar inabitável com o aquecimento global, diz estudo”<sup>116</sup>; “Clima: Aquecimento global pode levar ao colapso da Amazônia”<sup>117</sup>;

---

<sup>112</sup> Disponível em: <[http://www.corriere.it/esteri/12\\_giugno\\_25/riscaldamento-new-york-sommersa-acqua\\_79a6724c-beb1-11e1-8494-460da67b523f.shtml](http://www.corriere.it/esteri/12_giugno_25/riscaldamento-new-york-sommersa-acqua_79a6724c-beb1-11e1-8494-460da67b523f.shtml)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>113</sup> Pesquisa realizada em 13/10/2012. Resultado por editoria: *Ciência* (41); *Blogs e Colunas* (36); *Blog do Noblat* (13); *Mundo* (10); e *Novos Artigos* (7).

<sup>114</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/aquecimento-global-vai-provocar-queda-na-producao-agricola-brasileira-diz-estudo-3607615#ixzz28jC60u2b>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>115</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/mudancas-climaticas-podem-levar-agricultura-perder-74-bi-ja-em-2020-diz-estudo-3607614#ixzz28jCKRHhw>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>116</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/metade-do-planeta-pode-ficar-inabitavel-com-aquecimento-global-diz-estudo-3009966#ixzz28jCR3CpW>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>117</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/clima-aquecimento-global-pode-levar-ao-colapso-da-amazonia-3146308#ixzz28jCb6Kwn>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.



“Mudanças climáticas elevam o nível do mar e ameaçam praias e baixadas do Rio”<sup>118</sup>; “Aquecimento global pode levar furacões ao Mediterrâneo”<sup>119</sup>; “Amazônia pode ficar 10°C mais quente até 2060, diz estudo”<sup>120</sup>; “‘Meio mundo pode ficar inóspito com mudança climática’, diz estudo”<sup>121</sup>; “Estudo da prefeitura mostra que Rio pode perder de 5,7% a 12% de sua área para o mar”<sup>122</sup>; “Clima: falta de ação terá efeitos dramáticos”<sup>123</sup>; “Grande parte da Amazônia pode desaparecer até 2080, diz ONU”<sup>124</sup>; “Metade da Amazônia pode ser destruída até 2030, diz WWF”<sup>125</sup>; “Avanço do oceano afetaria 42 milhões no Brasil”<sup>126</sup>; “Novo relatório sobre clima da ONU prevê fim rápido de fontes de água”<sup>127</sup>; e “IPCC: temperatura da Terra aumentará entre 1,8 e 4 graus até 2100”<sup>128</sup>.

O que se pode verificar, de princípio, é que em várias das reportagens, logo no título, *O Globo* atribuiu a “um estudo” aquilo que estava divulgando. O jornal está preocupado em demonstrar, portanto, o respaldado científico de alguma instituição, via “um estudo”. Em outros termos, não é *O Globo* quem está afirmando *isto* ou *aquilo*, mas *alguém legitimado para isso*, através de “um estudo”.

Com a exceção das matérias que o abordaram de modo secundário – e que apareceram nos resultados -, apenas uma não suscitou alarmismo: “Especialistas desaconselham tratar aquecimento como ‘desastre’”<sup>129</sup>. Ainda que o título da reportagem sugira “cautela” e tenha publicado a fala de cientistas que pedem o mesmo, o corpo textual concluiu “minimizando” tal posicionamento, corroborando com a versão

<sup>118</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/mudancas-climaticas-elevam-nivel-do-mar-ameacam-praias-baixas-do-rio-2799479#ixzz28jCgwIAn>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>119</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/aquecimento-global-pode-levar-furacoes-ao-mediterraneo-4170321>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>120</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/amazonia-pode-ficar-10c-mais-quente-ate-2060-diz-estudo-3168991#ixzz28jD8Px8s>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>121</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/meio-mundo-pode-ficar-inospito-com-mudanca-climatica-diz-estudo-3009920#ixzz28jDKwvj>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>122</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/estudo-da-prefeitura-mostra-que-rio-pode-perder-de-57-12-de-sua-area-para-mar-4184570#ixzz28jDnt18I>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>123</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/clima-falta-de-acao-tera-efeitos-dramaticos-4203851>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>124</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/grande-parte-da-amazonia-pode-desaparecer-ate-2080-diz-onu-4203214#ixzz28jE5oawj>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>125</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/metade-da-amazonia-pode-ser-destruida-ate-2030-diz-wwf-4135769#ixzz28jEIXIJW>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>126</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/avanco-do-oceano-afetaria-42-milhoes-no-brasil-4213361#ixzz28jENlpBY>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>127</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/novo-relatorio-sobre-clima-da-onu-preve-fim-rapido-de-fontes-de-agua-4204264#ixzz28jEia9OY>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>128</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/ipcc-temperatura-da-terra-aumentara-entre-18-4-graus-ate-2100-4236350#ixzz28jEtFgWA>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>129</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/especialistas-desaconselham-tratar-aquecimento-como-desastre-4203897>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

dos céticos, incitando, reforçando e/ou estabelecendo um “clima de medo” com o aquecimento global.

Abaixo, alguns trechos, cujos grifos são de nossa autoria.

Um relatório a ser divulgado na sexta-feira pela ONU deve provocar manchetes referindo-se ao aquecimento global como “catástrofe”, “desastre” ou “cataclismo”, mas isso pode acabar sendo prejudicial, já que passa ao público a impressão de que o problema é grande demais para ser tratado, na opinião de alguns especialistas.

(...)

“Estou um pouco preocupado de que a mídia, tendo contribuído para produzir todo dia uma manchete apocalíptica, vá então em seis semanas declarar uma histeria e seguir adiante”, disse Achim Steiner, diretor do Programa Ambiental da ONU.

(...)

Mike Hulme, diretor do centro de pesquisas britânico Tyndall, criticou a imprensa do seu país por ter usado adjetivos como “chocante”, “aterrador” e “devastador” para se referir às conclusões do primeiro relatório climático da ONU, em fevereiro.

“Esses apelos muitas vezes levam à negação, à paralisia, à apatia e até a um comportamento reativo perverso”, escreveu ele em carta à revista Nature, na qual diz que a imprensa dos EUA foi mais comedida.

*“Ativistas, imprensa e alguns cientistas parecem estar apelando ao medo para gerar uma sensação de urgência. Se querem engajar o público em reagir à mudança climática, isso é na melhor das hipóteses não-confiável e na pior delas é contraproducente”, afirmou.*

Os céticos também se aproveitam disso. Em 2003, o senador republicano dos EUA James Inhofe disse que a ameaça de “um aquecimento global catastrófico [foi] o maior boato já perpetrado contra o público norte-americano”.

Não seria o aquecimento global, nesse sentido, uma excelente desculpa para a execução de obras faraônicas? Além disso, não seria também uma oportunidade de demonstração de poder e tanto dos governos, bem como do avanço tecnológico das empresas e da engenharia sobre a natureza? Sem dúvidas, com uma população, no mínimo, alarmada, executá-las torna-se mais fácil. Veneza, na Itália, por exemplo, vem gastando bilhões de dólares na tentativa de se salvar das “consequências do aquecimento”. Segundo matéria do portal *BBC*<sup>130</sup> e do *GI*<sup>131</sup>, o governo italiano está investindo nada menos do que 7 bilhões de dólares em um megaprojeto – duramente criticado por ambientalistas - batizado de “Moisés”, que visa à construção de 78 barreiras móveis na entrada de água da lagoa de Veneza, com 1600 metros de comprimento, 28 de altura e 5 de largura, com o objetivo de impedir o avanço do mar sobre a lagoa em caso de maré superior a 1,1 metro. Não obstante, reportagem de

<sup>130</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/030514\\_venezaro.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/030514_venezaro.shtml)>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1361398-5598,00.html>>. Acessado em: 9 de junho de 2013.

*Veja*<sup>132</sup> afirma que as constantes inundações ocorrem pelo fato de que a cidade está literalmente afundando (foram 23 centímetros no século XX), em virtude da diminuição de sedimentos sobre os quais Veneza se assenta. Resultado: mais um milionário projeto em execução.

A “receita” acaba, pois, por se mostrar ser relativamente simples: um pouco de “terrorismo” midiático de um lado, interesses econômicos do outro, uma calorosa briga entre céticos e não-céticos e pronto: eis um dos maiores *multimedios* da nossa época: o do clima.

---

<sup>132</sup> *Veja*, 11 jan. 2012, p. 91.

## Capítulo V: O medo da insegurança

A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinqüente. (BAUMAN, 2009, p. 15)

Neste princípio de século, o mundo atravessa a era na qual mais foram desenvolvidos aparatos com fins de proteger e garantir segurança aos indivíduos. São instrumentos dos mais diversificados, concebidos pela engenharia humana e tecnológica, como câmeras de vigilância, cercas eletrificadas, detector de metais, coletes à prova de balas, blindagem de automóveis, alarmes sensíveis ao menor dos movimentos ou capazes de detectar o calor do corpo humano, poderosas lentes noturnas, dentre outros. Entretanto, em meio ao estabelecimento desta genuína “indústria do medo” lança-se à luz uma tênue contradição, já que de acordo com os estudos do sociólogo Zygmunt Bauman (2008a) estaríamos presenciando a fase em que mais o ser humano vive atemorizado. O que estaria havendo, então, que explicasse tal paradoxo? Como a sociedade mais tecnicamente “protegida” de todos os tempos pode ser também a “mais amedrontada”?

Consoante a pista deixada pelo autor, no prólogo deste capítulo, a presença dos “delinquentes”, os agentes de Satã do nosso tempo, é uma das responsáveis por tamanha escalada de insegurança e medo. Contudo, quem são esses delinquentes? E porque acusá-los de dito desvio? Na verdade, os “delinquentes” de que trataremos são fruto, efeito ou sintoma direto das dinâmicas e processos derivados da desigualdade e da injusta social. São, portanto, as maiores vítimas do sistema econômico em vigor. Porém, uma vez desmanchados os laços de solidariedade humana, à sociedade formal os delinquentes não só são vistos tais quais encarnações do “mau”, como também um “pesado” encargo, cuja existência – considerada uma iniquidade - parece servir apenas e tão somente para perturbar a vida dos demais cidadãos, os quais, em tempos de democracia, até os “carregam”, ainda que não os integrem, conforme demonstra Viviane Forrester (1997), mas não sem o coro de pares e mais pares de críticas. Parece não haver espaço para eles neste mundo; estão aqui em “excesso”. Vejamos o porquê.

Boa parte do esforço de construção da modernidade - e, por conseguinte, de seu discurso - foi o de conferir tanto liberdade quanto segurança aos indivíduos (BAUMAN, 2001). A primeira consta, inclusive, no célebre e emblemático lema da Revolução Francesa (marco da modernidade), juntamente com “igualdade” e “fraternidade”. A promessa era a de que após a revolução todos os cidadãos, absolutamente todos, teriam o direito de serem livres. Alforriados das amarras do mundo tradicional que os atava à sua posição social<sup>133</sup> (ou ao menos parcialmente), os sujeitos, na aurora dos tempos modernos, puderam gozar da possibilidade de fazerem escolhas pessoais, dentro, no entanto, de seu “campo de possibilidades” (VELHO, 2004), principiando a moldar, construir, planejar ou planificar a própria vida sem os ditames das “leis suntuárias” ou “imposições divinas”. Todavia, tamanha liberdade e “livre-arbítrio” implicaram a responsabilidade da “culpa”, sobretudo pelo medo do fracasso na tomada de decisões.

Claro que com a transição entre a era tradicional e a moderna novas regras coletivas foram estabelecidas. Porém, a principal diferença entre estes dois “mundos” é a de que na modernidade os preceitos sociais, em tese, valeriam com igual peso a todos os componentes sociais. Assim, de modo geral, a “ampla” e “irrestrita” liberdade moderna inspirava autonomia pessoal, direito de ir e vir, alvedrio de pensamento, expressão e seleção. Presumimos que o indivíduo livre é aquele que toma suas decisões, fundamentado em seu pensamento e estruturado em seu projeto de vida e visão de mundo, de maneira autônoma e independente. O sujeito livre, por excelência é, pois, o “senhor de sua existência”, abdicado da necessidade de satisfazer, por exemplo, aos códigos e pareceres de um superior feudal ou monarca, e sim seu instinto e “sexto sentido”, desfrutando da possibilidade de mobilidade social. Todavia, era preciso conquistar seu “lugar” na sociedade.

Já nas organizações pré-modernas, embora houvesse pouca autonomia individual, todos os membros encontravam “o seu espaço”, tinham uma função coletiva a desempenhar. Todos eram vistos como proveitosos, o que, em grande parte, não deixava de ser uma tremenda segurança: uma vez que todos “fazem parte” e “pertencem ao grupo” - do qual só seriam rechaçados em casos de falta grave, como no descumprimento das milenares regras morais ou se encarnados na figura de algum dos já citados “bodes expiatórios” (Capítulo II) -, ninguém era “inútil” ou “imprestável”. Com o advento da modernidade, não obstante, especialmente no século XIX, tal forma

---

<sup>133</sup> Para mais, ver: RIESMAN, 1995; SENNETT, 1995; ELIAS, 2001.

de organização foi, parafraseando Marx, “desmanchando-se no ar”. A começar pela distribuição espacial das populações e pelos câmbios na paisagem dos sítios em que habitavam, já que os sujeitos se aglomeravam não mais nos feudos medievais, mas principalmente em grandes cidades (seja pela migração voluntária, seja pela forçada), as quais formaram as primeiras metrópoles, gigantescas conurbações urbanas onde as relações de afeto semifamiliares foram cedendo, pouco a pouco, às impessoais. Com efeito, a separação e a segregação dos indivíduos nas urbes, a ponto de tornarem-se estranhos uns aos outros, nutriu (ainda mais) o afrouxamento dos laços tradicionais, estreitando, por tabela, a crise de confiança e os vínculos de solidariedade entre os sujeitos.

Desse modo, para Bauman pode-se dizer que

Os medos modernos tiveram início [...] no momento em que o parentesco entre homem e homem – aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempos imemoriais –, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido. (2009, pp. 19-20)

Multidões, novas moradias, caos, desordem, confusão, sujeira, anonimato e escuridão fizeram das metrópoles o cenário ideal ao alavancamento dos casos e imaginários de medos urbanos. A sociedade feudal oferecia a garantia do acolhimento coletivo, e, portanto, da proteção mútua. A moderna, entretanto, “proporcionou” liberdade. Na feudal havia solidariedade; na moderna, há desconfiança. A passagem do mundo tradicional ao moderno foi, igualmente, a do deslocamento da predominância das relações de afeto às impessoais.

Contudo, tal liberdade é questionável. Afinal, haveria liberdade até que ponto? A “burguesia triunfante” teria a mesma liberdade que um “farroupilho”? Teoricamente sim. Em tese, ambos poderiam adotar a posição, medida ou escolha que bem lhes entendessem, seriam iguais perante a lei e viveriam em um regime de “prosperidade”. Mas isso só no papel. Teoria e prática não só se encontravam divorciadas, como parece que ainda não fizeram as pazes. Os problemas da modernidade se principiram em seu próprio advento: ao se construir sob a bandeira de um regime que objetiva o crescimento econômico e o desenvolvimento através da dominação pelo capital financeiro, estabelecendo as trocas comerciais, monetárias ou mercantis tais quais elementos de integração e intermédio social, a modernidade teceu a própria falência de seu discurso. Ora, em um regime que já nasceu sob a égide da desigualdade econômica,

que já se iniciou sobre o desequilíbrio na balança do poder e onde as práticas sociais se encontram mercantilizadas, como se pode falar em liberdade, igualdade e fraternidade?

A consolidação da sociedade moderna, ao contrário da promessa de fraternidade, prosperidade, racionalidade e esclarecimento, logo de recrudescimento dos medos, acarretou seu exato oposto. A modernidade pode até ter livrado os homens do “atoleiro” da tradição, contudo as “trevas da ignorância” parecem não terem sido superadas. A menos que alguém ache que um mundo tão díspar e de abusiva e escandalosa exploração do homem sobre o homem não seja a própria treva terrena. O compromisso de racionalização da vida, pelos burocratas modernos, e, conseqüentemente, de redução dos medos não surtiu o efeito desejado e/ou esperado. Na verdade, os medos só se incrementaram.<sup>134</sup>

Sem embargo, para Bauman (2001) esta tão prometida “liberdade individual”, bramida desde o advento da modernidade, cobrou ainda um alto preço de seus compatriotas, pois trouxe consigo a redução da segurança (de proteção social, de conceitos, de lugar no mundo etc.) que havia nas sociedades tradicionais, um ponto, aliás, bastante salientado pelo sociólogo. Até aqui concordamos com Bauman. Nossa dúvida é quanto à solução dos problemas modernos por ele apontada: o retorno à vida comunitária. Temos a impressão de que uma das vicissitudes da humanidade é a de que *a dor do outro* é “apenas” *a dor do outro*, de modo que, por não ser *a nossa dor*, não nos é importante. Assim, no capitalista mundo em que vivemos, a mercadoria-inanimada acaba tendo mais valor e estima do que a mercadoria-animada, isto é, do que o *outro*. Nesse sentido, a proposta que o pensador faz sobre a necessidade de restabelecimento dos laços de solidariedade humana de modo a, ao menos, recrudescermos os nossos medos parece-nos muito mais rica do que sua defesa em torno da organização comunitária.

### 5.1 Os “supérfluos”

Vimos que para Bauman (2001), a “liberdade” veio à custa da segurança. Ainda assim, não foi uma liberdade para todos. Embora “conquistada” na passagem para o mundo pós-tradicional, continua ainda hoje a ter de ser “merecida”. Só que, atualmente,

---

<sup>134</sup> Se, conforme o Capítulo II, nas sociedades tradicionais os temores emanavam principalmente de fontes externas aos sujeitos (tais quais os medos de surtos bubônicos, de ataques e invasões de povos rivais, de grandes incêndios etc.), na sociedade moderna os medos começaram a despontar também a partir de fontes internas: com a “descoberta” da vida interior e íntima, os receios emergiam, outrossim, de dentro do próprio indivíduo. Logo, aos medos externos, associaram-se os internos. Para mais, ver: DELUMEAU, 2009; SENNETT, 1995.

a batalha por liberdade é menos uma questão grupal do que individual. Liberdade, porém, não deve ser entendida apenas como o poder de planejar e fazer escolhas, mas também de “ter acesso”, passe livre, direito de ir e vir ou mesmo de querer ficar (e, de preferência, ser bem recebido). Dessa forma, em um mundo que valoriza o sucesso financeiro e profissional e de consolidação do neoliberalismo, submeter-se ao mercado e às suas leis - portanto, ao trabalho - tornam-se a melhor maneira de ter direito à liberdade. A luta pessoal por liberdade, conseqüentemente, é uma contenda individual pela conquista de dois dos maiores e mais poderosos mecanismos de distinção social de nosso tempo: a autonomia sobre si e o direito à mobilidade (BAUMAN, 1999). Baseado nesses pressupostos, Bauman elabora uma de suas mais famosas metáforas: a dos *turistas* e *vagabundos*.

Segundo o sociólogo, os turistas são aqueles que têm acessibilidade e permissividade no trânsito global. São os que detêm o sinal verde e a quem é permitido, sem grandes empecilhos, atravessar as fronteiras entre os países, as quais se encontram cada vez mais vigiadas e demarcadas por rígidas barreiras - ao contrário das financeiras, cada vez mais dissolvidas. Os turistas escolhem onde querem estar, quando ir e por quanto tempo permanecer: eles estão no e preocupados com o “tempo”. O turista é um cidadão do mundo, a quem as questões globais são bem mais caras do que as locais. Nenhum lugar é o seu lar, ao mesmo tempo em que todos podem lhe servir como tal. Com o passaporte carimbado para qualquer canto, ao primeiro sinal de desordem ou incômodo simplesmente toma uma nova direção - de preferência rumo a um destino que não atrapalhe suas expectativas pessoais: ao se instalar em um local, o turista pensa em muito pouco além de “se divertir”, “ser bem servido” e extrair todas as boas oportunidades de que possa usufruir. Até que as mesmas se esgotem, reiniciando a viagem.

Já os vagabundos são perdulários de seu tempo. Diferentemente dos turistas, não são nem bem-vindos, nem bem-vistos em parte alguma. Eles não estão no tempo, e sim no espaço. Um espaço, diga-se de passagem, nada acolhedor, e sim repulsivo e segregado. Os vagabundos são locais, no sentido de que são os que mais diretamente sofrem com as conseqüências dos problemas da localidade (muitas vezes globais, mas ali refletidos), encontrando-se privados e excluídos da liberdade de movimento e de autonomia sobre si; logo, de poder. Os vagabundos circulam não por livre e espontânea vontade, mas por pressão e coação. Em nosso tempo - que se diz civilizado -, os vagabundos são empurrados e expulsos de “lá pra cá” e “daqui pra lá”, como coisas que



precisam ser mandadas para algum lugar e que, todavia, ninguém quer receber: sua permanência é incômoda. Eles não têm escolhas: simplesmente estão excluídos tanto da sociedade, quanto do consumo de bens.

Bauman (1999), contudo, ressalta que os vagabundos dispõem daquilo que os turistas mais almejam: tempo. Ou seja, por ironia da vida (será mesmo uma mera ironia?), aquilo que é tão faltoso e desejoso ao turista é o que mais sobra aos vagabundos. Não obstante, é um tempo perverso: desperdiçado, vago, impreciso, lento, arrastado, quase parado. Um tempo que não os leva a lugar algum que não a próxima marquise ou viaduto. Um tempo que não têm como aplicar e talvez nem saibam de que maneira poderiam fazê-lo. Por outro lado, os turistas têm o que os vagabundos mais anseiam: uma vida formalizada (um emprego, um lar, quiçá uma família) e acesso ao consumo de bens materiais e simbólicos. Entretanto, todo esse “pacote” só vem quando acompanhado pelo estresse da vida contemporânea, que é o alto preço cobrado aos turistas, derivando daí a percepção do tempo como frenético, absolutamente intenso, acelerado e fragmentado.

Na verdade, conforme Bauman (1999), turistas e vagabundos apresentam em comum o fato de, salvaguardadas as devidas posições, serem consumidores. Ambos são acumuladores de experiências, de sensações e de emoções. Porém, só o turista tem acesso aos bens materiais. Nesse sentido, o vagabundo é o *alterego* do turista e vice-versa. Um gostaria de ter aquilo de que o outro dispõe. Em outro sentido, a existência dos vagabundos legitima a submissão dos turistas aos regimentos do sistema, já que são a manifesta e patente simbolização do que lhes pode ocorrer *caso não se enquadrem* nos imperativos mercadológicos. Portanto, os vagabundos são necessários ao bom funcionamento do capitalismo, uma vez que demonstram aos turistas que a saída não parece nada boa – e na verdade não é.

Os turistas compõem a *high society*, os vagabundos a *underclass*. Para ficar mais claro, a “classe perigosa”, os delinquentes de nossos dias. Aqueles que acendem o sinal amarelo (ou, quem sabe, vermelho) da desconfiança e, conseqüentemente, do medo. A *underclass* é uma ameaça em potencial, a qual intimida simplesmente pela própria existência. É uma figura que amedronta e causa repulsa: é o máximo da exclusão. “Ser *underclass*”, de acordo com Bauman,

significa estar definitivamente fora do sistema de classes; portanto, não é alguém de uma classe inferior, alguém que está lá embaixo, para quem – observem – ainda existe uma escada, e podemos acreditar que conseguirá subila, se receber ajuda. Ser *underclass* significa estar fora, excluído, não servir para nada. A única função positiva que a *underclass* pode desempenhar é

induzir as pessoas decentes, as pessoas comuns, a se agarrarem ao tipo de vida que vivem, pois a alternativa é horrível demais para que sequer se possa levá-la em consideração. A alternativa é cair na *underclass*. (2009, p. 83. Grifos do autor.)

Em um impressionante ensaio sobre os processos de exclusão e marginalização social em vigor, intitulado *O horror econômico*, a francesa Viviane Forrester vai além: para a autora, a *underclass* agrupa uma categoria de indivíduos vista como “supérflua”. Isto é, teríamos atingido o ponto em que seres humanos - de carne e osso, tal qual *eu* e *você* - estão sendo considerados “desnecessários”, “imprestáveis”, um “estorvo”. São pessoas, argumenta a pesquisadora, que dificilmente serão reintegradas à sociedade. Primeiro, pois, para as lógicas dominantes, não têm nada a oferecer (baixa escolaridade, ausência de moradia fixa e formal, péssimas condições de saúde e físicas, “aparência ruim”, “nome sujo” etc.); segundo, pelo simples fato de que atravessamos uma época tanto de crise quanto de escassez do trabalho, ironicamente uma das bases de construção da sociedade ocidental. Ou seja, não estão sendo criados empregos com a mesma rapidez e velocidade com a qual os postos de trabalho estão sendo fechados. Forrester ainda afirma, com toda sua agudez e clarividência, que

É difícil admitir, impensável declarar que a presença de uma multidão de humanos se torna precária, não pelo fato inelutável da morte, mas pelo fato de que, enquanto vivos, sua presença não corresponde mais à lógica dominante, uma vez que já não dá lucro, mas, ao contrário, revela-se dispendiosa, demasiado dispendiosa. (1997, pp. 27-8)<sup>135</sup>

Para Forrester, principalmente ao longo do período industrial do capitalismo, de instalações fabris e industriais “sólidas”, o trabalho era “abundante”. Sob o “vale tudo” do neoliberalismo, porém, tanto o capital quanto as instalações tornaram-se “leves”, parcas, já que não estão fixados em lugar nenhum e têm toda a facilidade e respaldo jurídico para trocarem um canto por outro, largando os trabalhadores desempregados, ademais de uma série de dificuldades à localidade abandonada, no melhor estilo “se vira”. Em meio ao complexo e intricado sistema financeiro mundial, o capital simplesmente flutua e voa: ele é transnacional e especulativo. Eis um capital não utilizado para abrir postos de trabalho, mas para o lucro a partir da especulação: é o ganho pelo trabalho *zero*. Um capital que vai atrás das grandes oportunidades de

---

<sup>135</sup> Em janeiro de 2013, o então Ministro de Finanças do Japão, que também fora Primeiro Ministro do país com o maior número proporcional de idosos do mundo, Taro Aso, demonstrou que não é mais “apenas” a vida dos membros da *underclass* que têm sido vista como “dispendiosa”. Em declaração, Aso disse que “os idosos deveriam ‘se apressar e morrer’ em vez de custar dinheiro ao governo em cuidados médicos até o ‘fim da vida’”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/ministro-do-japao-diz-que-idosos-devem-se-apressar-e-morrer.html>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

rentabilidade, marcando presença onde oferecem juros maiores - leia-se rentabilidade -, encontrados justamente nos países que enfrentam as maiores dificuldades financeiras em fechar – ou melhor, em tentar equilibrar – suas contas e mesmo em alimentar sua população. São as economias mais pobres e menos desenvolvidas as que pagam as maiores taxas de juros mundiais e, por isso mesmo, as que acabam atraindo a maior parcela do vampiresco capital especulativo, o qual insaciavelmente lhes suga o máximo de ganhos que puder. Em síntese: o capital especulativo não só não gera empregos, como ainda usurpa daqueles que mais passam necessidades. De tal forma, um dos principais motivos para a redução do emprego é a própria volatilidade do capital, o qual parece não ter raiz, nacionalidade e muito menos deixar rastros.

Logo, a globalização, sob a bandeira do neoliberalismo, não exportou os altos padrões de qualidade de vida do Primeiro para o Terceiro Mundo. Ao contrário: disseminou mundo afora a concentração de renda, a desigualdade e os subempregos.<sup>136</sup> Dito processo foi minuciosamente descrito pela canadense Naomi Klein (2002), em *Sem logo*, livro no qual a autora expõe a atual estratégia que, tal qual uma moda, virou tendência entre os grandes nomes do consumo global contemporâneo: a busca pela separação entre os processos de fabricação dos produtos (o *físico*) e os de construção da marca (o *mental*). Na condução de tal projeto - com claras vistas na alocação de recursos e “energia” para sua respectiva canalização na realização e desenvolvimento de políticas de *gestão da marca* (associando-a a imagens, conceitos e estilos) -, a principal medida adotada pelas companhias tem sido o fechamento das indústrias e fábricas outrora de sua responsabilidade – isto é, diretamente por elas dirigidas e/ou administradas -, eliminando de uma só vez os postos de “n” trabalhadores. Diminuem-se, assim, os gastos cortando postos de trabalho ao mesmo tempo em que se elevam os orçamentos destinados às ações de marketing e publicidade.

Em vez da aplicação de mão de obra própria na confecção de seus produtos, as empresas têm *terceirizado sua produção* através da realização de encomendas a fábricas sediadas nos países com as mais flexíveis leis trabalhistas imaginadas, onde se compõe uma espécie de *combo*, já que o mesmo “pacote” ainda inclui ausência de organização sindical e de proteção estatal, abrindo caminho ao pagamento de miseráveis salários de centavos por hora em conjunção com longas jornadas de trabalho. A Ásia é o continente no qual essas “fábricas aéreas” mais se instalam, tecendo o que vem sendo designado de

---

<sup>136</sup> É o que Bauman (2008a) chama de “globalização negativa”, uma ordem mundial disseminadora de desordem, injustiça, conflitos e violência.

“Zonas de Processamento de Exportação” (ZPE). Trata-se de pequenos “paraísos” - pesadamente vigiados por seguranças armados – para, de um lado, as marcas sedentas por fecharem encomendas a baixo custo e, do outro, àqueles que querem lucrar oferecendo serviços baratos à custa da exploração de trabalhadores em regime de semiescravidão – os quais contam ainda com subsídios estatais (que varia de altíssima redução à isenção de tributos), muitas vezes em acordos que envolvem governos corruptos e ditatoriais. A lógica do consumo parece, portanto, ter reduzido as pessoas a três diferentes escalões: (a) as *úteis* para consumir, (b) as *descartáveis* para contratar ou *rotativas* para trabalhar e (c) as *onerosas* para viver.

Em sua concepção romântica, as ZPEs podem até terem sido pensadas como uma tentativa de desenvolver áreas empobrecidas do globo. Porém, consoante nos recorda Forrester, prosperidade econômica não significa distribuição de renda. Depois de tantos anos de bonança econômica, alguns “bolos” podem até terem ficado enormes, mas não terem sido necessariamente repartidos com integridade. O Brasil é um bom (ou seria mau?) exemplo disso. Segundo pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgada no segundo semestre de 2008, a qual apesar de destacar que o crescimento econômico do país tenha implicado uma queda do total de pobres, afirmou também que “mesmo com números alvissareiros, é necessário notar que os significativos ganhos de produtividade não estão sendo repassados aos salários, indicando que os detentores dos meios de produção podem estar se apoderando de parcela crescente da renda nacional”<sup>137</sup>.

Não é nenhuma novidade, ao menos àqueles que acompanham os periódicos com certa regularidade, que, dia a dia, vemos a inquietante escalada da degradação das condições de vida, notadamente pela concentração da riqueza mundial produzida. Entretanto, ultimamente o que mais sobressalta é o fato de as piores notícias, em se tratando de índices trabalhistas e econômicos, estarem vindo exatamente das nações tidas como as mais ricas (ou pelo menos outrora assim consideradas). A Espanha, por exemplo, fechou o ano de 2012 com taxa de desocupação de 26,02%<sup>138</sup> - e mesmo com números tão assustadores, o país é superado pela Grécia, com 26,8%. Os índices se tornam piores quando são considerados apenas os dados referentes aos espanhóis dos 16

---

<sup>137</sup> Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado\\_presidencia/ReducaoPobreza\\_CPresi7.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/ReducaoPobreza_CPresi7.pdf)>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>138</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/espanha-fecha-2012-com-desemprego-recorde-7383928>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

aos 24 anos: simplesmente 55% desses jovens não se encontram empregados.<sup>139</sup> Os números mundiais tampouco se mostram animadores: conforme o Relatório Tendências Mundiais de Emprego 2013, da OIT (Organização Internacional do Trabalho), 197,2 milhões de pessoas terminaram 2012 sem trabalho, um acréscimo de 4,2 milhões em relação ao ano anterior. Desses, 74 milhões eram jovens.<sup>140</sup>

A combinação de desemprego em alta com recessão econômica é o bastante para “pipocarem” as severas medidas de arrocho ou severidade fiscal, dentre os quais o corte de verbas a programas sociais e a redução dos salários dos funcionários públicos – medidas essas que, embora na maioria dos casos acabem empurrando ainda mais as economias poço abaixo, sempre que anunciadas recebem de pronto, ou no mais tardar pouco depois, apoio e elogios do Fundo Monetário Internacional, o FMI. Curioso é que mesmo com tamanho estado de quase bancarrota, as transferências do erário espanhol à família real do país praticamente não se viram abaladas. Só em 2012, o rei Juan Carlos recebeu mais de 270 mil euros, enquanto o príncipe Felipe mais de 131 mil. “Praticamente não se viram abaladas”, pois, “adotando as mesmas regras para os demais funcionários públicos”<sup>141</sup>, os vencimentos reais sofreram um corte da ordem de 7,1%. (E depois os mais pobres é que são tachados de sorvedouros do dinheiro público!)

Ainda sobre a Espanha, matéria do periódico argentino *Clarín* revelou que em meio ao “flagelo que golpea sin piedad a los españoles”, cresciam consideravelmente os casos de depressão, abandono familiar e tráfico de drogas. Os números apresentados pela reportagem são, no mínimo, angustiantes: 49% dos desempregados se mudaram para outro domicílio mais barato; 44% voltaram a viver com suas famílias; 25% abandonaram seus lares; 14% deixaram de comer carne ou peixe; e 10% das famílias não conseguem aquecer o interior de suas casas no inverno, padecendo com o frio pela

---

<sup>139</sup> Se por um lado uns padecem no desespero do “fantasma do desemprego”, outros encontram oportunidades para lucrar. Na mesmíssima época em que os veículos de comunicação divulgaram as informações mencionadas acima, era inaugurado em Londres o maior arranha-céu da Europa, um investimento de 1,5 bilhão de libra (aproximadamente 4,6 bilhões de reais), realizado por um grupo do Qatar, um dos países mais desiguais e corruptos do Oriente Médio, sendo imediatamente batizado de “Teto da Europa”.

<sup>140</sup> Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/desemprego-mundial-aumenta-novamente-mas-com-grandes-diferencas-regionais>>. Acessado em 10 de junho de 2013.

\* Se as projeções do relatório estiverem certas, 2013 será ainda mais difícil: terminará com 202 milhões de indivíduos sem emprego no mundo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/oit-preve-202-milhoes-de-desempregados-no-mundo-em-2013-7361217>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>141</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/rei-da-espanha-tera-salario-reduzido-5498592>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

incapacidade “de mantener su vivienda con una temperatura de entre 18 y 20 grados en invierno y de 25 en verano”, no que vem sendo denominado de “pobreza energética”.<sup>142</sup>

Já uma reportagem da edição eletrônica de *O Globo*, na seção dedicada a oportunidades e dicas de emprego, listou 11 profissões que atualmente estariam “em risco de extinção”, atribuindo aos avanços tecnológicos a causa principal da redução do número de profissionais em tais postos. A saber: caixa de banco (“em função de aplicativos e softwares poderosos que já fazem tarefas que antes só podiam ser feitas por seres humanos”); operador de telefonia (até o ano de 2010 o número destes trabalhadores caiu de 182 mil para 73 mil, nos EUA); operário de linha de montagem (o texto traz como ilustração a empresa Webb Wheel, que “graças aos robôs [...] não contratou nenhum funcionário nos últimos três anos, embora fabrique mais de 300 mil tambores de freio por ano, o que representa um aumento de 25%”); condutor de trem (pois “o sistema automatizado ajuda a manter as contratações em baixa”); cobrador de pedágio (substituídos por tecnologias digitais do tipo “pague depois”); bibliotecário (trocados por sistemas automatizados); assistente administrativo (de “2000 a 2010, o número de assistentes administrativos nos Estados Unidos caiu de 4,2 milhões para 3,1 milhões”); contador (aplicativos têm reduzido o número de empregados neste ramo. Nos EUA, o “número de auxiliares de contabilidade, contadores e auditores caiu de 1,7 milhões para 1,3 milhões de 2000 a 2010”); carteiro (em decorrência das ferramentas digitais, de “2000 a 2010, os Estados Unidos perderam 10% de seus carteiros: passando de 358 mil para 321 mil”); agente de viagem (queda de 46%, “de 142 mil em 2000 para 76 mil em 2010”); e funcionário de Tecnologia da Informação (uma vez que a “tecnologia permite às empresas utilizar a computação em nuvem para acompanhar dados sem a necessidade de contratar funcionários de TI”).<sup>143</sup>

Baseada em dados como esses, Forrester denunciou, nos anos 1990, uma grave e eletrizante contradição social e sistêmica: como pode, principalmente em tempos de arrefecimento do emprego e de crescimento populacional, o trabalho ser considerado uma condição necessária à sobrevivência? Como pode as pessoas “merecerem viver”

---

<sup>142</sup> Disponível em: <[http://www.clarin.com/mundo/Depresion-frio-delitos-desempleo-espanol\\_0\\_854314700.html](http://www.clarin.com/mundo/Depresion-frio-delitos-desempleo-espanol_0_854314700.html)>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>143</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/emprego/onze-profissoes-em-extincao-7395887>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

\* A matéria, tal qual se pode reparar, listou as profissões considerando especialmente os EUA como referência. Se formos analisar o Brasil, poderíamos acrescentar à lista profissões como: cobrador ou trocador de ônibus (restando aos motoristas o trabalho de conduzir os veículos, cobrar a tarifa e dar o troco aos passageiros); ascensoristas (cada vez mais raros nos edifícios comerciais); e frentistas (cabendo aos próprios condutores o papel de abastecerem seus carros).

por causa do trabalho que desempenham? Para a autora, são os indivíduos que não conseguem emprego e que mal logram se sustentar com o que têm que viram os “supérfluos”, os quais, em uma democracia, não têm muito além do que a “vida tolerada”. De modo perturbador, a francesa arrazoia que

Ninguém ousará declarar, numa democracia, que a vida não é um direito, que uma multidão de vivos está em número excedente. Mas, num regime totalitário, será que não se ousaria? Já não se ousou? E, embora deplorando, será que já não admitimos o princípio, quando a uma distância igual àquela de nossos locais de férias a fome dizima populações? (1997, p. 28)

A crise do trabalho foi, aliás, o mote explorado pela película *O Corte*, a qual hoje mais parece um presságio que uma hipérbole. A produção francesa, holandesa e espanhola, datada de 2005, expõe a estória do personagem fictício Bruno Davert, profissional bem-sucedido do ramo do papel, pai de uma família considerada exemplar - composta por sua esposa e um casal de filhos adolescentes - e morador de uma confortável residência localizada em um bairro relativamente próspero. Porém, em meio à implementação de uma política de reengenharia na companhia para a qual havia trabalhado por 15 anos, Davert viu-se dispensado, juntamente com outros tantos funcionários.

De imediato, o longa – recheado de cenas que retratam de indivíduos sem emprego (em busca de auxílios sociais, em rotinas de “caça por trabalho” e em entrevistas de seleção que “não dão em nada”<sup>144</sup>) a pessoas vendendo absolutamente todos os seus pertences em troca de quaisquer trocados, e mesmo se suicidando pelo desespero da situação calamitosa que enfrentam - chama a atenção para o fato de que, apesar de sua excelente qualificação e experiência profissional, Davert permaneceu sem lograr uma recolocação no mercado de trabalho por mais de dois anos. E mais: aos poucos, o personagem principiou a assistir ao desmoronamento e à deterioração dos preceitos de seu (até então sólido e estável) núcleo familiar.

No ápice de sua desesperança, a alternativa encontrada por Davert foi simular abrir um negócio com o singular e particular fito de atrair seus potenciais concorrentes a uma vaga de emprego. Na sequência, após cuidadosa análise dos currículos recebidos, o personagem, claramente desnorteado, vai ao encontro daqueles identificados como seus principais adversários, descobrindo-os, todavia, em semelhante situação de desemprego (e desalento), uma vez que alguns estão ocupando cargos bem inferiores em relação ao

---

<sup>144</sup> Não é à toa que, em determinado trecho de *O Horror Econômico*, Forrester indaga sobre se já não teria virado uma genuína profissão a contínua, repetente e cada vez mais comum procura diária por emprego.

seu perfil. E o mais chocante: Davert empreende uma verdadeira matança com praticamente todos os seus rivais. “Emprego não é tudo. Mas como se vive sem ele?”, resume Davert, em uma das falas mais marcantes do filme, na ocasião de uma consulta a um psicólogo.

Apocalipticamente, o final do longa nos sugere que Bruno, então empregado em um cargo de considerável importância e prestígio, pode vir a se tornar vítima de sua própria estratégia, evidenciando que os temores não só são compartilhados socialmente entre os indivíduos, como também suas estratégias de libertação e resolução.

Eis uma das maiores representações possíveis do medo (ou pavor) de integrar o “time” dos vagabundos, dos *underclass*, dos supérfluos ou dos outros muitos termos e expressões que em poucas letras aglutinam, de maneira categoricamente impessoal, fria e distante sabe-se lá quantos seres humanos, os quais partilham uma infeliz e cruel característica em comum: estão unidos e segregados pela condição de marginalizados, de “excluídos”, de “delinquentes”. E o pior de tudo é que, a julgar pelo “andar da carruagem”, dificilmente d’ela sairão.

## 5.2 Cidades em xeque

Segundo o professor chinês Yu-Fu Tuan, a cidade, em sua concepção, “representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica” (2005, p. 231). Na Antiguidade medieval, as urbes, graças a seus muros e fortalezas, eram consideradas seguras e protetoras dos “de dentro” dos “de fora”. Entretanto, alguns séculos depois, mais precisamente no início do XXI, Bauman as descreveu tais quais verdadeiros “depósitos de problemas causados pela globalização” (2009, p. 32). Agora, as cidades não só acumulam dificuldades, como nem ao menos conseguem suscitar a sensação de proteção aos “de dentro” dos “de dentro”. O que teria havido para que este “símbolo vivo da ordem cósmica” (TUAN, 2005, p. 231) se transformasse quase que em um “lixão”?

Atualmente, é senso comum que as cidades enfrentam sérios desafios (seja por concentrar um grande contingente de indivíduos – já abrangem a maior parcela da população global<sup>145</sup> -, seja ao tentar orçar, planejar e/ou executar seus serviços). Em *Confiança e medo na cidade* (2009), Bauman dá uma importante pista a respeito da raiz dos problemas das urbes contemporâneas. Para o sociólogo, uma das capitais

---

<sup>145</sup> Atualmente as cidades concentram 50,5% da população mundial. A estimativa é a de que, em 2050, 68,5% esteja nelas morando. Fonte: *Época*, 3 jun. 2011.



dificuldades das metrópoles coevas encontra-se justamente na falta de conhecimento acerca da real dimensão e complexidade de seus próprios problemas. A lógica é relativamente simples: os dilemas urbanos e metropolitanos presentes não são mais somente meras questões locais, uma vez que hoje, sob o dogma da globalização e da interconexão, tanto suas principais demandas, quanto suas respectivas respostas tornaram-se mundializadas. Ou seja, acompanharam os fluxos e ritmos da economia global.

Desse modo, um dos primitivos desafios da cidade é entender como se estrutura a atual ordem mundial. Parece simples, mas exige um câmbio de conscientização sobre a verdadeira extensão dos desafios das urbes no século XXI. Nesse sentido, é pura ilusão uma localidade ou região ter a pretensão de lograr resolver em seu território, de forma isolada, contradições que na verdade se expressam a nível mundial, já que sozinha simplesmente não dá conta de solucionar questões que foram planetariamente difundidas (e impostas) pela globalização. Logo, que escapam de seu alcance.

Ainda assim, as cidades e os indivíduos mantêm uma relação ambígua entre si: elas têm tanto o poder de atraí-los, como de repeli-los. Elas os seduzem, por exemplo, por sua maior variedade de oportunidades e possibilidades (mesmo que mais aparentes que reais), além de proporcionarem maior convívio com culturas distintas – a *mixofilia*; mas elas igualmente afugentam, exatamente pela proximidade com a diferença, a qual não deixa de suscitar medos – a *mixofobia*, manifestada “como um impulso em direção a ilhas de identidade e de semelhança espalhadas no grande mar da variedade e da diferença” (BAUMAN, 2009, p. 44) -, por suas estruturas inadequadas, serviços deficientes etc. Esses dois últimos, aliás, travam alguns dos maiores duelos físicos nas cidades, já que a conjugação entre carência de estrutura urbana e de planejamento público apropriados implica a sensação de ocupação desordenada, de bagunça e tumulto generalizados, atentando contra um dos mais importantes preceitos modernos: o ordenamento civilizatório. Não é à toa que para Tuan, “É uma profunda ironia que frequentemente a cidade possa parecer um lugar assustador. Construída para corrigir a aparente confusão e o caos da natureza, a cidade em si mesma se transforma em um meio ambiente físico desorientador” (2005, pp. 233-4).

Não bastasse a própria agitação superestimulante da vida urbana, sem a execução do adequado planejamento pelo poder público os espaços são ocupados de qualquer jeito, às vezes à base do puro improvisado, com direito a nada fascinantes paisagens de rios de esgoto correndo pela porta das moradias, lama e poças d’água com

toda a sorte de lixo, escassas e mal cuidadas ruas, ligações clandestinas de energia elétrica e água, bem como toda a desassistência estatal (educação, saúde etc.) – tudo devidamente ofuscado dos visitantes e dos moradores formais, estando reservados, na maioria dos casos, à cidade informal, ou seja, à dos “não assimilados”, dos vagabundos e dos *underclass*. Tal é o “planejamento” imposto pela lei (ou selva) do mercado, no qual aqueles que como não têm para onde ir, ficam, então, em qualquer lugar que logram permanecer. Por conseguinte, tais quais genuínos equilibristas, montam seus “barracos” ao lado de linhas férreas, sobre riachos, em regiões pantanosas, debruçados nas encostas de morros ou em qualquer outra localidade relegada pela especulação imobiliária e pela “cidade formal” – restando-lhes, ainda, a acusação de “invasores”, “destruidores” e “poluidores do meio ambiente”. Mais do que um quadro de ocupação desordenada, trata-se do cruel reflexo de uma excludente urbanização e de um bárbaro comércio envolvendo os espaços urbanos: o da especulação imobiliária.

Os informais, via de regra, simplesmente não são queridos e aceitos entre os formais. São “delinquentes”, “degradadores do espaço público”, “vadios perambulantes”, “assaltantes em potencial”, “drogados”. Por isso mesmo, precisam ser separados. E quanto maior for essa segregação, quanto menos estiverem ao alcance dos olhares dos turistas e/ou dos formais, melhor. A cidade “legal” só convive com a “ilegal” nos mapas de papel ou digitais<sup>146</sup>, além de na propaganda oficial dos governos, pois, na prática, há uma nada sutil barreira entre ambas. Às vezes, os limites entre área “nobre” e “marginalizada” se encontram apartados não só por barreiras socioeconômicas, mas também por físicas. Em 2009, por ilustração, no limiar entre as localidades de San Isidro e San Fernando, na Grande Buenos Aires, o poder público chegou ao ápice de erguer uma parede de concreto - com mais de três metros de altura e 800 de comprimento -, sob a justificativa de “proteger a un barrio de la inseguridad”<sup>147</sup>. O arrabalde a ser resguardado ficava, claro, na “parte boa”, no caso em San Isidro.

Consequentemente, se não se pode resolver um problema, por que não escondê-lo? Parece mesmo que algumas cidades, perfeitamente cientes de que não dão conta de sanarem a grandeza de seus desafios, pretendem ocultá-los. Em uma medida semelhante, o poder público do Rio de Janeiro instalou placas “antipobreza”, caprichosamente decoradas com as maravilhosas paisagens da cidade formal - ao custo

---

<sup>146</sup> Se bem que, em uma polêmica medida, a prefeitura do Rio de Janeiro solicitou à *Google* que retirasse o termo “favela” de seus mapas digitais da cidade (o que ocorreu em alguns casos).

<sup>147</sup> Disponível em: <<http://edant.clarin.com/diario/2009/04/09/laciudad/h-01894188.htm>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

de milhões de reais e sem consulta popular -, também chamadas de acústicas, nas margens da Linha Vermelha<sup>148</sup>, com a desculpa de que os moradores das cercanias (todos pobres em casas igualmente pobres) não seriam tão incomodados pelos ruídos do trânsito. Curioso é que dita preocupação só chegou no momento em que a cidade vivia seu maior “boom” mundial, servindo de sede a eventos como o Pan-Americano de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 – quando mais as autoridades esperavam a chegada dos turistas.<sup>149</sup> O resultado é que, em vários trechos da via, as favelas facilmente passam despercebidas por quem chega ou sai da cidade.

Porém, a grande “menina dos olhos” do Rio tem sido apostar na “pacificação dos morros”, através das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs), incluindo-as, até mesmo, em seu circuito turístico. Apesar de toda a euforia midiática e governamental, na vida fora da propaganda as UPPs parecem estar longe de solucionarem a questão da insegurança urbana. Que toda ação que traga benfeitorias é bem-vinda, não temos dúvida. Nosso receio, no entanto, paira tanto em relação à estratégia de combate ao tráfico que vem sendo adotada, quanto à própria eficácia das UPPs (contra as quais abroham episódios de abusos e corrupção<sup>150</sup>).

---

<sup>148</sup> Via expressa que liga a região da Baixada Fluminense e o Aeroporto Internacional às zonas centrais, sul e norte da cidade.

<sup>149</sup> Aliás, tais eventos têm servido de excelente escusa para os governantes do Rio de Janeiro levarem adiante uma espécie de “vale tudo pelos jogos”. O caso do complexo esportivo do Maracanã pode ser apontado como o de maior repercussão (para não dizer escândalo), presentemente. Governo do Estado e Prefeitura defendem, apesar da pressão de segmentos populares, a demolição de uma escola pública (justamente uma das poucas que funcionam com ensino de qualidade), um parque aquático (considerado de grande importância à natação brasileira), um estádio de atletismo (tido como um dos melhores do país) e o prédio histórico do antigo Museu do Índio, que já recebeu reconhecimento da ONU por sua importância na defesa e preservação da cultura indígena. Tudo em nome da construção de áreas de circulação, estacionamentos e um centro comercial, os quais, ao que tudo indica, seriam entregues, em regime de concessão, juntamente com o famoso estádio de futebol, a um dos empresários que mais apoiam (financeiramente) esses governos. (Em outros casos, surgem denúncias de remoções arbitrárias de famílias de baixa renda, obras superfaturadas, mal executadas etc.)

<sup>150</sup> “PMs são filmados agredindo jovem na UPP da Mangueira”. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/pms-s%C3%A3o-filmados-agredindo-jovem-na-upp-da-mangueira-1.462315>>. Acessado em: 10 de junho de 2013; “Confirmado caso de corrupção em UPP no Centro”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/confirmado-caso-de-corrupcao-em-upp-no-centro-2700355>>. Acessado em: 10 de junho de 2013; “PF: ex-comandante de UPP recebia R\$ 15 mil por semana do tráfico”. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5617013-EI5030,00-PF+excomandante+de+UPP+recebia+R+mil+por+semana+do+tráfico.html>>. Acessado em: 10 de junho de 2013; “Polícia da UPP da Mangueira são presos acusados de corrupção”. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/policiais-da-upp-da-mangueira-s%C3%A3o-presos-acusados-de-corrupcao>>. Acessado em: 10 de junho de 2013; “Vídeo flagra briga entre policiais de UPP e moradores da Providência”. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/v%C3%ADdeo-flagra-briga-entre-policiais-de-upp-e-moradores-da-provid%C3%Aancia-1.549349>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

Em primeiro lugar, salvo raras exceções, somente as comunidades das porções mais valorizadas da cidade - que (por coincidência?) serão a verdadeira sede e corredor para os turistas e atletas dos eventos que se seguirão – é que vêm sendo “pacificadas” (Centro, Zona Sul e Grande Tijuca), fora as localizadas nas margens das principais vias- expressas cariocas, sobretudo as que ligam o Aeroporto Internacional às regiões centrais; em segundo, o que geralmente nem a mídia e nem o governo diz é que a tal “pacificação” cobra seu preço. Literalmente: as comunidades “retomadas” padecem com o notório encarecimento do custo de vida e com um tipo de “especulação imobiliária” que acaba segregando ainda mais aqueles que já se encontram na condição de excluídos; em terceiro, não são raros os casos nos quais as manifestações culturais, outrora realizadas dentro das comunidades, são simplesmente proibidas pelos policiais das UPPs, eliminando as poucas possibilidades de lazer e sociabilização que ocorriam dentro das comunidades<sup>151</sup>. E, em quarto, não cessam de surgir denúncias de remoções arbitrárias para abrirem passagem à concretização de espetaculares e monumentais obras, a maioria das quais apenas “embelezadoras” das favelas, já que em nada (ou quase nada) auxiliam na efetiva melhora da qualidade de vida dos moradores, ignorando iniciativas como capacitação profissional e efetiva inclusão social.<sup>152</sup> Sem contar que, mesmo nas áreas com UPP, os episódios de trocas de tiros entre policiais e traficantes, bem como a disseminação das chamadas “ordens do tráfico” (para fechar o comércio do entorno da comunidade, por exemplo) voltaram a ocupar, vez ou outra, os espaços dos noticiários.

Logo, não é difícil conjecturar que os maiores beneficiados dessa empreitada parecem ser os especuladores, as imobiliárias e as construtoras, pois as áreas ao redor das UPPs sofrem uma inegável expansão imobiliária e valorativa. Entrementes, quem

---

<sup>151</sup> Fato ilustrado, dentre outras, pela seguinte matéria: “Proibição de pagode provoca polêmica na Rocinha pacificada” Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/proibicao-de-pagode-provoca-polemica-na-rocinha-pacificada-6169328#ixzz27hi8eAV2>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>152</sup> Em março de 2013, o JB *online* publicou uma pesquisa sobre as UPPs na qual os cientistas responsáveis questionavam a eficácia do programa. Na ocasião, André Rodrigues, um dos envolvidos no estudo, afirmou que a “UPP ainda não pode ser pensada enquanto um modelo de policiamento, pois o que encontramos em campo foi um conjunto de práticas e percepções de caráter muito experimental e vinculado às práticas cotidianas. É preciso ter um programa, de fato, que regule e oriente as ações das UPPs em seu conjunto, para não deixar a cargo do comandante a autorização ou a liberação de determinadas práticas, tais como os bailes funks e diferentes atividades comerciais no local”. Já Raísa Siqueira, outra envolvida no estudo, afirmou que apesar do “cessar fogo” ser um avanço, ainda não é possível declarar “que a relação entre a polícia e os moradores é próxima. Durante muitos anos, os moradores dessas favelas sofreram com a violência entre traficantes e policiais. Assim, a desconfiança é, ainda em muitos casos, uma marca dessa relação”. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/03/10/pesquisa-questiona-upps-como-programa-de-seguranca-publica/>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

mais perde são os menos favorecidos, empurrados ainda mais às periferias, quando não simplesmente despejados das residências que habitavam por não terem logrado acompanhar o ritmo de elevação dos aluguéis.

Mesmo assim, de um instante para o outro, o Rio da mídia parece ser “outro”. Nos jornais, (quase) nada de tiroteios, de hospitais públicos implorando por socorro e atenção - na verdade, o serviço público de saúde com a pior avaliação do país -, de escolas com ensino de péssima qualidade (um dos mais baixos conceitos nacionais) e da sofrível estrutura dos subúrbios. É hora de matérias que comentam a respeito da eleição do Rio como “Patrimônio da Humanidade”<sup>153</sup>, sede da Jornada Mundial da Juventude e da Copa das Confederações. Bem verdade que embora não tenham desaparecido das pautas jornalísticas de vez (o que seria muita audácia), os “maus” assuntos parecem terem sido drasticamente esvaziados.

Em São Paulo, as medidas do poder público também vêm causando controvérsias – sobretudo as contrárias aos *underclass*. Por ilustração, a operação policial, em janeiro de 2012, realizada na região de Pinheirinhos – há quem use o termo “massacre”. O terreno em questão - pertencente à massa falida de Naji Nahas, um especulador que já havia sido processado por fraudes -, vinha sendo negociado pelo governo federal para ser utilizado com fins de assentamento às famílias que ali residiam – até então, consideradas invasoras. No entanto, uma ordem judicial relâmpago resultou em uma ação determinando a reintegração de posse do terreno. Como resultado, centenas de policiais meteram o cassetete, balas, gases, bombas e tudo o que puderam em cima da desorientada população do local, desalojando-a sem que, na maioria das vezes, sequer tivessem tido a oportunidade de carregarem os próprios pertences.

Se essa manifestação por si só já é capaz de horrorizar a qualquer um com um mínimo de humanidade, três outras medidas, igualmente em São Paulo, prometem arregalar ainda mais os olhos de muita gente (solidária). Uma delas é a realização de uma série de obras “antimendigos”, tais quais a concretagem de rampas embaixo de viadutos e variadas instalações de estruturas metálicas em bancos de praça pública, com o manifesto pretexto de evitar com que os “marginalizados” se alojem. Ao menos o presidente da Associação Paulista Viva gostou da ideia, já que, segundo ele, “o cartão-postal da cidade tem de ser preservado. Sabemos das dificuldades sociais, mas não dá para ter gente morando na Paulista. A cidade precisa de ordem”. Eis a explicitação de

---

<sup>153</sup> Em 2012, a Unesco concedeu ao Rio de Janeiro tal título.

uma ordem que em vez de se preocupar em proporcionar uma vida digna àqueles que não nada têm, não só os expulsa como os agride sem pestanejar. Em contrapartida, um morador de rua desabafou: “Como você se sentiria se fosse expulso da sua casa? É assim que me sinto hoje. Mas, se não houver outro jeito, vou procurar outro lugar para ficar”<sup>154</sup>.

Porém, se a primeira medida sacou alguns dos poucos lugares onde os moradores de rua conseguiam dormir, a seguinte pretende usurpar aquilo que, em muitos casos, deve ser sua única refeição: a prefeitura de São Paulo intenciona transformar em crime a distribuição de sopas à população de rua. De acordo com o advogado da Associação Viva o Centro, a ação é válida, pois “a Vigilância Sanitária impede a promoção de práticas que possam sujar a via pública”<sup>155</sup>. Limpeza? Higienismo? Faxina? Para o prefeito paulistano nem ao menos se trata de uma “proibição”, uma vez que “o que existe é um permanente processo de convencimento e abordagem para que as pessoas se alimentem em lugar certo. É um direito das pessoas ficar nas ruas”<sup>156</sup>. (Compete-nos inquirir que cidadão, sendo-lhe oferecido um acolhimento digno – decente, e não os “depósitos de gente” que o poder público chama de abrigo -, preferirá perambular pelos logradouros e correr o risco de ser espancado, apedrejado ou mesmo incendiado.)

A terceira, e última, medida elencada vem da Polícia Militar de Campinas, interior do referido estado. Uma ordem de serviço sobre “intensificação do policiamento”, datada de 21 de dezembro de 2012, deixou a população estarecida ao explicitar que os policiais deveriam focar “em abordagens a transeuntes e em veículos em atitude suspeita, *especialmente indivíduos de cor parda e negra*” (Grifos nossos).<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u113368.shtml>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>155</sup> Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5864454-EI8139,00-Prefeitura+de+SP+quer+proibir+distribuicao+de+sopa+nas+ruas.html>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>156</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,kassab-nega-intencao-de-impedir-distribuicao-de-sopa,892992,0.htm>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

<sup>157</sup> Aqui cabe um parêntesis a respeito de um caso de racismo que comoveu o Rio de Janeiro, em janeiro de 2013, quando uma criança negra, adotada por um casal branco, foi expulsa de uma concessionária de veículos de luxo, em um bairro nobre da cidade. Em uma entrevista concedida a *O Globo*, em que realiza uma enfática defesa antirracismo, com direito a criação de um movimento numa rede social, uma das falas da mãe da criança - para muitos, talvez, despercebida e/ou aparentemente inocente - causou certo estupefato, ao menos neste autor. Na ocasião, disse a mulher ao jornalista: “O gerente de vendas não viu em nenhum momento nosso filho interpellando, incomodando ou pedindo qualquer coisa a quem quer que fosse. Se ele tivesse prestado atenção no meu filho, *teria visto que não se tratava de um menino de rua*”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mae-que-teve-filho-expulso-de-loja-diz-que-crianca-ja-havia-sofrido-discriminacao-parecida-7382569>>. Acessado em: 10 de junho de 2013 (Grifos nossos.) Quer dizer, então, que se fosse uma criança de rua ela poderia ter sido enxotada e não haveria problema algum? Combate-se um preconceito ao mesmo tempo em que se naturaliza outro, o que

O que dizer quando a discriminação parte justamente daqueles que deveriam proteger? Ser um “vagabundo” já não é infortúnio suficiente a ponto do próprio poder público humilhá-los e desrespeitá-los ainda mais?

Se, consoante Tuan, ainda considerando as urbes em sua concepção, ordem significava um “desejo de perfeição física” e “o anseio por uma sociedade estável e harmoniosa” (2005, p. 231), embora o próprio autor afirme que dificilmente tal ordem tenha durado por muito tempo, já que sua manutenção dependia do emprego da força e de uma série de regras restritivas com o intuito de normatizar o comportamento dos indivíduos, parece que hoje virou sinônimo de “esconder”, “expulsar” e “determinação do direito de viver”.

Com efeito, são nos condomínios, a roupagem pós-moderna das fortificações medievais, que os sujeitos (mais afortunados) buscam o amparo de que tanto carecem. Muros altos, arames farpados, cercas elétricas, câmeras de segurança 24 horas por dia, sete dias por semana, alarmes e companhia - para poucos: é a privatização da segurança. Pois, uma vez que as fronteiras geográficas da cidade não só não são mais muradas como tampouco trazem proteção, o jeito é murar as fronteiras do “eu” com o exterior. Se a cidade não é mais uma fortaleza, os condomínios e seus “brinquedinhos tecnológicos” pretendem sê-lo. Se na cidade moram os “outros”, nos condomínios moram nossos “semelhantes”. Os condomínios podem até estarem projetados nas urbes, mas estão ali apenas enquanto ocupam parte de seu espaço. Isto é, o fato de estarem *ali*, no espaço, não significa que estejam em conexão ou integrados com o restante da cidade. Ao contrário: ao abrigarem instituições de ensino, academias de ginástica, piscinas, quadras esportivas, áreas verdes e reproduzirem o comércio de bairro dentro de suas cercanias, buscam cada vez mais sua autonomia com o exterior, de modo que praticamente não é preciso sair de seus seguros e protegidos domínios.<sup>158</sup>

---

(lamentavelmente) só reforça nossa argumentação de que *a dor do outro*, realmente, não é nada mais do que só *a dor do outro*.

<sup>158</sup> Quando “tal aventura” se mostra necessária, carros blindados assumem a segurança – se possível, helicópteros levam os corajosos desbravadores aonde quiserem. Consequentemente, a cidade de São Paulo vem enfrentando até mesmo congestionamento de aeronaves. Quem diria: não mais apenas suas ruas estão enforcadas pelo caótico trânsito da metrópole, mas agora, também, seu espaço aéreo. De acordo com uma reportagem do portal *UOL*, “o Estado de São Paulo tem hoje uma frota estimada em 470 helicópteros e só na capital há 420 aeronaves registradas”, o que a tornou “a única cidade do planeta Terra que possui um controlador de vôos de helicópteros”. E já tem gente reclamando deste crescente fluxo: “Em linha reta e com o céu livre, levaria seis minutos de vôo, mas desde 2004, com a implantação do espaço aéreo controlado para helicópteros, das rotas obrigatórias de vôo e, principalmente, ao aumento da frota, levamos cerca de 12 minutos. Ou seja, o dobro”. Ainda pouco, ao comparar com quem leva de três a seis horas diárias no famigerado trânsito paulistano. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/especiais/transito/2008/05/20/ult5848u26.jhtm>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

Enquanto isso, de permeio à ausência de soluções concretas e à emergência de paliativos que não fazem muito além de “tampar o sol com a peneira”, o desafio persiste e se incrementa. Uma vez que, em geral, as cidades vêm falhando na resolução de seus dilemas, seus cidadãos acabam assumindo as rédeas da responsabilidade pela própria segurança. Mais um revés. Não só não solucionam, como reforçam ou mesmo criam novas dificuldades. Nas sensatas palavras de Hobsbawm, “a globalização acompanhada de mercados livres, atualmente tão em voga, trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações e entre elas”, de modo que cada vez mais é possível constatar que “o impacto dessa globalização é mais sensível para os que menos se beneficiam dela” (2007, p. 11). Portanto, para os *underclass*.

### 5.3 Terrorismo

Em seu sentido denotativo, “terrorismo” é um “modo de coagir, combater ou ameaçar pelo uso sistemático do terror”<sup>159</sup>. O terrorismo não tem forma definida, muito menos data, hora e localização certos: é ubíquo. É um tipo de ameaça iminente (ou ao menos que assim se crê), a qual pode abater ou afetar a qualquer indivíduo que esteja no local e no instante “errados”. Em virtude de sua imprecisão, é um temor pouco controlável, de difícil administração: sabe-se apenas que existe e que pode vir de qualquer lugar, de qualquer um e atacar a qualquer momento. Com isso, qualquer indivíduo se torna um perigo em potencial, ainda mais se desconhecido ou encarnado na figura de algum dos “bodes expiatórios” coevos. Por isso mesmo, “Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana” (BAUMAN, 2009, p. 16).

É nas metrópoles que a expressão terrorista ganha maior dimensão, precisamente pela maior e mais complexa infraestrutura instalada, bem como pela ampla contingência populacional. Logo, por poder acarretar mais estragos, perdas humanas e pânico. Desde os acontecimentos de 11/09, com os atentados à sede do Pentágono, em Washington, e às torres do World Trade Center (WTC), em Nova Iorque, os quais deixaram aproximadamente três mil mortos<sup>160</sup>, o terrorismo desponta tal qual um dos grandes

---

<sup>159</sup> Dicionário Aurélio, 1993.

<sup>160</sup> O grupo terrorista Al Qaeda assumiu a autoria dos ataques nos EUA, assim como aos metrô de Madri (em 11/09/2004, com 191 mortos) e Londres (07/07/2005, com 56 vítimas fatais). Em tempo: tanto a Espanha quanto a Inglaterra haviam apoiado a invasão estadunidense ao Oriente Médio (aliás, seria simples acaso tal invasão em uma região estratégica ao campo energético, em decorrência da abundância



medos contemporâneos, a ponto de, mundialmente, trilhões de dólares, euros, reais ou da moeda que seja serem destinados e/ou investidos nas áreas de segurança (vigilância, prevenção, armamentos e tecnologia) com o escopo de que sejam identificadas, antecipadamente, possíveis ameaças (e, de preferência, detidas).<sup>161</sup>

Antes do século XXI, com a exceção de um ou outro país que o enfrentava em seu quintal em virtude da ameaçadora existência de alguma brigada armada ou de movimentos de cunho separatista - caso, por exemplo, de Irlanda do Norte, Espanha e Colômbia<sup>162</sup> -, os países do ocidente pareciam dar pouca (ou nenhuma) importância ao terrorismo dentro de suas fronteiras, a não ser, por ilustração, quando ocorria a ação descontrolada de algum “perturbado” que saía atirando nas pessoas pelas ruas. Contudo, dita ação, embora apavorante, partia, em geral, de um indivíduo isolado, e não de um complexo planejamento estratégico-organizacional. No mais, os ocidentais apenas assistiam através das telas midiáticas os eventos que, em grande parte, ocorriam nos países do leste do globo. Portanto, longe de seus domínios. Após a virada do século XXI, porém, a problemática do terror, uma vez tendo ferido o orgulho da maior economia e força militar do planeta, parece ter se difundido a ponto de se tornar uma verdadeira obsessão, além de um excelente pretexto a quase tudo.

Ainda em 2001, em resposta aos atentados de 11/09, o governo dos EUA, liderado pelo presidente George W Bush, lançou uma verdadeira cruzada ao anunciar medidas como a “Lei Antiterrorismo” (considerada por muitos um cerceamento das liberdades individuais, já que ampliou consideravelmente o controle e a vigilância dos

---

em petróleo?). Dita incursão, na verdade, acabou se revelando mais catastrófica do que eficaz. Em cerca de uma década, as únicas “vitórias” dos EUA parecem ter sido a captura de Saddam Hussein, ex-ditador do Iraque – país que, a propósito, nada tinha a ver com os atentados -, quem foi condenado à pena de morte, e o assassinato de Osama Bin-Laden (apesar de a “morte” do terrorista ainda gerar controvérsias e desconfianças, pois o corpo do “inimigo nº 1 da América” nunca foi mostrado a público).

<sup>161</sup> O documentário *Fahrenheit 9/11* demonstrou que de nada valeu tamanho investimento se, mesmo tendo sabido dos planos de ataques ao país, o governo dos EUA simplesmente ignorou o alerta. Aliás, o filme apresenta-nos outra utilidade dos “vagabundos”: a de mão de obra para a Guerra. Em um país cujo alistamento militar não é obrigatório, diferentemente do Brasil, os jovens mais pobres e os que não conseguem ingressar no sistema universitário tornam-se os “alvos” prediletos e preferenciais dos aliciadores, os quais se aproximam com uma série de promessas e tentações a respeito da carreira nas Forças Armadas. Seu real interesse, no entanto, apesar de oculto, é até relativamente fácil de compreender: “Já que, em nosso território, esses jovens não servem para nada (ou quase nada), porque não utilizá-los para brigar e lutar por nossos interesses no território estrangeiro (mesmo que para isso seja necessário, literalmente, darem a própria vida)?”.

<sup>162</sup> A Irlanda combateu por mais de duas décadas, até 2005, o IRA (Exército Republicano Irlandês), motivado principalmente por questões religiosas; a Espanha, o ETA (grupo separatista basco, surgido durante a Ditadura de Franco), o qual teria provocado cerca de 800 mortes até o anúncio de cessar-fogo, em 2011; já a Colômbia lida com o ELNC (Exército de Libertação Nacional da Colômbia), desde os anos 1960, e com as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), datada da mesma década, fundamentados por questões político-ideológicas.

aparatos estatais sobre os indivíduos, dentre os quais o monitoramento de mensagens virtuais e escutas telefônicas de “suspeitos”, fora que possibilitou o enclausuramento de estrangeiros sem acusação prévia) e a “Guerra ao Terrorismo” (com as invasões militares ao Iraque e ao Afeganistão sob a justificativa de “disseminar a democracia”), resultando em uma enxurrada de críticas e acusações de violações dos direitos humanos.<sup>163</sup> Dê as boas vindas ao “vale tudo”, derivado, em boa parte, do frisson maiormente proporcionado pela instalação do clima de pânico vendido tanto pela mídia quanto pelos governantes. Tudo o que os terroristas queriam, uma vez que

Se o propósito declarado (imediato) dos terroristas é espalhar o terror entre a população inimiga, então o Exército e a polícia inimigos, com a colaboração entusiástica dos veículos de comunicação, certamente garantirão que esse propósito seja alcançado num nível muito superior àquele que os próprios terroristas seriam capazes de garantir. E se a intenção de longo prazo dos terroristas é destruir as liberdades humanas nas democracias liberais e “tornar a fechar” as sociedades abertas, eles podem contar uma vez mais com as imensas potencialidades a cargo dos governos dos “países inimigos”. Alguns pacotes de explosivos e uns poucos desesperados, ávidos por sacrificar suas vidas “pela causa”, podem, assim, ir muito longe – muito, mas muito mais longe do que os próprios terroristas poderiam sonhar alcançar com os recursos que são capazes de reunir, comandar e administrar. (BAUMAN, 2008a, p. 141)

Cerca de dez anos após os ataques, pesquisas do Instituto Gallup evidenciaram o quanto o terrorismo havia oscilado (e regredido) no imaginário americano: um mês antes do 11/09, o tema havia sido apontado apenas por 1% dos entrevistados como o “maior problema dos EUA”; um mês depois, 46%. À medida que o tempo foi passando e o “frêmito” midiático minando, o temor também foi se arrefecendo e, em 2002, o percentual havia retrocedido a 19%, até que, em 2011, o índice volveu a 1%<sup>164</sup>. Isso significaria que o terrorismo está deixando de ser encarado tal qual uma ameaça? Não mesmo. Entretanto, tamanha variação demonstra que, acalmado os ânimos, os medos foram se “esfriando”. Na mesma época, o *Jornal Nacional* - edição do dia 6 de setembro de 2011 - exibiu em uma reportagem dados, no mínimo, chocantes: os conflitos no Afeganistão e no Iraque haviam consumido ao redor de 4 trilhões de dólares (mais do que o PIB alemão, de cerca de 3,36 trilhões de dólares), além de aproximadamente um milhão de vidas (mais de 300 vezes o número de mortes ocorridas em 11/09).

---

<sup>163</sup> Tanto a “Lei Antiterrorismo” quanto a “Guerra ao Terror” compuseram as bases do que se convencionou chamar de “doutrina Bush”, cujo resultado fora, dentre outros, o incremento à discriminação aos imigrantes estrangeiros, logo um incentivo à xenofobia, notadamente aos árabes e aos muçulmanos, a essa altura ainda mais marginalizados, a ponto de se serem vistos como membros por excelência da “classe perigosa”, ademais de “possíveis terroristas”.

<sup>164</sup> *Época*, 5 set. 2011, p. 77.

É de olho na escalada ocidental antiterror, que o historiador Hobsbawn, em *Globalização, democracia e terrorismo* (2007), levantou a indagação sobre qual seria o saldo de uma democracia imposta a “ferro e fogo” pelas potências ocidentais no Oriente Médio. Para o autor, essa batalha armada por “paz” e “liberdade”, na região aludida, “agravou conflitos étnicos e produziu a desintegração de países em regiões multinacionais ou multicomunitárias, tanto depois de 1918 quanto depois de 1989, o que nos dá uma perspectiva desanimadora” (2007, pp. 118-9). Em outro trecho, Hobsbawn é enfático ao concluir que “Se ocorreram efeitos negativos posteriores, eles não se deveram à ação dos terroristas, e sim à do governo americano” (2007, p. 135).

A verdade é que o terrorismo vai bem além de manifestações físicas, como os atentados, expressando-se igualmente em outra frente, a qual se revela tão perigosa e assustadora quanto: a psicológica. É na dimensão psicológica que ocorrem as aflições da angústia, a sufocante sensação de que algo de ruim está prestes a acontecer, ainda que nada o demonstre em concreto. A angústia é um medo não identificado, tornando-a ainda mais assustadora: como combater e se resguardar daquilo que nem ao menos se consegue apontar? É nesse momento que nos encontramos diante do sério risco de torná-lo uma paranoia, uma psicose, um exagerado sentimento de suscetibilidade, de desconfiança e “mania de perseguição”, o que ronda um perigo ainda maior: o da justificação e aceitação do “vale tudo”.

Por ter sido a sede dos Jogos Olímpicos de 2012, e por já ter vivenciado a experiência nada feliz de um atentado, Londres levou a preocupação com a segurança ao extremo: durante o evento, nada menos do que 60 mil homens vigiaram a cidade, seis vezes mais do que o contingente britânico enviado ao Afeganistão, além de “seis baterias antiaéreas em edifícios” e “uma arma sônica capaz de dispersar multidões”<sup>165</sup>. E mais:

autorizados pelas “questões de segurança”, com base na “Lei dos Jogos em Londres”, de 2006, exército, policiais e forças privadas podem usar a força física em casos que incluem do terrorismo a protestos pacíficos, ações sindicais, camelôs vendendo produtos que não tenham o selo de aprovação das Olimpíadas, batedores de carteiras, cambistas e desordens públicas e até pessoas que estejam mendigando.

O custo estimado somente com a segurança dos Jogos: 700 milhões de euros.

<sup>165</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/olimpiadas2012/londres-investe-pesado-para-que-limpiadas-sejam-mais-vigiada-da-historia-5361293#ixzz20MDu5LsH>>. Acessado em: 10 de junho de 2013.

É a “caçada ao terror” se sobrepujando à razão, às liberdades individuais, e mesmo aos direitos humanos (neste caso tanto a “Lei dos Jogos em Londres” quanto a “Doutrina Bush” são ótimas ilustrações). O brasileiro Jean Charles de Menezes, aliás, acabou sendo uma das maiores vítimas desse “vale tudo”, assassinado em julho de 2005 por policiais ingleses ao ser confundido com um terrorista.<sup>166</sup> Não à toa, nas palavras de Bauman,

A guerra verdadeira – e *vencível* – contra o terrorismo, não é conduzida quando as cidades e aldeias já semidestruídas do Iraque ou do Afeganistão são ainda mais devastadas, mas quando as dívidas dos países pobres forem canceladas, quando nossos ricos mercados se abrirem a seus principais produtos, quando a educação for patrocinada para as 115 milhões de crianças atualmente privadas de acesso a qualquer tipo de escola e quando outras medidas semelhantes forem conquistadas, decididas – e *implementadas*. (2008a, p. 143. Grifos do autor.)

Em síntese, o terrorismo seria vencido menos com armas, mais com diálogo; menos com coerção, mais com livros; menos com torturas, mais com comida; menos com segregação, mais com igualdade; menos com ódio, mais com união; menos com medo, mais com razão.

#### 5.4 O multimedio da insegurança



À esquerda, capa da revista estadunidense *Newsweek* sobre o atentado terrorista de 11/09 em Nova Iorque. A imagem das torres em chamas se converteu instantaneamente (ou melhor, após repetida “n” vezes) em símbolo dos ataques ao WTC (uma “paisagem do medo” do terrorismo); ao centro, *Época* e a violência (ou, em seus termos, a *guerra*) no Rio de Janeiro, representada pelo Cristo Redentor de colete à

<sup>166</sup> Após o término do inquérito judicial, nenhum envolvido no episódio foi condenado, apenas a instituição Scotland Yard como um todo (obrigada a pagar uma irrisória multa de 100 mil libras).

prova de bala; à direita, *Veja* e o destaque às consequências traumáticas do medo em relação à insegurança.

Em 2011, em um espaço temporal de apenas cinco meses, o tema *crescimento populacional* estampou (com grande destaque) a capa das duas maiores revistas semanais do país: *Época* e *Veja*. A primeira foi a *Época*, em junho, a qual lançou uma curiosa indagação ao leitor: estaríamos vivendo em um período histórico que pode ser designado de “Antropoceno”, isto é, “Era dos Humanos”? Para a publicação, pode-se dizer que sim, já que “agora, as atividades humanas são a força mais relevante para moldar a superfície da Terra” (6 jun. 2011, p. 87).

Tanto *Época* quanto *Veja* se preocuparam em demonstrar (em largas e destacadas tabelas) a escalada populacional ao longo dos séculos. Tal qual lido no Relatório sobre a Situação da População Mundial, divulgado pela ONU em 2011, o primeiro bilhão de seres humanos foi alcançado em 1801, crescendo em ritmo acelerado a partir de então: 2 bilhões em 1927, 3 em 1959, 4 em 1974, 5 em 1987, 6 em 1998 e 7 em 2011<sup>167</sup>. Segundo a reportagem de *Época*, os principais fatores que teriam possibilitado tamanho incremento populacional foram o domínio sobre as práticas e técnicas agrícolas, com ênfase no advento da Revolução Industrial (a qual seria o marco do Antropoceno), a “Revolução Agrícola” da década de 1940, e os avanços na aérea da saúde e da prevenção médica, como a invenção de medicamentos e vacinas.

Apesar de *Época*, em alguns trechos, até tentar transmitir uma perspectiva não muito apocalíptica em relação ao futuro, pois “uma população maior também significa mais cérebros criativos no mundo, capazes de nutrir uma revolução tecnológica verde” (p. 87), o tom pessimista acabou prevalecendo sobre as mais de 25 páginas dedicadas ao assunto. “Como viveremos num mundo lotado?”, pergunta no subtítulo da página 89, em um especial que destaca o fato de que pela primeira vez na história da humanidade mais da metade da população global vivia nas cidades.

Já em *Veja* (2 nov. 2011), o porvir é ainda mais nebuloso, uma vez que “a espaçonave Terra está ficando pequena”. Afinal, são sete de bilhões de sujeitos convivendo em um “planeta em ebulição”, o qual, conforme a matéria, padece de escassez de água potável e de terras, enfrenta o exponencial crescimento da pesca, os

---

<sup>167</sup> Disponível em: <<http://www.un.cv/files/PT-SWOP11-WEB.pdf>>. Acessado em 9 de junho de 2013.

\* Na referida matéria, a revista *Época* exibiu previsões para os 8 bilhões em 2025, os 9 em 2043 e os 10 em 2083, quando então a população tenderia a se estabilizar.

impactos e desafios da produção de energia, o trânsito caótico, a problemática do lixo, a poluição orbitando índices alarmantes e, claro, pressão populacional.

No caso de *Época*, o clima de medo se tornou mais evidente no instante em que a revista suscitou a possibilidade do breve desencadeamento de uma crise alimentária, em escala mundial, sobretudo pelo aumento no consumo de carne, pois a “dieta à base de carne consome mais recursos de um planeta cada vez mais esgotado”. Isto porque, “um hectare de terra produz 2,5 toneladas de grãos. A mesma área só produz 46 quilos de carne nas pastagens brasileiras” (p. 95). Ou seja, o problema (ou ao menos parte dele) estaria, para *Época*, no modo com o qual os indivíduos levam sua vida. Nesse caso, já adiantando uma das nossas arguições a respeito do apontamento da constituição do multimedio da insegurança, um dos grandes desafios da atualidade não seria exatamente o “excesso” de gente na “espaçonave Terra”, mas o de “ricos” e, principalmente, a maneira com a qual constroem seu estilo de vida.

Dados apresentados por *Veja* (2 nov. de 2011)<sup>168</sup> o corroboram. De acordo com a publicação:

hoje, o consumo médio de um americano equivale ao de 32 cidadãos do Quênia. Caso os 7 bilhões de habitantes do mundo tivessem o mesmo padrão de vida dos americanos e canadenses, o planeta não teria recursos naturais suficientes para atender às necessidades de mais do que 1,7 bilhão de pessoas. (*Veja*, 2 nov. 2011, p. 132)

Em outra semelhante abordagem, entre maio e junho de 2012, o jornalístico *Fantástico*, da Rede Globo, levou ao ar uma série de reportagens sob o título *Planeta Terra: Lotação esgotada*, a qual nos ajuda a encontrar algumas pistas acerca da constituição desse *multimedio*. Segundo o portal do programa:

---

<sup>168</sup> Embora, quando comparada à *Época*, o espaço tenha sido consideravelmente menor (cerca da metade do número de páginas), o tom pessimista em *Veja* se manteve em níveis semelhantes, especialmente pelo emprego de expressões como “superlotação da Terra” e “um batalhão de gente”.

(...) “Planeta Terra: lotação esgotada” (...) [foi] aos cinco países mais populosos do mundo e também à África, o continente que mais cresce, para descobrir, afinal, *quantas pessoas o planeta pode sustentar?* (...)

Assim avança a humanidade. Nos sonhos e ambições, nas dificuldades e conquistas de bilhões de famílias ao redor do mundo. Como nenhuma outra espécie, moldamos a terra às nossas necessidades. Já passamos dos 7 bilhões e seremos 1.500 a mais até o fim da reportagem. Planeta Terra, lotação esgotada.

Mas, afinal, quantas pessoas a Terra pode suportar? Existem várias respostas para essa pergunta. Tudo depende do padrão de vida. *Se formos todos viver igual às pessoas da Índia, não teria problema. Poderíamos chegar a 15 bilhões de habitantes.*

Por outro lado, se *todos vivêssemos como os americanos, já estaríamos encrencados*. É que, com o padrão de vida dos Estados Unidos, a Terra só suportaria 1,5 bilhão de habitantes. Já teríamos 5,5 bilhões sobrando no planeta. O problema é que o padrão de vida americano é a aspiração de muitos povos ao redor do planeta.

Em um mundo tão desigual, já gastamos mais recursos do que podemos repor. A família humana entrou no cheque especial. Quase metade da população da Terra vive em cinco países. Desses, quatro estão em pleno crescimento econômico, aumentando o consumo de tudo, de comida a automóveis.

Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/jornalismo/fant/0,,mul1680454-18546-466,00-china+e+ruanda+enfrentam+problema+da+superpopulacao.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013. (Grifos nossos.)

À primeira vista, tais dados assustam. Afinal, em um espaço de tempo de dois séculos, o mundo registrou um acréscimo populacional de 700% - *quantas pessoas a Terra pode suportar?*. Para piorar, ainda em consonância com as matérias das revistas e do programa, “já gastamos mais recursos do que podemos repor”.

“Superpopulação”, “esgotamento”, “escassez” (de alimentos e de recursos) compõem o vernáculo utilizado pelos textos das revistas e do portal da atração para suscitar o (multi)medo. Entretanto, um olhar atento aos pormenores do caso nos proporciona uma visão bem menos alarmista: conforme os próprios textos de *Veja* (que compara o estilo de vida do Quênia com o dos EUA) e do portal de *Planeta Terra*, o problema da humanidade não é exatamente a quantidade de pessoas, mas a maneira com que vivem, tal qual dissemos há pouco. Perceba como isso se queda claro na seguinte reprodução de um trecho extraído da narrativa de *Planeta Extremo*: “Se formos todos viver igual às pessoas da Índia, (...) Poderíamos chegar a 15 bilhões de habitantes”; mas se “todos vivêssemos como os americanos, já estaríamos encrencados. (...) a Terra só suportaria 1,5 bilhão de habitantes”. De cara, temos um dos porquês revelado. Não obstante, ainda faltam solucionar outros dois, ambos relacionados com a fome.

Inegavelmente, no mundo em que vivemos a fome é uma epidemia, que quiçá tenda a piorar graças à elevação do preço dos alimentos, golpeando, sobretudo, as

regiões mais empobrecidas do globo (dentre as quais a África e porções da Ásia, que são também as mais exploradas pelos ricos). No entanto, somente essa explicação de caráter mercadológico não explica a razão da fome. Antes de tudo, a crise alimentícia global não é ocasionada pela falta de alimentos – a atual safra e produção são capazes de atender às necessidades diárias de calorias e nutrientes de todos os seres humanos -, e sim por dois motivos capitais, nenhum d’eles descritos nas matérias de *Época* e *Veja* ou pelo *site* de *Planeta Terra*. O primeiro é a má (para não dizer crônica) distribuição das riquezas geradas pelos países – que, a esta altura do texto, dispensa mais explicações. O segundo, o desperdício. A estimativa é arrepiante: 1,3 bilhão de toneladas de todos os alimentos produzidos no mundo é simplesmente perdida, jogada fora, inutilizada, seja na produção, no transporte, pelos consumidores, enfim, ao longo de todas as etapas até o consumo (em porcentagem, o índice varia entre 33 e 50% da produção mundial total de alimentos; em dólares, é o equivalente a um trilhão, pouco mais que o PIB da Austrália).<sup>169</sup>

Tal dado, em virtude de sua grandeza - não parece pouco e não é mesmo -, desmancha, por si só, o já ultrapassado argumento de que o tamanho da população mundial é a causa da fome, culpabilizando não somente a desigualdade social, mas também o assombroso desperdício (de *todos nós*) justamente daquilo que tanto falta a vários seres humanos (como *eu* e *você*): comida. Essa quantidade que é jogada pelas latas de lixo planeta afora, se distribuída, seria suficiente para alimentar a *todos* os necessitados – e ainda sobraria. (Segundo cálculo da ONU, o desperdício global de alimentos daria para alimentar a um bilhão de pessoas, mais do que os atuais 870 milhões de famintos, os quais representam 12,5% da população mundial.)

Tanto a fome, quanto a devastação do planeta e a redução dos recursos naturais estão diretamente ligadas à cultura do desperdício e do excesso, tão bem mundialmente difundidos pelos filmes de Hollywood ou pelos *sitcoms* das redes de TV a cabo, e não pelo número de habitantes da Terra. Ou seja, em um mundo que é, sim, capaz de alimentar a todos, mas que convive com a fome em função da má distribuição de riquezas e do desperdício, não seria cabível indagar se não estamos aqui diante de uma das maiores manifestações possíveis do escancaramento da política do “merecer viver” (quem sabe a maior)?

---

<sup>169</sup> Disponível em: <<http://www.onu.org.br/dia-mundial-do-meio-ambiente-alerta-para-o-desperdicio-de-comida/>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.



Ainda em se tratando da relação entre segurança e população, outro imaginário de medo corriqueiro é o que as liga às correntes migratórias. Nesse caso, porém, os maiores agravantes são fatores como local de origem e escolaridade dos imigrantes, uma vez que é especialmente a nacionalidade que vai determinar o modo com o qual o indivíduo será enxergado (leia-se respeitado) no país em que está entrando (muitas vezes ilegalmente). No Brasil, entre o final de 2011 e o início de 2012, um caso de imigração despertou bastante atenção da mídia, tornando-o um dos episódios do *multimedio* da insegurança mais destacados do período: “a vinda dos haitianos”. Vamos lembrar, antes de prosseguirmos, que o Haiti é o país mais pobre das Américas, tem praticamente todo o território desflorestado, sofre anualmente com pesados furacões e enchentes e foi devastado por um grande terremoto, em 2010 – e que o Brasil lidera uma tropa da ONU com o objetivo de “pacificá-lo”.

Um dado preliminar pode dar uma dimensão da extensão do impacto midiático que a chegada dos haitianos causou. Quando buscamos matérias sobre o assunto em consulta ao histórico do *Globo online*, encontramos 77 registros, 73 comentando a “imigração dos haitianos”<sup>170</sup>. “O Haiti é aqui”, intitulou o jornal a série de reportagens com a qual acompanhou o assunto. Em uma das matérias (digamos, mais “burlescas”), os haitianos foram acusados de sobrecarregarem o sistema de saúde público de Tabatinga, cidade do Amazonas<sup>171</sup>. Tom mais intimidador é de pouca percepção, a não ser que atingissem o (tirânico) cúmulo do “Fora vagabundos” ou “Basta de Supérfluos”. Se bem que as entrelinhas os deixaram no ar, notadamente após o governo brasileiro decidir barrar a entrada de novos haitianos, limitando-os a cem vistos por mês. Sem perder tempo, a revista *Veja* (em tom de alívio e conquista sobre um *multimedio*) publicou logo na abertura de uma matéria que “diante da imigração em massa de

---

<sup>170</sup> A pesquisa foi realizada no portal do jornal *O Globo* (<[www.globoonline.com.br](http://www.globoonline.com.br)>), em 7 de outubro de 2012, digitando-se “haitianos brasil”. Em maior ou menor relevância, todas essas 77 matérias – restritas ao intervalo entre os dias 1º e 31 do mês de janeiro de 2012 - referiam-se à chegada dos haitianos ao país. Algumas, inclusive, afirmavam que as mudanças climáticas poderiam atrair mais estrangeiros ao Brasil, associando o (multi)medo do clima ao da insegurança. Entre as expressões empregadas nas reportagens constavam “invasão” e “migração em massa”. Apenas em nível de comparação, quando pesquisamos sobre o episódio do desabamento de três prédios no centro do Rio de Janeiro, igualmente ocorrido em janeiro de 2012, na região conhecida como Cinelândia – resultando na morte de 17 pessoas e 5 desaparecimentos -, mesmo nossa busca não tendo delimitado o espaço temporal, obtivemos somente seis resultados (realizamos a pesquisa digitando “prédios desabam cinelândia”). Ambas as investigações foram feitas no *site* do jornal *O Globo* no mesmo dia.

<sup>171</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/estrangeiros-sobrecarregam-postos-de-saude-em-tabatinga-3582765>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

haitianos, que chegam ao Brasil pela Região Norte, a presidente Dilma Rousseff decidiu limitar a entrada *desse grupo* de estrangeiros no país”<sup>172</sup>.

“Desse grupo” é a explicitação da separação dos haitianos (“miseráveis”, “futuros favelados” e “ladrões de nossos empregos”) dos demais estrangeiros. Mas por quê? Seriam eles piores? Menos dignos de entrarem no país do que outros estrangeiros? Ou, talvez, por que foram o “bode expiatório” da mídia por algum tempo?

No mesmo mês em que cerrou às portas e janelas aos haitianos, o governo começou a estudar medidas de incentivo à vinda de europeus qualificados. Portas abertas aos culturalmente privilegiados; trancadas aos que não tiveram a “mesma sorte”. Brasil, país xenófobo?<sup>173</sup> Justamente um país que cresceu recebendo milhões de imigrantes europeus e outros tantos asiáticos (tráfico de escravos africanos não é migração), e que se diz orgulhoso dessa mistura? Como o termo “xenófobo” soa “pesado”, porque não o eufemismo “imigração seletiva”? Não foi assim tocado o projeto de construção da “nação brasileira”, com a política de “embranquecimento populacional”, durante os séculos XIX e XX, principalmente?

Para o historiador Hobsbawm, o atual fortalecimento dos casos de xenofobia se deve aos impactos da globalização. Pois, consoante o pensador,

a nova globalização de movimentos reforçou a longa tradição popular de hostilidade econômica à imigração em massa e de resistência ao que se vê como ameaças à identidade cultural coletiva. A força real da xenofobia é percebida no fato de que a ideologia do capitalismo globalizado dos mercados livres, que se implantou nos principais governos nacionais e instituições internacionais, fracassou redondamente no estabelecimento da livre movimentação internacional da força de trabalho, ao contrário do que ocorreu com o capital e o comércio. (2007, pp. 91-2)

A rigor, pelo senso comum, segurança encontra-se diretamente relacionada com população, que se atrela à fome, que se liga à pobreza, que se une à migração - não necessariamente nessa ordem. Quando somados, no entanto, desembocam em outro dos grandes medos do contemporâneo: o terrorismo. Em Londres, a poucos dias dos Jogos Olímpicos de 2012, cinco “suspeitos de terrorismo” haviam sido presos, fora que um

---

<sup>172</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/governo-brasileiro-fecha-fronteiras-aos-haitianos>>. Acessado em: 11 de junho de 2013. Grifos nossos.

<sup>173</sup> No Brasil, o preconceito contra os migrantes é comumente observado na discriminação contra brasileiros oriundos de outras regiões, particularmente os do Nordeste do país. Em maio de 2012, por exemplo, uma estudante de direito foi processada pela divulgação de mensagens de ódio a nordestinos na rede de microblog *Twitter*. Na ocasião, a garota escreveu que “Nordestista (sic) não é gente. Faça um favor a SP: mate um nordestino afogado!”.

mero cigarro de um passageiro de ônibus foi o bastante para mover uma verdadeira ação policial cinematográfica<sup>174</sup>. Paranoia descomedida ou medidas de precaução?

Mesmo assim, parece ser Nova Iorque a cidade que atravessa o maior temor de presenciar outro atentado terrorista, o que a faz viver em um constante e permanente estado de histeria coletiva, ainda que silenciosa. E o pior: “sem razão aparente”. São nessas circunstâncias, como em poucas outras, que conseguimos compreender a lógica do “medo por contágio”. Ninguém sabe exatamente de onde vem, mas percebem que “está no ar”, sentem-no e, conseqüentemente, temem-no. Por esse motivo, o medo de que “o pior” atinja *a todos nós* desprevenidos, o temor com a falta de segurança torna-se, para muitos, uma quase irrefreável fobia (ou *turbofobia*, no caso de tal medo ter sido ascendido e “turbinado” via mídia). E é exatamente aí que mora o perigo do “vale tudo”, tal qual expusemos anteriormente.

Em trecho de reportagem da *Época* sobre a situação na “capital do mundo”, dizia a revista que:

às vésperas do aniversário [de dez anos] dos ataques [ao WTC], é impossível caminhar por qualquer ponto de Manhattan sem cruzar com um policial. Não é raro ver as pessoas serem abordadas por algum oficial *sem razão aparente*. Chama a atenção também a presença de veículos de “resposta rápida”, prontos para situações emergenciais, e de homens do esquadrão antiterror.  
*Época*, 5 set. 2011, pp. 74-5. Grifos nossos.

É precisamente na angústia do “sem motivo aparente” que mora a paranoia e o “medo por contágio”, as maiores armas do terrorismo psicológico (e do midiático também). Embora a matéria, em vez que questionar a adoção de atitudes tão arbitrárias pelas autoridades, tenha dito que “a vigilância ostensiva parece não trazer tensão ou incômodo à população, mas uma sensação de segurança e tranquilidade”, houve contestações na fala de um dos testemunhos da própria reportagem. Clarence Smith, na época um universitário de 21 anos, afirmou ter “a impressão de que o país está em processo constante de degradação. Todo o dinheiro gasto em medidas de segurança e na manutenção das guerras não faz ninguém viver melhor. Em meu caso, só me sinto mais perdido, sem esperança” (5 set. 2011, p. 80). Já a baiana Maria Antônia Schuppar, moradora de Nova Iorque, alegou “confiar menos no ser humano” (*Ibidem*) – mais uma evidência da redução dos laços de solidariedade? Tomando carona no lugar-comum,

<sup>174</sup> Disponível em: <[http://www.clarin.com/mundo/europa/Alerta-Gran-Bretana-Juegos-Olimpicos\\_0\\_731926880.html](http://www.clarin.com/mundo/europa/Alerta-Gran-Bretana-Juegos-Olimpicos_0_731926880.html)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

Schuppar assegurou ainda que não se considera preconceituosa, todavia “quando vejo pessoas cobertas dos pés à cabeça, penso que pode ser alguém planejando uma maldade” (*Ibidem*).

É exatamente contra a “naturalidade” com a qual determinadas características culturais e físicas, em especial as consideradas “indesejáveis” e atribuidoras de estigmas aos indivíduos, que o documentário *Olhos azuis*, de 1996, da professora estadunidense Jane Elliot, tenta romper. A proposta de Elliot, levada a cabo dentro de um *workshop* que ministra, é clara e direta: demonstrar que a ordem social (tal qual a cultura) é construída e orquestrada com o intuito de atender a determinados interesses de dominação (sejam eles econômicos, sociais, políticos etc.). Logo, de poder. Para isso, a professora escolhe como fator de segregação entre os participantes uma condição da qual ninguém detém o menor controle: a cor dos olhos.<sup>175</sup> Não é em vão que a longa começa exibindo a separação dos sujeitos a partir desse critério único e exclusivo: de um lado os que têm olhos azuis; do outro, os demais. Na sequência, Elliot cria situações nas quais aqueles de olhos azuis são propositadamente “rebaixados”, “inferiorizados” e mesmo “ridicularizados” e “humilhados” pelos outros participantes, tecendo um dos maiores aprendizados que um ser humano pode atravessar sobre “sentir na pele” a dor do outro.

Trata-se, literalmente, de um exercício de inversão do *status quo*, com a exposição de relatos de dramas e casos de preconceito reais, vividos notadamente pelos participantes negros, e mesmo por Elliot, quem embora branca e de olhos azuis foi discriminada, juntamente com seus pais e filhos, por ter ficado conhecida na localidade em que vive como “amiga dos negros”. Em determinado trecho da película, Elliot declara:

“As pessoas de cor, especialmente os negros, que assistem ao filme ‘Eye of The Storm’ [*O olho do furacão*, na titulação em português], que foi filmado em uma das minhas sala de aula no 3º ano em que fiz o exercício, dizem: ‘É assim que vivo todos os dias da minha vida’. E estamos na terra dos livres e lar dos bravos. Criamos um clima neste país para 11% ou 12% da população semelhante ao sofrido pelos judeus na Alemanha nazista”.

---

<sup>175</sup> Eis um ponto que une o medo em relação à insegurança com o em relação à aparência, já que aqui o temor é evidenciado ao ser despertado por uma característica física. No caso, o *workshop* emprega como critério de diferenciação (reproduzindo claramente o “medo da aproximação”) a cor dos olhos dos participantes, inspirado, outrossim, em outra característica física associada ao medo: a cor da pele. Não é à toa que, mundo afora, surgem técnicas e mais técnicas que se propõem a “reverter” a característica “indesejada”. Pelo menos duas dessas técnicas prometem alterar justamente a cor dos olhos. Não se trata das conhecidas lentes de contato, mas de um colírio (cujo efeito duraria por até 12 horas) e de uma cirurgia, a qual por meio do implante de uma lente no olho do paciente alteraria definitivamente a coloração da íris. A preocupação com a aparência e a busca pela imagem e corpo “perfeitos” é o tema explorado no próximo capítulo.

Fala ratificada pelo depoimento de um dos participantes negros, quem disse que por causa do preconceito nas escolas dos EUA passa mais tempo recuperando a autoestima de seu filho do que lhe ensinando.

Apesar dos séculos se passarem, na dúvida ou ânsia por encontrar culpados, continua em alta tanto temer e/ou acusar os “bodes” do momento, quanto adotar medidas arbitrárias sob o pretexto de garantir um (idealizado) grau de segurança, “justificando” ainda mais violações, uma vez que, nessa “onda”, direitos humanos fundamentais são constantemente olvidados e transgredidos, se não com o consentimento, ao menos com a apatia de boa parte dos sujeitos. Fomenta-se, com isso, um perigoso círculo, tão nocivo quanto incorrer na ação do dano: o mal da passividade.

No encerramento de *Olhos azuis*, Elliot recorre à declaração de um pastor luterano, a respeito da expansão nazista, a qual aborda exatamente dito “mal”:

“Quando se voltaram contra os judeus, eu não era judeu e não fiz nada. Quando se voltaram contra os homossexuais, eu não era homossexual e não fiz nada. Voltaram-se contra os ciganos e não fiz nada. Quando se voltaram contra mim, não havia ninguém para me defender.”

Na verdade, o elevado grau de segurança desejado dificilmente será alcançado, sobretudo com o emprego das estratégias oriundas da violência do “vale tudo”, que, longe de se preocuparem com a melhoria da qualidade de vida e a integração do *todo coletivo*, produzem ainda mais segregação e incitação ao ódio. O problema é que uma vez as “Fúrias midiáticas”, em integração com interesses de ordem econômico e governamental, por exemplo, tendo proliferado o *multimedio* da insegurança, “espalhando” o “vírus do medo” pela sociedade, mais que nunca o “vale tudo” ganha eco e “legitimidade”. Se o *multimedio do clima* corrobora com o “vale tudo verde” das ONGs e dos não-céticos, o da insegurança alimenta o das políticas de repressão e controle populacional (ambos escondendo interesses mercantis e dentro de uma “estratégia global” do poder), especialmente contrários aos “marginalizados”.

## Capítulo VI: O medo em relação à aparência

A ênfase crescente dada na nossa sociedade contemporânea aos diversos procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos leva à formação de identidades somáticas, às bioidentidades, as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista e intimista de construção e descrição de si. O pano de fundo contra o qual esses processos se dão é constituído pelas mudanças que atingem o paradigma da clínica moderna e suas concepções sobre saúde e doença, normal e patológico, e os efeitos dos discursos e práticas médicas (associadas ao impacto das biotecnologias) na constituição dessa nova subjetividade e na construção de uma nova definição filosófica do humano. (ORTEGA, 2008, p. 42)

Atualmente, o temor em ser avaliado, criticado ou mesmo julgado tal qual “mal afeiçoado” e/ou “desenquadrado”, conforme os juízos sociais ou coletivos em vigor, configura-se em um dos maiores medos desenvolvidos, nutridos e/ou percebidos pelos sujeitos ocidentais. Independentemente das possibilidades financeiras, os seres humanos parecem jamais terem se demonstrado tão sensíveis em relação aos comentários desabrolhados sobre sua aparência, forma corporal, peso, penteado, tom da cútis, vestes e “pureza” da face (devendo esta ser ostentada livre de cravos, espinhas, manchas, rugas, pêlos e demais malesas orgânicas). Se a “não contaminação” da pele confere certo nível de prestígio ao indivíduo, o qual passa a ser visto, pelo menos em um primeiro momento, como cuidadoso, respeitável e responsável, a presença de ditas “máculas” no visual pode lhe imputar, inclusive, estigmas.

Presentemente, o “ideal” e o “desajeitado”, o “belo” e o “feio”, o “apto” e o “inapto” convivem lado a lado. Porém, enquanto aqueles se atentam com os “preceitos da boa forma” e com os “imperativos da saúde”, estes ameaçam, violam moral e socialmente tais mandamentos, causando e/ou suscitando sentimentos ou reações contraproducentes, dentre as quais aversão ou ojeriza. Na verdade, trata-se de uma lógica parecida com a dos “turistas e vagabundos”: em um mundo de privatização e, portanto, de responsabilidade individual pela administração dos riscos, os “desenquadrados” não só justificam o empenho ou o “sacrifício” (em exercícios e dietas) dos “enquadrados” na busca pelo “corpo perfeito”, como tornam os resultados mais deleitosos e, por conseguinte, fazem com que o “prazer” dos “ajustados” seja maior. Logo, confirmam visualmente o medo do escape do padrão: são “paisagens de medo” para os “sadios”.

Na contemporaneidade, a imagem é apreciada tal qual uma “vitrine da personalidade” (SIBILIA, 2008b), e, por isso mesmo, deve ser bem cuidada e de preferência ser cambiável, exatamente para melhor se adaptar às tendências vigentes, tornando-se, conseqüentemente, mais atraente aos “olhares dos outros”. Dentro dessa lógica, pela exterioridade seria possível conhecer os traços mais marcantes dos indivíduos, convertendo-os, por tabela, em ávidos por feições e performances, a ponto de “aparência” e “essência” virarem praticamente sinônimos: *ocê é o que parece ser*, ou vice-versa.

Todavia, recentemente vem crescendo uma corrente que prega a valorização da beleza para além “das passarelas”. Trata-se dos fenômenos conhecidos como “fat pride” (o orgulho de ser gordo) e “plus size”, os quais pregam basicamente a “aceitação do próprio corpo”, representados no Brasil por personalidades como Gaby Amarantos e Preta Gil, e no mundo mais significativamente pela cantora Adele<sup>176</sup>. O assunto foi, inclusive, tema de uma reportagem de *Época*<sup>177</sup>, a qual destacou que “as brasileiras aprenderam a valorizar o padrão de beleza da mulher real”. Para tanto, a revista se baseou no resultado de uma pesquisa realizada pelo instituto Data Popular, com 15 mil mulheres, as quais tinham que eleger, através de fotografias, qual dentre três mulheres não identificadas e vestidas apenas de *lingerie* tinha o corpo mais bonito. O resultado: a maioria escolheu o mais “curvilíneo” dos corpos, que, a propósito, era o de Geisy Arruda, desbancando a atriz Juliana Paes e a ex-modelo Gisele Bündchen.

No que se refere ao plano cultural, embora a matéria tenha elucidado, por um lado, que “há sinais de mudanças” no sentido de valorização dos “gordinhos”, sinalizou, por outro, que o preconceito ainda persiste. E mais: o texto se encaminhou para um desfecho com um tom bem menos eufórico (e bem mais pedagógico) do que aquele observado na abertura, salientando os “males” da obesidade – como o surgimento de doenças que, consoante a reportagem, comprometeriam a longevidade das populações, ademais de destacar o gasto - para não dizer “prejuízo” – provocado aos cofres públicos (375 milhões de reais por ano, no Brasil).

---

<sup>176</sup> Algumas considerações sobre a escalada de tal fenômeno: a nível mundial, causou frisson quando a famosa e influente revista de moda italiana *Vogue* estampou três modelos *plus size* em trajés íntimos: “Belle vere” (Belas verdadeiras), dizia a capa. No Brasil, já há até mesmo um concurso de beleza para as “mais cheinhas”: o *Miss Brasil Plus Size*.

<sup>177</sup> Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/07/ascensao-da-classe-gg.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

A obesidade é uma doença das mais graves, sempre relacionada às principais causas de morte no Brasil. Provoca diabetes, doenças cardiovasculares, como infarto e derrame, vários tipos de câncer e outros males. Se todas as pessoas precisam se preocupar com a saúde, os gordinhos devem se preocupar ainda mais.

Ou seja, após a valorização, prevaleceu o amedrontamento.

### **6.1 A cultura somática e a relação poder-corpo**

“Somático” é o termo empregado para designar aquilo que se relaciona com o corpo, com o “soma”. Por sua vez, o conjunto de visões, percepções, imagens e práticas arroladas às estruturas corpóreas podem ser entendidos por “cultura somática”. Segundo o teórico social Francisco Ortega (2008), desta “cultura do soma” pode-se vislumbrar dois efeitos diretos sobre o cotidiano dos indivíduos coevos. Um deles diz respeito ao processo de formação das subjetividades; o outro, ao crescente desinteresse dos sujeitos com o mundo exterior, frutificando uma espécie de atrofia social, em compasso com o aumento da atenção destinada ao próprio corpo, à individualidade e à queda dos relacionamentos ou contatos interpessoais. Portanto, cultura somática e produção de subjetividades podem ser descritas tais quais faces de uma mesma moeda, uma vez que estas são compostas pelas “práticas de constituição de si”, também conhecidas por *ascese*.

Com base em Ortega, a *ascese* apresenta como características fundamentais a “subjetivação”, a “delimitação e reestruturação das relações sociais”, a abrangência do “fenômeno social e político”, e a “vontade de resistência”, as quais, resumidamente, objetivam “mudar o mundo” a partir da busca pela singularização, pela liberdade sobre a hegemonia e pela oposição ao *status quo*. No entanto, essas seriam as descrições do “ascetismo clássico”, observado especialmente na Antiguidade. Na modernidade recente (ou pós-modernidade), são justamente essas práticas que estariam atravessando densas transformações, pois sua concepção clássica teria cedido terreno a uma nova e distinta forma de interpretação. Hoje, conforme Ortega, predominaria a *ascese* “corporal”, diretamente análoga à adaptação às normas da “moral da boa forma”, uma vez que a resistência à hegemonia parece dar lugar à adaptação aos padrões estéticos, a transformação do *status quo* declina diante do narcisismo conformista, bem como a liberdade se desvaloriza em prol da casualidade física e materialista. Dessa forma, em



vez de visar ao equilíbrio do corpo, da alma e da polis, isto é, à “dietética” (ORTEGA, 2008), observamos o afloramento excessivo do cuidado corpóreo, desdobrando-se, conseqüentemente, na redução da preocupação com o “bem comum” e com o “bem estar” do outro. Por conseguinte, eleva-se a concentração da dedicação à vida pessoal, privada ou mesmo íntima, já que se a ascese tradicional “combatia” o *status quo*, a recente, ou corporal, “estimula” a adesão às ideais predominantes.

Para distinguir esses dois momentos históricos e embasar as diferenciações entre a ascese clássica e a contemporânea, Ortega recorre às teorias foucaultianas. Grosso modo, o filósofo francês Michel Foucault (1979) cunha a “sociedade disciplinar” ao descrever a constituição do mecanismo de repressão conhecido por “biopoder”, estruturando-se principalmente na ascensão da burguesia, na formação dos Estados Nacionais, no processo de medicalização e no de normatização de variáveis como raça e sexualidade -, produzindo corpos “dóceis” e “úteis” para atender às demandas das fábricas e das máquinas do capitalismo industrial. Partindo desses pressupostos, Ortega alega que após o advento da sociedade do espetáculo debordiana, do consumismo hedonista e da firmação da fugacidade da moda – e gostaríamos de incluir a ascensão da “sociedade de controle” apontada por Deleuze (1992), consolidada a partir do uso de um tipo de vigilância não mais “panóptica”, mas sutil e eletrônica -, a ascese clássica teria perdido sua eficácia, entrando em voga sua versão coeva, a “bioascese”. Desse modo, os procedimentos de subjetivação e de procura por uma autenticidade simbólica passam a ser apodados de “bioidentidade”, assinalando a era da “biosociabilidade”, composta pelo zelo conferido à performance corporal, à aparência, à saúde e ao *healthism*, ademais do casamento entre ciência e tecnologia e da constituição de um “eu-perito” e autovigilante dos imperativos da saúde (ORTEGA, 2008).

Não obstante, por mais que nos seja incentivado a concepção de uma personalidade considerada idiossincrática e única, ultimamente temos presenciado o desejo dos sujeitos por se enquadrarem dentro de padrões estéticos pré-estabelecidos, reforçando, assim, os valores do “bem-estar” e dos “modelos de beleza”. Nessa conjuntura, a “igualdade”, paradoxalmente, é estimada tal qual um modo de evitar despertar a atenção de outrem. Mas não a atenção “positiva”, aferidora de status e prestígio, e sim a “inquisitória”, a qual arroga humilhações e amarguras. Portanto, em um mundo onde a imagem corporal torna-se um índice de importância e consideração no âmbito dos relacionamentos interpessoais, de maneira que não ostentar medidas e siluetas de acordo com a “ditadura da aparência” significa a tomada quase imediata de

cicatrizes sociais e marcas vexatórias, parece ficar claro que um dos motivos que induzem os indivíduos a se emoldurarem nos standartizados ditames da “boa aparência” seria o medo, sobretudo o de ser diferente do “normal”. Por isso, “A identificação com a norma anatômica é o refúgio de um eu que na cultura somática fez de sua aparência a sua essência. Queremos ser iguais para nos protegermos e nos escondermos” (ORTEGA, 2008, p. 154). Tem-se, assim, o desabrochar do medo em relação à aparência, ou melhor, em não atender a determinadas exigências anatômicas e estéticas.

Os “relaxados” com a imagem – dentre os quais os obesos –, consoante os estudos do acadêmico Jurandir Freire Costa, se enquadrariam no que denomina de “estulto”, uma categoria que “ameaça pelo mau exemplo da *fraqueza da vontade*” (2004, p. 195. Grifos do autor). Para tanto, a sociedade teria criado

um código axiológico no qual os “normais” são os que dão mostras da vontade forte. No pólo oposto, estão os fracos, os piores, os *estultos*. Estultícia é a inépcia, a incompetência para exercer a vontade no domínio do corpo e da mente, segundo os preceitos da qualidade de vida. (COSTA, 2004, p. 195. Grifo do autor.)

Em seu ensaio intitulado *O vestígio e a aura*, são cinco os tipos de estultícia sugeridos: (a) os “dependentes” ou “adictos”, aqueles que não conseguem controlar sua vontade de fazer e/ou consumir algo, viciando-se; (b) os “desregradados”, “que não podem moderar o ritmo ou a intensidade das carências físicas” (2004, p. 195), ilustrados, por exemplo, pelos bulímicos e anoréxicos; (c) os “inibidos”, os quais têm dificuldades em se aceitarem e se relacionarem com os outros; (d) os “estressados”, “que não sabem priorizar os investimentos afetivos e desperdiçam energia, tornando-se perdulários da vontade” (2004, p. 196); e (e) os “deformados”, “os que ficam para trás na maratona da fitness: obesos; tabagistas; não siliconados; não lipoaspirados etc.” (2004, p. 196).

De permeio a tal apelo estético, verifica-se um câmbio na esfera da medicina, notadamente a partir da formação de uma aliança entre os campos das ciências da vida, da informática e da robótica (SIBILIA, 2002). Assim, as fronteiras entre uma medicina de cunho “curativa” e outra de ordem “estética” vêm sendo cada vez mais suplantadas, até porque, se outrora as ciências biomédicas se voltavam - quase que como finalidade única - ao restabelecimento da saúde e/ou dos demais problemas físicos e corporais dos sujeitos, agora, através da valorização dos métodos da clínica dermatológica e do uso dos dermocosméticos, cresce consideravelmente a área que mira a melhora do aspecto físico dos indivíduos, conforme vem sendo proporcionado pelos procedimentos

estéticos e de cirurgia plástica, bem como a que objetiva a melhora do desempenho corporal - mesmo se considerado “normal”.

As constantes inovações tecnológicas e seu respectivo emprego pela medicina, para o futurista Kurtzweil (2003), estariam propiciando uma mutação na maneira com a qual o ser humano enxerga seu próprio corpo. Na opinião do pesquisador, não se trata, porém, de nenhuma ruptura drástica, mas de uma passagem gradual, sustentada pela “invasão” tecnológica no interior das estruturas corpóreas dos sujeitos: implantes de nanorrobôs, *chips*, partes eletrônicas, próteses, órgãos artificiais e demais inventos que “aprimoram” o desempenho humano, elevando consideravelmente seu potencial performático e que marcam a passagem de uma versão “limitada” e “pouco eficiente” do corpo a uma cujos limites encontrar-se-iam “expandidos” e ampliados. Eis, segundo Kurtzweil, a emersão do “Ser Humano 2.0”, em prol da “obsoleta”, “ultrapassada” e “ineficiente” versão 1.0.

Recentemente, por exemplo, cientistas do Instituto do Coração do Texas, nos EUA, anunciaram a substituição de um coração por duas turbinas. “Foi-se o tempo em que você precisava das batidas do seu coração para viver”<sup>178</sup>, dizia a reportagem comentando o feito. E apesar do paciente ter morrido poucas semanas depois da realização do transplante, os médicos atribuem o óbito a uma “doença subjacente”, pois “o dispositivo estava funcionando perfeitamente”. Comparada com o que tem ocorrido nos vários laboratórios de pesquisa médica ao redor do mundo e diante de outras tantas intervenções técnico-científicas que poderíamos ter citado, dita cirurgia pode até ser uma ilustração bem simples e pontual acerca da vasta dimensão de tal fenômeno. Ainda assim, é bastante elucidativa das inovações que visam a “aprimorar” o funcionamento dos órgãos e/ou mesmo a substituir partes do corpo, levando o homem a se tornar aos poucos, nas palavras de Sibilía, “pós-orgânico” (2002).

Foi a codificação genética das espécies que deu enorme fôlego às pesquisas com experimentos e inovações técnico-científicas, o que, a nível científico, praticamente as simplificou a meras informações oriundas da numerosa combinação de seus genes. Com isso, deixaríamos a metáfora do “homem-máquina”, marcante às engrenagens das fábricas e à organicidade do corpo, para a do “homem-informação”, em consonância aos preceitos da vida digital e digitalizada (SIBILIA, 2002), bem como nos aludimos cada vez mais aos termos informáticos para nos referirmos a nós mesmos, tal qual o par

---

<sup>178</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/saude/turbinas-podem-substituir-coracao-humano-4420302>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

*corpo e alma* em menção ao *hardware* e *software*. No entanto, o cientista brasileiro Roberto Lent (2006) alerta para o risco de que as informações armazenadas nas partículas eletrônicas introduzidas no corpo dos seres humanos – sejam nanorrobôs ou *chips* – possam escapar ao alcance dos pesquisadores, tornando-se públicas. Nesse caso, se por um lado tais dados podem se demonstrar demasiado úteis no que se refere à prevenção e ao tratamento de enfermidades e malesas, por outro, ao se tornarem públicas, poderão causar graves constrangimentos, já que todos os potenciais orgânicos do sujeito poderiam vir à tona, dentre os quais a probabilidade de desenvolver um determinado tipo de comportamento, podendo influenciar até mesmo em sua escolha (ou não) a uma vaga de emprego.

Sem embargo, em relação aos seres humanos, ditas investigações e avanços já promoveram inovações consideradas impensáveis há apenas alguns anos atrás, como o singular episódio, ocorrido em 2008, do “homem grávido”, divulgado pela mídia com enorme alvoroço. Na verdade, Thomas Beatie não era exatamente um homem, mas uma mulher que trocara de sexo e se casou com outra mulher. Porém, uma vez que sua esposa não conseguia engravidar e como seu sistema reprodutor “original”, ou melhor, feminino, fora mantido, garantindo a estrutura orgânica necessária ao desenvolvimento de uma criança, Beatie decidiu carregar a gestação. Em tempo: o procedimento foi tão bem sucedido, que Thomas e sua esposa tiveram três filhos dessa maneira.

Ditos progressos são os mesmos que suscitaram a possibilidade de geração de fetos em laboratórios, os apelidados “bebês de proveta”, e as inseminações em barrigas de aluguel, questão que segue suscitando sérias rixas de ordem ética, pois além de representar uma oportunidade aos casais que não conseguem engravidar, cria também a possibilidade de se ter um filho considerado biológico sem os impactos causados no corpo da gestante: e se no futuro as mulheres desistirem de cultivarem a gestação em prol da conservação do corpo e da forma? Em outro âmbito, estariam os seres humanos comprando bebês ao encomendá-los em laboratórios? Isso representaria um enorme risco no que concerne à seleção das características físicas desejadas pelos pais em seus filhos (como o tipo de cabelo, a cor dos olhos, o tom da pele etc.), reacendendo o perigo do reaparecimento da eugenia, técnica de “limpeza” e “purificação” genética praticada pelos nazistas na primeira metade do século passado. Hoje, entretanto, em sua versão “pós-moderna”, verifica-se menos o ensejo pela coerção física do que uma pulsão pessoal pela realização das alterações no próprio corpo – fomentadas, dentre outras, através das pressões da coerção midiática.

Contudo, nem todos os sujeitos se interessam por se cuidarem a partir das intervenções ou criações da tecnociência. Em paralelo, cresce a corrente que demanda por tratamentos alternativos com o escopo de obter o cobiçado “bem-estar” da maneira mais natural possível, consoante prega o discurso do médico Alberto Gonzalez, famoso por optar pelo uso de remédios feitos com ingredientes orgânicos e por elaborar a “dieta viva”, regime alimentar que promete restabelecer o bem-estar físico e retardar a velhice, o que lhe garantiu bons espaços nos meios de comunicação. Para isso, o médico propõe a ingestão de alimentos em estado natural, ou seja, nunca cozidos, fritos ou assados, no máximo aquecidos, afirmando que certas combinações podem vir a suprir, inclusive, a necessidade do consumo de determinados medicamentos. Bem diferente do que vem sendo proporcionado pela ciência, tais quais os alimentos que “enganam” o organismo, como adoçantes e produtos dietéticos ou *lights*, ademais dos complexos e suplementos alimentares, alguns dos quais até já induziram consumidores à morte, caso do *Jack3d*.

O fato é que, seja pelo consumo dos mais modernos métodos e tratamentos estéticos, seja pela utilização de produtos naturais, atualmente (quase) ninguém parece não se incomodar com a aparência, em maior ou menor grau, uma vez que, conforme conclui Ana Lúcia Castro, o culto ao corpo é “um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido” (2003, p. 15). E mais: o fenômeno do culto ao corpo teria atingido um nível tal que, atualmente, “configura-se um território de construção de identidades e de estabelecimento de formas de distinção, caracterizando-se como um dos aspectos formatadores dos estilos de vida” (2003, p. 28).

Logo, cuidar-se e demonstrar-se saudável, ou de bem consigo mesmo, torna-se uma verdadeira estratégia de sobrevivência dos sujeitos nas selvas urbanas das sociedades contemporâneas. O melhor modo, todavia, de não ser estigmatizado ou despertar a “atenção negativa” passa a ser buscar “ser como todos”, paradoxalmente ao incitamento do discurso publicitário, em especial, de que deveríamos “ser diferentes de todos”. E o motivo principal é o medo do que isso possa acarretar ao indivíduo – canalizado, sobretudo, a partir do “contágio psicológico” promovido incessantemente pela mídia.

Assim, dentro de uma sociedade cuja cultura ou senso comum tem parâmetros muito bem estabelecidos para o que vem a ser a imagem e o corpo “adequados”, escapar

(propositalmente ou não) de ditos ditames é um enorme risco a se correr; ou, no mínimo, uma postura bastante corajosa.

## 6.2 “Corpo líquido”

Adotando a metáfora proposta por Bauman, podemos dizer que nossa era seria, outrossim, a do “corpo líquido”. Ou seja, a de um corpo adaptado, ou melhor, compelido a ser ajustar às (inacreditáveis) mutações estéticas e alimentares fomentadas no nosso líquido mundo, sabendo que sua idealização depende de uma série de fatores simbólicos, culturais, sociais, econômicos, ideológicos, históricos e geográficos.

Se por um lado é bem verdade que não há um padrão de beleza uniformizado em escala global, por outro o modelo ocidental (leia-se, fundamentalmente a pele branca ou levemente bronzeada, o corpo magro ou musculoso e o cabelo liso) é o mais valorado pela mídia, o que ficou bastante evidenciado em uma matéria da revista *Mundo Estranho*, a começar pela escolha do título (e porque não da própria revista): “Quais países têm os padrões de beleza mais estranhos?”<sup>179</sup>. Porém, conforme advertido pela antropóloga Mirela Berger, na mesma reportagem, “os referenciais de beleza estão ligados à visão de mundo de cada cultura. Como as sociedades são diferentes umas das outras, eles também são”. Dentre as “esquisitices” listadas pela matéria constavam, dentre outras, a “Síndrome da Girafa” de Mianmar, esmerando-se pescoços alongados através do uso de anéis de metal, e o “Efeito Michael Jackson”, no Paquistão, Tailândia, Coreia do Sul, Hong Kong, Malásia e Índia, com a obsessão pela pele branca. Já o *O Globo* postou um artigo sob o título “Os dez países que mais celebram a obesidade”<sup>180</sup>, no qual listava nações com uma particularidade em comum: a grave escassez de alimentos e o baixo poder aquisitivo de suas populações para adquiri-los. Consequentemente, estar acima do peso, nessas localidades, constitui-se um poderoso mecanismo de poder e distinção social, denotando fartura e riqueza. O oposto das visões de mundo cultivadas nas sociedades ocidentais, nas quais o acúmulo de peso e de gordura é sinônimo de descuido e negligência.

A partir da afirmação da importância atribuída à imagem e ao desempenho físico-corpóreo, no ocidente, segundo o pesquisador Alain Ehrenberg (2010), em *O culto da performance*, teria havido o afloramento de dois notórios ideais que em muito nos

---

<sup>179</sup> Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quais-paises-tem-os-padroes-de-beleza-mais-estranhos>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>180</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2012/05/09/os-dez-paises-que-mais-celebram-obesidade-444272.asp>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

auxiliam na procura de respostas do porquê do fenômeno do “culto ao corpo” ter atingido tamanha dimensão, pairando presentemente com tanta veemência sobre todos nós: os espíritos empresarial e esportivo. Para Ehrenberg,

o esporte e a empresa tornam-se modelos de ação que sintetizam *rapidez* de adaptação, *mudança* permanente, *flexibilidade* psíquica como corporal, pois eles respondem às dificuldades políticas de governar uma sociedade sujeita à imprevisibilidade do futuro. (2010, p. 172. Grifos do autor.)

Rapidez, adaptação, mudança permanente e flexibilidade: palavras-chave ao recente contexto de intermitente pregação de renovação constante, até mesmo como maneira de se manter dinâmico e “consumível”. (Aliás, esses são alguns dos principais fatores que, de acordo com Francisco Ortega, estariam propiciando a sensação de desconforto e mal-estar dos sujeitos contemporâneos consigo mesmos: o “corpo incerto”.)

Não obstante, o que Jurandir Freire Costa lê tal qual uma “estultícia”, Ehrenberg afirma que, em alguns casos, trata-se de uma espécie de “mal necessário”, já que “dopar-se, no mundo moderno, representa um processo de integração às vezes indispensável, uma arma para enfrentar o real” (2010, p. 144), pois “na clínica, as drogas não são distinguidas dos medicamentos: o importante é que elas tratem das psicoses, ajam sobre os sintomas depressivos ou apaziguem o sofrimento psicológico” (2010, p. 149). Visão essa repelida por uma matéria da versão digital do *Clarín*, o qual acredita que “están a un paso de considerar como un ‘transtorno’ todas las emociones de los seres humanos”<sup>181</sup>. Em linhas gerais, a reportagem questiona diretamente uma medida adotada pelo prestigioso “Manual de Psiquiatria da Associação Americana”, entidade de referência mundial, a qual reúne 36 mil psiquiatras e passou a considerar timidez, tristeza e rebeldia como enfermidades, o que, na opinião de alguns especialistas consultados pelo periódico, seria uma medida para “etiquetar” pacientes e formar um exército de “consumidores de remédios”. Nesse sentido, mais valeria a pena viver “dopado, mas feliz”, do que “deprimido, mas limpo”. Por conseguinte, sua vida sem problemas pode estar lhe esperando há apenas um *Prozac* de distância.

Para que a sociedade atual atingisse tamanha inquietação e zelo com a aparência, tornando-a um de seus principais desígnios, já na primeira metade do século XX estavam sendo fincados os mais elementares alicerces dessa nada sutil virada, a ponto de Ana Lúcia Castro argumentar que dito século é essencial para sua compreensão. A

---

<sup>181</sup> Disponível em: <[http://www.clarin.com/sociedad/salud/Timidez-rebeldia-Nuevas-enfermedades-polemicas\\_0\\_661733889.html](http://www.clarin.com/sociedad/salud/Timidez-rebeldia-Nuevas-enfermedades-polemicas_0_661733889.html)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

começar pela década de 1920, quando iniciava a propagação do ideal de “corpo magro”, em concomitância com o estímulo ao uso de maquiagem e cosméticos, ambos por influência direta da tríade composta por cinema – que, na época, firmava-se como um meio de diversão e escapismo, notadamente à classe trabalhadora -, publicidade – a qual substituía as propagandas focadas essencialmente na técnica e na utilidade do produto para se centrar em seu valor de uso e de representação, isto é, em seu potencial de status e distinção -, e moda – responsável por promover grandes modificações na confecção do figurino, principalmente o feminino, ao elaborar peças mais “ousadas”, marcando o período dos “anos loucos”.

Porém, a partida à valorização e à exibição do corpo se deu cerca de três décadas depois, especialmente pelo fortalecimento do imaginário de veraneio e da pele bronzeada em referência a uma forma de vida mais saudável, implicando na exposição corporal, sobretudo em regiões de balneário, dentre as quais Califórnia, Cancún, Ibiza e Rio de Janeiro, juntamente com a proliferação de revistas femininas e dos meios de comunicação mais imediatistas e instantâneos, recheados de anúncios de produtos de higiene, beleza e cuidados pessoais (CASTRO, 2003). Não por acaso, apareciam, nessa ocasião, as primeiras grandes divas do cinema, tal qual Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, Elizabeth Taylor e Grace Kelly, todas ostentando uma particularidade bastante similar entre si: o “corpo esbelto” e a atenção ao estilo das roupas em voga.

Contudo, entre 1950 e 1960, a partir da união tecida entre a emersão dos alterdirigidos e o desenvolvimento do campo comunicacional, selava-se o matrimônio entre a busca individual pela captura da “atenção do outro” com a “necessidade de ser visto”, alimentadas pela mídia, destacando-se de modo mais ativo a participação dos multimeios no cotidiano dos sujeitos. Atentos à dita tendência, os meios de comunicação consagrariam sua embrionária e crescente autoridade no imaginário coletivo e social ao elegerem determinados padrões a serem considerados exemplares, incitando a audiência a segui-los, ou, no mínimo, a admirá-los, dentre os quais o tipo de corpo a ser divulgado e apreciado por todos (e, por que não, igualmente desejado por todos). Pois, se em um primeiro momento expor “os outros” era uma “necessidade” e estratégia de promoção de sua programação, não tardou e prontamente essa “necessidade” começou a ser encarada tal qual uma demanda particular dos próprios sujeitos, absorvida como uma pulsão pessoal para *aparecer, exibir-se e ser visto*.

Portanto, no momento em que os indivíduos entram em contato com as difusões midiáticas e sua incitação ao seguimento ou adesão ao padrão corporal apresentado



como esbelto, quando principiam a consumir ditos estímulos midiáticos tal qual uma demanda particular, localizamos o nascimento do *multimedio* em relação à aparência. Não que antes os sujeitos não se preocupassem com seu aspecto físico e/ou não existissem padrões de beleza. Em absoluto. Entretanto, nossa alegação é a de que com a consolidação dos meios de comunicação, esse medo (o qual, conforme apontado, vinha sendo desenvolvido desde a década de 1920), precisamente pelas difusões e exibições de imagens que se tornaram “dominantes” pelos espaços da mídia, foi midiaticamente elucidado.

Diante de tal quadro, a década de 1960 concebeu uma importante contribuição à autonomia corporal, notadamente em razão dos movimentos e reivindicações da revolução sexual, do surgimento dos métodos contraceptivos, da liberação feminina e da afirmação da cultura jovem, encorajando Foucault, no final dos anos 1970, a esbravejar e conchamar este que parece ser um dos maiores axiomas por excelência do atual processo de idolatria dos corpos, traduzindo em poucas palavras o engrandecimento e a ostentação corporal em vigor, ademais do tipo físico admirado: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (1979, p. 147).

Se nos anos 1970 a nudez humana principiava a ser estimulada, a década seguinte disseminou e popularizou a prática de atividades físicas, alterando consideravelmente tanto a noção sobre a anatomia masculina cobiçada (não mais magra, tal qual defendida por Foucault, e sim *musculosa*), quanto a silueta feminina ambicionada, tornando-a mais “seca” e definida. Aliás, o estímulo ao exercício não se restringiu somente às academias de ginástica, “as catedrais da boa forma”, estendendo-se igualmente para dentro dos sacrossantos lares. Isso porque, graças ao videocassete, tornava-se febre a gravação em fitas VHS de aulas de alongamentos, aeróbia e preparação física – uma corrente que conferiu à atriz Jane Fonda enorme êxito, já que apenas seu primeiro *vídeo tape* desse tipo, lançado em 1982, vendeu mais de 17 milhões de cópias nos Estados Unidos.

Porém, qual era o segredo de seus vídeos-aulas para atrair tanto interesse? Primeiramente há de se considerar o fato de que não se tratava de um “indivíduo qualquer”, mas de uma renomada celebridade “vendendo” saúde e bem-estar. Não obstante, essa explicação ainda é insuficiente para esclarecer o motivo de tamanho sucesso. Sua grande sacada, na verdade, fora transformar, ou melhor, “ofertar” o exercício como algo divertido, simples e fácil. Proporcionando lições acompanhadas por uma estimulante trilha sonora, figurino da moda (estilo *colant* com muitas cores) e um

ambiente assaz aprazível à atividade física – amplo, liso, bastante iluminado e arejado –, além da presença de vários alunos interessados em se verem com o feitio melhorado – apesar de todos já ostentarem a almejada “boa forma”, serem “bonitos” e jovens. É assim que, conforme observa Jurandir Freire Costa,

o cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. [...] Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade. (2004, p. 190)

Todavia, neste princípio do século XXI, tão importante quanto conservar-se jovem na aparência e/ou no aspecto é manter-se jovem no “espírito”. Isto é, comportar-se de maneira irreverente, inovadora, surpreendente, por vezes rebelde, buscando a intermitente e constantemente renovação de si mesmo. A “tirania da juventude”, portanto, exige um pouco mais além dos cuidados com a forma física e com a beleza estética. Determina, outrossim, um permanente comprometimento com as adaptações socioculturais presenciadas, com a adesão às ideias do momento e o acompanhamento dos modismos e costumes considerados “descolados”: “ter a mente aberta”. Logo, se historicamente o corpo se mostrou líquido, considerando-se o presente, o físico e o espírito devem permanecer jovens.

Contudo, por que causa, motivo, razão ou circunstância a sociedade atual imputa tanto apreço ao corpo, à beleza e à estética, a ponto de convertê-los em um sinal de prestígio e de uma vida bem-sucedida? Fundamentalmente, nesta desenfreada corrida pela imagem “ideal”, ninguém parece querer “ficar para trás” e carregar o nada sutil peso dos olhares de reprovação alheios. De tal forma, conforme asseveração de Jean-Jacques Courtine, em seu estudo a respeito do fenômeno da explosão fisiculturista nos EUA, ao se alastrar pelo imaginário social, o corpo e, sobretudo, a aparência, vão se consolidando em um poderoso instrumento de poder, pois “a beleza é um capital, a força, um investimento” (COURTINE, 1993, p. 98).

Não se trata, entretanto, de uma força qualquer, ou àquela com a qual os indivíduos do século XX se habituaram a conceber, já que não estamos mais falando sobre uma força útil para mover as engrenagens das máquinas industriais ou empregada em um trabalho de atividade operária e/ou manufatureira, e sim de uma destinada a ser exibida, ostentada e admirada por seus contornos, pincelada por visíveis e delineados músculos estampados na pele. Eis uma força imagética, a qual não deve se desgastar em afazeres manuais, típicos da sociedade disciplinar, enquadrada, por sua vez, dentro dos

ditames da sociedade espetacular, impressa, pois, em revistas, anúncios publicitários, exibida em programas de televisão ou mesmo em ensaios sensuais. Trata-se de

insólitas massas musculares, puramente decorativas, que não servem para correr, nem para arremessar, e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculo a movimento. Impressionantes afrontamentos em pesadas coreografias, duelos de imagens sem contato nem violência, puras lutas de aparências. (COURTINE 1993, p. 83)

Em outro trecho, Courtine arremata afirmando que “cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo” (1993, p. 86), novamente associando tanto o corpo à linguagem empresarial e esportiva, quanto reafirmando a privatização das responsabilidades. Dito de outra forma, isso significa que hoje qualquer sinal de flacidez confere, no mínimo, um motivo de inquietação, desconforto e ansiedade, uma aberração que apenas tenha surgido deve ser imediatamente tratada e expurgada. Do contrário, o indivíduo deverá arcar com as consequências da “Síndrome da Lindsay Lohan”.<sup>182</sup>

Em mais uma demonstração midiática de incitação à (boa) “administração corporal”, reportagem da seção de *saúde* de *O Globo* chegou a valer-se da expressão “geração dos sem-idade” para designar exatamente a quem “parece ter muitos anos menos e vive muitos anos a mais do que as pessoas da mesma idade de duas ou três gerações atrás”. Tal qual a matéria, “em meio aos sete bilhões de habitantes [do planeta], há uma parcela considerável de pessoas com saúde jamais alcançada antes em toda a História da Humanidade”. E embora o texto deixe claro que são os atletas de elite que, a base de treinos “em condições extremas”, “alcançam condicionamento impossível para a maioria dos mortais”, traz igualmente uma esperança às “pessoas comuns”, já que elas “se beneficiam dos fatores que geram super-humanos para pódios olímpicos”. Para tanto, o periódico afirma, com atribuição “a especialistas”, que “não há receita mágica ou pílulas para os sem-idade. A genética tem um peso. Mas a essência está na alimentação e nos exercícios”.

Em suma, o “segredo” da boa aparência provém não tanto da hereditariedade, a qual tem (apenas) “algum peso”, mas notadamente da junção entre alimentação e

---

<sup>182</sup> Lindsay Lohan é uma atriz estadunidense, de 26 anos de idade, que após iniciar uma carreira considerada promissora começou a ser vista como um “exemplo a não se seguir”: relaxada com a imagem, consumidora de substâncias ilícitas lesivas à saúde e protagonista de sucessivos escândalos dignos de “estrelar” capas policiais. Ademais, Lohan vem atravessando um precoce processo de envelhecimento que tem atraindo os holofotes e motivado uma série de indagações, especulações e críticas por parte da mídia. Nesse sentido, a “Síndrome da Lindsay Lohan” denota tanto o relaxamento em relação aos cuidados com aspecto físico, quanto com a saúde, dois graves atentados contra os preceitos do “bem-estar”.

exercícios.<sup>183</sup> A aparência corporal depende, por conseguinte, sobretudo de *você* e de *sua* vontade em moldá-la e deixá-la apreciável. Logo, em “geri-la”. Nesse caso, como sintetiza a reportagem de *O Globo*, “começar [a dieta e os exercícios] cedo é importante, pois o corpo se condiciona e os resultados vêm mais rápido, assim como o estímulo para continuar”.

Se os “bons gestores do corpo” se tornam modelos a se seguir, o principal “bode expiatório”, ainda quando o assunto é corpo, é, de longe, aqueles que “fracassam” com essa obrigação: de modo direto, os que estão com “sobrepeso”. “É fato que o mundo atravessa uma epidemia de obesidade e que milhões de pessoas têm a qualidade e a expectativa de vida reduzidas em função das mazelas trazidas pelo excesso de peso”, diz a aludida matéria de *O Globo*, a qual classifica a obesidade como “a grande batalha de saúde pública deste início de milênio”. Todavia, os “acima do peso” parecem despertar atenção menos pelas dificuldades físicas a que estão submetidos e propensos (em uma sociedade que não espera nada além da magreza de seus membros) do que pelos olhares de estranheza, torpor, pena e desconforto suscitados nas mais variadas e rotineiras situações. Ou seja, mais pelos “impactos sociais” (e visuais) do que pelos problemas físicos que rotineiramente têm que enfrentar.<sup>184</sup>

Os obesos são, atualmente, as maiores representações do escape à ditadura do “fitness” (termo da língua inglesa que pode ser traduzido como “aptidão”, “capacidade”, “conveniência”, “boa condição física” e “oportunidade”). Estar acima do peso, na conjuntura do mundo ocidental contemporâneo, firma-se tal qual uma das grandes adversidades enfrentadas pelo indivíduo, um dos maiores pecados contra os sagrados e respeitáveis preceitos da vida saudável, representando uma “inconveniência”, uma “incapacidade”, uma “inaptidão”: são os “agentes de Satã” dos saudáveis. Aliás, a partir do medo da “inaptidão” se forma um fidedigno “vale tudo” pelo corpo e imagem “perfeitos”, com direito a caça não só por regimes e treinamentos, mas também por cirurgias.

---

<sup>183</sup> Como ilustração dos “sem-idade”, *O Globo* cita, dentre outros: um cavaleiro japonês de 70 anos de idade; Dara Torres, nadadora estadunidense, de 44 anos; Fauja Singh, maratonista indiano (e centenário); e Andrea Folegatti, advogada, “considerada a melhor corredora amadora do Brasil no ano passado [2012], aos 35 anos, estampando a capa da revista especializada ‘Finisher’”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/saude/a-geracao-dos-sem-idade-4274316>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>184</sup> Quem bem o demonstra, através de fotografias, é a estadunidense Haley Morris-Cafieiro, que sofre de obesidade. A estratégia adotada por Haley é armar um tripé acoplado a uma câmera programada para disparar automaticamente. Embora o aparelho finja fotografar em uma direção distinta da sua, ele justamente a capta, exatamente para flagrar as gozações que ela não consegue ver. O resultado é uma série de fotografias em que Haley se vê depreciada até mesmo por policiais. Mais em: <<http://haleymorriscafiere.com/>>.

No Brasil, país famoso pelo culto ao corpo o ano inteiro (seja nas praias, na passarela do Carnaval ou em qualquer lugar), em se tratando de intervenção cirúrgica, um dos primeiros nomes que prontamente ressoam é o da ex-modelo Ângela Bismark, casada com um cirurgião plástico (e viúva de outro “escultor do corpo”). Segundo estimativas, Ângela já encarou o bisturi 42 vezes e passará pela 43ª operação em breve. O novo procedimento? Uma himenoplastia, isto é, a reconstituição do hímen, trazendo de volta sua “virgindade” para, sucessivamente, ser “desvirginada” pelo marido.

Já a nível mundial, dois casos costumam se sobressair: um é o de Valeria Lukyanova, ucraniana de 21 anos, quem apesar da pouca idade já enfrentou diversos procedimentos plásticos (ao custo de milhares de dólares) com o fito de se tornar a “Barbie humana”. O outro é o de Justin Jedlica, americano de 32 anos que teria gastado (ou investido?) o equivalente a mais de 190 mil reais em cirurgias para se tornar a versão “humana” do boneco Ken. Para Jedlica, contudo, suas intervenções se assemelham a um “trabalho artístico”. Em uma entrevista, declarou: “Você pediria para Picasso deixar de pintar? Esse é o meu hobby. Eu escolhi criar e esculpir por meio da cirurgia”<sup>185</sup>. Jedlica ainda considera suas operações mais vantajosas do que as intensas e cansativas rotinas de exercícios, levadas a cabo por um verdadeiro batalhão de sujeitos pelo globo, uma vez que a musculação “é uma dor de longo prazo para um ganho de longo prazo. O que estou fazendo é dor de curto prazo para ganho de curto prazo”<sup>186</sup>.

Em comum, Lukyanova, Jedlica e “outros” tantos mundo afora, almejam o *sobre-humano* “físico perfeito” (ou aquele que assim o creem). No entanto, um

---

<sup>185</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2013/02/13/ken-humano-cirurgia-sai-mais-barato-que-frequentar-academia-486190.asp>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>186</sup> De acordo com a entrevista citada anteriormente, Jedlica “começou a pensar em mudar o corpo aos 13 anos, inspirado em estrelas como Michael Jackson”. Uma inspiração, aliás, nem tão espantosa. Pois, ao se ponderar sobre intervenções estéticas no mundo dos famosos, o nome de Michael Jackson é um dos que mais reluzem. Traumatizado pela rígida educação imposta por seu pai, Joseph Jackson, o cantor encontrou na medicina uma maneira de lidar com seus anseios e medos, apesar de ter sido de um modo considerado bastante peculiar. Em vez de sessões com psicólogos, psicanalistas, terapeutas ou psiquiatras, Michael recorreu a cirurgias plásticas ao constatar aquilo que se converteu em um dos seus maiores temores: ver-se com a aparência similar a de seu pai. Horrorizado com a hipótese de ser semelhante a um homem que julgava ser “ruim”, o “Rei do pop” empreendeu uma série de operações plásticas em seu rosto, especialmente no nariz, desmanchando seus traços faciais naturais por feições mais “suavizadas”. Por ironia, a primeira cirurgia do cantor se deu quando o astro quebrou o nariz em virtude de uma queda. A partir dessa operação, entretanto, Michael se submeteu a inúmeras outras interferências - às vezes as fazia para se afastar da semelhança de Joseph, outras pois sua respiração estava prejudicada, ou mesmo para corrigir eventuais falhas das precedentes, caindo em um círculo vicioso. Na biografia do cantor, escrita pelo jornalista Taraborrelli, um dos trechos afirma que Michael passou por pelo menos dez cirurgias. O autor ainda diz que “por anos e anos, cirurgias plásticas não ligadas ao caso especulavam se seu nariz - que faz lembrar o de um duende - é feito de cartilagem, osso ou látex” (2009, p. 418). Sobre cirurgias plásticas, Michael declarou que “não é nada demais [...] Depois da primeira, nem dói mais tanto assim. Depois que você tiver feito, não vai conseguir parar de se olhar no espelho, de tão satisfeito” (TARABORRELLI, 2009, p. 339).

importante diferencial que se faz notar aqui é que alguns desses sujeitos cultivam a obsessão pelo culto ao corpo a partir de imaginários (ou fantasias?) infantis (afinal, Ken e Barbie são bonecos concebidos - ao menos em um primeiro momento - para promoverem distração às crianças).<sup>187</sup> Dessa maneira, os brinquedos tanto revelam impactar na percepção não só daquilo considerado “bom”, “adequado”, “esperado” e/ou “normal”, quanto no padrão corporal encarado como ideal (magro, pele clara, cabelo liso), especialmente a partir da segunda metade do século XX, nutrindo um fenômeno que induz muitos a um genuíno “vale tudo” em busca da aparência.

Assim, em um mundo regido pelos ditames da pós-modernidade, os princípios da tradicional “pedagogia da vida adulta” transmitidos pelos brinquedos de outrora parecem não fazerem mais sentido às gerações contemporâneas.<sup>188</sup> Em vez disso, bonecos e bonecas hasteiam a bandeira, já na infância, dos valores da “boa imagem”: saem de cena as donas-de-casa íntimas das panelas e do fogão, entram em cartaz as liberais, “definidas” e bem-sucedidas (ainda que sem casar) profissionais de mercado.

### 6.3 O multimedo da aparência

“-10 Kg em 3 meses”; “Barriga tanque em 1 mês”; “O corpo que você quer já!”: o escancaramento do movimento de “culto ao corpo” e da “moral da boa forma” estampa as capas das revistas *Boa Forma*, *Men's Health* e *Women's Health* (fora outras tantas), as quais, através principalmente da oferta de numerosas (e milagrosas!) dietas e exercícios, vendem saúde e o corpo que *todos nós* deveríamos não só *almejar* como, de preferência, *ter*. Ademais, uma das chamadas de menor destaque da capa da *Men's Health*, chama-nos atenção: “7 truques para viver até os 100”. Posto de outra forma, beleza e longevidade caminham juntas na “moral contemporânea”.

---

<sup>187</sup> A respeito da associação entre os imaginários infantis e sua “sexualização”, três fases merecem apontamento: a primeira são os anos 1930, com o princípio da exploração mais explícita do *sexy appeal* dos personagens animados. Um bom exemplo é Betty Boop, a “avançada” garota cheia de curvas e decotes, sempre com as pernas de fora, que de tão “à frente de seu tempo” acabou censurada nos EUA,volvendo em uma versão com trajés “mais comportados”; a segunda são os anos 1950, quando, mais precisamente em 1959, a Barbie surgiu, inspirada em uma boneca erótica da Alemanha; a última são os anos 1980, com o aparecimento de programas midiáticos que diretamente relacionavam o universo infantil ao culto e exibição do corpo, dentre os quais o *Xou da Xuxa* e suas “formosas” Paquitas, consolidando tal fetichização. Nessa mesma época, foi lançada, uma versão da Barbie chamada “Academia de ginástica”, acompanhada de aparelhos de exercícios e figurinos próprios à prática de atividades físicas, para dita boneca.

<sup>188</sup> Para as mulheres, dita pedagogia lhes “ensinava” a lidar com as relações familiares e com as rotinas da casa e seus afazeres domésticos, dentre as quais cozinhar, lavar, passar e cuidar de criança; para os homens, o interesse por carros e esportes. Em uma leitura mais dinâmica, enquanto as mulheres foram, durante muito tempo, estimuladas a “se quedarem em casa”, os homens eram associados ao movimento e a atividades mais enérgicas e ativas.



Conforme os apelos do discurso dominante (e midiático), pelo menos um tipo de “estulto” pode ser considerado não só como “não negativo”, ou mesmo “não desviante”, tal qual argumenta Costa, e sim “positivo”: os que se encontram na desenfreada corrida pelo corpo e aparência perfeitos. Embora a ciência (ainda) não tenha encontrado a “fonte da juventude” ou alguma outra fórmula que proporcione a jovialidade eterna, é bem verdade que conseguiu desenvolver uma série de produtos amenizantes das marcas do tempo, por meio de fórmulas antirrugas, cremes anti-idade, suavizadores de linhas de expressão e o que seja, movimentando um bilionário comércio de beleza e cuidados pessoais<sup>189</sup>, o qual vem atraindo especialmente dois públicos recém-chegados a esse mercado: os idosos e os homens.

Quanto à “terceira idade” os números se provam promissores à indústria: se presentemente há 20,5 milhões de brasileiros nessa faixa, a estimativa para 2050 é a de que chegue a 65 milhões, cambiando quase radicalmente a estrutura e o formato da pirâmide populacional do país. E o mais significativo: não serão idosos quaisquer, mas uma geração altamente habituada aos cuidados com a imagem, uma vez que será composta pelos jovens adultos (e vaidosos) de hoje. De olho nesse rico e (ao que tudo

<sup>189</sup> Uma investigação do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) demonstrou que, em 2006, o volume de vendas desses produtos, no país, havia atingido a cifra de 1,4 milhão de toneladas, gerando um faturamento de 39,6 bilhões de reais apenas no varejo - R\$ 215,90 *per capita* (Disponível em: <[http://www.sebrae.com.br/setor/cosmeticos/o-setor/mercado/consumo/integrabia/ident\\_unico/7463](http://www.sebrae.com.br/setor/cosmeticos/o-setor/mercado/consumo/integrabia/ident_unico/7463)>. Acessado em: 11 de junho de 2013). Já dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontaram um índice ainda mais surpreendente: as classes C e D estavam gastando menos com arroz e feijão do que com asseio e estética. Entrementes, o Instituto Euromonitor, no ano de 2007, situou o Brasil na terceira colocação dentre os maiores consumidores de cosméticos do mundo, atrás somente dos Estados Unidos e do Japão (Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/canalexecutivo/notasemp07/emp070320071.htm>>. Acessado em: 11 de junho de 2013), posição mantida em 2010, com a ressalva de que a distância em relação ao país asiático havia reduzido.

indica) próspero mercado, os fabricantes totalizam multimilionários investimentos na elaboração de artigos destinados a esse nicho, como um antissinais para quem atingiu a casa dos 60 anos e uma linha de artigos de cuidados para o corpo dos senis, batizada de “Vôvó”.

Já quanto ao público masculino, tal processo vem promovendo o incremento do nominado movimento “metrossexual”, um grupo representado por uma fatia (cada vez maior) de homens receosos com a fisionomia e a moda, tendo dentre seus maiores expoentes os jogadores de futebol David Beckham e Cristiano Ronaldo. A expressão (originada pela aglutinação dos termos “metropolitano” e “sexual”) foi empregada pela primeira vez em 1994, pelo jornalista britânico Mark Simpson, em alusão à constatação da crescente procura masculina por tratamentos estéticos, comprovada, por exemplo, por uma recente indagação da *Dove Men*, especificamente no território latino americano, a qual constatou que 81% dos entrevistados se atentavam, sim, com a aparência<sup>190</sup>.

A princípio, a metrossexualidade pode até parecer um acontecimento superficial. Porém, ao observarmos-la galgando relativa aceitação e adesão em países conservadores, como os EUA, e machistas, como o Brasil – onde movimentam 83,58 milhões de reais ao ano<sup>191</sup> -, presumimos a ocorrência de uma significativa e notável mudança cultural, já que há apenas pouco tempo “homem que é homem” não frequentava salões de beleza, pintava as unhas, depilava-se e tampouco utilizava hidratante ou cremes corporais. “O culto ao corpo não é só assunto para mulheres. Os homens vêm mudando esse ‘preconceito’ e se preocupando cada vez mais com o físico e a aparência”, diz a abertura de uma matéria do portal *Terra*. “Prova disso é o surgimento de clínicas especializadas para o público masculino, com a intenção de suprir essa nova demanda que vem surgindo no mercado estético-corporal”<sup>192</sup>.

O movimento metrossexual já conta até com publicações impressas, tal qual a *Men’s Health*, cuja primeira edição foi lançada no país em 2 de maio de 2006, cerca de 19 anos após estrear nas bancas dos EUA, onde tem tiragem mensal de 1,85 milhão de exemplares e leitores em potencial na casa de 12 milhões/mês - distribuída em 38 países, consolidou-se como a maior revista masculina do mundo. Os slogans adotados

---

<sup>190</sup> Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/cienciasaude/quem-disse-que-beleza-n%C3%A3o-%C3%A9-assunto-de-homem-1.417953>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>191</sup> Disponível em: <<http://todas.uol.com.br/beleza/sao-paulo-recebe-feira-de-beleza-masculina-22704.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>192</sup> Disponível em: <<http://beleza.terra.com.br/noticias/0,,OI1116050-EI7484,00-Clinicas+de+beleza+vem+atraindo+atencao+dos+homens.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.



pelo periódico não deixam a menor margem de dúvida quanto ao seu escopo editorial: “O prazer de ser homem” e “Revista pra quem quer viver melhor”, descrevendo-se ainda tal qual o “guia da maior revista masculina do mundo para *fitness*, sexo, mulheres, exercícios, perda de peso, nutrição, saúde e construção muscular”.

A seguir, em nível de ilustração, reproduzimos um trecho extraído do portal da *Men's Health*, em que fica explícita a notória incitação do periódico à promoção do cuidado estético pelo público masculino.

#### **Carta do Editor**

**A aparência dos vencedores:** Nunca tivemos tantas soluções para melhorar o visual. E nunca você teve tantos motivos para aproveitá-las

**A indústria está a nosso favor.** Durante anos, a masculinidade foi identificada com uma vida espartana e prazeres brancos. Comer iguarias era coisa de quem usava babados nas mangas. Cuidar do corpo, uma atitude feminina. Cremes? Só quando a pele rachava ou você se enchia de bolhas ao sol. A indústria de cosméticos, claro, era voltada para as mulheres, vaidosas por natureza. Só que o mercado uma hora precisa se expandir. A solução? (“Ei, os homens estão menos brucutus...”) Óbvio, atacar o universo masculino. Resultado: nunca vimos tanta solução legal, feita com base científica e focada nas características do macho. Agora diz, você vai se aproveitar dessa fornada, não?

Disponível em: <<http://menshealth.abril.com.br/carta-do-editor/carta-do-editor/aparencia-dos-vencedores/>>. Acessado em: 11 de junho de 2013. Grifos do autor.

Pelo discurso (com ares de processo civilizatório masculino e com claros interesses mercantis), fica evidente ao homem “antenado” de agora - ao contrário do imaginário estigmatizante que por muito tempo os rondou - “cuidar de si” e utilizar produtos estéticos também é “coisa de macho”. Em outros termos, não é mais um motivo de questionamento de sua masculinidade ou virilidade. Em vez disso, torna-se, até mesmo, um imperativo: atualmente, você *precisa* fazê-lo se não quiser ser considerado “ogro”, “branco” ou “antiquado”: um “brucutu”, consoante o texto.

Edição após edição, a *Men's Health* é facilmente reconhecida por uma marcante e alegórica peculiaridade visual: sucessivamente, ilustra sua capa com a fotografia de um homem “sarado”, geralmente com o torso despido, esclarecendo, por fim, que seu foco consiste na elaboração de matérias envolvidas na propagação da “melhora da qualidade de vida”, elaborando, para isso, reportagens tais quais “1 halter, 650 músculos” e “Tudo o que você precisa saber sobre academia e tem medo de perguntar”.

Já na edição americana<sup>193</sup>, na mesma época, os cabeçalhos eram ainda mais precisos e contundentes: “Look younger instantly” (“Pareça mais jovem instantaneamente”), “Work 300 muscles in just 15 minutes” (“Trabalhe 300 músculos em apenas 15 minutos”) e “How your facial hair can earn you a promotion” (“Como seu penteado pode lhe garantir uma promoção”).

A versão portuguesa, por sua vez, propôs um desafio aos leitores, selecionando um homem sentenciado como “fora dos padrões”, justamente por seu tipo físico e aparência “desalinhados”, para que pudesse, então, “dar-lhe um jeito”. Conforme a matéria, “Nuno Gama necessitava de uma mudança. A verdade é que a idade traz alterações ao nosso corpo e com uma vida profissional bastante ativa, nem sempre há tempo para cuidar da forma física”<sup>194</sup>. A página da *web* exibia, inclusive, um indispensável cotejamento do “antes e depois” de Nuno, sendo um “antes” flácido e “pelancudo”, em franca oposição a um “depois” musculoso e rígido, evidentemente. No endereço eletrônico, era possível descobrir, todavia, quais foram os “truques” de Nuno para que se lhe ocorresse a celebrada transformação, dentre os quais os exercícios adotados durante o período do desafio (este último dado, curiosamente, não foi revelado pela reportagem). Entretanto, o importante é que, de acordo com a matéria, “se Nuno Gama conseguiu, você também vai conseguir”.

Porém, uma vez que a editora decisivamente constatou que o campo dos cuidados pessoais e corporais é, de fato, uma preciosa mina, ademais da *Men’s Health*, aproximadamente dois anos depois iniciava a circulação, no território nacional, de seu homônimo feminino, a *Women’s Health*, destinada às mulheres modernas e interessadas em “saúde, *fitness*, perda de peso, receitas saudáveis e beleza”. Vale ressaltar que tal qual na versão masculina, a feminina é igualmente recheada por dicas de como se manter esbelta através de exercícios físicos e boa alimentação, além de “n” fotos de pessoas que “chegaram lá” e podem ter orgulho de seu corpo (e, por isso mesmo, devem lhe servir de inspiração!).

No sentido contrário, com o êxito do concurso de *Miss Universo*, (finalmente) os organizadores se deram conta de que havia pleito o bastante para a criação da versão masculina da competição, pregando os fundamentos do *Mister Mundo*, efetivado em irregulares intervalos de tempo desde 1996. E se por um lado há o *Miss Brasil*, por

---

<sup>193</sup> <<http://www.menshealth.com/>>

<sup>194</sup> Disponível em: <[http://www.menshealth.com.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=870&Itemid=91](http://www.menshealth.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=870&Itemid=91)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

outro há a sua variante masculina, o *Mister Brasil*, o qual já conta com um episódio um tanto quanto curioso: o vencedor da edição de 2010, o gaúcho Jonas Sulzbach, também participante da décima segunda edição do *Big Brother Brasil*, sagrou-se vitorioso mesmo tendo feito uma cirurgia para alterar o formato de seu nariz. Já Priscila Machado, eleita *Miss Brasil 2011* e segundo lugar no *Miss Universo* do mesmo ano, admitiu ter se submetido a intervenções com finalidades estéticas. Em seu caso, contudo, foram três os procedimentos: rinoplastia, lipoaspiração e implante de silicone. Com tantos casos de intromissões médicas com fito unicamente estético, muitos já se indagam sobre qual seria o modo mais “acertado” de se realizar premiações desse tipo: afinal, seria ou não um equívoco recompensar a “beleza artificial”, idealizada e comprada em consultórios, em prol dos candidatos “naturais” ou não plastificados? (Em todos os casos, parece haver a necessidade de se premiar ou laurear àqueles cuja beleza se destaca dos “demais”.)

Intentando resolver tal dilema, a Hungria deu um arrojado passo ao sediar, em 2010, um evento no qual apenas mulheres que haviam se submetido a alguma espécie de cirurgia plástica podiam se inscrever: o *Miss Plástica* (quem sabe, dependendo do sucesso, daqui a pouco os organizadores não lançam sua versão masculina). Na ocasião, Timea Kertesz, uma das concorrentes, revelou em uma entrevista que começou a fazer plástica aos 17 anos, quando “convenci minha mãe a me deixar operar as orelhas de abano. De repente, descobri que havia me tornado muito mais confiante. Daquele momento em diante, nunca mais parei de melhorar aquilo que a natureza me deu”<sup>195</sup>.

Eis a materialização de uma das maiores ponderações (ou temores?) dos especialistas em cirurgia plástica: a vulgarização das operações de um modo tal que em vez de objetivarem sanar alguma malesa, como reparações por mutilação ou deformação, vêm sendo realizadas com o intuito quase único de melhorar a autoestima dos operados e/ou pelo pretexto de superar o “outro” em aparência, fomentando um perigoso círculo vicioso, tanto de valorização da imagem e de exteriorização dos sentimentos, quanto de frustração, já que a satisfação dificilmente pode ser mantida por muito tempo, se é que atingida. Pois, se a cada instante que o indivíduo se sentir cabisbaixo em virtude de seu visual deliberar-se por uma operação, em pouco tempo estaria projetando sua estima em razão da própria aparência – o que, convenhamos, talvez já esteja em vigor. Conforme ponderado por Alain Ehrenberg,

---

<sup>195</sup> Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/moda-e-beleza/noticias/concurso-na-hungria-vai-coroar-a-miss-plastica-20101123.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a *façanha* de *tornar-se* alguém por meio de sua própria singularização. Essa exigência implica não em uma identificação com um modelo superior estabelecido *a priori*, mas – com o pobre sendo livrado de sua indigência e o capitalista do capital – em forjar seu próprio modelo: ser bem-sucedido em ser alguém é empreender tornar-se si mesmo. (2010, p. 172. Grifos do autor.)

O que parece, todavia, é que o indivíduo contemporâneo, movido pelo temor em ser diferente, ou melhor, fora do padrão do *fitness*, e com isso ser descreditado, descobriu na cirurgia plástica uma finalidade “em si mesma” para “tornar-se si mesmo”. Mas ele não pode ser unicamente responsabilizado, uma vez que tais procedimentos estão cada vez mais difundidos e alardeados por uma mídia sôfrega por encontrar, estampar e exibir corpos e mais corpos no mais próximo possível do que considera perfeito e, prontamente, com o emprego da “coerção psicológica”, instiga-nos a adotá-los como norma.

Meios para tanto é o que não faltam: semanalmente brotam pilhas de revistas com “revolucionárias” dietas, que contam estórias de sujeitos exitosos na perda do peso desejado, que ensinam a melhor maneira de se alimentar, que revelam quantas vezes deve-se mastigar o alimento antes de engoli-lo etc., em matérias do tipo “Evite a frutose e mantenha o peso”<sup>196</sup>, “Iogurte para afinar a cintura”<sup>197</sup>, “Corte 100 calorias por dia e comece a emagrecer”<sup>198</sup> e “Depressão dá barriga”<sup>199</sup>. Nesse último caso, aliás, a reportagem expunha que “o pior é que quem sofre do transtorno acaba entrando em um labirinto: a depressão favorece a barriga protuberante, que, por sua vez, ajuda a agravar o quadro depressivo, bagunçando o trabalho de neurotransmissores por trás do bem-estar”. Ou seja, devemos temer o estado depressivo não só pelos danos psicológicos causados, mas também por sua “herança física”. Portanto, por provocar “pneus” – desencadeando, segundo o texto, ainda mais desânimo.

Incitados pelas “Fúrias midiáticas” da boa aparência, os sujeitos ainda se deparam com as tentações das facilidades de pagamento oferecidas em tais tratamentos, os quais graças à expansão do crédito podem ser parcelados praticamente a “perder de vistas”.

---

<sup>196</sup> Disponível em: <[http://saude.abril.com.br/edicoes/0303/corpo/conteudo\\_393643.shtml](http://saude.abril.com.br/edicoes/0303/corpo/conteudo_393643.shtml)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>197</sup> Disponível em: <[http://saude.abril.com.br/edicoes/0303/corpo/conteudo\\_390224.shtml](http://saude.abril.com.br/edicoes/0303/corpo/conteudo_390224.shtml)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>198</sup> Disponível em: <[http://saude.abril.com.br/edicoes/0301/corpo/conteudo\\_298008.shtml](http://saude.abril.com.br/edicoes/0301/corpo/conteudo_298008.shtml)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>199</sup> Disponível em: <[http://saude.abril.com.br/edicoes/0310/corpo/conteudo\\_467983.shtml](http://saude.abril.com.br/edicoes/0310/corpo/conteudo_467983.shtml)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

Por falar em vistas, na Ásia é cada vez mais banal a procura pela cirurgia de “ocidentalização” do contorno dos olhos, a blefaroplastia, deixando-os mais “abertos”<sup>200</sup>. A possível explicação para o crescimento de dita prática? A busca pelo protótipo de beleza ocidental, que é também o mais alardeado pela mídia. Antes de se submeter ao procedimento, Lee Min-kyonguma, uma menina de 12 anos, declarou estar “animada”, pois “depois da operação, meus olhos vão parecer maiores, acho que vou ficar mais bonita do que eu sou hoje”<sup>201</sup>. Raciocínio semelhante é compartilhado pela mãe da garota, Hyu Jang-hee, quem afirmou que “estou mandando ela fazer isso, porque eu acho que vai ajudá-la. Essa é uma sociedade em que você tem que ser bonito para chegar a algum lugar. Ela é minha única filha”.

Por mais chocante que possa soar, a senhora Jang-hee não está de todo equivocada em sua argumentação. Ao menos se considerarmos o juízo prevalecente.<sup>202</sup> Basta recordarmos o ocorrido na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, quando uma menina substituiu outra considerada “feia demais” para cantar diante das câmeras. Porém, como a suplente dispunha de pífios talentos vocais, a solução proporcionada pelos organizadores fora deixar a “não bonita” cantarolando nos bastidores, enquanto, no palco, a “não feia” simulava ser a dona da voz emitida pelas caixas de som do estádio diretamente para o mundo. Lendo nas entrelinhas, isso

---

<sup>200</sup> O Brasil aparece na lista dos países que mais o executam, ocupando a segunda colocação, com 55 para cada 10 mil habitantes, perdendo apenas para a Coreia do Sul, com 77 para cada 10 mil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/02/coreia-do-sul-lidera-cirurgias-para-ocidentalizar-tracos-do-rosto.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>201</sup> Disponível em: <<http://www.andreventurelli.com.br/noticia/nova-moda-na-asia-cirurgia-para-obter-rostomais-ocidental.html>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>202</sup> Uma matéria do *Clarín*, de 2013, divulgou dois estudos que dizem ter comprovado que as pessoas bonitas de fato têm mais chances de levarem uma vida “melhor” - ou pelo menos com mais vantagens - do que as que não são assim consideradas. Segundo a reportagem, os mais belos “tienen mejores puestos de trabajo, mejores sueldos, mejores tasas para sus créditos, mejores parejas y hasta un montón de amigos más en las redes sociales”, além de que “los empleadores no sólo llaman más a los lindos sino que los contactan mucho más rápido”.

Para Daniel Hamermesh, autor de um dos estudos reportados, em tempos passados, os parâmetros distintivos de beleza estavam associados à fertilidade. Hoje, por sua vez, encontram-se em afinidade direta com os juízos da boa saúde e do êxito. Seria exatamente por isso que, na opinião de Hamermesh, “No hay dudas de que a los más feos les va peor en el mercado laboral. [...] Abogados, políticos, futbolistas, prostitutas, todos ellos ganan más si son lindos”.

A outra pesquisa, realizada por um grupo de seis cientistas, utilizou uma metodologia que envolvia o envio de diferentes currículos com fotografias de pessoas “bonitas” e “feias”, e concluiu que “Los empleadores no llaman a los feos simplemente porque quieren cruzarse con gente linda por los pasillos o en la máquina de café”. O motivo: “es pura discriminación. La belleza no tiene nada que ver con la inteligencia”. Para não deixar dúvidas: “Se probó claramente la discriminación porque en algunos casos mandamos el mismo curriculum con la foto de un feo y con la de un lindo. No sólo a los lindos los llaman más sino que también los llaman más rápido”. Disponível em: <[http://www.clarin.com/sociedad/lindos-amigos-mejores-trabajos-ganan\\_0\\_850715053.html](http://www.clarin.com/sociedad/lindos-amigos-mejores-trabajos-ganan_0_850715053.html)>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

significa que, no “Império da Superficialidade”, uma boa aparência é mais poderosa, atraente e influente do que um talento em potencial.

Assim, parece estar sepultada e sacramentada a época em que a ideia de submeter crianças a modificações estéticas era absurda, assunto de uma matéria de *Época*<sup>203</sup>, a qual apontou duas hipóteses para sua realização: poupá-las de eventuais constrangimentos ou atender às vaidades dos pais? A reportagem demonstrava, todavia, que, apesar de implicar um risco maior, aumentando os perigos oriundos da anestesia geral e os cuidados do resguardo no pós-operatório, ademais de ser este um período de crescimento, muitos pais não se importavam em levarem seus filhos para a mesa de operação.

“Minha mãe era obcecada por tirar uma mancha do meu braço”, diz o engenheiro civil Gilvan de Andrade, de 28 anos. “Lembro-me de visitar inúmeros consultórios para apresentar aquele círculo marrom. Era algo tão importante para ela que passou a ser para mim também”. Andrade tirou a pinta aos 7 anos. Até hoje, guarda lembranças ruins da marca no braço. “Era como se eu tivesse nascido com um defeito gravíssimo”, afirma.  
*Época*, 17 out. 2011, p. 96.

Estariam os pais “em busca do filho perfeito”? Quem sabe se os genitores da garotinha chinesa a tivessem levado para fazer um *upgrade* na aparência ela teria tido a chance de ser tornar famosa não por ter sido rechaçada em virtude de sua “feiura”, mas por ter estrelado o cerimonial de uma abertura olímpica. De qualquer modo, observamos, com isso, a transferência e manutenção dos imaginários de corpo e aparência “bonitos” entre as gerações, sobretudo por influência direta dos próprios pais.

O fato é que, no “Reino das Aparências”, dentre os procedimentos com fins estéticos, nenhum parece estar mais popularizado (ou banalizado?) do que a cirurgia plástica. O Brasil, mais uma vez, figura “nas cabeças”: depois dos EUA, tem o maior número de operações realizadas, totalizando, em 2010, 645.464, uma média de 1768 por dia, sendo que 443.145 tinham intenção estética<sup>204</sup>. De permeio ao sucesso e “popularização” dessas intervenções, já existe até mesmo um *reality show* que expõe o passo a passo de uma operação plástica, com direito a “pacientes reais” narrando seu “drama real” de estarem em desacordo com a balança, insatisfeitos com a feição etc.,

<sup>203</sup> “Em busca do filho perfeito”. *Época*, 17 out. 2011.

<sup>204</sup> Disponível em: <<http://correiodobrasil.com.br/brasil-esta-em-segundo-lugar-no-ranking-mundial-de-cirurgias-plasticas/164770/>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

ademais de mostrar o desenvolvimento dos processos cirúrgicos e o resultado do pós-operatório. Comandado pelo famoso cirurgião plástico Dr. Rey (apodado de Dr. Hollywood por atender os pacientes em um consultório na próspera localidade da Califórnia), trata-se do programa de TV *Dr. 90210*<sup>205</sup>, a máxima espetacularização em se tratando de intervenções médicas já vista nas telinhas dos televisores mundiais, e, ao mesmo tempo, de um movimento inverso à maneira com a qual tais procedimentos têm sido vendidos pela mídia, simplificados de um modo tal que acabam assimilados a simples retoques digitais, com cortes e pontos aludidos a meros cliques de *mouses*, numa referência ao funcionamento do afamado *software* de edição de imagens *PhotoShop*.

Entretanto, como para todo “feio” e “errado” há o seu correlato “belo” e “correto”, a sociedade ocidental atual já tem muito bem definidas as margens dessas controversas fronteiras. Provavelmente, essa dicotomia tem servido de combustível aos que desejam policiar tanto o físico e o visual, quanto miram – a todo custo – afastarem-se desta nada prestigiada interseção. Há, inclusive, até uma rede social inteiramente dedicada “somente às pessoas bonitas”: o *BeautifulPeople*. Porém, não é nada fácil fazer parte deste “clube virtual de elite”, pois a média de aceitação ronda a casa dos 20%. Isso porque, primeiramente, o interessado em ingressar nessa privativa rede deve fazer uma espécie de pré-cadastro, enviando obrigatoriamente uma foto sua. A partir de então, durante as 48 horas seguintes, os demais usuários do sexo oposto, já integrantes do portal, avaliarão se o postulante é “digno” de abiscoitar um perfil ou não, votando em uma das quatro seguintes opções: “Definitivamente Sim”, “Hum sim, OK”, “Hum não, não exatamente” e “Definitivamente Não”.

Contudo, tão difícil quanto lograr a aprovação é manter o perfil ativo, já que, vez ou outra, o próprio portal elimina aqueles que “deixaram de ser bonitos”, por, por exemplo, terem engordado. “O *BeautifulPeople.com* é governado pelo princípio de que cada ser humano quer estar com alguém que acha atraente”, declarou o fundador da empresa, Robert Hintze, que concluiu: “Permitindo que somente pessoas bonitas entrem no site, nós removemos o primeiro obstáculo. Outros sites são reservas de hipopótamos

---

<sup>205</sup> A atração, de frequência semanal, estreou em 2004 no canal de TV a cabo *E!*. No Brasil, foi adaptado pela *Rede TV!*, em 2007, onde vai ao ar também uma vez por semana. Grosso modo, o programa se caracteriza por retratar tanto a rotina de médicos-cirurgiões, quanto os procedimentos estéticos aos quais seus pacientes são submetidos.



e javalis africanos. BeautifulPeople é uma maravilhosa reserva de caça de gatos e tigresas”<sup>206</sup>.

Não obstante, a rede social fez tanto sucesso que lançou até mesmo um banco de espermas, “criado para aumentar as chances de quem deseja ter um belo bebê”<sup>207</sup>. Segundo um de seus diretores, “não existe interesse financeiro nesta iniciativa. Todo pai gostaria que seu filho nascesse com belos atributos. Para um site como o nosso, o qual os usuários se parecem com Brad Pitt, George Clooney e Angelina Jolie, nós apenas estamos atendendo a demanda”, uma vez que mais de 600 crianças já teriam nascido do relacionamento de seus usuários. O “banco” funciona da seguinte maneira: as mulheres interessadas em engravidar listam as características físicas aspiradas em seus filhos, enquanto os homens “aptos” às “exigências” que se prontificarem, podem fazer a doação de esperma. Vale lembrar ainda que “o serviço também está disponível para não usuários e pessoas feias que tiveram seu cadastro rejeitado”.

Aos recusados, haveria a alternativa de criar um perfil no *The Bug Ugly Ball*, uma rede “de encontros reais para pessoas reais” – ou, tal qual vem sendo apelidado, “para pessoas feias”. Na verdade, trata-se de uma espécie de paródia e resposta direta ao *BeautifulPeople*, conclamando logo na página inicial que “se você é uma das milhares de pessoas que nunca gostam do que veem no espelho, então esse é o seu lugar!”, além de um quadro com “5 verdades sobre encontros” onde se podem ler “veracidades” como “as pessoas bonitas geralmente não são muito agradáveis e tendem a ser um pouco superficiais”. No entanto, essa seria uma opção nada honrosa, especialmente em uma sociedade obstinada por beleza e juventude.

Sem embargo, em se tratando do *multimedo* da aparência, nenhuma produção midiática parece obter mais destaque do que as difundidas pelo canal a cabo *Discovery Home & Health*, dentre as quais: (a) as que abordam os casos das pessoas que “não sabem se vestir” em consonância aos ditames da moda (caso do *Esquadrão da moda*)<sup>208</sup>

---

<sup>206</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/economia/2009/10/26/ult8281u392.jhtm>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>207</sup> Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/beautifulpeople-lanca-banco-de-esperma-21062010-10.shl>>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

<sup>208</sup> No programa, de frequência semanal, um casal de “especialistas” em moda auxilia os participantes a renovarem seu guarda-roupa com um cartão de crédito de cinco mil dólares. Mas não sem antes destilarem algumas dicas de moda e inevitáveis seções de humilhações e escárnios, uma vez que em troca a participante tem que “ceder” todas as suas roupas antigas aos apresentadores, os quais, se desagradados, atiram-nas literalmente em uma lata de lixo, ainda que seja uma peça querida e de estimação. Se os sapatos estiverem fora de moda, lixo. Acessórios bregas, lixo. “Lixo, lixo, lixo”, ao ponto de que aquelas que lograrem salvar mísera meia-dúzia de peças poderão se considerar sortudas, já que não se acharão de todo “caso perdido”.



e do *Você vai sair assim?*<sup>209</sup>); (b) as nas quais pessoas acima do peso participam de competições e séries de exercícios com o escopo de lograrem melhores índices corporais e de saúde (tal qual *The biggest loser*<sup>210</sup> e *Em forma com Jillian*<sup>211</sup>); e (c) as em que os participantes relatam seu drama de estarem com o aspecto envelhecido, desejando, por conseguinte, revigorarem seu “ar” (como *Dez anos mais jovem*<sup>212</sup> e *Em busca da perfeição*<sup>213</sup>).

Até as crianças são abordadas na busca pela imagem perfeita, tema do *Pequenas Misses*<sup>214</sup>, o qual mostra os preparativos, bastidores e concursos de beleza infantis, com direito a crianças submetidas a inúmeros ensaios de desfiles, de canto e dança, ademais de tratamentos estéticos. Entretanto, mais do que a simples intervenção de profissionais

---

<sup>209</sup> Nesse *reality*, também semanal, são expostas situações nas quais mães reprovam o figurino largado demais das filhas, que repreendem o estilo cafona demais das mães, que, por sua vez, censuram as roupas anacrônicas demais das filhas, que julgam os trajes das mães inapropriadas demais para sua idade... E, ao término, sempre irradiantes, mãe e filha restabelecem a paz, mesmo que uma das tarefas do programa consista em fazer com que a filha compre roupas novas para a mãe, que se encarrega de comprar roupas novas para a filha. Em outras palavras, o objetivo, ou a lição corretiva adotada, é fazer com que o “outro” se vista da maneira com a qual o “outro” quer e, por fim, “se redescubra”. E assim, anos de discussões e desentendimentos caseiros acerca do figurino são resolvidos com o auxílio “mágico” da câmera e da tela de vidro, ainda que, já que é para abraçar tal metodologia, o mesmo poderia ter sido feito sem nenhuma equipe de TV por perto, mas apenas em um simples e cordial acordo entre as partes.

<sup>210</sup> Trata-se de um *reality show* com episódios semanais em que os participantes, todos bem acima do peso considerado normal ou saudável, competem *entre* e *contra* si para descobrirem, ao final, quem obteve mais êxito na redução de peso e na melhora dos índices corporais.

<sup>211</sup> Nessa atração, exibida semanalmente, a *personal trainer* Jillian monta uma série de exercícios para toda uma família “fora de forma” (pai, mãe e filhos), a fim de aprimorar não só as medidas e a saúde dos participantes, como a (sempre louvada e perseguida) autoestima, devolvendo-lhes, quiçá, “o amor a si próprio”.

<sup>212</sup> Programa semanal que seleciona participantes considerados com a aparência bem mais envelhecida do que sua verdadeira idade atribuiria. Após ter sido escolhido, o indivíduo concede um depoimento sobre o motivo de tal grau de “relaxamento” com a feição (de preferência de um modo bem dramático) sendo, logo depois, ajudado por uma equipe de profissionais qualificados em melhorar não só sua imagem, como sua autoestima, confiança e bem-estar.

<sup>213</sup> Na atração semanal, a equipe do programa recorre a vários métodos disponibilizados pela “tecnociência fáustica” contemporânea (SIBILIA, 2002) para deixar o convidado o mais jovem (leia-se, esticado) possível.

<sup>214</sup> O programa (semanal) trata sobre a realização de competições de beleza para crianças, desde as recém-nascidas, até as que estão entrando na chamada fase da pré-adolescência. Bem *a la Pequena Miss Sunshine*, retrata principalmente a forma com que a família, em especial as mães, armam e elaboram verdadeiras superproduções com a aparência de seus filhos (apesar do predomínio ser de meninas, os concursos são igualmente abertos a meninos). Seções de bronzamento artificial com a tecnologia do *spray*, horas em salões de beleza (com direito a penteados exóticos, manicure, pedicure, maquiagem etc.), prova de figurinos e mesmo a moldagem de dentes artificiais, já que a maior parte das crianças está justamente na fase de crescimento e/ou queda dos primeiros dentes. Essas são apenas algumas das ilustrações do que ocorre nos bastidores dos eventos, fora, é claro, os intermitentes ensaios que se iniciam dias ou, às vezes, semanas antes da apresentação – algumas famílias contratam inclusive “treinadoras”, pessoas especializadas nesse tipo de concurso para que ensinam técnicas de desenvoltura de palco às crianças. O programa não poupa nem de expor momentos ainda mais burlescos, como o de uma mãe que andava desesperadamente pelos corredores do hotel onde se hospedara com a família, perguntando a quem quer que se deparasse pelo caminho qual dos vestidos que carregava sua filha deveria usar em uma competição. E mesmo que a opinião popular tenha preferido um dos exemplares, a mãe optou pelo outro, o qual, diga-se de passagem, já estava disposta a eleger antes mesmo de todo esse espetáculo (ou circo).

ou “especialistas”, seja da moda, da dermatologia, da nutrição ou da educação física, esses programas parecem ter como mensagem, ademais do restabelecimento dos índices de saúde, a recuperação da autoestima e o despertar do amor-próprio dos convidados, uma vez que só desse modo é que os sujeitos poderiam volver a se cuidarem (e, logo, serem amados pelos outros).

O mesmo fenômeno pôde ser observado na TV aberta brasileira, quando, em 2011, os apresentadores Zeca Camargo e Renata Ciribelli estrelaram o *reality* “Medida Certa”<sup>215</sup>. Durante algumas semanas, os (ex-)sedentários *hostess* encararam “o desafio em busca de uma vida mais saudável” (e, uma vez que se trata atração jornalística mais tradicional dos domingos da emissora, quem sabe, de uma melhor aparência também), praticando atividades esportivas, musculações, aeróbias, treinos, dietas etc. Porém, o derradeiro sucesso só fora alcançado quando as fronteiras da tela de vidro foram extrapoladas pelos produtores do quadro, levando-o aos quatro cantos do país através da promoção de encontros entre populares e os jornalistas-estrelas, os quais convidavam intimadamente os brasileiros a neles se inspirarem e a buscarem, tal qual eles, a “medida certa”. Fora o suficiente para converter o desafio em um verdadeiro espetáculo a nível nacional. Destarte, com o êxito da atração, em 2012 (tendo os referidos apresentadores restabelecido boa parte da antiga forma física), fora a vez de ir ao ar o “Medidinha Certa”<sup>216</sup>, destinado a melhorar a saúde, o bem-estar e a alimentação da criançada. Na terceira edição da atração, sempre comandada Márcio Atalla, foi a vez do ex-jogador de futebol Ronaldo enfrentar os treinamentos montados pelo mencionado preparador físico<sup>217</sup>. A propósito, nas manhãs de segunda a sexta da mesma emissora há um programa batizado singelamente de *Bem estar*, com dicas sobre como obter e/ou manter uma vida mais saudável e “equilibrada”, sobretudo pela união do par alimentação e exercícios físicos.

Apesar de o discurso adotado ser sempre o “politicamente correto” interesse em aperfeiçoar a saúde, no final a felicidade é mesmo maior quando os indivíduos veem seu aspecto melhorado (isto é, quando se sentem mais magros e realçados por músculos), reforçando o imaginário de que a “cura” para boa parte dos problemas e tormentos individuais estaria em se fomentar ou desenvolver uma elevada autoestima. Pois, quando os sujeitos se encontram em estágios nos quais deixam de cuidarem da própria

---

<sup>215</sup> O quadro foi exibido na revista eletrônica dominical *Fantástico*, da TV Globo, entre 3 de abril de 2011 e 26 de junho de 2011.

<sup>216</sup> Exibido no mesmo programa, entre 1º de abril de 2012 e 24 de junho de 2012.

<sup>217</sup> *Medida Certa: O Fenômeno*, exibido no segundo semestre de 2012.

saúde, da aparência e do figurino, nada como uma injeção de ânimo para elevar o moral, e, conseqüentemente, despertar o olvidado amor a si mesmo. A solução para boa parte das adversidades que afetam aos indivíduos contemporâneos poderia ser encontrada, por fim, não recorrendo aos consultórios dos médicos especialistas e outros profissionais terapeutas, mas a equipes de programas de TV; não (apenas) a remédios ou medicamentos, mas no despertar do “amor próprio” (nem que para isso seja necessária a ajuda de um cirurgião plástico): é a consolidação do discurso de cultivo, nutrição e adoração do “espírito jovem”. Em uma cultura imagética, na qual vigora uma alta valorização da aparência e de autorreconhecimento através do “olhar do outro”, desagradar ao próximo torna-se sinônimo de “desleixo”, de “desvirtuação”, fatalmente acarreta uma marca e um motivo a se rezear (a temida “Síndrome da Lindsay Lohan”, por exemplo).

Estes são, portanto, os pontos que nos facultam a apontar a existência do discurso do *multimedio* da aparência, com o temor de desatender aos atributos da “boa aparência” e a acentuada “obrigação” de adequação à “tirania da vida saudável”. No entanto, para muitos, de nada adianta somente cuidar do corpo e da aparência, já que essa combinação não garante a solução contra outro grande medo atual: a “não-existência”.

## Capítulo VII: O medo da não-existência

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de *ser visto*. (SIBILIA, 2008b, p. 111. Grifos do autor.)

Desde a introdução, temos abordado que uma das maiores fontes de medo do homem contemporâneo é a dependência econômica. Um temor ramificado, por exemplo, no receio de ser excluído do atual jogo do consumo, expressando tanto o medo de não dispor de recursos para adquirir os bens materiais e simbólicos produzidos pelo mercado e consolidados socialmente, quanto o de não ser “adquirido” por esta mesma sociedade e por este mesmo mercado a que acabamos de aludir. Em outras palavras, o consumo pós-moderno suscita tanto o medo de que não se possa “aproveitar”, de que não se consiga “desfrutar” e de que não seja “permitido” utilizar os signos produzidos pelo mercado e/ou apreciados pela sociedade, quanto o alarme de ser julgado como “não aproveitável”, considerado “não útil” ou simplesmente ser “descartado” pela grei e pela poderosa e indolente “mão invisível” do mercado, disposta a dispensar a tudo e a todos que simplesmente não lhe interessar em determinada circunstância ou conjuntura, sem dó nem piedade.

Consequentemente, uma vez que só conseguimos consumir e subsistir se formos igualmente “consumidos” pelo sistema, quedamo-nos reduzidos a meras moedas de troca, já que para ter “direito” de ingressar no mundo da aquisição das mercadorias, os próprios sujeitos se tornam eles mesmos mercadorias, encontrando-se obrigados a se “venderem” ao grande capital em troca do capital com o qual lograrão dispor dos meios de acesso aos demais bens de consumo. É aquilo que Marx (2010) já apontava no final século XIX, em seus estudos a respeito da relação entre os “dominantes” e os “dominados”, ou entre os “opressores” e os “oprimidos”, fundamentando as modernas relações capitalistas acerca da divisão do trabalho: a “reificação” dos indivíduos, isto é, sua transformação em “coisa”, “objeto”, tema abordado também por cientistas sociais coevos como Bauman (2008b).

Dentre as possíveis manifestações de medo que se encontram em compasso com o da exclusão do mercado, ascende o temor de ser “rejeitado” pelos outros sujeitos, de se ver sem um(a) companheiro(a) amoroso(a) – o que não é nada apreciado perante uma (pseudo)conservadora sociedade, na medida em que estar sozinho por determinado período de tempo representa ser “desinteressante”, “desatraente”, “problemático”. Contudo, no mundo das multimídias, maior do que o receio em relação ao isolamento parece ser o temor de não ser “captado” pelos olhares dos outros, de se sentir “invisível”, despercebido por outrem, sendo pior do que o simples anonimato ou a “não fama”. Pois, em tempos imagéticos, de predomínio das representações, de culto às celebridades, de celebração do espetáculo, do entretenimento e da idolatria à personalidade singular, não se realçar de alguma maneira (qualquer que seja), não ser comentado, não ser observado, não ser “seguido” e/ou não ser “curtido” é sinônimo de contratempo. E dos grandes: o medo (ou o *multimedio*) da “não-existência”.

Nesse sentido, “expor-se” e “espetacularizar-se” se fundamentam em estratégias relativamente eficazes àqueles que se lançam na busca por um pouco de atenção, flashes e holofotes, de modo que muitos passam mesmo a abrirem e a divulgarem as particularidades e os aspectos considerados mais íntimos da vida privada ou interior pelos espaços dos meios de comunicação, sobretudo na internet, tentando tanto se esquivar do fardo do esquecimento quanto conquistar determinada notoriedade. Com tanta gente perseguindo semelhante fim, alcançar algum destaque midiático que seja (por menor que seja) pode ser considerado, ao menos em um primeiro momento, uma bem-sucedida ocorrência, mas nunca um triunfo definitivo, já que “fama instantânea” e “esquecimento repentino” caminham lado a lado, tais quais as duas faces de uma moeda, ainda mais em uma época tão recheada de vicissitudes, impermanências, incertezas e liquidez como a nossa.

Alguns dos fatores centrais que durante o “breve século XX”<sup>218</sup> teriam, em concomitância, atuado de maneira a “forçar” a vida a se converter em um tipo de “espetáculo”, consolidando o fenômeno de exposição de si, representado notadamente por aqueles que se alastram pelas mídias na ambição de conquistarem um assento no “Reino da Popularidade”, seriam: (a) o advento do cinema; (b) o entretenimento como

---

<sup>218</sup> Expressão utilizada pelo historiador Hobsbawm (2010) em alusão às rápidas e bruscas alterações socioculturais, econômicas e geopolíticas ocorridas ao longo do século XX, tornando-o (metaforicamente) “pequeno” para tantos câmbios.

uma das funções dos meios de comunicação; (c) a afirmação da subjetividade alterdirigida; e (d) a consolidação da sociedade do espetáculo.

Comentá-los-emos a seguir.

### **7.1 O advento do cinema**

Nos anos de transição entre os séculos XIX e XX, o mundo testemunhou o surgimento de uma série de inventos tecnológicos que proporcionaram ou suscitaram a sensação de encurtamento das distâncias geográficas, a dinamização do tempo e a hiperestimulação das reações sensoriais, os quais aceleraram e intensificaram as vivências sociais.<sup>219</sup> Dentre essas novidades, consta o advento da chamada “sétima arte”. Sinônimo de modernidade e símbolo do mais avançado em se tratando da captura e reprodução imagética, os cines depressa caíram no gosto das camadas populares, as quais, já no início do século passado, aglomeravam-se em gigantescas filas à espera das sessões com as “fitas animadas”.

Tamanha aceitação, no entanto, não fora universal. A elite da época atribuía o grau de “verdadeira arte” ao teatro, relegando ao cinema o status de entretenimento “barato” e “vulgar”: lazer livre das regras de etiqueta, do elitismo e do refinamento teatrais, ligado a um ideal “contra-hegemônico” e “anticultural”, imediatamente foi associado aos mais baixos estratos sociais e à classe operária (GABLER, 1999). Não obstante, a importância da cinematografia não se restringiu apenas ao seu forte apelo popular, estimulando, outrossim, notórias alterações na esfera sociocultural do cotidiano da primeira metade do século XX.

Em artigo com o pesquisador Pedro Lapera (2010), constatamos que o êxito inicial do cinema se deve à combinação de dois fatores capitais: (a) o fato de que, pela primeira vez na História, os indivíduos puderam assistir a exibição de imagens em animação, isto é, em movimento, fossem de ficções, paisagens, lugares ou culturas longínquas; e (b) especificamente no caso brasileiro, o aparecimento dos cinematógrafos, ademais de incluir o país no mercado da cultura de massa, exprimiu um elo fundamental para a construção e respectiva impulsão do discurso de *modernização*, aliando as efervescentes inovações tecnológicas do período com as noções de futuro e

---

<sup>219</sup> Ditas inovações se deram graças especialmente ao desenvolvimento técnico, principalmente nos âmbitos dos transportes (automóvel e avião), da comunicação (telégrafo sem fio e telefone) e dos movimentos de renovação artística (dentre os quais o Impressionismo, a *Art Nouveau* e o Modernismo), caracterizando o período da *Belle époque*.

progresso nacional, consagrando, ainda, novas experiências perceptivas, sociais e discursivas.<sup>220</sup>

Além de vincularem o cinema à ideia de modernidade, acadêmicos como Singer (2004) e Schwartz (2004), a partir de investigações tanto sobre o modo dramático e impactante com o qual as notícias eram publicadas nos periódicos sensacionalistas do começo do século XX, quanto a respeito das práticas de lazer e distração que faziam sucesso antes da invenção da cinematografia (notadamente o necrotério de Paris, os museus de cera e os panoramas), evidenciaram que o consumo dessas “novas experiências sensoriais” compunham um conjunto de demandas e pulsões pessoais que na verdade já estariam inerentes nos próprios indivíduos do período. Sendo assim, ser-nos-ia admissível repartir o mundo iluminista entre, de um lado, a busca pela racionalização da vida, com a desmistificação dos fenômenos da existência, e, do outro, a procura por mecanismos de escape e “encantamento”, motivados, em grande parte, pelas percepções sensoriais suscitadas não só pelos cines, mas também pela rotina urbana como um todo.<sup>221</sup>

Partindo desses pressupostos, o teórico estadunidense Neal Gabler (1999) propõe que o desenvolvimento da “sétima arte” desempenhou papel de protagonista na constituição das visões de mundo dos sujeitos do século XX. Isto porque ao exibir suas produções, o cinema, por meio de suas “estrelas”, mostrava-lhes - ou melhor, “ensinava-lhes” – a maneira com a qual poderiam (e deveriam) agir ou responder diante das situações mais diversificadas e/ou habituais. Caminhar pela rua, acender e fumar um cigarro, tomar um bonde, fazer as refeições, banhar-se... *Tudo*, ou melhor, qualquer ação das “rotinas da vida” (gestos, movimentos e mesmo a vida propriamente dita) estava passível de confronto com as encenações e performances expostas nos cines, as quais se tornavam parâmetro para a vida “do lado de cá” da tela de vidro.

---

<sup>220</sup> Não tardou e as salas de exibição logo se multiplicaram, particularmente no Rio de Janeiro, interferindo tanto no dia-a-dia dos sujeitos, quanto no da cidade. O alarido e alvoroço em torno dos cinematógrafos foi tal, que até uma lei foi promulgada com a finalidade de “regulamentar” a vestimenta que as senhoras da época podiam usar durante as projeções, pois o uso dos grandes chapéus, em moda na ocasião, tampava a vista dos demais frequentadores, o que foi o bastante para suscitar polêmicas e acaloradas discussões, inclusive nos jornais da época. Para mais, ver: LAPERA; THEBALDI, 2010.

<sup>221</sup> Para maior compreensão sobre a relação entre cinema, avanços tecnológicos e medo, sugerimos a leitura do artigo “A construção do medo no cinema”, de João Luiz Vieira (2007). Nele, o autor aborda o uso da tecnologia no enredo dos filmes com o fito de criar, despertar e/ou acender o medo no público. Vieira argumenta que em virtude da ocorrência de “falhas” *inesperadas*, a tecnologia, ao contrário de conferir certa segurança, bem como se espera, acaba incrementando a sensação de vulnerabilidade e, conseqüentemente, o temor diante de um quadro de apreensão. Dentre os exemplos citados pelo pesquisador, extraídos de películas tanto do início do século XX, quanto do XXI, encontram-se telefones que não funcionam e carros que não arrancam. (Conferir referências completas na Bibliografia.)

Para Gabler, não se tratava da “vida imitando a arte” ou da “arte imitando a vida”, e sim de uma genuína competição entre as ficções e a própria realidade, fazendo da existência um tipo de arte, já que “No cinema, e sob as emoções do cinema, a realidade parecia, pela primeira vez, ser verdadeiramente maleável” (GABLER, 1999, p. 55). A vida se assemelhava, desse modo, a um filme, a um *lifie*<sup>222</sup>.

Em meados do século XX, todavia, mais do que se espelhar, o público principiou a se interessar pela vida e intimidade daqueles a quem vinha se habituando a frequentemente assistir na tela: os atores. Assim, o cinema, em um primeiro momento, e a televisão, em um segundo, consagraram-se como grandes expoentes de estrelas e astros em escala global, elevando “gente simples” a legítimas lendas midiáticas. Um desses primeiros mitos provenientes das telas foi a atriz Marilyn Monroe, para muitos, até hoje, a “deusa do cinema” que seduziu o mundo. Da infância difícil e pobre à fama mundial, Norma Jean, seu verdadeiro nome, atravessou os primeiros anos de vida trocando consecutivamente de família, pois sua mãe, Gladys Baker, além de não dispor de recursos financeiros para criá-la, padecia com problemas de saúde.

A vida de Marilyn, dramática, apesar de semelhante à de outras tantas “pessoas comuns”, serviu de prato cheio para a mídia. Afinal, encaixava-se perfeitamente no *american way of life* tão idealizado e difundido por Hollywood: a menina desamparada e frágil que “venceu na vida”, tornando-se a loira fatal mais desejada do planeta por estrear filmes como *O pecado mora ao lado*, *Quanto mais quente melhor*, *Como agarrar um milionário*, *Os homens preferem as loiras*, *Nunca fui santa*, *Adorável pecadora*, dentre outros. Por conseguinte, Marilyn foi umas das primeiras personalidades a “sofrer” com o inesgotável interesse midiático pela intimidade dos famosos, sobretudo após engatar o ontológico relacionamento com o ex-presidente dos EUA, John Kennedy.

Até mesmo o episódio de sua morte, em 1962, serviu para reforçar o seu mito, permanecendo a fatalidade, ainda hoje, um mistério para muitos: (a) suicídio?; (b) acidente?; (c) conspiração da família Kennedy?; (d) vítima de um psicanalista imprudente, o qual cada vez mais aumentava as doses de pesados medicamentos, conspirado com sua governanta?; (e) vítima de Hollywood? A finalização do inquérito

---

<sup>222</sup> Termo cunhado por Gabler – a partir da aglutinação das palavras *life* e *movie*, respectivamente *vida* e *filme* em inglês -, em referência a um tipo de vida rotineira que se via cada vez mais dramatizada e performatizada. Conforme o autor, o dia-a-dia estava sendo levado mais com base nos pareceres da atuação e da cinematografia do que com a “espontaneidade” do instantâneo. Ou, quiçá, os indivíduos esforçavam-se em fazer das dinâmicas dos filmes a própria “naturalidade” do cotidiano.



policial, em 1982, concluiu que não havia indícios suficientes para apontar que ocorrera um crime. Isto é, prevaleceu a hipótese de suicídio.

Embora não mais viva, ao menos no aspecto carnal, uma das amostras mais contundentes de seu sucesso no presente, mais de cinquenta anos depois de sua morte, é a constante realização de leilões com seus objetos particulares e outras tantas raridades que inexplicavelmente “brotam” ano após ano. Em abril de 2008, por exemplo, um desses leilões provou que Marilyn ainda é um ótimo negócio, ao ter sido arrematado um vídeo no qual a atriz pode ser vista fazendo sexo oral em um homem não identificado, pela “bagatela” 1,5 milhão de dólares.<sup>223</sup> Mas, ora, uma vez não sendo mais possível desfrutar da presença física de Marilyn Monroe, por que não se deliciar com um “pedacinho” de sua “aura” através da posse de algum de seus ex-pertences, de preferência um que lhe tenha sido bem pessoal? É assim que no mundo do espetáculo absolutamente qualquer coisa pode vir a se tornar um objeto de fetiche<sup>224</sup> carregado de mistificação. Basta ter sido tocado pelas “mãos de Midas” de algum famoso e pronto: a “pureza” do artista juntamente com sua célebre atmosfera parecem prontamente impregnarem tal objeto, convertendo-o em uma extensão *sua*, um “pedaço” casto e imaculado da sua sacra personalidade.

Com isso, Marilyn Monroe ratifica na prática o que se especulava na teoria: enquanto representado em imagem, mesmo após a morte de seu “ator”, um mito cunhado pelas telas dos meios de comunicação permanece vivo<sup>225</sup>. Entretanto, se por um lado um mito “jamais morre”, particularmente no caso das celebridades mais reconhecidas do espetáculo - dentre outras possíveis ilustrações, figuram nomes tais quais Elvis Presley, Michael Jackson, Amy Winehouse e Jimi Hendrix -, por outro quem realmente parece se despedir da vida é a personalidade que existia antes da fama. É como se essa personalidade “morresse”, deixasse de existir, e seu corpo fosse entregue a outra pessoa, ou mais precisamente à *personalidade emergente*, a qual, a partir do momento em que “surge”, deixa para trás a história do corpo a que pertence,

---

<sup>223</sup> Em 2012, um filme foi lançado sobre sua vida: *Sete dias com Marilyn*. Mais um sucesso da “franquia” Marilyn Monroe, com bilheteria na casa dos 36 milhões de dólares.

<sup>224</sup> Aqui, utilizamos o conceito de fetiche no sentido proposto por Isleide Fontenelle (2002), quem juntou tanto o caráter “mágico” da mercadoria, defendido por Marx, quanto o sentido de “objeto de desejo”, proposto por Freud. Ainda neste capítulo volveremos a empregar a tese de Fontenelle, explicitando-a com mais profundidade.

<sup>225</sup> Bem como escreveu Fernando Pessoa no poema “A morte é uma curva na estrada”, acreditamos que, no mundo da contemplação, “morrer é só não ser visto”. Claro que não desconsideramos o papel de registro desempenhado pelos livros, arquivos, memórias individuais ou o que seja. Contudo, no “reino da cultura das imagens e do movimento”, o alcance social da mídia no imaginário populacional como um todo se sobrepõe a tais escritos e/ou fragmentos de memória.

construindo assim uma nova vida, que escreverá uma nova história, apesar de coexistir no mesmo físico da personalidade antiga. Essa “morte”, no entanto, não é nada sofrida; ao contrário, é desejada. Ao menos no princípio. Com o tempo, contudo, não é de se espantar que o sujeito se sinta em conflito de dupla personalidade consigo mesmo, carregando o “fardo” de ter que agir em consonância com os preceitos do personagem que criou (ou foi criado) para si: seu mito espetacular não reflete necessariamente quem ele é, mas aquilo que *emana*. Tal é a passagem pela linha de corte da fama: o *antes* se torna ultrapassado, obsoleto, cedendo passagem, então, ao desejado, projetado, sonhado e imaginado *depois*. Portanto, a “personalidade antiga” passa a “atuar”, a “interpretar” a “nova personalidade”, que se precipita perante as câmeras, as lentes e o público.

Ainda explorando a máxima de que “um mito nunca morre”, quem parece melhor ter canalizado o potencial latente do imaginário popular de Marilyn Monroe foi Madonna. Logo em seus primeiros anos de carreira, a cantora se trajou de Marilyn no videoclipe de *Material girl*, canção que se tornou sua metonímia, para fazer uma releitura da performance vocal mais famosa da musa do cinema: *Diamonds are a girl's best friends*, conquistando ainda mais projeção, além daquela da qual já se aprazia. Afinal, era a artista pop de maior evidência envergada na figura da maior *sex symbol* de Hollywood.

Madonna soube se aproveitar do burburinho midiático para despertar (ainda) mais atenção para si. Em suas apresentações, raramente faltou alguma controvérsia “interessante” o bastante para fazer com que a mídia corresse ao seu redor, o que não só desviava o foco de interesse *da música* àquilo que *fazia e/ou expunha*, como ofuscava suas notórias deficiências vocais através de sua personalidade rebelde e liberal – e, por que não, promovia, de quebra, seus produtos. Bem verdade que se não foi a “rainha do pop” quem idealizou dita artimanha, possivelmente tenha sido ela quem mais “bebeu” dessa preciosa fonte. Como ao rolar pelo palco do *Vídeo Music Awards*, da rede MTV, em 1984, com direito a se vestir de noiva; ou ao montar um teatro de masturbação e orgasmo na turnê *Blond Ambition*, procedendo-se um exorcismo; ou ao simular uma orgia na excursão seguinte; ou ao se “crucificar”, em 2006, usando inclusive uma fictícia “coroa de espinhos”. Madonna todavia arquitetou várias manobras ao longo de sua carreira para ser o foco da imprensa: explorou temas de fácil identificação ou controversos, tais quais a perda da virgindade, o aborto, a religião, em especial o catolicismo, sexo e erotismo, além de elaborar o primeiro videoclipe censurado da MTV

(*Justify My Love*), firmando-se no grupo dos artistas detentores das melhores estratégias de marketing, publicidade e relações pública do mundo.

No rastro de Madonna, um dos grandes marcos em se tratando de exposição da intimidade fora o lançamento filme-documentário *Na cama com Madonna*, de 1991, o qual “revela” não só os bastidores de uma de suas turnês (*Blond Ambition*), como os de sua vida. “Revela”, pois certamente há várias cenas na película que escapam da “naturalidade” do desenrolar dos fatos, dentre as quais o trecho em que se deita ao lado do túmulo de sua mãe e outro em que ensina aos seus dançarinos a fazer sexo oral utilizando uma garrafa. Além das cenas terem sido submetidas a uma rigorosa seleção e edição. Ainda dá para ir mais longe no “revela”: os bastidores da vida das pessoas a sua volta igualmente se viram expostos.

No entanto, diferentemente de Madonna, nem todos são ávidos por uma câmera, muito menos em deixar que sua intimidade “vaze” aos olhos públicos, e por isso a cantora sofreu com alguns processos judiciais em virtude do filme. Em sua defesa, Madonna esclareceu que “estou revelando o que quero revelar. [...] Você pode argumentar que escolhi mostrar o que quis mostrar, e eu também posso dizer que o *que* escolhi mostrar é bastante revelador”<sup>226</sup>. Para elevar o clima de autenticidade, o filme é exibido em preto-e-branco e com a imagem chuviscada, exceto quando são passados segmentos de performances musicais do concerto em questão. Comprovando o interesse do público por consumir o que ocorre por “atrás das câmeras”, nos bastidores, *making offs* e principalmente a vida alheia, *Na cama com Madonna* sagrou-se um êxito, gerando mais de 30 milhões de dólares em bilheteria.

Assim, o cinema não apenas teria contribuído na alteração da visão de mundo, rotina e jeito dos indivíduos levarem a vida - ou melhor, “atuarem” no “filme” da própria existência -, mas inaugurado, outrossim, por meio da fantasia e do encantamento, uma experiência de vivência do cotidiano e do mundo (os quais estariam sendo ajuizados mais através da lógica da mediação “corrida” das fitas, do que pelas experiências próprias e tangíveis), instigando a linguagem popular a gradativamente se assemelhar com à da telona (LAPERÁ; THEBALDI, 2010). Por conseguinte, uma vez enxergada tal qual “cenas da vida”, a realidade principiava a ser moldada pelos ditames do cinema, ou seja, com base nas performances e desempenhos exibidos, ficando não só os alicerces da atual onda de “supervalorização do eu”, como fomentando a diluição

---

<sup>226</sup> Fonte: O'BRIEN, 2008, p. 211. Grifos do autor.

das fronteiras outrora bem estabelecidas e delimitadas entre aquilo que se entende por “real” e “ficcional”.<sup>227</sup>

## 7.2 O entretenimento

Acabamos de discorrer sobre a contribuição do cinema no processo de encantamento e espetacularização da vida. Todavia, o imaginário social não teria sido tão impactado pela “sétima arte” não fosse a união dos demais agentes anteriormente listados. O fortalecimento do ideal de entretenimento, por exemplo, foi um dos fatores que mais impulsionou a popularização cinematográfica e a conversão da vida em arte, ou melhor, em filme, e uma fonte de escapismo e prazer e “função” dos meios de comunicação.<sup>228</sup>

Mas como podemos definir “entretenimento”? E por que a mídia depositou nessa “função” tamanho interesse, a ponto torná-la sua “menina dos olhos”?<sup>229</sup> Primeiramente, em uma breve consulta ao dicionário, ao procurarmos pelo significado de “entretenimento”, seguramente nos depararemos com expressões próximas à ideia de “distração”, “diversão”, “divertimento” e “passatempo”. Logo, uma das colocações da mídia consistiria precisamente em “animar” à audiência. Em segundo lugar, atualmente as demais “funções” parecem ter perdido parte de seu valor na mesma medida e proporção com que se enfraqueceram os debates em torno da temática do “nacionalismo” e dos juízos da disciplina em geral, minando, de certa forma, os romantizados imaginários a respeito da construção da nação e da “identidade nacional”. Assim, dentre as “funções” listadas, a de entreter é que mais segue em alta na mídia – aliás, foi explorando esse “designo” que os meios de comunicação mais se expandiram.

Em *Vida, o filme*, Neal Gabler divide o histórico do entretenimento em duas fases, conforme a maneira com a qual os sujeitos o percebem e o experimentam, até

---

<sup>227</sup> Ainda hoje o cinema dá sinais de que goza de muito prestígio no imaginário popular. Por exemplo, em 2013, difundiu-se mundo afora uma cena no mínimo “espetacular”: um indivíduo *a princípio* não identificado entregou um homem à polícia, em Bradford, Inglaterra, vestido de *Batman*. Imediatamente a imagem correu o mundo, levantando uma série de especulações. Até que, no dia seguinte, o sujeito se identificou: tratava-se de Stan Worby, quem, na verdade, havia apenas acompanhado o homem procurado pela polícia, Daniel Frayne. Worby revelou ainda que Frayne é seu amigo pessoal, e que lhe pediu que o acompanhasse à delegacia.

<sup>228</sup> Após a consolidação das mídias, notadamente as imagéticas, como o cinema e a televisão, os teóricos da comunicação social se dedicaram a elencar funções que lhe seriam próprias. São elas: (a) a vigilância e a proteção do território e do meio ambiente; (b) a conexão entre o território nacional e a sociedade; e (c) a transmissão de uma memória coletiva nacional entre os indivíduos (LASSWELL, 1997). Algum tempo depois, o entretenimento foi apontado como aquela que seria a quarta função.

<sup>229</sup> Apenas a título de curiosidade, quando digitamos o termo “entretenimento” no *Google* (em junho de 2012), encontramos 36,3 milhões de resultados. Desses, parte considerável dos *links* conduzia a *sites* que falavam sobre a vida das celebridades.

atingir o momento em que, conforme o autor, o entretenimento teria “conquistado a realidade”. Para Gabler, a primeira fase, apelidada de “tradicional”, assinala um tipo de fugacidade tanto temporária – uma vez que sua duração se estenderia apenas enquanto rodasse a projeção da película –, quanto consumida e vivida dentro de ambientes específicos, tais quais as salas cinematográficas – restringindo a distração, basicamente, ao consumo dos produtos culturais em espaços privativos. Já a segunda, caracteriza-se por desatrelar o entretenimento unicamente do consumo de espetáculos, trazendo-o para as demais esferas da existência. Isto é, não mais era preciso se deslocar de casa ou do trabalho a um sítio determinado e tampouco limitar a fugacidade à duração de alguma produção artística, pois, com a vida resumida ela própria a um divertimento, o escapismo se daria a qualquer momento, em qualquer lugar e pelo tempo que fosse. É a era do “entretenimento permanente”, com a conversão da vida em um meio de escape.

Com isso, Gabler evidencia aquilo que Neal Postman conclamou de “efeito ricochete” (apud GABLER, 1999), segundo o qual os valores do entretenimento teriam “saltado” das primitivas telas do cinema e dos televisores dos nossos antepassados para se alastrarem pelas áreas da existência com a força de um *tsunami* - em campos e instituições aparentemente tão distantes e distintos quanto a política, o esporte, a religião, a literatura, as artes plásticas e a educação<sup>230</sup> -, retornando, na sequência, às mídias. A consequência direta do “contágio” da realidade pelo estatuto do entretenimento é a sentença de que aquilo que não tiver absorvido os seus juízos - obviamente, também os mais expressados pela mídia -, corre o risco de cair em extinção ou mesmo desaparecer, dando ainda mais impulso aos movimentos de “ficcionalização do real” e de “realismo da ficção”.

---

<sup>230</sup> Algumas das possíveis ilustrações sobre a força do entretenimento podem ser encontradas: (a) nas mudanças das regras do vôlei, dentre as quais a abolição da “lei da vantagem” estabelecendo o “bola no chão é ponto”, tornando as partidas mais “emocionantes” e “divertidas” para o público; (b) na redução de 30 para 24 segundos o tempo que uma equipe de basquete tem para realizar o arremesso à cesta a partir do momento em que captura a bola do adversário, fazendo os jogos serem mais acelerados; (c) na introdução de performances musicais no intervalo da final do campeonato esportivo mais famoso dos EUA, o *Super Bowl*; (d) no desenvolvimento de campanhas políticas cada vez mais “divertidas” e espetacularizadas, com *jingles*, piadas, danças, fantasias e até cantorias, como a do deputado federal eleito em 2010 pelo estado de São Paulo, Tiririca; (e) na inclusão do material didático, de uma universidade carioca, em *tablets* distribuídos aos alunos; (f) na inauguração da “Pirâmide do Louvre”, um “cartão postal do cartão postal”, desviando (mesmo que sutilmente) o foco das obras em exposição para o monumento (o qual, na verdade, já virou uma espécie de obra de arte fixa do local, quicé mais visitada que muitos dos quadros abrigados na instituição); (g) na promoção dos “cultos-espetáculos” dos “pastores-celebridades” exibidos pela televisão; e (h) o que podemos chamar de “entretenimento do entretenimento”, dentre os quais o canal *E!* e o programa da TV Globo *Video Show*, que, de maneira “divertida”, falam a respeito da própria televisão e de seus famosos. Oito ilustrações simples, e mesmo aleatórias, mas que demonstram que em um mundo dominado pelas imagens e pelo entretenimento o importante é “divertir” à audiência para cativá-la.

Porém, se em um primeiro momento a mídia teria sintetizado *tudo* em entretenimento para preencher seus espaços, em um segundo teria havido uma nada singela inversão: a própria realidade estaria se construindo com base nos moldes do entretenimento com o pretexto de atrair as lentes da mídia. É o que Daniel Boorstin nomeia de “efeito secundário” (apud GABLER, 1999)<sup>231</sup>. Por fim, o processo teria se banalizado de um modo tal que, de acordo com Gabler, presentemente a mídia estaria relatando nada mais do que aquilo o que as pessoas fazem intuindo conseguir capturar sua atenção exatamente para aparecerem em seus concorridos e disputados espaços. Diz o autor:

se a televisão transformou em notícia qualquer coisa que tivesse os rudimentos de entretenimento, também transformou em entretenimento tudo aquilo que contivesse os rudimentos de notícia. Na verdade, para a televisão, assim como para os tablóides, o mundo passou a ser visto como uma fonte inesgotável de matéria-prima passível de ser processada em programação. (GABLER, 1999, p. 81)

O “arreatador” poder do entretenimento sucumbiu as notícias ao seu domínio com tanta intensidade que, prontamente, as próprias notícias principiaram a ser uma fonte inesgotável de *outras notícias*, desde que seguissem prendendo os espectadores, promovessem debates e gerassem audiência – e, claro, entretivessem. Em síntese, a notícia se converteu em mais uma forma de entrelaçar e divertir a um público sedento por distração e escapismo das aporrinhações diárias. Em um círculo vicioso, as notícias acabam originando outras notícias, e outras, e mais outras, e por aí vai, ainda que não revelem nada de absolutamente novo: o primordial é que tais “notícias das notícias” não permitam o desaparecimento de um assunto em voga, ou pelo menos que o mantenham em alta até que surja outro acontecimento interessante o suficiente para que aquilo que se discutia outrora possa simplesmente ser deixado de lado em prol daquilo que se discutirá (e que distrairá) a partir de então. Portanto para a mídia, em geral, e para a televisão, em especial,

não bastava mais apenas fornecer a notícia; a notícia tinha de ser grande o bastante, emocionante o bastante, com suspense o bastante, ou provocação o bastante para satisfazer uma audiência cujas expectativas vinham sendo constante e sistematicamente elevadas desde cerca de 1830. Se um evento não estivesse à altura, a televisão, em seu frenesi, faria com que estivesse. (GABLER, 1999, p. 82)

---

<sup>231</sup> Para Boorstin, o “efeito secundário” é composto pelos “pseudo-eventos”, ocasiões inventadas, fabricadas e planejadas, sobretudo pelos escritórios de publicidade, relações públicas e marketing, com o intuito principal de obter a atenção (leia-se, cobertura) dos meios de comunicação. Podemos citar como exemplo, dentre outros, a realização de festas de lançamento de um produto midiático, tais quais filmes e telenovelas.

Para tal, um dos mecanismos empregados pelos meios de comunicação tanto na construção das “notícias de notícias”, como na sua posterior “venda”, foi a promoção de um leve “desvio” de foco do *acontecimento em si* para as pequenas narrativas d’ele derivadas, desde que desfrutassem de potencial não só para virarem notícias, como para ascenderem reações sensoriais e clamores públicos, sobretudo pela exposição de dramas pessoais, atraindo, conseqüente e consecutivamente, ainda mais proeminência ao evento. É o chamado “McGuffing” (GABLER, 1999).

Para exemplificar os fenômenos descritos, dentre as múltiplas ilustrações possíveis, selecionamos três fortuitos episódios. O primeiro foi estrelado por Juliana Paes, atriz que em 2012 interpretou na televisão a personagem Gabriela, da literatura de Jorge Amado, realizando, poucas semanas antes da estreia da telenovela, um ensaio sensual no qual incorporou a protagonista da trama. Na mesma ocasião, Paes concedeu uma inevitável entrevista em que falou mais a respeito de sua vida pessoal do que sobre o trabalho em si, conferindo à novela comentários clichês tais quais “estourei de felicidade. Depois veio o medo...” e “Gabriela é gente boa”<sup>232</sup>. Assim, a ficção apenas serviu de (ótimo) ensejo, um “McGuffing” para que tanto Juliana Paes quanto a mídia falassem acerca da vida particular da atriz.

O segundo foi protagonizado por Fernando Fernandes, ex-BBB que viveu uma tragédia pessoal ao ficar paraplégico em virtude de um acidente de carro e que, tempos depois, “ressurgiu” como um coroadado para-atleta da canoagem. Nas entrevistas do *ex-brother*, não é nada incomum a divulgação do seu já conhecido *lifestyle*, recheado de “cenas” sobre “superação, namoro e planos para o futuro”<sup>233</sup>, ademais de declarações a respeito de “como foi encarar as conseqüências do acidente e ter que deixar para trás a carreira de modelo”<sup>234</sup>. Uma reportagem da edição eletrônica de *Caras* o sintetiza bem: “Um ano após o acidente que o deixou paraplégico, o ex-BBB Fernando Fernandes é um exemplo de superação. Ele voltou a modelar e se tornou para-atleta, dedicando-se com afinco à canoagem”<sup>235</sup>. Com a mídia atribuindo tamanha ênfase à vida pessoal de

---

<sup>232</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/revista-da-tv/juliana-paes-da-nova-vida-gabriela-em-novela-da-globo-4936140#ixzz2MIST5XAi>>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>233</sup> Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI305114-9531,00-FERNANDO+FERNANDES+TENHO+NA+MINHA+CABECA+QUE+VOU+ANDAR+UM+DIA.html>>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>234</sup> Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1671081-9798,00-MINHA+VIDA+SEXUAL+FOI+REDESCOBERTA+DIZ+FERNANDO+FERNANDES.html>>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>235</sup> Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/noticia/o-para-atleta-fernando-fernandes-canoagem-rio-sao-francisco-ex-bbb#image0>>. Acessado em: 12 de junho de 2013. Grifos do autor.

Fernandes, as provas esportivas, em vez de alvo, praticamente ficam deslocadas à mera divulgação do resultado e/ou à entrega das medalhas no pódio: só um “McGuffing” para iniciar as conversas com o ex-BBB, até chegar “ao que interessa”.

O terceiro vem de outro para-atleta, Oscar Pistorius, ilustre por ter sido o primeiro deficiente físico a competir com não-deficientes em uma Olimpíada. Em 2013, Pistorius se viu em meio a uma enxurrada de “notícias e mais notícias”. Entretanto, jornais, revistas, portais de notícias e tevês do mundo afora “vomitaram” incontáveis reportagens nas quais o sul-africano estampava não o caderno esportivo, tal qual era de se esperar, e sim a seção policial, já que Pistorius foi acusado de assassinar a própria namorada, a modelo Reeva Steenkamp, no dia 14 de fevereiro do referido ano.

Acompanhamos, em especial, a cobertura prestada pelo jornal italiano *Corriere della Sera* sobre o “Caso Pistorius”. Em pesquisa efetuada no arquivo do periódico na internet, descobrimos que ao longo de 2012 *Corriere* publicou 37 matérias em que cita diretamente o nome do esportista, a maioria comentando seu desempenho no esporte.<sup>236</sup> Por sua vez, apenas nos dois primeiros meses de 2013 foram nada menos do que 33 reportagens (ou seja, quase o mesmo número de todo o ano anterior)<sup>237</sup>.

Acerca do “Caso Pistorius” pelo *Corriere*, tão impressionante quanto acompanhar o “boom” de notícias, foi seguir o fluxo do “desenvolvimento” diário de matérias e o respectivo “aparecimento” de sensacionais revira-voltas e peripécias, de modo que é possível afirmar, sem grandes esforços, dificuldades ou pudores, que o episódio – só para recordar, um homicídio - acabou imerso nas lógicas da exposição capitular de uma novela ou ficção literária. Já no dia 14 de fevereiro, o jornal noticiou o evento com o seguinte título: “Pistorius spara alla fidanzata e la uccide. La polizia: non è un errore. «Omicidio»”. Escoltado do subtítulo: “La tragedia di notte, nella casa dell'atleta: «Pensavo fosse un ladro». Il 26enne trascorrerà la notte in carcere”<sup>238</sup>. No

---

<sup>236</sup> Na ferramenta de busca disponibilizada no portal do *Corriere della Sera* digitamos o termo “Pistorius”, em 1º de março de 2013. Das 37 reportagens do ano de 2012, 24 datavam de agosto, ocasião dos Jogos Para-olímpicos de Londres.

<sup>237</sup> Algumas considerações relevantes sobre a cobertura do “Caso Pistorius” pelo *Corriere della Sera*: (a) todas as 33 matérias a que aludimos, identificadas na pesquisa, datam de fevereiro, mês em que se deu a tragédia; (b) Em *Corriere*, não há registro de matérias sobre Pistorius, no ano de 2013, anterior ao dia 14 de fevereiro. Logo, pelo menos no que concerne ao primeiro bimestre desse ano, o atleta só foi ser noticiado em virtude do assassinato; (c) apenas no dia 14 de fevereiro, *Corriere* postou 11 reportagens sobre o crime; (d) a última matéria a respeito de Pistorius disponibilizada pelo *Corriere*, localizada na busca, data de 24 de fevereiro. Isto é, dez dias após o assassinato.

<sup>238</sup> “Pistorius atira e mata a namorada. Para a polícia não é um erro: “Omicídio”. [Subtítulo] “A tragédia da noite, na casa do atleta: “Eu achei que fosse um ladrão”. O [atleta] de 26 anos vai passar a noite na cadeia”, tradução nossa. Disponível em: <[http://www.corriere.it/esteri/13\\_febbraio\\_14/pistorius-ucciso-fidanzata\\_c464504c-7671-11e2-bad5-bab3677cbfcd.shtml](http://www.corriere.it/esteri/13_febbraio_14/pistorius-ucciso-fidanzata_c464504c-7671-11e2-bad5-bab3677cbfcd.shtml)>. Acessado em: 12 de junho de 2013.



mesmo dia, em outra postagem, *Corriere* disponibilizou sete fotos a respeito do crime, sob o título “Il campione in manette”<sup>239</sup>.

A partir de então, deu-se uma genuína enxurrada de notícias dedicadas à apresentação dos lances e “cenas” do “Caso Pistorius”: a rescisão do contrato com o patrocinador, o pagamento da fiança, a saída da prisão, o medo da violência em Pretória, o histórico de disparos já efetuados pelo atleta etc. Teríamos aqui um entretenimento convertido em um crime – já que Pistorius era adepto da prática de atirar -, ou de um crime convertido em entretenimento – uma vez que a mídia tem particular afã por proporcionar diversão a partir de qualquer coisa ou custo? (Ou, quem sabe, as duas coisas ao mesmo tempo?) Ou ainda, lembrando Türke, uma notícia porque importante acontecimento, ou um acontecimento importante porque notícia?

Com a enorme repercussão do caso - ainda mais espetacularizado com a exibição de um inédito *reality show* que Steenkamp havia gravado pouco antes de morrer -, o grande clamor suscitado e o interesse, gana ou sede do público mundial em acompanhá-lo, depressa apareceram reportagens que se “esquivavam” de difundir apenas e tão somente os “bastidores” do assassinato, abrindo margem para especulações a respeito até mesmo da vida íntima de Pistorius. Por exemplo, noticiou *Corriere* em 19 de fevereiro de 2013: “Trovati degli steroidi a casa di Pistorius”<sup>240</sup>. No subsequente dia (20/02/2013), publicou o periódico: “Pistorius, vacilla l'impianto accusatorio «In casa nessuna sostanza vietata» La polizia di Pretoria ammette che «non c'è alcuna contraddizione nella versione fornita dall'atleta»”<sup>241</sup>. Até que, no dia 24 do mesmo mês, *Corriere* alcança o clímax da apoteose espetacular sobre o evento: “«Il prodotto usato da Pistorius era uno stimolante sessuale che si inietta» Un medico: «E' un prodotto composto da pezzi di cuore e di testicoli di animali serve a chi ha problemi di erezione»”<sup>242</sup>.

---

<sup>239</sup> “O campeão de algemas”, tradução nossa. Disponível em: <[http://www.corriere.it/esteri/foto/02-2013/pistorius/arresto/campione-manette\\_ecd40900-7699-11e2-bad5-bab3677cbfcd.shtml#7](http://www.corriere.it/esteri/foto/02-2013/pistorius/arresto/campione-manette_ecd40900-7699-11e2-bad5-bab3677cbfcd.shtml#7)>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>240</sup> “Encontrados esteróides na casa de Pistorius”, tradução nossa. Disponível em: <[http://archivistorico.corriere.it/2013/febbraio/19/Trovati\\_degli\\_steroidi\\_casa\\_Pistorius\\_co\\_0\\_20130219\\_09e0b072-7a5d-11e2-b3a3-7419af1c9f94.shtml](http://archivistorico.corriere.it/2013/febbraio/19/Trovati_degli_steroidi_casa_Pistorius_co_0_20130219_09e0b072-7a5d-11e2-b3a3-7419af1c9f94.shtml)>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>241</sup> “Pistorius, confunde a acusação “Em casa nenhuma substância proibida” Polícia de Pretória admite que “não há contradição na versão fornecida pelo atleta””, tradução nossa. Disponível em: <[http://www.corriere.it/esteri/13\\_febbraio\\_20/pistorius-vacilla-tesi-accusa\\_103443d2-7b9b-11e2-ba69-3fd719869bcf.shtml](http://www.corriere.it/esteri/13_febbraio_20/pistorius-vacilla-tesi-accusa_103443d2-7b9b-11e2-ba69-3fd719869bcf.shtml)>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

<sup>242</sup> “O produto usado por Pistorius era um estimulante sexual injetável. Um médico: é um produto feito a partir de pedaços de coração e testículos de animais utilizados por quem tem problemas de ereção”, tradução nossa. Disponível em: <[http://www.corriere.it/esteri/13\\_febbraio\\_24/pistorius-prodotto\\_7ef3037a-7e85-11e2-b686-47065ea4180a.shtml](http://www.corriere.it/esteri/13_febbraio_24/pistorius-prodotto_7ef3037a-7e85-11e2-b686-47065ea4180a.shtml)>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

Do questionamento ao caráter pessoal, passando pela ética no esporte, até atingir a performance sexual de Pistorius. Em outras palavras, de entretenimento a circo, sem se esquecer do espetáculo: eis a trajetória linear de decomposição empreendida pela mídia na condução do “Caso Pistorius”.

Uma notícia que puxa outra, que visa a entreter, que quer divertir e, no final das contas, acaba atingindo um assunto que, muitas das vezes, sequer se relaciona com a inicial. Tal é o curso do entretenimento, o qual, munido de seu arsenal de estratégias (efeito ricochete e secundário, pseudos-eventos e McGuffings), segue em direção a um rumo que como não consegue prever simplesmente se deixa levar. Costura-se, dessa forma, uma poderosa aliança entre a percepção e o sensorial dos indivíduos, constituindo uma força influente o bastante, com energia o suficiente para compelir (quase) *tudo* a virar diversão e distração – ao ponto de que aquilo que não se rende aos ditames do entretenimento corre o risco de fracassar (para não dizer “sumir”).

O fato é que com o (precioso) amparo ou subsídio do entretenimento, a mídia logrou se fortalecer e se firmar tal qual um dos mais importantes instrumentos de poder do século XX e início do XXI, sendo que “é praticamente impossível resistir ao impulso de transformar quase tudo em entretenimento, quando é entretenimento que todo mundo parece querer” (GABLER, 1999, p. 115). A própria vida seria, hoje, um entretenimento, uma “pseudovida”, nas palavras de Gabler, “produzida” justamente na ânsia de ser vista, entupindo, para isso, as telas e os espaços midiáticos.

### **7.3 Alterdireção e espetáculo**

Vimos que, ainda na década de 1950, David Riesman assinalou a ascensão da subjetividade alterdirigida, encontrada, à época, segundo o autor, maiormente na população mais jovem das camadas médias e altas das grandes metrópoles estadunidenses. Tal qual Riesman, a alterdireção tem por marca o predomínio da crescente necessidade social de *ser visto, contemplado e admirado*, verbos sobre os quais os sujeitos teriam depositado a confirmação da própria “existência” (uma preocupação, aliás, central na construção desse tipo de personalidade).

A rigor, tanto Riesman quanto o filósofo francês Guy Debord ponderam a respeito de fatores similares na formulação de suas respectivas teorias. Ambos destacam, por exemplo, a importância da expansão dos meios de comunicação, notada na primeira metade do século XX. Para Riesman, o crescimento da mídia ajudou a moldar o modelo de caráter social alterdirigido; no caso de Debord, fincou os alicerces

da “sociedade espetacular”, um tipo de organização social estabelecida a partir da consolidação do “monopólio da aparência”. Em sua tese, Debord é enfático ao denunciar as artimanhas de manipulação do espetáculo na difusão das “imagens dominantes”, as quais teriam induzido os indivíduos a se reconhecerem mais através da mediação do que por meio de seus próprios gostos – a esta altura, assevera o pensador, padronizados graças às inúmeras representações divulgadas especialmente pelos meios de comunicação. Ainda conforme Debord, um dos piores desdobramentos do espetáculo foi a transformação da imagem em capital, isto é, em “conceito” o qual, uma vez sintetizando, viu-se convertido em mais um bem passível de consumo.

Mas, dentro da lógica espetacular, não foram somente as mercadorias que sucumbiram às representações. Os próprios sujeitos tornaram-se “reféns” dos fluxos midiáticos. Isto porque, os diferentes multimeios da sociedade do espetáculo teriam atuado de maneira a impulsionar a valorização do “parecer ser”, em detrimento de valores como o “ter” e o “ser”, culminando em uma espécie de “tendência ao fazer ver” (DEBORD, 2008), em que “expor-se” e “querer aparecer” não feririam mais a moral e/ou a dignidade dos indivíduos. Consequentemente, deixaram de implicar em motivos de escândalo ou vergonha, como na fase do *Homo psychologicus* ou *privatus*.

Em paralelo, o espetáculo produziu a falsa impressão de que os indivíduos poderiam, de modo facultativo e/ou espontâneo, escolher se representarem em imagens ou não. Nesse mundo de aparências, porém, o “seja feita a vossa vontade” esconde uma perigosa armadilha, pois o fenômeno da espetacularização se ancora em bases bem menos optativas do que opressivas. Assim, na realidade, o que se observa é que os indivíduos se veem forçados ou compelidos a se tornarem rentáveis e atrativas imagens - em síntese, representações -, sob pena de serem ignorados. Estaria justificado mais um tipo de “vale tudo”: o pela fama.<sup>243</sup>

Suely Rolnik (1997) chama atenção, no entanto, para o fato de que quanto mais as subjetividades parecem estar se proliferando e multiplicando, mais se observa a procura, pelos sujeitos, de subjetividades (ou identidades) “padrões”, isto é, identificadas como de referência reconhecida pelo mercado (o que, no mar da “desestabilização exarcebada”, não deixa de conferir uma espécie de “proteção”). Essas

---

<sup>243</sup> Na telenovela *Cebebridade*, exibida pela Rede Globo em 2003, os papéis vividos pelas atrizes Débora Secco e Juliana Paes representavam exatamente os indivíduos que fazem de tudo pela fama. Em uma das cenas da trama, por exemplo, o assessor da personagem de Paes arquitetou um pseudo-evento no qual a moça teria seu biquíni, avaliado em mais de 800 reais, roubado em um “assalto fabricado”, em plena praia, deixando-a nua. O objetivo? Torná-la notícia na mídia, claro.

subjetividades “prêt-à-porter”, para Rolnik, são ofertadas, dentre outros, tanto pelas drogas propriamente ditas (seja as ilícitas, seja as lícitas), quanto pelas drogas que embora não sejam substâncias propriamente ditas, ainda assim alimentam a “ilusão da identidade”. Seriam elas a literatura de autoajuda, as tecnologias do *light* e do *diet*, visando ao “corpo *top model*”, e os meios de comunicação. A autora designa os sujeitos que miram o incessante reconhecimento pelo mercado por meio do consumo dessas “drogas” de “toxicômanos de identidade”.

Em um exame sobre as práticas sociais do consumo contemporâneo, através da associação entre imagem, estilo de vida e marca, no qual inclui a mídia, Isleide Fontenelle (2002) conclui que, de uma estratégia comercial e corporativa, as representações se disseminaram na esfera da vivência dos indivíduos, “contaminando-a” com preceitos outrora próprios ao âmbito do marketing. A autora fornece, ainda, um precioso “rastros” acerca de como a “tirania da existência espetacular” atua em nosso dia-a-dia. Para ela,

Através dos canais utilizados para se construir e se manter – a publicidade e a propaganda – a marca nos dá a pista para que possamos entender porque o sujeito atual, que não é encantado pelas imagens que o cerca, paradoxalmente, faz uso delas para construir as imagens sobre si mesmo e sobre o mundo, porque sabe que, na sociedade contemporânea, estar na imagem é existir. (2002, p. 23)

Na apreciação de Fontenelle, a respeito do espetáculo, converter-se em imagem compõe um tipo de “jogo do faz de conta”, no qual os sujeitos buscam não só serem consumidos pelos outros, mas também preencherem eventuais “faltas” ou “deficiências” pessoais, derivadas das inúmeras inconstâncias e revira-voltas do mundo coevo. Para a pesquisadora, o *locus* no qual os indivíduos projetam a segurança de que tanto carecem seria, sobretudo, na “solidez” *gentilmente* oferecida pelas marcas e suas graciosas representações. Contudo, ao mesmo tempo em que depositam sua fé e esperança nas imagens das marcas, os indivíduos têm o conhecimento de que o que estão vendo e consumindo, na verdade, são construções mercadologicamente elaboradas. Logo, a “carência” dos sujeitos seria suprimida não exatamente pelo que há de *concreto* no bem, o *objeto em si*, e sim a partir do *conceito* e da *ideia* por eles vendidos (isto é, pela via do encantamento) - transformados, na sequência, em “acessórios cênicos” do *lifestyle* de cada um (GABLER, 1999).

Durante o século XX, poucos parecem ter melhor captado o espírito “da coisa” do que o artista plástico estadunidense Andy Warhol, um dos grandes expoentes da *pop*

*art.* Essencialmente, o que Warhol compreendeu e largamente explorou em sua obra é que literalmente qualquer “coisa” poderia se tornar uma “imagem mercadoria”, uma “representação mercadoria”, ou ainda uma “arte da arte mercadoria”. Assim, em suas criações, pinturas das famigeradas latas de sopa *Campbell* e das garrafas de *Coca-Cola* se embaralham em meio a personalidades como a atriz Marilyn Monroe, o cantor Michael Jackson, o líder chinês Mao Tsé-Tung e mesmo o mascote principal da Disney, Mickey Mouse: todos - sejam mercadorias “animadas” ou “inanimadas” - nivelados e amalgamados em modelos ou ícones da cultura midiática e consumista.

A leitura é bem simples: pessoas, latas, garrafas, personagens animados: absolutamente *tudo* é mercadoria e precisa *estar representado* e *ser visto* para *existir*. Desse modo, sob a ótica do espetáculo presente, os indivíduos estariam se convertendo em imagens tanto para preencherem uma de suas maiores “faltas” (a *existência*), quanto para escaparem de um de seus maiores medos (a *não-existência*). Ou por ambos os motivos, que, no fundo, são um só. Esses carentes e amedrontados sujeitos buscam encontrar a própria “vivência” notadamente nos espaços da comunicação. No entanto, em meios tão restritos e seletivos como o cinema e a televisão, nada fácil *era* ver-se “apto” ou “legitimado” para passar por suas várias peneiras ou funis, de maneira que até mesmo a possibilidade de *ver-se* e *ser visto* na tela *era* um feito para poucos.

Por conseguinte, se na primeira metade do século passado, o cinema, além de ter instigado o “sonho do estrelato”, inaugurou a dimensão das imagens gravadas em movimento, encantando e excitando os indivíduos a se performatizarem tal qual o desempenho dos atores nas “scenas”, e, algumas décadas depois, a televisão os alforriou o imperativo do deslocamento para o consumo de tais imagens, trazendo-as para dentro das casas, incitando tanto a aspiração de uma multidão de anônimos de se verem na tela de vidro, quanto a pretensão de outros tantos de alcançarem a “irrealidade da vida” exibida pela mídia, a qual se caracteriza por fugir ao alcance da maioria das pessoas, no início do século XXI finalmente desponta o veículo considerado capaz de fornecer e/ou proporcionar o “espacinho” que os inquietos sujeitos por notoriedade e fama tanto cobiçavam: a internet.

Com a *web*, jamais foi tão fácil se ver representado e intercedido. Se tanto no cinema quanto na TV havia espaço “de menos” para aspirantes à fama “de mais”, agora, basta um computador conectado e pronto: uma plateia em potencial de bilhões de “outros” estará ao alcance de qualquer um. Qualquer fato, lance ou ocorrência, uma vez muito comentado, partilhado ou assistido, pode, em questão de meros instantes, cair nas

graças dos internautas, e ainda facilmente extrapolar as fronteiras do ciberespaço para inundar os espaços das demais mídias.<sup>244</sup> É assim que a internet se consolida como o espaço de execução do *lifestyle* de quem quiser, aproximando uma multidão de anônimos da audiência - sob a denominação de internautas – e sustentando, de quebra, sua aspiração a serem famosos.

Em sua origem, contudo, a *web* tinha uma concepção diferente da que nos habituamos atualmente. Não havia, por exemplo, margem para muitas “intervenções” nas quais os internautas pudessem expor suas próprias criações, exceto se montassem, eles mesmos, uma página pessoal – o que era bem mais árduo e complexo do que presentemente. Já com a *Web 2.0*<sup>245</sup> o cenário se modifica. Fundamentada no princípio da “participação coletiva”, nascia, assim, a primeira ampla abertura oferecida por uma grande mídia para que os indivíduos comuns pudessem se ver “do outro lado do vidro” e para que pudessem divulgar suas próprias criações a bilhões de indivíduos em qualquer ponto do planeta, consagrando a tão sonhada chance, aguardada por décadas pelos que queriam ser contemplados e acompanhados numa mídia. Tal qual os astros das novelas, bem como as estrelas do cinema, do mesmo modo que as personalidades da televisão, similar aos ídolos da música, agora *qualquer um* poderia se mostrar, expor a própria vida e ter a oportunidade de se sentir uma celebridade: na internet, *qualquer um*, a *qualquer momento*, de *qualquer lugar* pode ser a próxima grande celebridade ou a nova estrela do momento, independentemente do motivo, estratégia, caminho ou meio adotados.<sup>246</sup>

Ilustrações é o que não falta: Felipe Neto (*vlogger* com mais de 134 milhões de visualizações no *YouTube*); os membros da família “Pra nossa alegria” (trio composto por uma mãe e dois filhos, famosos por cantarem uma música evangélica de maneira espalhafatosa – mais de 23 milhões de acessos no *YouTube*); Pedro, do vídeo “Me dá

---

<sup>244</sup> Mesmo assim, embora a internet seja considerada o espaço midiático mais “aberto” e “democrático”, em nada presenciamos um tempo de democratização das mídias. Até porque, este é um mundo onde centenas de milhões de seres humanos padecem sujeitos a miseráveis condições de sobrevivência, apesar da pujança econômica dos anos anteriores. Em vez disso, seria mais cabível falar em ampliação dos espaços e dos meios de exposição e de reinvenção de si mesmo.

<sup>245</sup> Expressão criada em 2004, por Tim O’Reilly, no intuito de abalizar a “segunda etapa da internet”, marcada pelo estímulo a que os próprios usuários a “construam” e a “alimentem” com conteúdos produzidos por eles mesmos.

<sup>246</sup> Bem verdade que as câmaras caseiras, que utilizavam as fitas VHS, já haviam disponibilizado aos indivíduos a possibilidade de serem gravados em registros pessoais ou particulares. Porém, ademais de uma tecnologia demasiada custosa para os padrões da época, a “produção” tinha baixíssima audiência, fora que se encontrava disponível e de interesse quase apenas aos familiares e amigos mais próximos. No máximo, a televisão exibia tais gravações caso tivessem flagrado alguma “cacetada” ou bizarrice qualquer.

meu Chip Pedro. Manda meu Chip Pedro. Joga meu CHIPE”, no qual uma mulher berra uma série de palavrões e ofensas em frente à casa de Pedro, tendo mais de 6 milhões de acessos no *YouTube*; Luisa Marilac (conhecida por gravar um vídeo em que debocha de um algoz e “desliza” na concordância nominal: “bons *drink*” – mais de 2 milhões de visualizações no *YouTube*); e “Gina Indelicada” (*fanpage* do *FaceBook*, criada por um estudante de publicidade, que em menos de cinco dias havia sido “curtida” por mais de 700 mil usuários da rede social), dentre outras.

A nível sociocultural, a internet (ou o uso social d’ela feito) não só cunhou novos *modos de pensar, de ser e de estar* na rede, como propiciou reformulações nos *modos de pensar, de ser e de estar* no mundo – conforme vimos no Capítulo III. E o fez tão intensamente que “estar por fora” ou não dominar os significados, signos ou códigos linguísticos que brotam e varrem seus espaços pode significar até mesmo a exclusão do sujeito de determinados meios ou círculos. Pois, ao denotar acontecimentos, fatos, ocorrências e/ou ações os quais não só “passaram a existir”, como se mostram *hiperconsagrados*, esse novo vernáculo abrange termos “indispensáveis” aos novos tempos. Dentre as mais elementares expressões desse “dicionário 2.0”, figuram: *meme* (indica conceitos ou ideias que depressa se espalham pela internet); *trolar* (o mesmo que “sacanear”, ridicularizar, debochar); e *viral* (referência ao rápido compartilhamento de *links*, em especial vídeos, os quais se tornam verdadeiros fenômenos de popularidade depois de muito acessados).

Finalmente, frisa-se que a *web* nutre (ainda mais) a passagem entre duas maneiras bem distintas de se encarar a intimidade: da “resguardada” *versão 1.0* - protegida por paredes densas e opacas, bem como por portas fechadas e cadeados, fora os rígidos preceitos da antiga moral burguesa, em que as subjetividades se manifestavam por meio da escrita de diários íntimos (os quais deveriam permanecer secretos, confidenciais e/ou sigilosos), cartas, romances realistas e os relatos da psicanálise -, à “exposta” *versão 2.0*, regida pelas lentes da espetacularização e pela incitação ao “fazer ver”, em que “recolher-se” é sinônimo de “excluir-se”, de “pedir” para não ser visto e, conseqüentemente, para ser “deixado de lado”, até o inevitável esquecimento.

Neste contexto espetacular, parece não haver limites entre aquilo que se pode abrir ou não aos esfomeados “olhares dos outros”: qualquer que seja o tema ou o

assunto, *tudo* é passível de “abertura”, de apresentação e de consumo.<sup>247</sup> É a era das “identidades virtuais”, instantâneas, rápidas, breves, momentâneas, leves e/ou líquidas, a qual atende ao pleito dos indivíduos que querem não apenas serem consumidos pelo mercado e pelos “outros”, mas também “existirem”. Por fim, de acordo com Sibilia, esse nada sutil deslizamento assinala uma nova forma de tirania. Não mais a da “intimidade”, mas a da “visibilidade” (2008).<sup>248</sup> Dessa forma, conforme a pesquisadora, na medida em que a vida privada vem à tona, o “íntimo” se converte em “éxtimo”, a “intimidade” em “extimidade”, constituindo o enredo ideal para a construção do “show do eu” (SIBILIA, 2008b), no qual somos todos convidados - para não dizer convocados - a montar a vitrine da nossa mutante personalidade.

## 7.5 O multimedio da não-existência



“Todos temos três vidas: a vida pública, a vida privada e uma vida secreta”, Gabriel García Marques. Embora estejamos de acordo com o famoso escritor, acreditamos que o autor poderia ter incluído uma

<sup>247</sup> Trata-se, para David Riesman (1955), da comprovação da substituição dos valores do *caráter* pela *personalidade*, ou da *essência* pela *aparência*, contribuindo (e muito) para a incorporação da linguagem midiática no dia-a-dia dos sujeitos, os quais se atentam mais às estratégias do marketing pessoal, da publicidade e das relações públicas para “venderem” a si mesmos, com o claro escopo de serem mais e melhor observados.

<sup>248</sup> Para Giddens (1993), no entanto, a intimidade exerce um papel bem mais democrático do que opressivo. Segundo o sociólogo, que a estudou sob o viés dos relacionamentos amorosos, intimidade “significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo” (1993, p. 154), demonstrando-se ser uma espécie de “prova de consideração” entre os sujeitos. Em sua teoria, a transformação da intimidade se deve a fatores como sexo, gênero e ética, bem como estaria relacionada com a negociação de vínculos pessoais, simbolizados a partir do estabelecimento da confiança mútua entre os indivíduos e de uma relação igualitária. Porém, uma vez que focamos a intimidade tal qual um mecanismo psicológico do âmbito social como um todo, particularmente o da “existência” na esfera do espetáculo, e não na amorosa, afetiva e/ou sexual, as teses de Sennett (1995) e Sibilia (2008) nos parecem mais adequadas à condução desta pesquisa.



quarta vida à lista: “a alheia”. Acima, respectivamente, capas das revistas *Quem*, *Caras* e *Contigo* retratando esta nossa “quarta vida”, que, em tempos midiáticos, tanto desperta interesse e atenção: da “noite das estrelas” às “confissões de Sabrina Sato”, absolutamente qualquer fato da vida dos famosos se torna um produto passível de divulgação na mídia e, logo, de consumo.

Sabendo que na “era da mediação” parece haver “existência” somente enquanto construção midiática, e que sua duração está restrita apenas enquanto representada, viveríamos não mais a fase do “o que é bom aparece”, tal qual apontado por Debord, e sim a do “o que existe aparece”. Talvez por isso, o motivo pelo qual as relações sociais contemporâneas vêm sendo “dominadas” por tamanho grau de exibicionismo parece ser, sobretudo, pelo medo, ou melhor, pelo *multimedio* da “não-existência”, um pavor que ameaça não só a personalidade dos indivíduos, mas diretamente sua própria existência: quem, afinal, quer “não existir” ou não ser lembrado? Nessa ânsia por ser visto pelo outro, conforme a pista dada por *Contigo*, a confissão pública parece ser uma boa alternativa.

Em *A transformação da intimidade*, Giddens (1993) descreve a existência de dois momentos históricos distintos acerca dos exercícios confessionais. No primeiro, a confissão era restrita, essencialmente, ao domínio eclesiástico, da qual derivava uma penitência (punição religiosa); no segundo, a partir no final do século XVIII, a técnica de revelação pessoal ganhou ares de interrogatório, especialmente por sua utilização nos meios jurídicos e, mais à frente, nos campos medicinais e psicológicos. Todavia, entre os séculos XX-XXI a confissão teria deslizado rumo a uma nova arena: a midiática (SIBILIA, 2008b). A prática de “confessar-se” constitui-se, assim, em uma genuína estratégia de construção e exibição de si, um meio fundamental para virar famoso – tal qual “as confissões de Sabrina Sato”, ex-BBB e atualmente apresentadora de um programa semanal de humor, em que “fala sobre as dificuldades de seus relacionamentos amorosos”<sup>249</sup>.

---

<sup>249</sup> Disponível em: <<http://contigo.abril.com.br/noticias/entrevistas/sabrina-sato-coisas-do-coracao-30-anos-relacionamentos-amorosos>>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

Depois de ter passado a noite toda sambando em um dos ensaios técnicos da escola Gaviões da Fiel, Sabrina Sato, 30 anos, recebeu CONTIGO! em seu apartamento, em São Paulo, no domingo (13), para falar de... AMOR. Apesar de estar solteira há menos um mês, após romper com o deputado Fábio Faria, 33, com quem ficou por dois anos, a dona de curvas irretocáveis provou ser uma romântica à moda antiga.

Fã de canções “meladas” como *Caça e Caçador*, de Fábio Jr., *Bye Bye Tristeza*, de Sandra de Sá, e de comédias românticas como *Closer*, *Noiva em Fuga*, *Bridget Jones 1 e 2*, Sabrina Sato encara de frente suas decepções amorosas. “Eu tenho o meu tempo. Primeiro choro tudo o que eu tenho para chorar, penso muito, absorvo e aí eu fico bem novamente.”

Pura emoção, como se autodenomina, a apresentadora diz que este é um dos melhores momentos da sua vida. “Acho que é possível viver um dia de cada vez ou encontrar um grande amor. Com 30 a gente pode tudo.” E pode mesmo, Sabrina.

(Grifos do autor em itálico. Destacamos, através de grifos nossos, em sublinhado, uma referência à boa forma física, associando o medo da *aparência* com o da *não-existência*.)

Em suma, Sabrina Sato falou exatamente sobre tudo aquilo que *todos nós*, enquanto seres humanos, passamos, sentimos ou vivemos. Logo, que poderíamos, também, ter dito: decepções amorosas, trabalho, família etc. Mesmo assim, por se tratar de ser Sabrina Sato quem o está declarando, apresentadora de TV em alta no momento, sua vida, ou melhor, suas confissões, são dignas de revista. Portanto, do interesse de *todos nós*.

Mas, considerando que nem todos teriam a chance de ser capa de uma das mais tradicionais revistas do país, em se tratando da “vida alheia”, onde os sujeitos comuns poderiam “confessarem-se”? A resposta, claro, é a internet. Afirmar, porém, que todos os que nela estão buscam a popularidade é reduzir e empobrecer o fenômeno, bem como radicalizá-lo. Há, por exemplo, os que participam das redes virtuais somente para manter contato com seus conhecidos<sup>250</sup>, assim como os que nada postam e mesmo os que nunca ou raramente acessam seus perfis. Não é à toa que uma série de mecanismos que permitem aos usuários de redes sociais manterem sua “privacidade”, através, por ilustração, da escolha de quem pode visualizar suas publicações ou não, vêm sendo desenvolvidos. Entretanto, em meio à ânsia por “aparecer”, tais políticas somente fazem com que o indivíduo gradativamente “suma”, já que ao não ser visível o sujeito caminha em direção a uma perigosa rota: a do esquecimento.

<sup>250</sup> Especialmente nas sociedades ocidentais, têm sido cultivadas práticas sociais de intermediação entre os sujeitos, no qual o contato físico, *tête-à-tête*, *vis-à-vis* vem sendo “suprimido” ou “substituído” por imagens de *webcams*, vozes ao telefone, palavras no correio eletrônico e outros dispositivos eletrônicos. Evidentemente não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo, nem próximos de quem queremos, gostaríamos e/ou precisamos em todos os momentos. Nesse sentido, virtualizamos-nos tanto para termos acesso ao outro, quanto para sermos acessíveis *ao* e *pelo* outro, ratificando os processos de “virtualização da vida” e “espetacularização de si”.

Por isso *ser visto* se torna tão essencial. Estar não apenas presente nas redes, mas ser um membro atuante, o qual literalmente posta a vida, desde os pequenos acontecimentos do dia-a-dia, aos vídeos de celebrações, às fotos de formatura, passeios, viagens, almoços, festas, casamentos, “baladas”, paisagens, encontros ou do que quer que seja: o fundamental é não deixar *ser esquecido*, é manter-se aceso na memória dos outros. Em um mundo no qual você precisa ser curtido, comentado e seguido para se sentir querido, notado ou admirado, não ter nada disso é um colossal pesadelo - à exceção de um ou outro “desvirtuado” de seu tempo: na era das imagens, tanto a “existência” quanto o “esquecimento” atravessam o crivo da mídia, intensificando o medo de ser esquecido. Ou pior: de não-existir.

Se a internet forneceu o palco, os *blogs*, os *fotologs*, os portais de *upload* e compartilhamento de vídeos, as redes sociais e os vários perfis virtualmente disponíveis conferiram o acochado destaque midiático aos indivíduos. Pois, como não é todo mundo que pode confessar a própria vida em uma revista de grande circulação, ao menos na internet qualquer um de nós pode. Muitos creem que nessas páginas é possível encontrar a “autenticidade”, o “realismo” e a “naturalidade” da “vida real”, os quais estariam se perdendo ou mesmo já teriam se perdido em meio a tantas ficcionalizações. Em outras palavras, muitos acreditam que nessas páginas seria possível encontrar a “verdadeira” intimidade dos sujeitos. Assim, de modo paradoxal, em consonância à nossa busca por consumir ficções, cada vez mais nos interessamos por experiências “verdadeiras”, ou que se “anunciem” como baseadas em fatos reais ou legítimas, uma contradição observada pelo cientista italiano Umberto Eco (1984), na segunda metade do século XX.

Pesquisando sobre o crescente fascínio dos sujeitos pela *real thing*, Eco viajou aos Estados Unidos, nos anos 1970, para investigar o porquê da ânsia pelo consumo da “coisa real”. Em sua excursão ao Novo Mundo, o autor constatou a existência de uma espécie de compulsão pelo “icônico”, pelo “semelhante”, pela “realidade representada”, pela “cópia absoluta” e pela “imitação” (termos empregados pelo pensador), dando como uma das possíveis explicações à obsessão estadunidense com o “parecer ser verdadeiro” o fato de que os EUA são um país “sem História”. Ou melhor, uma nação onde não havia se constituído organizações sociais nos moldes e parâmetros das milenares e tradicionais sociedades do Velho Mundo. Enquanto a Europa teria suas raízes guardadas em suas manifestações artísticas, conservadas em inúmeros museus pelo continente, os EUA, sem “raiz” e “ahistórico”, teriam se cultivado tanto na busca

pelo “real” quanto por sua respectiva ficcionalização, estabelecendo um tipo de “irrealidade cotidiana”, ilustrados, conforme Eco, principalmente nos museus de cera, nas cidades fantasmas, na holografia e na Disney. Segundo o filósofo, na tentativa de “transparecer” uma história “autêntica”, por todos os cantos da “América” reluziria o “todo falso”, o qual se propõe a ser inclusive “superior à realidade”.

A dicotomia entre realismo e ficcionalização teria encontrando na mídia uma de suas mais preciosas amostras. Um curioso caso de grande repercussão midiática, no que concerne a tal embaralhamento, ocorreu na ocasião do lançamento das obras autobiográficas de JT LeRoy, intituladas *Sarah* e *Maldito coração*, ambas em 1999, nas quais o autor narra dramas “reais” dentre os quais prostituição, abuso sexual, drogas e violência. De carona com o *lifie* de JT, cuja personalidade considerada, no mínimo, bizarra despertou ainda mais o interesse da mídia, o sucesso estrondoso de seus livros o levou a romper a reclusão em que vivia (já que LeRoy se recusava a aparecer em público ou à imprensa), saindo em turnê pelo mundo na divulgação de seu trabalho, que *seria* a exposição de sua própria vida em capítulos.

No entanto, sua sorte começou a mudar em 2005, quando um jornal divulgou a suspeita de que JT era uma fraude, o que se confirmou em janeiro do ano seguinte, quando outro periódico noticiou que o verdadeiro autor era Laura Albert e que quem se passava por JT era Savannah Knoop, irmã de Laura. A repercussão foi bombástica, de modo que muitos se sentiram ludibriados: haviam consumido uma *ficção* acreditando ser uma *realidade*. Contudo, as histórias narradas nas páginas de JT eram “experiências verdadeiras”, no sentido de que aconteceram. Ou seja, não se tratava de histórias arquitetadas ou modificadas. O que havia sido mudado, na verdade, fora o personagem: não era a biografia de JT, mas sim a de Laura Albert. Em síntese, os relatos não haviam sido alterados enquanto experiências vividas, “reais”, apenas o nome de seu protagonista é que tinha sido trocado. Entretanto, tal qual apontado por Sibilia (2008b), era a revelação de um grave erro, já que o silencioso “pacto de leitura” - requerido acerto de toda obra autobiográfica entre autor e leitor, o qual precisa confiar nas histórias contadas por seu autor-narrador-personagem como verídicas, para conferir sentido ao enredo -, havia sido quebrado (SIBILIA, 2008b).

Processada, Laura acabou relegada pela mídia, caindo, por um tempo, no infortúnio do “quase esquecimento”. Até que, anos depois, a escritora parece ter renascido, dessa vez com seu perfil (ou identidade) “original”. Em passagem pelo Brasil, em 2012, a autora relançou os dois livros mencionados, com seu nome impresso

na capa. “J.T. não foi uma farsa”, alegou em defesa. “Prefiro vê-lo como um véu, um disfarce que usei para poder falar de coisas que me atormentavam e que eu não conseguia pôr no papel enquanto Laura Albert. É como dizia Oscar Wilde: ‘Dê ao homem uma máscara, e ele lhe dirá a verdade’”<sup>251</sup>.

É mesmo uma feliz citação a de Oscar Wilde. Atualmente, é sabido que existem milhares de personagens ou pseudônimos abundando a internet com a exposição de relatos da vida de seu autor – muitos dos quais, aliás, ao menos por um tempo, preferem seguir blindando seu verdadeiro nome. Alguns se tornaram bastante famosos, revelando então sua “identidade verdadeira”. É o caso da brasileira Bruna Surfistinha, pseudônimo (ou “nome artístico”?) da ex-garota de programa Raquel Pacheco. Sua história inicia aos 17 anos, quando decidiu abandonar seu estável e mediano núcleo familiar para correr atrás de “aventuras emocionantes”. Nas ruas, usou drogas e se prostituiu, até começar a relatar sua rotina de programas em um blog, obtendo, em pouco tempo, média mensal de 15 mil acessos. O êxito de seu “diário virtual” foi tal que, em 2005, resultou no livro *O doce veneno do escorpião. O diário de uma garota de programa*, logo convertido em *best seller*. O volume trazia ainda “um diário secretíssimo de Bruna Surfistinha, com as histórias mais ousadas que ela não teve coragem de publicar no blog”. No final, uma leve provocação, uma vez que “Bruna também dá pequenas lições para uma mulher de como conquistar o homem – e jamais perdê-lo para uma garota de programa”.

Isso porque Bruna (ou Raquel) se casou com um de seus ex-clientes, João Correa de Moraes, que por ela se divorciou da esposa - uma revelação extravagante o suficiente para despejar mais combustível à trama, a ponto de, no ano seguinte, a ex-mulher de Correa lançar o *Depois do escorpião. Uma história de amor, sexo e traição*, numa alusão e resposta direta à obra de Bruna. “Perder o marido para outra mulher é algo muito sofrido. Imagine então se essa outra mulher fosse a ex-garota de programa mais conhecida do Brasil”, diz a sinopse do livro, no qual Samanta fala “sobre como descobriu a traição através de um fio louro de cabelo e como está hoje, quando deu a volta por cima e conseguiu se recuperar da separação”. Mais à frente, uma mensagem de esperança, pois “seu livro é **UMA** verdadeira lição de vida para inspirar outras mulheres que temem passar ou passaram pela mesma situação. E, é também um desabafo bem-humorado de **UMA** mulher batalhadora, bonita e inteligente” (Grifos da sinopse). No entanto, a saga não acabaria por aí. Em 2006, Raquel publicou *O que aprendi com*

---

<sup>251</sup> Disponível em: <<http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/2012/04/24/sexo-drogas-e-mentiras-a-saga-de-j-t-leroy/>>. Acessado em: 12 de junho de 2013.

*Bruna Surfistinha. Lições de uma vida nada fácil*, encerrando (por enquanto?) sua investida editorial em 2007, com o *Na cama com Brunna Surfistinha*, recheado com “técnicas de sedução para aumentar o prazer a dois”, para que você “realize todas as suas fantasias no sexo”.

Sua notoriedade e êxito foram tais, que em 2006 o *New York Times* lhe dedicou um artigo no qual comentava o “fenômeno” editorial por ela proporcionado. Em tempo: estima-se que Raquel Pacheco (ou Brunna Surfistinha) tenha vendido cerca de 140 mil exemplares, um número, no mínimo, respeitável - e que, certamente, ajudou a levar sua vida ou *lifie* aos cinemas. Em 2011, a nova ofensiva de Brunna (ou Raquel) foi a participação no *reality show A Fazenda*<sup>252</sup> – atração conhecida por fazer com que os participantes realizem tarefas típicas de uma estância, dentre as quais cuidar de animais e de uma horta -, terminando em terceiro lugar, apesar de ter causado pequenos frissons, já que vez ou outra tecia comentários sobre a vida de “Brunna”, chegando a usar um pepino para “ensinar” os demais participantes a fazer sexo oral.

Diferentemente da maioria dos *realities*, *A Fazenda* se distingue por reunir personalidades que já obtiveram algum destaque na mídia, tais quais modelos, atores, esportistas e cantores. Ademais de “personalidades da mídia” e “celebridades instantâneas”, como Geisy Arruda, famosa após um episódio no qual fora expulsa da universidade onde estudava turismo, no interior de São Paulo. O motivo: o vestido que trajava foi considerado curto e ousado demais – e, na época, inadequado demais para o seu “rechonchudo” corpo. Inicialmente o caso comoveu o país. Porém, quando as pessoas perceberam que, na verdade, Geisy estava fazendo do ocorrido um “McGuffing” para atrair atenção para si mesma (e não exatamente para o constrangimento atravessado, isto é, para “o fato em si”), de comoção, Geisy se tornou motivo de piada. No entanto, sua tentativa havia sido bem sucedida: participou de *reality show*, fez um ensaio sensual, lançou uma linha roupas e garantiu um papel em um quadro dominical de humor.

Geisy só principiou a ficar nacionalmente conhecida quando o vídeo que registrou o momento da humilhação professada pelos companheiros de universidade foi parar na internet, mais precisamente no portal de armazenamento e compartilhamento *YouTube*, de onde algumas das maiores celebridades de renome mundial já surgiram. É o caso do astro *teen* Justin Bieber, “descoberto” em 2007 quando um agente musical

---

<sup>252</sup> O programa é levado ao ar pela *Rede Record*, de televisão, geralmente em meados do ano.

assistiu aos vídeos publicados pelo cantor antes da fama. Agenciado, Bieber se tornou uma genuína febre mundial, com vendas na casa dos milhões de discos. Episódio semelhante e ainda mais “excêntrico” ocorreu com Rebecca Black. Em 2011, a jovem divulgou o videoclipe da música *Friday*, no *YouTube*, sendo que, apenas em seu canal – nome dado ao perfil dos registrados no *site* –, mais de 32 milhões de internautas o haviam assistido<sup>253</sup>. Contudo, foi um detalhe “curioso” que chamou atenção em torno da adolescente: dos 841.545 internautas que classificaram seu vídeo, 674.615 o avaliaram como ruim, ou seja, 77 por cento não gostaram do que haviam visto, fazendo com que *Friday* fosse considerado “o pior clipe do mundo”. Não obstante, Rebecca recebeu tanta publicidade e destaque midiático que, em vez de soar de modo negativo, significou-lhe sua “sorte grande”: além de seu vídeo ter sido visto dezenas de milhões de vezes, um álbum da garota deve ser lançado em breve.

No Brasil, uma das personalidades que mais se destacaram diretamente do *YouTube* foi a menina Stefhany, cujos vídeos foram assistidos por mais de 3 milhões de internautas, apenas em seu canal. Stefhany ficou famosa por fazer regravações de videoclipes e de músicas de célebres cantoras internacionais, ainda que considerados bizarros. Mas quem se importa, se tais vídeos “de gosto duvidoso” foram o suficiente para tornarem-na popular, brindando-a com a participação em vários programas da televisão aberta do país. Contando com mais de 6,5 milhões de visualizações, outra “subcelebridade” nacional do *YouTube* é Lidio Matheus, quem apresenta desde canções de sua autoria e regravadas a um *reality show* da própria vida. A “saga” em dezesseis capítulos ou partes, intitulada “Reality Lidio Mateus”, teve uma “audiência” total de pouco mais de 122 mil acessos. Dentre os episódios constam “Visitando a antiga escola”, “Dicas inteligentes” – com “toques” de como as pessoas podem se tornar muito inteligentes “na escola, na faculdade, no prezinho, no jardim um, jardim dois, jardim três... Enfim, em qualquer lugar”, sob o pressuposto de que bastaria apenas enfiar “a cabeça no balde”. E, “quanto mais a água for fria, mais cheio estiver o balde, mais chance você tem de ficar mais inteligente”. Não ficou inteligente? Tudo bem, as dicas seguintes são sobre “como colar nas provas”. Há ainda um episódio intitulado “Como ser Lidio Mateus”, em que Lidio dá conselhos a respeito da maneira correta de tratar a pele, lavar o cabelo, cuidar da voz, preparar-se para uma entrevista de emprego e muito mais “para você se tornar um Lidio Mateus”.

---

<sup>253</sup> Consulta realizada em junho de 2012.

Por meio das redes virtuais, de carona com o espetáculo e com a vontade do “real”, outros tantos anônimos lograram certa popularidade, ainda que breve, dentre os quais os gêmeos de “Mataram a Formiguinha - Que Dó”, acessados mais de 27,8 milhões de vezes, e Isabela. Mas quem diabos é e que coisa fez Isabela? A morena fez o jogador de futebol Fred parar o carro no meio de uma movimentada rua para... flertarem. Algum *muy amigo* do atacante gravou as cenas da paquera (com direito a beijo) de dentro do carro do futebolista e postou o vídeo na internet, que se “viralizou”. Prontamente Isabela se converteu em uma “subcelebridade” da mídia, alguém que pelo “feito” ou “gesto” merece ser noticiada e entrevistada. Um programa vespertino lançou-lhe, inclusive, um desafio: se determinada *hashtag* atingisse o topo dos *Trending Topics* do *Twitter* (lista dos assuntos mais comentados da rede), Isabela daria um beijo no apresentador da atração e ainda levaria alguns milhares de real.

Contudo, não são apenas os vídeos, as narrativas ou as estórias da “vida real” que transformam anônimos em famosos na internet – mesmo que por um ou dois dias. (Alguém ainda hoje se lembra de Luiza, “a que estava no Canadá”? Se sim, é bem provável que não muitos.<sup>254</sup>) A criação e difusão de personagens na *web* igualmente já tirou muita gente do anonimato, dentre os quais: Gustavo Braun (famoso por administrar uma conta na rede de microblog *Twitter* onde encarna a falecida atriz e comediantes Nair Belo); Katylene (pseudotravesti elaborado por um *DJ*, “presentado” com um programa de TV); e Cleycianne, “a crente mais linda” e “uma serva do Senhor na internet” (que comenta os acontecimentos do mundo e da vida dos famosos sob o ponto de vista “evangélico”, em tom de paródia e escárnio), entre muitos outros.

Todavia, hoje nem é mais necessário se dar ao trabalho de preparar algum material ou pseudo-evento para a mídia (e orar para ser achado). Prova disso é a atriz Pamela Anderson. A canadense se tornou famosa simplesmente por ter sido exibida nos telões de um estádio, em razão de seus “avantajados” seios, enquanto assistia a uma partida de futebol. Foi o bastante para sua vida mudar radicalmente: posou nua, fez campanhas publicitárias, virou atriz e modelo, garantindo, ainda, uma estrela na calçada da fama do país de origem. Exemplo perfeito de como alguém *do nada*, surgido igualmente *do nada*, sem demonstrar *nenhuma* faceta ou talento pode cruzar *a nada*

---

<sup>254</sup> Luiza ficou famosa em janeiro de 2012, por uma “inocente” fala de seu pai em um comercial sobre o lançamento de um empreendimento imobiliário, na Paraíba. No vídeo, o genitor da menina diz que fez questão de reunir toda a sua família para conhecer dito condomínio, “menos Luiza, que está no Canadá”. Foi o bastante para transformar a garota em uma “celebridade relâmpago”, através do *meme* “menos Luiza, que está no Canadá”, o qual uma vez *viralizado*, rapidamente virou febre.



sutil linha da fama e virar uma das celebridades mais badaladas do mundo, estampando capas e mais capas de revistas, matérias jornalísticas e tudo o mais. Ou, talvez sua faceta tenha sido estar no *lugar certo*, na *hora certa* e dispor dos “atributos” certos.

É nesse ponto que a coerção psicológica da mídia “volta a atacar”. Pois, no momento em que os anônimos se deparam com fotos dos famosos nos periódicos, ilustrando as páginas da *web* e por todos os cantos da mídia, muitos “não famosos” igualmente se idealizam experimentando semelhante situação: querem se ver, também, preenchendo os espaços da imprensa e expostos aos olhares de todos. É a vontade de igualmente poder ser lembrado e reconhecido, de simplesmente poder ser visto nas páginas de publicações de revistas tais quais *Caras*, *Contigo* e *Quem*, ou em *sites* como o *Ego*, todos dedicados exclusivamente à cobertura da vida dos famosos, com direito a postagens dos “flagras” dos *paparazzi*. Em nível de ilustração, em dias quaisquer de junho de 2012 noticiava o portal *Ego*: “Britney Spears aparece descabelada em vídeo”; “Agora ruiva! Babi Rossi aposta em novo visual”; “Monique Amin sobre depilação zero em revista: ‘Uso sempre assim’”; e “Que beleza! Galãs de Avenida Brasil invadem a praia”. Já em *Quem*, lia-se: “Estou usando aparelho, caramba” (Cléo Pires); “Noite de compras” (com Daniele Suzuki). E, por fim, em *Caras*: “Aniversário dos filhos de Carlos Alberto”. Ou seja, para um famoso aparecer e virar notícia basta apenas circular, “abrir a boca”, *ser visto*.

A partir do momento em que a vida se consolida ela própria em um entretenimento e quando se estabelece o culto às personalidades midiáticas, qualquer “façanha” pode ser noticiada, justamente por que qualquer coisa, fato ou acontecimento são integrantes de um capítulo ou cena do *lifestyle* de cada um de nós – principalmente em se tratando das celebridades. Assim, qualquer coisa é passível de nota da imprensa e de conhecimento público: um ilustre tomando sorvete, comendo um sanduíche, caminhando na orla, fazendo compras, carregando uma mala em um aeroporto, andando de bicicleta, falando ao celular, amarrando um cadarço, pegando um casaco caído no chão... Assistimos, com isso, ao advento de mais uma categoria dentro daquilo que se convém como “fato jornalístico”: não mais “só” a anormalidade, o caos, a exceção, o transtorno, o extraordinário, o incomum, a catástrofe, o curioso, mas também a vida, a rotina e a intimidade da vida alheia, especialmente a dos famosos.

Sem embargo, dito processo é uma via de mão-dupla. Pois, se de um lado as peripécias das celebridades são tão difundidas pelos espaços midiáticos é porque, do outro, há demanda ou interesse por seu consumo. É por isso que, atualmente, a *real*

*thing* apontada por Umberto Eco, parece estar na própria vida. Seria lá (ou aqui), na vida, que nos depararíamos com a “coisa real”, teoricamente livre dos imperativos da ficção. Em busca do consumo de realidades, no entanto, a contradição se encontra precisamente no fato de que, seguindo os preceitos da mídia, a vida considerada *real* se ficcionaliza cada vez mais nos moldes do *lifie*.

Nesse sentido, os *realities shows* - programas que se vendem como “dramas da vida real”, nos quais não haveria encenação, apenas pessoas reais, vivendo tramas reais, com expectativas reais, conflitos reais e tudo o mais real, filmadas durante as 24 horas do dia, ao longo de meses, em troca de algum prêmio financeiro ou recompensa (ademais do precioso galardão que é ser visto) - seriam o suprassumo de tal contradição. Pois, uma vez que a partir do instante em que o conteúdo de tais atrações é editado, atravessado pelo crivo do olhar e da construção narrativa dos profissionais que a montam para serem exibidas nos meios de comunicação, tornam-se menos “capítulos da vida real” do que “episódio de hoje”, estrelado por pessoas não mais “reais”, e sim “personagens”, acompanhados por uma passional audiência, que, por meio da analogia projeção e/ou rejeição, tanto os ama como os odeia.

O certo é que com o sucesso dos *realities* – os quais fazem na televisão aquilo que as redes sociais fazem na internet, em outros termos, disponibilizam espaço para que desconhecidos se tornem conhecidos – os produtores desenvolveram um farto leque com opções para todos os gostos e interesses: para os que querem se tornar ídolos da música, serem campeões da dança, da patinação no gelo, um novo emprego, perder peso, mudar o visual etc. O mais exitoso e bem sucedido de todos, por enquanto, tem sido o *Big Brother*, o qual no Brasil já contou, até 2013, com 13 edições<sup>255</sup>. Para participar, o interessado em se tornar um “brother” deve enviar uma gravação aos produtores da atração dizendo por que deveria ser eleito, dentre milhões, para entrar na casa “mais vigiada do país” – a qual não isenta de captar sequer a cabine sanitária -, e rezar, e muito, para ser escolhido, já que os selecionados enfrentam uma concorrência jamais vista em qualquer concurso público ou vestibular já realizados no país. Tudo para se exporem na televisão, tornarem-se célebres e intentarem se consolidar como ilustres.<sup>256</sup>

---

<sup>255</sup> A edição de 2012 pagou uma “recompensa” de 1,5 milhão de reais ao vencedor.

<sup>256</sup> Já há até quem tenha se tornado famoso por ser consecutivamente rejeitado pela peneira do *BBB*. Trata-se de Inês Brasil, conhecida - “graças a Deus”, tal qual seu bordão - por ter postado na internet seu vídeo de inscrição para o *reality*, no qual “capricha” no comportamento desinibido e na exposição de seu musculoso corpo, tudo seguido por uma peculiar (e sofrível) desenvoltura oral.

Após a eliminação do programa, os “brothers” passam a ostentar o título de “ex-BBB”, muito mais em alta do que qualquer bacharelado ou titulação acadêmica existentes, bem como se espalham por todas as esferas da vida: política, esportes, televisão, revistas. Mesmo aqueles que não se tornam celebridades, ainda assim, logram ostentar dito grau, o qual, no mínimo, serve para separá-los, de maneira relativamente eficaz, da “massa”. Aos que não entraram na casa, há a alternativa dos portais onde, por meio de uma *webcam*, pode-se ser filmado e se expor pelo tempo que quiser e ser acompanhado por quaisquer outros internautas de qualquer ponto do planeta, durante o tempo que quiserem. No entanto, quando comparada com a de um *reality* televisivo, a audiência costuma ser bem mais modesta.

Dessa forma, parece ser no consumo de intimidades que os sujeitos saciam parte de sua ânsia pela *real thing*, a “coisa real”, mesmo sabendo que boa parte daquilo que é divulgado foge da “naturalidade”, é performatizado, arquitetado, planejado e *marketado*. De qualquer forma, ainda é na própria vida que parece estar localizado o escape da “criação” e da “fabricação” ficcional: a “hiperrealidade”. Em paralelo, estimulado por toda uma cultura espetacular, é através dos espaços da mídia que os sujeitos, em virtude da contemplação do olhar do outro, confirmam a própria existência. Ou seja, passam a *existir*.

Os *flâneurs* pós-modernos não são mais aqueles que caminham pela cidade, vislumbrando as paisagens urbanas e vivenciando as experiências cotidianas, as quais hoje em dia são consideradas uma perigosa ameaça, mas aqueles que atravessam boa parte de seu tempo diante de um monitor ou periódicos, acompanhando e/ou apreciando a vida alheia. E, claro, desejando, também, *existir*.

## CONCLUSÃO

*“Não se pode não ter medo quando se inspira o medo”,  
Epicuro.*

*“Não foi a libertação do medo, mas o equilíbrio do medo, que tornou possível a  
sobrevivência da nossa civilização”,  
Golda Meir.*

*“O conhecimento é o antídoto do medo”,  
Ralph Emerson.*

*“No outro lado de cada medo está a liberdade”,  
Marilyn Ferguson.*

“A sociedade é integrada por indivíduos, os quais compõem a sociedade. Por outro lado, os indivíduos compõem a sociedade, a qual é integrada por indivíduos”. Muito mais do que meras tautologias, tais asseverações proporcionam preciosas pistas a respeito da nem tão harmônica relação entre indivíduos e instituições sociais – sabendo que, no que concerne ao foco desta dissertação, interessa-nos, em particular, a mídia. Bem verdade que o conjunto dos meios de comunicação não forma nenhuma *superentidade*, a qual basta proferir “isso” para que os sujeitos repliquem com “amém”. Pois, tal qual a Igreja, o Estado, a escola, a universidade etc., a mídia *faz parte* do todo social, *e não o determina*, de modo que mais do que simplesmente construir a opinião dos indivíduos, é igualmente construída por eles. Reconhecemos, assim, como fator imprescindível ao entendimento sobre quaisquer relações sociais, a necessidade de se ponderar tanto sobre o peso das instituições, quanto acerca da importância da conduta dos indivíduos.

Foi o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2004) quem primeiro chamou a atenção para a relevância de se considerar, nas relações sociais, a união do papel das estruturas (*objetivismo*) com o dos sujeitos (*subjetivismo*). Segundo o pensador, metaforicamente, a sociedade é um *espaço* (o espaço social), constituído pela combinação de múltiplos *campos* (as instituições sociais), os quais mantêm entre si entrosamentos dinâmicos de

lutas e disputas por poder (o que o impede de ser estático). Embora cada um desses campos goze de autonomia para estabelecer suas próprias regras (sua ordem), uma vez que estão situados em uma perspectiva relacional dentro do espaço, e não à parte d'ele, essa independência se mostra mais relativa do que efetiva, de maneira que se veem condicionados tanto pelas regras dos demais campos, quanto pela ordem do *todo espacial* em que estão inseridos. Em outras palavras, apesar dos campos elaborarem sua *micro ordem*, também estão submetidos aos regramentos da *macro ordem* do espaço e, de certa forma, às outras *micro ordens* institucionais. Sem embargo, mesmo os campos se encontram divididos, fracionados entre grupos de indivíduos, reproduzindo e estabelecendo em seu interior disputas por posição e poder. É precisamente desse emaranhado e conflitivo jogo de interesses que se obtêm um ponto de equilíbrio e conformidade no espaço social como um todo, condição indispensável ao seu bom funcionamento.

Em suma, Bourdieu argumenta que o espaço atua como uma *estrutura estruturante* em relação aos sujeitos, os quais, por sua vez, igualmente agem de modo a estruturar o espaço. Ou, vindo por outro prisma, o sociólogo alega que o espaço é uma *estrutura estruturada* pelos sujeitos, que fazem o mesmo em relação ao espaço. É por isso que Bourdieu nomeia sua teoria tanto de “estruturalismo construtivista” quanto de “construtivismo estruturalista”, já que, por ser a sociedade uma dinâmica estrutura, constituída por instituições e sujeitos que são mutuamente estruturantes e estruturados, para o autor não haveria porque distinguir a ordem de pronúnciação, sendo ambas as formas adequadas. Logo, o espaço estrutura os sujeitos que estruturam o espaço, o qual é estruturado pelos sujeitos que são estruturados pelo espaço e vice-versa: *indivíduo e sociedade mutuamente se fazem*.

Ao concluirmos esse estudo com a aplicação da tese de Bourdieu, reafirmamos, explicitamente, nossa refutação quanto a três pontos, os quais viemos rechaçando ao longo das páginas anteriores: (a) a dicotomia indivíduo *versus* sociedade; (b) a polaridade entre estruturalismo e construtivismo; e (c) o poder “hipodérmico” dos meios de comunicação.

Em um mundo mergulhado na cultura do espetáculo, do entretenimento e da imagem, a mídia é um dos mais relevantes suportes do poder no presente. Exatamente por essa razão escolhemos trabalhar com os meios de comunicação. Ressaltamos, novamente, que não se trata de nenhuma *soberania* midiática. Até porque, existem outras instituições agindo no mundo, além dos próprios sujeitos, que detêm uma força

poderosa o suficiente para respondê-las e/ou se contraporem. É justamente acima da difusão de imaginários pela mídia que nos debruçamos, mais especificamente os quem envolvem a sensação de medo.

Evidenciamos a existência de um esforço por parte da mídia para padronizar nossas atitudes e maneiras de enxergar o mundo, seja através da *coerção psicológica*, seja pelo empenho de não só *transmitir*, mas *despertar* sentimentos por meio de seus fluxos, linguagens ou lógicas. Posto de outra maneira, demonstramos que os meios de comunicação, em determinadas situações e/ou conjunturas, *mediatizam* algumas de nossas emoções e os acontecimentos e rotinas da vida. E mais: ao fazê-lo, imprimem o seu olhar. Observar o *como se dá* essa *mediação* é vital não apenas para a compreensão da visão incitada pela mídia, mas também para localizar a raiz de certos traços comportamentais dos sujeitos. Ainda assim, repetimos: a mídia, em si, não *determina* ou *influencia* os *modos de ser e estar no mundo*. Tal afirmação mostra-se ser um enorme empobrecimento, bem como uma triste redução de um fenômeno bem mais amplo e complexo, imerso em relações de poder atravessadas pela lógica do efeito-instrumento (FOUCUALT, 1988).

O alcance midiático no que diz respeito aos episódios de medo foi um dos nossos focos. Para isso, inicialmente investigamos desde aqueles que são considerados os maiores medos da sociedade ocidental, apontados por pesquisadores como Delumeau, Elias, Riesman, Sennett e Tuan, a partir do século XIV, aos fatores sociais que na contemporaneidade seriam os grandes fomentadores de medos (a liquidez dos valores, a dependência financeira, a crise dos relacionamentos sociais e os fluxos da mídia), entrelaçando-os com eventuais vestígios dos temores notados no passado. Nesse sentido, esforçamo-nos por marcar os emaranhados jogos de interesse que estão por trás de cada um dos medos analisados, a maneira com a qual se consolidaram e o tipo de cobertura que a mídia (considerada *não sensacionalista*) os outorga. Finalmente, assinalamos a constituição de dois fenômenos: primeiro o que designamos de *multimedio* (medos apresentados, sentidos e/ou percebidos principalmente através das exposições dos veículos de comunicação) até sua possível conversão em *turbofobia* (o descomedido consumo de algum *multimedio*, tornando-o exagerado, isto é, uma fobia acendida via mídia).

No caso dos medos avaliados (clima, insegurança, aparência e “não-existência”), percebemos que a cobertura e/ou exposição dos meios de comunicação mais do que incitar, “justificavam” (para não dizer “naturalizavam”) a tomada de ações corretivas “a

qualquer custo”: o “vale tudo”, expressado tanto no plano cultural, quanto no mercadológico, nutrindo a chamada “indústria do medo”, que, por sua vez, ofusca interesses e lucros, bem como vimos.

Não obstante, uma vez que, indubitavelmente, o medo não é a única emoção difundida pelo viés dos meios de comunicação contemporâneos, poderíamos ter privilegiado outros sentimentos que não esse, tal qual o amor, por exemplo. Ou melhor, o *multiamor*. Aliás, igualmente haveria sua variação em uma *turbopaixão*, perfeitamente ilustrada nas *paixonites* despertadas pelas inúmeras celebridades e personalidades dos *realities shows*. Assim, apresentamos apenas e tão somente uma de muitas possibilidades, tanto em relação ao medo, quanto a muitos dos outros sentimentos.

Todos nós temos medo. E que bom! O medo é um impulso básico e primordial do nosso instinto de sobrevivência, o qual, ao nos acender o sinal de alerta, faz com que nos precavamos e nos protejamos de eventuais situações de perigo, risco ou ameaça. O dilema principal, no que concerne ao medo, consiste na forma com a qual o detectamos e na intensidade com que o sentimos. Basicamente, podemos temer algo em virtude de uma experiência direta – por termos vivenciado ou presenciado este algo -, ou de modo indireto – por esse algo ter-nos sido contado por alguém ou consumido a partir das difusões midiáticas. Nesta dissertação, preocupamo-nos, especificamente, em pesquisar esse último caso: isto é, as maneiras com as quais as situações de medo são propagandeadas e retratadas pela mídia e, por conseguinte, consumidas por *todos nós*, sujeitos coevos e ocidentais.

É precisamente a constante intermediação dos episódios de temores que faz com que vivamos uma época na qual nossos medos não são percebidos apenas por experiências diretas e subjetivas, mas também pelas apresentações midiáticas, que, de quebra, ainda visa a padronizá-los e uniformizá-los, consolidando a *Era dos Multimedios*.

Após essas mais de duas centenas de páginas, finalizamos, aqui, este ensaio na esperança de termos contribuído, ao menos um pouco, à compreensão do por que dos principais medos contemporâneos acossarem tanto aos sujeitos ocidentais, em especial com base na intermediação, difusão e/ou alastramento pelos diversos veículos e meios de comunicação.

Ao longo de nossa análise, realizamos recortes, priorizamos determinados acontecimentos e enfoques (em vez de outros), assim como abrimos mão de abordar outras visões. Tal qual em toda investigação que se diz científico-objetiva, também tivemos que fazer escolhas, imprimindo nossa subjetividade ao texto, ainda que com base em parâmetros objetivos. É por isso que em vários momentos ou passagens afirmamos que não abrangeríamos (e nem pretendíamos) a totalidade dos medos dos sujeitos coevos, e tão pouco alcançaríamos a “verdade absoluta”. Por outro lado, ficaríamos satisfeitos se, a partir de uma visão do macro, tivémos logrado um coerente e coeso entendimento a respeito da relação ocidental entre mídia, medo e sociedade-indivíduos dos nossos tempos.

Talvez, a alguns se lhes pareça que temos uma visão um tanto quanto pessimista sobre o mundo atual (quijá até mesmo apocalíptica). Gostaríamos, de todo o coração, que nosso estudo tivesse seguido outro caminho, que tivesse transitado por águas bem mais brandas do que por esse turbilhão de deteriorações, exclusões e desigualdades – muitos dos quais, ao longo da elaboração deste trabalho, atingiram em cheio o ânimo e/ou o humor desse pesquisador e autor, já que, sendo humano, não teve como se manter indiferente à *dor do outro*, vivendo-a também. Infelizmente, não nos deparamos com nenhum “céu de Brigadeiro”. Ignorar o que encontramos nos vestígios, pistas, restos, indícios, trilhas ou rastros, através dos materiais consultados, implicaria um dos mais graves delitos contra os mandamentos de uma ciência livre, ética e engajada com a transformação social: a *manipulação* ou *distorção* dos fatos. Veja que empregamos esses termos (manipulação e distorção), pois acreditamos que o trabalho científico igualmente contenha marcas subjetivas de seu autor. O que em nada significa fraudá-lo. A escrita e seu exercício, ainda que alguns bestialmente insistam em negá-lo, também abarca a transmissão de parte das impressões, visões e conclusões de seu autor para o papel. Em outras palavras, a difusão do conhecimento de vida de alguém para outra pessoa. Ainda que busquemos ser os mais objetivos possíveis, o subjetivismo estará sempre presente.

Por isso mesmo, nosso trabalho não deve ser interpretado como uma terrível fonte de angústias, desesperos, medos e terrores. Em vez disso, que ele incentive e desperte ainda mais a vontade de mudança, mantendo acesa não só a esperança, mas o engajamento para erguemos um mundo (muito) menos bárbaro e (bem) mais humano, onde valores como respeito e solidariedade tornem-se imperativos. Que ele expresse esse nosso sincero desejo, pois a luta segue. Tal qual nas entrelinhas da teoria de



Bourdieu, uma vez que igualmente estruturamos o mundo, depende apenas de cada um de nós: da mesma forma que se construiu tão díspar, também podemos fazê-lo mais igualitário, sabendo que as únicas diferenças aceitáveis são aquelas que nos diferenciam não enquanto hierarquias, classes, consumidores e/ou espectadores, e sim enquanto seres humanos, cada um com suas particularidades e idiossincrasias. Mais claramente, nos (magistrais) dizeres de Brecht, “nada deve parecer impossível de mudar”.

Ansiamos, com isso, que, daqui a algum tempo, caso alguém bata os olhos por estas páginas, não identifique o mundo em que estará vivendo. Nesse caso, assim como outros trabalhos que abordam os efeitos e/ou sintomas sociais percebidos no mundo coevo, esta dissertação serviria como o triste, porém *necessário* testemunho de uma época que, embora se diga civilizada, ostenta uma incompreensível, desumana, insustentável e inadmissível barbaridade, a qual em vez de esquecida deve ser lembrada tal qual um modelo social a não se repetir. Sendo assim, talvez, no futuro, alguém olhe para este trabalho o considerando uma espécie de “história dos (multi)medos do início do século XXI”. Uma história, esperamos, que se encerre juntamente com esta dissertação.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil - 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_ *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_ *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_ *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_ *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

\_\_\_\_\_ *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BEZERRA JR., Benilton. "O acaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica". In: PLASTINO, C. A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; PP. 229-239.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CASTRO, Ana Lúcia. *Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilo de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. “A personalidade somática de nosso tempo”. In: *O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004; PP. 185-202.

COURTINE, Jean-Jacquer. “Os stakhanovistas do narcisismo. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura do corpo”. In: *Revista Communications*, 1993.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2009.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Rio de Janeiro: Nacional, 2001.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

EHRENBERG, Alain. “O indivíduo sob perfusão”. In: *O culto da performance. Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2010; PP. 131-183.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

\_\_\_\_\_ *O processo civilizador. Formação do Estado e civilização*. Volume II. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. v. 2.

ENNE, Ana Lúcia Silva. “À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas”. In: *Revista comunicação, mídia e consumo*, Vol. 3, Nº 07 (2006).

FARIS, Stephan. *Mudança climática. As alterações do clima e as consequências diretas em questões morais, sociais e políticas / Forecast*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FONTENELLE, Isleide. *O nome da marca. McDonald's, fetichismo e cultura descartável*. São Paulo: Boitempo, 2002.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Unesp, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_ *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GABLER, Neal. *Vida, o filme. Como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_ *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_ *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

HALBWACHS, Maurice. “Memória coletiva e memória individual”. IN: *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990; PP. 25-52.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KLEIN, Naomi. *Sem logo. A tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KURTZWEIL, Ray. “Ser humano versão 2.0”. *Folha de São Paulo*, 23/03/2003; PP. 4-9.

LAPERA, Pedro; THEBALDI, Bruno. “Cinematógrafo e espetáculos de massa através do acervo da Biblioteca Nacional: algumas notas metodológicas”. In: BRAGA, José Luis; LOPES, Maria I. V. de & MARTINO, Luiz C (Orgs). *Pesquisa empírica em comunicação (Livro Compós)*. São Paulo: Paulus, 2010.

LASSWELL, Harold. “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1997.

LENT, Roberto. “Não é mais ficção”. (Entrevista realizada por Daniela Pinheiro). *Revista Veja*. São Paulo, 27 de setembro de 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista (1848)*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

MATHEUS, Leticia Cantarela. *Elos, temporalidades e narrativas. A experiência contemporânea do medo no jornalismo de O Globo*. Niterói: UFF, 2006. 175p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. IN: *Projeto História. Revista do Programa de Pós-graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, PUC/SP, 10, nov/93; PP. 7-28.

MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda. A mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

O'BRIEN, Lucy. *Madonna. 50 anos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989; PP 3-15.

PLATÃO. “Fédon”. In: PESSANHA, José Américo Motta (Org.). *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

RICOUER, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A., 2004.

RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade. Saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 1997.

SCHWARTZ, Vanessa R. “O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim de século”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_ *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_ *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ “A imagem obsessiva. Lugar e tempo na Roma de Adriano”. In: *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_ *Respeito. A formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIBILIA, Paula. “Clique aqui para apagar más lembranças: A digitalização do cérebro em busca da felicidade”. In: FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel; COUTINHO, Eduardo (Orgs). *Mídia e poder: Discurso, ideologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Ed Mauad X, 2008a; p. 157-185.

\_\_\_\_\_ *O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_ *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

\_\_\_\_\_ *O show do eu. A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b.

SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otavio Guilherme (Org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_ “O indivíduo e a liberdade”. In: SOUZA, Jessé; OËTZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TARABORRELLI, J. Randy. *Michael Jackson. A magia e a loucura*. Editora Globo: São Paulo, 2009.

TUAN, Yu-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Unesp, 2005.

TÜRKE, Christoph. *Sociedade excitada. Filosofia da sensação*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VIEIRA, João Luiz. “A construção do medo no cinema”. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo : Edições Sesc SP, 2007.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 2009.

\_\_\_\_\_ *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.